

MÁRCIO ALESSANDRO NEMAN DO NASCIMENTO

***CORPOS (CON)SENTIDOS: cartografando processos de subjetivação de  
produto(re)s de corporalidades singulares***



ASSIS  
2015

**MÁRCIO ALESSANDRO NEMAN DO NASCIMENTO**

***CORPOS (CON)SENTIDOS: cartografando processos de subjetivação de produto(re)s de corporalidades singulares***

Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Doutor em Psicologia (Área de Conhecimento: Psicologia e Sociedade)

Orientador: Prof. Dr. Wiliam Siqueira Peres

**ASSIS  
2015**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

N244c Nascimento, Márcio Alessandro Neman do  
*Corpos (Con) Sentidos: cartografando processos de subjetivação de produto(re)s de corporalidades singulares / Márcio Alessandro Neman do Nascimento. - Assis, 2015*  
265 f. : il.

Tese de Doutorado - Faculdade de Ciências e Letras de Assis - Universidade Estadual Paulista.  
Orientador: Dr. Wiliam Siqueira Peres

1. Subjetividade. 2. Psicologia social. 3. Foucault, Michel, 1926 – 1984. 4. Deleuze, Gilles, 1925 - 1995. 5. Psicologia - Aspectos sociais. 6. Psicologia. I.Título.

CDD 150  
301.1

MÁRCIO ALESSANDRO NEMAN DO NASCIMENTO

"CORPOS (CON)SENTIDOS": cartografando processos de  
subjetivação de produto(re)s de corporalidades singulares

Tese apresentada à Faculdade de  
Ciências e Letras – UNESP/Assis para  
obtenção do título de Doutor em  
PSICOLOGIA. (Área de Conhecimento:  
PSICOLOGIA E SOCIEDADE)

Data da Aprovação: 28/01/2015

COMISSÃO EXAMINADORA



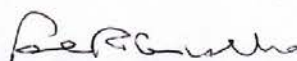
Presidente: PROF. DR. WILIAM SIQUEIRA PERES - UNESP/Assis



Membros: PROFA. DRA. DOLORES CRISTINA GOMES GALINDO - UFMT/Cuiabá

ANGELA M. DONINI

PROFA. DRA. ANGELA APARECIDA DONINI - UNIRIO/Rio de Janeiro



PROF. DR. PAULO ROBERTO DE CARVALHO - UEL/Londrina



PROF. DR. LEONARDO LEMOS DE SOUZA - UNESP/Assis

**MÁRCIO ALESSANDRO NEMAN DO NASCIMENTO**

***CORPOS (CON)SENTIDOS: cartografando processos de subjetivação de produto(re)s de corporalidades singulares***

Tese de Doutorado apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Paulista – “Júlio de Mesquita Filho”, 1º Semestre de 2015.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Profº Dr. Wiliam Siqueira Peres (Presidente/Orientador)  
Departamento de Psicologia Clínica  
Universidade Estadual Paulista - UNESP/Assis-SP

---

Profª Drª. Dolores Cristina Gomes Galindo (Titular)  
Departamento de Psicologia  
Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT/ Cuiabá-MT

---

Profª Drª. Angela Aparecida Donini (Titular)  
Departamento de Filosofia  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO/ Rio de Janeiro-RJ

---

Profº Dr. Paulo Roberto de Carvalho (Titular)  
Departamento de Psicologia Social e Institucional  
Universidade Estadual de Londrina – UEL/ Londrina-PR

---

Profº Dr. Leonardo Lemos de Souza (Titular)  
Departamento de Psicologia Evolutiva, Social e Escolar  
Universidade Estadual Paulista - UNESP/Assis-SP

---

Profº Dr. Camilo Albuquerque de Braz (Suplente)  
Departamento de Antropologia  
Universidade Federal de Goiás - UFG/Goiânia-GO

---

Profº Dr. Jorge Leite Júnior (Suplente)  
Departamento de Sociologia  
Universidade Federal de São Carlos – UFSCar/São Carlos-SP

---

Profº Dr. José Sterza Justo (Suplente)  
Departamento de Psicologia Evolutiva, Social e Escolar  
Universidade Estadual Paulista - UNESP/Assis-SP

Examinada a Tese.

Conceito: **APROVADO**

Assis/SP, 28 de Janeiro de 2015.



**Créditos da Capa Exclusiva para a Tese**  
**Fotografia:** Priscila Nunes; **Produtor e**  
**Suporte:** Renan Corrêa; **Procedimento de**  
**escarificação:** Enzo Sato (*in memoriam*);  
**Modelo:** T. Angel; **Data:** 23/06/2013.

## DEDICATÓRIA

Aos prazeres corporais, em todas as  
suas multiplicidades, intensidades e  
conexões.

## AGRADECIMENTOS

Agradecer é reconhecer e considerar que o itinerário de uma pesquisa nunca é isolado e muito menos linear no seu desenvolvimento. Muito pelo contrário, é assumir que um trabalho só é plausível a partir do reconhecimento das multiplicidades que nos habitam e que vivem em nosso entorno. Sem uma escrita tentacular e polifônica, pouco seria possível.

Para que a produção do trabalho se tornasse matéria, foram muitas ausências no círculo de amigos, cabe gratidão por sua compreensão. Leitura e escritura assumiram turnos de acordar, de dormir. As leituras foram o entretenimento; os livros e congressos, o investimento. Enfim, estive onde quis e onde pude estar e sempre fiz desses encontros momentos possíveis e alegres.

Assim, agradeço à minha família, em especial à minha mãe Maria Zeli, que mesmo achando esta pesquisa estranha, impensável ou que estudasse algo que “~~não~~ salvasse o mundo”, me apoiou no feitiço desse processo de doutoramento. Às minhas irmãs - Jane, Daiane e Laís que, mesmo à distância, nunca esqueceram os laços fraternais que nos unem. Aos meus sobrinhos, Luma Sálua, Murilo César, Alice e Ana Alice, obrigado pela lembrança da renovação da vida e da alegria. Agradeço, para além da vida, à minha avó materna querida, Zilda Batista Neman (*in memoriam*) porque, mesmo sendo o amor incondicional uma ilusão, fez-me senti-lo intensamente.

Ao meu encontro feliz, ao meu afeto bom, à minha escolha, ao meu bem querer. Ao meu companheiro inspirador Thiago Sanches, obrigado por ser parte das minhas resistências, das minhas dissidências, das minhas singularidades e dos meus pontos múltiplos de (des)equilíbrios. Agradeço às possibilidades que o cotidiano proporciona e que reinventamos a cada dia, seja nas brincadeiras, nos risos bobos, nos estudos, nas cumplicidades, nos cuidados, na admiração e nos momentos de potencialização da vida.

Ao meu orientador, Wiliam Siqueira Peres, agradeço pela caminhada. A caminhada é encontrar no outro um pouco de mim e deixar que o outro se encontre em mim; só assim os devires e as conexões plurais se tornam visíveis e possíveis para realizar um trabalho em coletividade. Obrigado pela confiança e, nesta pesquisa, por (re)afirmar que a sisudez da hierarquia acadêmica não rima com docência. Para uma relação de cumplicidade, descontração e amizade, a admiração e o respeito à pessoa e ao profissional que somos são recíprocas verdadeiras.

Aos meus amigos, Clarice Catelan Ferreira, Carlos Eduardo Henning, Evangelina Sanches, Francis Aguiar, Frederico Pelúcio Panda, Jésio Zamboni, Jeter Ribeiro, Kobausk Felix, Lia Nascimento, Lycurgo Tostes de Andrade, Maria de Fátima Oliveira, Maria Lucimar Pereira, Murilo Moscheta, Pandý Panda, Polviney Panda, Rauni Alves, Ricardo Franco de Lima, Roberto Bassan Peixoto, Sinei Sales, entre outros, naturalmente. Possivelmente os esqueci na escrita (mas nunca nos afetos bons).

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UNESP/Assis: funcionários, professores que lecionaram disciplinas e discentes que ingressaram comigo no doutorado, no segundo semestre de 2010, muito obrigado pelo carinho e atenção. Em tempo, agradeço aos professores convidados que lecionaram disciplinas eletivas, em especial Sandra Maria da Mata Azerêdo, Dolores Cristina Gomes Galindo e, ao professor Fernando Altair Pocahy por participar da minha banca de qualificação.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela concessão de uma bolsa de estudos pelo prazo de dois anos.

Agradeço também aos coordenadores e aos colegas do GEPS (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Sexualidades), grupo que fez de sua existência em um município interiorano, a sua resistência para desbravar outras temáticas políticas sobre sexualidades, gêneros, corporalidades e suas interseccionalidades.

Aos participantes anônimos, por terem autorizado a utilização das entrevistas e dos registros de campo, as quais possibilitaram a elaboração e as análises desta pesquisa. Às pessoas com as quais me conectei durante o período do doutoramento que, cada uma à sua maneira, funcionaram como provocações insurgentes nas problematizações deste tema que, até então, se apresentava inédito para minhas investigações acadêmicas.

Agradeço aos outros participantes que permitiram a divulgação de suas imagens, sejam nas fotografias produzidas especialmente para a tese, sejam nas fotografias de arquivo pessoal que me enviaram. Agradeço imensamente também aos fotógrafos que elaboraram e autorizaram a divulgação de suas produções artísticas: Lírica Aragão, Priscila Nunes, Renan Brandini Comin (os créditos constarão em cada uma das fotografias).

Pelas indicações de eventos e *sites*, materiais ofertados, conversas em redes sociais, recomendação de pessoas para que pudesse conhecer mais sobre o mundo das modificações corporais, agradeço: Alessandra Favoritto, Alexandre Peco, Angelo Martinez, Cláudia Machado, Eduardo Bez, Eduardo Selhorst, Fabiano Manuel da Silva (Barriga Piercer), Filipe Espíndola, Marcos Cabelo, Mauro Montezuma, Max Alves, Nathalia Soares, Raldy

Paschoarelli, Reuber Mattos, Ronaldo Sampaio (Snoopy); em especial, Compadrito Anibal, Thiago Soares e Valnei Santos.

Agradeço intensamente aos professores Dr<sup>a</sup>. Dolores Cristina Gomes Galindo; Dr<sup>a</sup>. Angela Aparecida Donini, Dr. Paulo Roberto de Carvalho; Dr. Leonardo Lemos de Souza que, de prontidão, aceitaram o convite e compuseram a minha banca examinadora de defesa, de modo que pudemos estabelecer diálogos que não são “~~in~~ocentes” acerca da temática pesquisada. Diálogos calibrados pelo respeito, pela admiração, pela cumplicidade e pelo apoio. A escolha desses pensadores não se deu ao acaso. Ela foi assertiva em busca de parcerias para potencializar a presente pesquisa. O intuito de contemplar posicionamentos e perspectivas éticas, que valorizam a condição humana e todas as suas produções singulares e criativas, foi motivo maior na concepção desta banca. Pela atenção e carinho, também agradeço, imensamente, aos professores que se disponibilizaram como suplentes - Dr. Camilo Albuquerque de Braz; Dr. Jorge Leite Júnior; Dr. José Sterza Justo.

Por fim, à vida potente, aos sujeitos insurgentes, aos sonhadores que acreditam e lutam por uma vida social equitativa e mais respeitosa e que não me permitem me sentir sozinho nas resistências contra o empobrecimento do ser humano e do seu entorno.

Eu falo de amor à vida  
Você de medo da morte.  
Eu falo da força do acaso  
E você de azar ou sorte.  
Eu ando num labirinto  
E você numa estrada em linha reta.  
Te chamo pra festa,  
Mas você só quer atingir sua meta.  
Sua meta é a seta no alvo,  
Mas o alvo, na certa, não te espera.  
Eu olho pro infinito  
E você de óculos escuros.  
Eu digo: "Te amo!"  
E você só acredita quando eu juro.  
Eu lanço minha alma no espaço,  
Você pisa os pés na terra.  
Eu experimento o futuro  
E você só lamenta não ser o que era.  
E o que era?  
Era a seta no alvo,  
Mas o alvo, na certa, não te espera.  
Eu grito por liberdade,  
Você deixa a porta se fechar.  
Eu quero saber a verdade  
E você se preocupa em não se machucar.  
Eu corro todos os riscos,  
Você diz que não tem mais vontade.  
Eu me ofereço inteiro  
E você se satisfaz com metade.  
É a meta de uma seta no alvo,  
Mas o alvo, na certa não te espera!  
Então me diz qual é a graça  
De já saber o fim da estrada,  
Quando se parte rumo ao nada?  
Sempre a meta de uma seta no alvo,  
Mas o alvo, na certa, não te espera.  
Então me diz qual é a graça  
De já saber o fim da estrada,  
Quando se parte rumo ao nada?  
**(A Seta e o Alvo - Paulinho Moska)**

NASCIMENTO, Márcio Alessandro Neman do. **CORPOS (CON)SENTIDOS: cartografando processos de subjetivação de produto(re)s de corporalidades singulares.** 2015. 265f. Tese (Doutorado em Psicologia). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2015.

## RESUMO

As rupturas produzidas pela coexistência de acontecimentos na (trans)contemporaneidade tornam cada vez mais complexas as conexões insurgentes entre corporalidades e estilos de vida, sendo esses pontos múltiplos e estratégicos nos processos de subjetivação. Experiências, desejos, sensações e sensibilidades aos prazeres, assim como as (trans)formações *nos* e *pelos* corpos têm configurado amplos contextos de colisões no campo das construções éticas e estéticas. Esses embates urgem entre modelos normatizados e normatizadores e outros projetos corporais apresentados sob a forma de estéticas singulares - que buscam romper com o ordinário, o referenciado, o instituído. Nas produções da relação poder-saber-prazer, as corporalidades extrapolam e borram seus limites definidores e identitários, produzindo desarranjos na lógica da inteligibilidade que nos colocam diante de novas possibilidades de pensar epistemologias e métodos potencializadores nos estudos sobre os humanos como sendo projetos de experimentações em intersecção com uma multiplicidade de elementos heterogêneos dispostos no campo social. Deste modo, esta pesquisa de doutoramento objetivou problematizar a insurgência dos processos de produções de singularidades corporais e de modos de subjetivação resistentes às éticas e estéticas das matrizes dominantes. Para tanto, optamos pela perspectiva do método cartográfico para analisar as expressões e práticas sociais de sujeitos ditos abjetos que (des)constroem seus corpos e (re)montam estéticas inventivas e criadoras, frequentemente encaradas como expressão de revolta aos olhares disciplinados e disciplinadores. Os apontamentos conclusivos trazidos pela incursão do campo social e pelas entrevistas realizadas com colaboradores indicaram que, embora existam linhas de produção de subjetividades que se mantenham normatizadas, é possível observar que as modificações corporais especificadas pelas técnicas do *body modification* podem produzir, além de corporalidades subversivas, resistências aos modelos discursivos moralistas e possibilidades em construir configurações de vidas afirmativas que investem na potência criativa de estilísticas de existências éticas e singulares.

**Palavras-chave:** Corporalidades. *Body Modification*. Método Cartográfico. Processos de Subjetivação.

NASCIMENTO, Márcio Alessandro Neman do. **(CON)SENSED BODIES: making a cartography of subjectivation processes of singular corporealities producers**. 2015. 265f. Theses. (Doctorate in Psychology). – College of Science and Languages, State University of São Paulo, Assis, 2015.

## ABSTRACT

Disruptions produced by the coexistence of events in (trans)contemporaneity make the insurgent connections between corporeality and lifestyles more complex, being those multiple and strategic points in the process of subjectivation. Experiences, desires, sensations and sensibilities to pleasures as well as the (trans) formations *in* and *by* the bodies have set larger contexts of collisions in the field of ethical and aesthetic constructions. These conflicts urge between normalized and normative models and other body projects presented as singular aesthetics – which seek to break with the ordinary, the referenced, the established. In the production of the power-knowledge-pleasure relations, the corporeality extrapolates and crosses its defining and identitary boundaries, bringing forth disorder in the logic of intelligibility, which place us in front of new possibilities to think of more potent epistemologies and methods regarding studies on humans as experimentation projects intersecting with a variety of heterogeneous elements arranged in the social field. Thus, this doctoral research aimed to problematize the insurgency of body singularities production processes and modes of subjectivation resistant to ethical and aesthetic of the dominant matrices. Therefore, we chose the cartography method perspective to analyze the expressions and social practices of so called abject subjects who (de)construct their bodies and (re)assemble inventive and creative aesthetic, often seen as expression of revolt by the disciplined and disciplinarian eye. Conclusive notes brought by the incursion of the social field and by interviews with participants indicated that, although there are subjectivity production lines which remain normalized, it is possible to observe that the techniques of *body modification* may produce, besides subversive corporealities, resistance to moralist discursive models and possibilities to building affirmative life configurations, which invest in the creative power of ethical and singular existences stylistics.

**Keywords:** Corporealities. *Body Modification*. Cartographic Method. Process of Subjectivation.

NACIMENTO, Márcio Alessandro Neman do. **CUERPOS (CON)SENTIDOS: cartografeando procesos subjetivos de producto(re)s de corporalidades singulares.** 2015. 265f. Tesis (Doctorado e Psicología). – Facultad de Ciencias y Letras, Universidad Estatal Paulista, Assis, 2015.

## RESUMEN

Las rupturas producidas por la coexistencia de acontecimientos en la (trans)contemporaneidad se tornan cada vez más complejas las conexiones insurgentes entre corporalidades y estilos de vida, siendo esos puntos múltiples y estratégicos en los procesos de subjetivos. Experiencias, deseos, sensaciones y sensibilidades a los placeres, así como las (trans)formaciones *en los e por los* cuerpos han configurado amplios contextos de colisiones en el campo de las construcciones éticas y estéticas. Esos embates urgen entre modelos normatizados y normatizadores y otros proyectos corporales presentados sobre la forma de estéticas singulares - que buscan romper con lo ordinario, lo referenciado, lo instituido. En las producciones de la relación poder-saber-placer, las corporalidades extrapolan y borran sus límites definidores y de identidad, produciendo descompuestos en la lógica de la inteligibilidad que nos colocan delante de nuevas posibilidades de pensar epistemologías y métodos potencializadores en los estudios sobre los humanos como siendo proyectos de experimentaciones en intersección con una multiplicidad de elementos heterogeneos dispuestos en el campo social. De este modo, esta búsqueda de doctorado fue objetiva en problematizarla insurgencia de mlos procesos de producciones desingularidades corporales y de modos subjetivos resistentes a las éticas y estéticas de las matrices dominantes. Por tanto, optamos por la perspectiva del método cartográfico para analizar las expresiones y prácticas sociales de sujetos dichos objetos que (des)construyen sus cuerpos y (re)montan estéticas inventivas y creadoras, frecuentemente encaradas como expresión de revuelta a las miradas disciplinadas y disciplinadores. Los apuntes conclusivos traídos por la incursión del campo social y por las entrevistas realizadas con colaboradores indicaron que, aunque existan parámetros de producción de subjetividades que se mantengan normatizadas, es posible observar que las modificaciones corporales especificadas por las técnicas do *body modification* pueden producir, además de corporalidades subversivas, resistencias a los modelos discursivos moralistas y a las posibilidades en construir configuraciones de vidas afirmativas que invierten en la potencia creativa de estilísticas de existencial eséticas y singulares.

**Palabras claves:** Corporalidades. *Body Modification*. Método Cartográfico. Processos Subjetivos.

NASCIMENTO, Márcio Alessandro Neman do. **CORPS (AVEC) SENS: cartographie des processus des subjectivation des product(eurs) des corporéités naturelle**. 2015. 265f. Thèses (Doctorat en Psychologie). – Faculté de Sciences et Lettres, Université du l'État du São Paulo, Assis, 2015.

## RÉSUMÉ

Les ruptures produites par la coexistence d'événements dans la (trans)contemporanéité devenaient de plus en plus complexes par rapport aux connexions insurgées entre le corporéité et les modes de vie, et ces points multiples et stratégiques dans les processus subjectifs. Expériences, désirs, sentiments et sensibilités aux plaisirs ainsi que les (trans)formations dans et par les corps ont établi des plus grands contextes de collisions dans le domaine des constructions éthiques et esthétiques. Ces conflits exhortent entre modèles standardisés et normatives et d'autres projets de corps présentés sous la forme de l'esthétique singulières - cherchant à rompre avec l'ordinaire, le référencé, l'établi. Dans les productions de la relation pouvoir-savoir-plaisir, les corporéités extrapolant et brouillant les limites définissant de son identité, produisant des troubles dans la logique de l'intelligibilité que nous mis en face aux nouvelles possibilités de penser épistémologies et méthodes puissants dans les études sur les humains entant que des projets d'expérimentation en intersection avec une multiplicité d'éléments hétérogènes disposé dans le domaine social. Ainsi, cette recherche doctorale vise à discuter l'insurrection des processus de production des singularités corporelles et des modes de subjectivation résistant à l'éthique et l'esthétique des matrices dominantes. À cette fin, nous avons choisi la cartographie comme méthode pour analyser les expressions et les pratiques sociales des sujets appelé comme abjects qui (de)construisent leurs corps et (re)assemblent des esthétiques inventive et créative, souvent considérés comme l'expression de la révolte aux regards discipliné et disciplinaires. Les considérations finales de cette étude apportés par l'incursion dans le champ social et par des entretiens avec les collaborateurs ont indiqué que, bien qu'il existe des lignes de production des subjectivités qui restent normalisée, ont peux observer que les changements corporelles réalisés par des techniques de modification corporelle peuvent produire, par allure des corporéité subversive, la résistance aux modèles discursif moraliste et des possibilités pour si construire des configurations des vie plus affirmatif qui investissent dans la puissance créatrice des styles de l'existence éthique et singulière.

**Mots-clés:** Corporéité. *Body Modification*. Méthode cartographique. Processus de subjectivité.

## LISTA DE IMAGENS

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |     |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| <b>Imagem 01:</b> Arquivo pessoal de tatuagem realizada na parte superior das costas. ....                                                                                                                                                                                                                                                                                   | 19  |
| <b>Imagem 02:</b> Imagem integrante da série fotográfica “Fissuras no Tempo”. Fotografia: Priscila Nunes; Produtor e Suporte: Renan Corrêa; Procedimento scar: Enzo Sato; Modelo: T. Angel; Data: 23/06/2013. ....                                                                                                                                                           | 32  |
| <b>Imagem 03:</b> Reuber Mattos fotografado por Renan Brandini Comin. ....                                                                                                                                                                                                                                                                                                   | 41  |
| <b>Imagem 04:</b> Reuber Mattos fotografado por Renan Brandini Comin. ....                                                                                                                                                                                                                                                                                                   | 43  |
| <b>Imagem 05:</b> Reuber Mattos fotografado por Renan Brandini Comin. ....                                                                                                                                                                                                                                                                                                   | 48  |
| <b>Imagem 06:</b> Alexandre Anami fotografado por Priscila Nunes. ....                                                                                                                                                                                                                                                                                                       | 56  |
| <b>Imagens 07, 08, 09:</b> Reuber Mattos fotografado por Lírica Aragão. ....                                                                                                                                                                                                                                                                                                 | 65  |
| <b>Imagem 10:</b> Fotomontagem “Scanner me” feita por Thiago Cardassi Sanches a partir de sequência de fotos exclusivas, auto-escaneadas e cedidas pela <i>performer</i> . ....                                                                                                                                                                                              | 97  |
| <b>Imagem 11:</b> Tatuagens na região peitoral; arquivo pessoal cedido por Raldy Paschoarelli. ....                                                                                                                                                                                                                                                                          | 112 |
| <b>Imagem 12:</b> Tirinha 462 – Deus Metal 5 de autoria de Carlos Ruas. Retirada do site “Um sábado qualquer” ....                                                                                                                                                                                                                                                           | 128 |
| <b>Imagem 13:</b> Alexandre Anami fotografado por Priscila Nunes. ....                                                                                                                                                                                                                                                                                                       | 130 |
| <b>Imagem 14:</b> Reuber Mattos fotografado por Lírica Aragão. ....                                                                                                                                                                                                                                                                                                          | 131 |
| <b>Imagens 15, 16 e 17:</b> (15) Auto-retrato de piercing de mamilo cedido pelo modelo. (16) Piercings aplicados na bolsa escrotal e na glândula. (17) Piercing <i>Príncipe Albert</i> (conhecido como P.A.) aplicados na glândula e oito implantes colocados ao longo do pênis. As duas últimas imagens são arquivos pessoais e autorizada a divulgação pelos modelos. .... | 132 |
| <b>Imagens 18 e 19:</b> (18) Auto-retrato de orelha sem alargador cedido pelo modelo. (19) Alargadores de mamilos, arquivo pessoal cedido pelo modelo. ....                                                                                                                                                                                                                  | 133 |
| <b>Imagens 20 e 21:</b> (20) Auto-retrato de implante aplicado no dorso da mão cedido pelo modelo. (21) Arquivo pessoal de implante em formato de estrelas na região do osso esterno, autorizada divulgação pelo modelo. ....                                                                                                                                                | 133 |
| <b>Imagem 22:</b> Lista de suspensões corporais humanas realizadas por Allen Falker e ilustrada por Shannon Larratt. Retirado do site <a href="http://www.suspension.org">www.suspension.org</a> ....                                                                                                                                                                        | 136 |
| <b>Imagem 23:</b> Arquivo pessoal cedido por Valnei Santos. ....                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | 138 |
| <b>Imagem 24:</b> Arquivo pessoal de foto de posição <i>suicide</i> , autorizada por Eduardo Selhorst. ....                                                                                                                                                                                                                                                                  | 138 |
| <b>Imagem 25:</b> Arquivo pessoal de foto de posição <i>superman</i> , autorizada por Max Alves. ....                                                                                                                                                                                                                                                                        | 139 |

|                                                                                                                                                                                                                              |     |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| <b>Imagem 26:</b> Em posição de coma; arquivo pessoal gentilmente cedido por T. Angel. ....                                                                                                                                  | 139 |
| <b>Imagem 27:</b> Arquivo pessoal de posição de Lótus autorizada divulgação por Windson Nascimento Siqueira.....                                                                                                             | 140 |
| <b>Imagem 28:</b> Práticas de suspensões corporais humanas comparadas aos esportes radicais. Recorte de imagem retirada da página: <a href="http://www.facebook.com/TheSinnerTeam">www.facebook.com/TheSinnerTeam</a> . .... | 141 |
| <b>Imagem 29:</b> Apresentação das linhas de tensão do corpo ou as denominadas <i>linhas de Langer</i> .....                                                                                                                 | 141 |
| <b>Imagem 30:</b> Alexandre Goldschmidt Montalto fotografado por Priscila Nunes.....                                                                                                                                         | 142 |
| <b>Imagem 31:</b> Suspensão corporal noturna ao ar livre realizada durante uma das incursões ao campo de pesquisa. Arquivo pessoal autorizada para divulgação por Angelo Martinez. ....                                      | 143 |
| <b>Imagem 32:</b> Arquivo pessoal de registro de um dos encontros coletivos que ocorreu em um dos acampamentos destinados à prática de suspensão corporal. ....                                                              | 170 |
| <b>Imagem 33:</b> Cenas do filme “Entrevista com um vampiro”. ....                                                                                                                                                           | 184 |
| <b>Imagens 34 e 35:</b> Imagens da 1ª e 2ª suspensões corporais assistidas .....                                                                                                                                             | 189 |

## SUMÁRIO

|                                                                                                                                                                          |           |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO: CONSTRUINDO UMA CARTA DE “MÁS” INTENÇÕES SOBRE CORPORALIDADES E OUTROS PRAZERES – “EU ESTOU NO MEIO [...]” .....</b>                                    | <b>19</b> |
| <b>2 POR UMA HISTORICIDADE DOS CORPOS EM 4 „QUADROS“ EM MOVIMENTOS TRANSITÓRIOS.....</b>                                                                                 | <b>32</b> |
| 2.1 “MARCHA SOLDADO, CABEÇA DE PAPEL...”: POR UM CORPO DISCIPLINADO(R).....                                                                                              | 43        |
| 2.2 “ENTRE MARGENS E LINHAS”: MOVIMENTOS SOCIAIS E CORPORALIDADES (DES)OBEDIENTES .....                                                                                  | 48        |
| 2.3 “DECIFRA-ME E DEVORA-ME”: A SOCIEDADE DE CONTROLE E OS CORPOS MIDIÁTICOS .....                                                                                       | 56        |
| 2.4 “MANIFESTO DOS E PELOS CORPOS (TRANS)BORDANTES”: SOBRE HIBRIDISMOS, NOMADISMOS, TECNO-CORPORALIDADES E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO.....                                | 64        |
| 2.4.1 Corpos Subjetivados ou Subjetivações Corporais?.....                                                                                                               | 68        |
| 2.4.2 “Em Um Mundo de Contornos Fragmentados, Quem Precisa de Identidade Para Performar? .....                                                                           | 78        |
| 2.4.3 Subversões Tecnológicas: Por Uma Vida Menos Ordinária .....                                                                                                        | 86        |
| <b>3 “ANÁTOMO-BIOMETAIS E OUTRAS TECNOLOGIAS CORPORAIS”: A PROVENIÊNCIA, A EMERGÊNCIA E A INSURGÊNCIA DO BODY MODIFICATION E DAS PRÁTICAS DE SUSPENSÃO CORPORAL.....</b> | <b>97</b> |
| 3.1 CORPOS FICCIONAIS OU FICCIONAR CORPOS?.....                                                                                                                          | 98        |
| 3.2 POR UMA PROVENIÊNCIA POSSÍVEL DAS MARCAÇÕES CORPORAIS .....                                                                                                          | 109       |
| 3.3 POR UMA EMERGÊNCIA INSURGENTE DAS MODIFICAÇÕES CORPORAIS .....                                                                                                       | 117       |
| 3.3.1 As Práticas <i>Mainstream</i> do <i>Body Modification</i> .....                                                                                                    | 122       |
| 3.3.2 As Práticas <i>Nonmainstream</i> do <i>Body Modification</i> .....                                                                                                 | 124       |
| 3.3.3 Técnicas, Procedimentos e Instrumentos das Modificações Corporais.....                                                                                             | 128       |

|                                                                                                                                                                                 |         |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------|
| 3.3.3.1 Modificações corporais intencionadas como permanentes .....                                                                                                             | 129     |
| 3.3.3.2 Modificações corporais removíveis .....                                                                                                                                 | 131     |
| 3.3.3.3 Modificações corporais contextuais ou ritualísticas .....                                                                                                               | 134     |
| <br>4 COMO CONSTRUIR UM CORPO TEÓRICO-METODOLÓGICO SEM<br>ÓRGÃOS? .....                                                                                                         | <br>143 |
| 4.1 SOBRE MULTIPLICIDADES, SINGULARIDADES E PRAZERES TEÓRICOS: A APLICAÇÃO DO<br>MÉTODO CARTOGRÁFICO NO CAMPO DE PESQUISA SOBRE CORPORALIDADES E PRAZERES<br>SINGULARES .....   | 145     |
| 4.2. ENTREVISTAR TAMBÉM FAZ PARTE DO PROCESSO CARTOGRÁFICO.....                                                                                                                 | 155     |
| 4.3. A MÁQUINA PULSANTE DA VIDA: AS PRODUÇÕES DESEJANTES .....                                                                                                                  | 160     |
| <br>5 “A VIDA PÚBLICA DOS CORPOS E DOS PRAZERES PRIVADOS”: O CAMPO<br>DA PESQUISA E A CARTOGRAFIA DOS DESEJOS E AFETOS NA ANÁLISE DAS<br>CORPORALIDADES (TRANS)BORDADENTES..... | <br>170 |
| 5.1 SOBRE COVIS, ESTÚDIOS E LABORATÓRIOS VIRTUAIS: AS PAISAGENS DESALINHADAS<br>PARA A ESCRITA DO PROCESSO CARTOGRÁFICO.....                                                    | 172     |
| 5.1.1 Paisagem 1: A “Insurgência” de Um Projeto que Já Era Vivente.....                                                                                                         | 175     |
| 5.1.2 Paisagem 2: O Acesso ao “Desconhecido Que Se Quer Conhecer” Via Redes Sociais<br>.....                                                                                    | 181     |
| 5.1.3 Paisagem 3: A Entrada nos “Covis”: o Encontro Com o Encontro.....                                                                                                         | 184     |
| 5.2 CONVERSAS (IN)PERTINENTES: SOBRE OS ACONTECIMENTOS DE UMA ENTREVISTA ....                                                                                                   | 198     |
| <br>6 CONCLUSÃO: “THE POINT OF NO RETURN”: ANÁLISES E (IN)CONCLUSÕES<br>SOBRE O CAMPO CARTOGRÁFICO EM INTERSECÇÃO COM AS PAISAGENS E<br>AFETOS .....                            | <br>212 |
| <br>REFERÊNCIAS .....                                                                                                                                                           | <br>220 |
| <br>ANEXOS .....                                                                                                                                                                | <br>231 |

## 1 INTRODUÇÃO: CONSTRUINDO UMA CARTA DE “MÁS” INTENÇÕES SOBRE CORPORALIDADES E OUTROS PRAZERES – “EU ESTOU NO MEIO [...]”



**Imagem 01:** Arquivo pessoal de tatuagem realizada na parte superior das costas.

[...] Acreditar no mundo é o que mais nos falta; perdemos o mundo; ele nos foi tomado. Acreditar no mundo é também suscitar acontecimentos, mesmo que pequenos, que escapem do controle, ou então fazer nascer novos espaço-tempos, mesmo de superfície e volume reduzidos. É o que você chama de ‘*pietas*’. É ao nível de cada tentativa que são julgadas a capacidade de resistência ou, ao contrário, a submissão a um controle. São necessários, ao mesmo tempo, criação e povo<sup>1</sup>.

(DELEUZE, 1990, p. 73)

[...] Escreve-se sempre para dar a vida, para liberar a vida aí onde ela está aprisionada, para traçar linhas de fuga<sup>2</sup>. (DELEUZE, 2010, p. 180)

[...] Não quis dizer —*Éi o que penso*—, pois ainda não estou muito seguro quanto ao que formulei. Mas quis ver se aquilo podia ser dito e até que ponto podia ser dito. (FOUCAULT, 2003g, p. 243)

<sup>1</sup> DELEUZE, Gilles. O devir revolucionário e as criações políticas. In: **Novos Estudos CEBRAP**, nº 28, out. 1990. Tradução de João H. Costa Vargas. (Entrevista a Toni Negri originalmente publicada em *Futur antérieur*, nº 1, primavera de 1990). Aproveitando esta primeira nota de rodapé, gostaria de argumentar que, sempre que possível tentarei esclarecer a construção de posicionamentos e perspectivas teóricas que me conectaram a analisar uma temática a partir de um conjunto de conceitos em detrimento de outros. Por esta razão, apresentarei com frequência, ao longo do texto da tese, notas de rodapé e algumas intervenções pessoais que julguei ser necessárias e acessíveis ao entendimento do leitor.

<sup>2</sup> DELEUZE, Gilles. —Sobre a filosofia—. In: DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Trad. Peter Pál Pelbart. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2010, p. 173-198.

Uma tese acadêmica, como iniciativa que ocorre, a princípio, no campo das ideias e das experiências, suscita diversas indagações. No caso específico do itinerário processual desta pesquisa, é natural que se produzam muito mais inquietações e perguntas do que respostas. Entre os questionamentos, algumas problematizações insurgentes de ordem prática (metodológica e implicação do pesquisador) e, subsequentemente, de ordem teórica (epistemológica/filosófica).

É um desejo que essa tese seja fruto de uma invenção bem sucedida. Um tracejado teórico e cartográfico que promova um estilo filosófico de problematizações, onde os aspectos conceituais e culturais apareçam extremamente entrelaçados, tanto quanto demonstre um posicionamento<sup>3</sup> claramente político em relação à historicidade das corporalidades<sup>4</sup> e dos prazeres (e seus usos), bem como esclareça a importância em se estudar essa temática dentro das construções de conhecimentos em psicologia(s), tanto quanto questionou a psicóloga feminista Sandra Maria da Mata Azerêdo:

[...] Precisamos fazer perguntas e também, o que é muito importante, aprender a escutar as respostas, com ouvidos abertos para a diferença. Esse me parece ser o grande desafio da Psicologia neste início de século. Escutar o outro, pegar no ar o sentimento de perda no rosto dos excluídos, mesmo que “de relance”, como fez Clarice com Macabéa. Enfim, escutar —“rugido da batalha”, como nos propõe Foucault. É preciso querer saber das verdades do outro e não ficarmos presos à mesmice de nossas verdades, tantas vezes apoiadas em privilégios (AZERÊDO, 2002, p. 16).

Complementando o posicionamento de Azerêdo, encontramos em Wiliam Siqueira Peres (2011), também de modo incisivo, a problematização a necessária em se fazer “[...] uma revisão crítica dos postulados teóricos ‘psí’, no sentido de ampliar a visão sobre os sujeitos do sistema sexo/gênero/desejo de modo a abandonar a ideia de patologia e ou perversão que se

---

<sup>3</sup> Sobre a ideia de posicionamento, encontramos em Donna Haraway: “Posicionar-se é, portanto, a prática chave, base do conhecimento organizado em torno das imagens da visão, é como se organiza boa parte do discurso científico e filosófico ocidental. Posicionar-se implica em responsabilidade por nossas práticas capacitadoras. Em consequência, a política e a ética são a base das lutas pela contestação a respeito do que pode ter vigência como conhecimento racional. Admita-se ou não, a política e a ética são a base das lutas a respeito de projetos de conhecimento nas ciências exatas, naturais, sociais e humanas [...]” (HARAWAY, 1995, p. 27-28).

<sup>4</sup> Nesta tese serão encontrados os termos “-corpo” e “-corporalidade”, portanto se torna importante esclarecer as variações entre ambos os termos discutidos conceitualmente. A ideia de “-corpo” é considerada como uma totalidade e as “-corporalidades” referenciadas como uma visão ampliada de corpos em construções permanentes, sendo consequências de processos de subjetivação intempestivas em movimentos. Devido a discussão desta diferenciação ser recente, muitos autores utilizados nesta pesquisa recorrem aos dois termos como similares (corpo = corporalidade), sendo um acontecimento em processo transitório e transversalmente conectado por uma multiplicidade de elementos de composição.

abate sobre as expressões sexuais e de gêneros [...]”, (PERES, 2011, p. 103), análise que igualmente pode ser ampliada para outras estilísticas da existência que adentram as produções funcionais e estéticas das corporalidades.

Assim, de antemão, é preciso localizar e compartilhar com os leitores deste trabalho acadêmico as interrogações fundamentais que engendram esta pesquisa, partindo de posicionamentos e perspectivas<sup>5</sup> que direcionam enunciados sobre a questão das modificações corporais e das práticas de prazeres singulares com a qual me comprometi estudar. Questionei<sup>6</sup>: “Θ que seria um autor de uma tese em psicologia?”. Ou, ainda, “€ como escrever sobre a temática corporalidades nos campos sensoriais, estéticos, performáticos e das experimentações?”. Além disso, “€ como vincular a autoria aos registros corporais, enquanto formas de expressão?”.

A questão da autoria parece emergir recentemente na história das culturas, muito provavelmente advindas das produções artísticas no período do Renascimento, ocasião em que artistas buscavam imprimir sua assinatura individual, criar um processo de tecnicidade e exclusividade referentes às obras confeccionadas, portanto se afastando do anonimato autoral trazido pela magia, pela religião e pelo Estado (BAXANDALL, 1991). De acordo com Roland Barthes (2004, p. 58), “*o autor* é uma personagem moderna, produzida sem dúvida por nossa sociedade na medida em que, ao sair da Idade Média, com o empirismo inglês, o racionalismo francês e a fé pessoal da Reforma, ela descobriu o prestígio do indivíduo”, ou seja, pensar a autoria de uma obra requer *pôr em jogo* todo o processo de subjetivação implicado em contextos sociais, históricos, políticos, culturais e econômicos que configuram o que seja um autor.

---

<sup>5</sup> Por *perspectiva*, encontramos em nota de rodapé nº 6 redigida por Sandra Azerêdo no artigo de Donna Haraway (1995, p. 14) que analisa: “Teorias de perspectiva (standpoint theories): teorias desenvolvidas pelo feminismo a partir da afirmação de que o lugar de onde se vê (e se fala) - a perspectiva - determina nossa visão (e nossa fala) do mundo. Tais teorias tendem a sugerir que a perspectiva dos subjugados representa uma visão privilegiada da realidade. (Nota de Sandra Azerêdo)”. Ou seja, por perspectiva podemos entender como um potencializador da maneira de ver e analisar o mundo, sugerindo que outras perspectivas, por exemplo, as dos subjugados, sujeitos ditos abjetos possam trazer uma maneira interessante de descrição da realidade a partir do campo social onde habitam.

<sup>6</sup> A prática da escrita (e as indagações que insurgem) é atravessada e composta por processos singulares e coletivos de criação, partindo de conexões sócio-históricas, políticas e culturais e permeadas por variações muito particulares. Sendo assim, considero necessário salientar que, em alguns momentos específicos, discorrerei sobre sensações, experiências e indagações que ocorreram no campo cartografado e que interferiram na implicação da escrita; para isso, utilizarei o verbo na primeira pessoa do singular. Em grande parte dos momentos da escrita, fica evidenciada a contextualização do lugar de onde falo e posiciono em que o leitor também pode vivenciá-la comigo como, por exemplo, (re)visitar autores, ler citações, acessar materiais, entre outros; nestes momentos utilizarei o verbo na primeira pessoa do plural.

O filósofo<sup>7</sup> Michel Foucault (2012) nos alerta sobre os embates discursivos, sobre a busca do *status* de verdade no campo social, que faz com que alguns discursantes sejam considerados competentes e produtores legítimos de saber e outros falantes sejam desacreditados. Assim, ele nos diz:

[...] quem fala? Quem, no conjunto de todos os sujeitos falantes, tem boas razões para ter esta espécie de linguagem? Quem é seu titular? Quem recebe dela sua singularidade, seus encantos, e de quem, em troca, recebe, se não sua garantia, pelo menos a presunção de que é verdadeira? Qual é o *status* dos indivíduos que têm - e apenas eles - o direito regulamentar ou tradicional, juridicamente definido ou espontaneamente aceito, de proferir semelhante discurso? O *status* do médico compreende critérios de competência e de saber; instituições, sistemas, normas pedagógicas; condições legais que dão direito - não sem antes lhe fixar limites - à prática e à experimentação do saber [...] (FOUCAULT, 2012, p.61).

Neste sentido, quando Foucault, em outra ocasião (2001, p. 264) questiona: “Que importa quem fala?”, podemos problematizar os embates de forças existentes no campo social e que a emergência do lugar social de onde fala um autor<sup>8</sup> se torna a possibilidade de dar voz a grupos marginalizados e considerados abjetos (BUTLER, 1999), grupos subalternos (SPIVAK, 2012) e formados por homens infames<sup>9</sup>, isto é, homens cujas vidas foram destinadas a passarem (→...) por baixo de qualquer discurso e a desaparecer sem nunca terem sido faladas [...] só puderam deixar rastros – breves, incisivos, com frequência enigmáticos – a partir do momento de seu contato instantâneo com o poder.” (FOUCAULT, 2003a, p. 207-208). Nas discussões

---

<sup>7</sup> Em muitos momentos irei referir ao autor Michel Foucault como filósofo. No entanto, como nos diz Edson Passetti (2011), mesmo sendo avessa às identidades, Foucault em sua longa bibliografia de atividades, incluía o fazer ~~arquivista~~, ~~historiador~~, ~~ativista~~, ~~professor~~, enfim ~~→...~~ um arqueólogo dos saberes, um demolidor da arbórea genealogia do poder e um prático ético da liberdade diante desta figura presente, incógnita, identitária, emancipadora, amendrotada e revoltada chamada de *sujeito*” (PASSETTI, 2011, p. 212). De modo similar, acontecerá com outros autores; longe de desconsiderá-los em sua plenitude de ~~identidades~~, porém optarei por colocar apenas um substantivo para identificá-los a cada vez que citá-los. Ver: PASSETTI, Edson. Foucault e a transformação. In: BÓGUS, Lucia; WOLFF, Simone; CHAIA, Vera (orgs.). **Pensamento e teoria nas Ciências Sociais** – referências clássicas e contemporâneas. SP: EDUC: CAPES, 2011. p. 205-220.

<sup>8</sup> Salienta-se que, na Idade Média, a identificação de autores trouxe punição àqueles cujos dizeres eram transgressores, pois, em nossa cultura ocidental, o discurso não é um objeto tácito, sendo essencialmente um ato ~~→...~~ um ato que estava colocado no campo bipolar do sagrado e do profano, do lícito e do ilícito, do religioso e do blasfemo” (Foucault, p. 275). No entanto, com o advento dos textos científicos - entre os séculos XVII e XVIII - a função autor se esvaziou em favor da validade do conjunto sistemático de verdades demonstráveis (não que a autoridade do pesquisador fosse descartada, mas o *modus operandis* da ciência moderna legitimava o lugar/status de onde o mesmo falava). Já em relação aos textos literários e filosóficos ocorria o contrário, haja visto que o anonimato não era/é suportado. Retomarei a questão da autoria e anonimato mais adiante, quando discutirei as normativas do comitê de ética e o anonimato dos participantes entrevistados.

<sup>9</sup> FOUCAULT, Michel. “A vida dos homens infames”. In: **Ditos e escritos IV**: estratégia, poder-saber. Organização e seleção de textos de Manuel Barros da Motta. Trad. Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003a, p. 203-222.

proeminentes, podemos nos perguntar: “Quais discursos sobressaem como verdadeiros? Quais discursos se tornam interessantes?”.

De modo contundente, Foucault (2001) investiga a função de um autor, através da obra *O que é um autor?*, ocasião em que observa que a autoria não se constrói de modo universal nas formas discursivas e de importância, mas deve ser encarada com uma complexidade e uma multiplicidade de sujeitos e posições que produzem práticas discursivas e modos de pensar e agir. Portanto, fica evidenciada uma cisão do sujeito moderno – que se acreditava único, racional e completo. Por esta via, para Foucault, as características individuais do sujeito que escreve se dissolvem, não sendo possível a separação entre a vida e a obra do autor, havendo, assim, a implicação do autor naquilo que escreve.

No caso específico desta tese, na qualidade de autor, intrigou-me o seguinte: “Quem sou eu falando/escrevendo? De onde falo/escrevo? Para quem eu falo/escrevo? E para quê eu falo/escrevo? Qual o mundo destinatário para receber e significar as inquietações produzidas por todas as pesquisas que constituíram este trabalho?”.

Primeiramente, recorri a uma afirmação irreverente de Décio Pignatari (1983, p. 4) que diz: “[...] Mas, não é porque houve um Pelé que você vai deixar de jogar futebol; não é por que há uma Gal que você vai deixar de cantar”. Se me propus a estudar e a escrever, é porque existe algo a ser dito. É evidente que livros, dissertações e teses sobre corpos são inúmeros, tanto quanto são as vertentes, abordagens, análises e modos de pensar esta temática. Porém, a partir de então, optei por alguns caminhos que me agradaram e me distanciaram (ainda mais) dos vícios acadêmicos que delimitam a natureza do campo, do objeto estudado, das composições entre referenciais teóricos e metodológicos. Ao contrário, decidi investir em incursões no universo sobre o qual desejo escrever. Com este distanciamento, concomitante à implicação e à imersão na pesquisa, obviamente não diametralmente oposto à Academia, porém afeito à pesquisa de campo livre e surpreendente, foi possível “enxergar” a emergência dos regimes de dizibilidades (enunciados e discursos) e de visibilidades (os territórios, campo de pesquisa e entrevistas) as quais experienciei e, como mencionado, foram elencadas como minha proposta de pesquisa.

A autoria desta tese se traduziu, portanto, nas engrenagens, nas misturas, nos “entres”, nos atravessamentos da produção escrita em conexão com toda a multiplicidade de encontros possíveis explorados nas incursões aos campos e nas narrativas performáticas de trajetórias/itinerários de vidas que presenciei e registrei em entrevistas e nos campos cartografados. Desta forma, não me autorizei a falar “pelas” pessoas com as quais estabeleci

relações polifônicas, mas falar –sobre” elas, –sobre” o que elas me confiaram, dizer –sobre” aquilo que experienciei: vi, ouvi e senti.

Obviamente o campo a ser cartografado não estava dado: foi construído nas micropolíticas dos regimes de olhares, escutas, nas palavras, nas polifonias, nas problematizações e nos pensamentos transcritos em palavras que insurgiam e produziam/reagiam diante das percepções de visibilidades e indizibilidades sobre os corpos temáticos que serão apresentados.

Nesse ponto, em relação aos regimes de escrita, habitou minha outra importante preocupação: –Precisaria passar pelos processos de modificações corporais ou pelas práticas de prazeres para ter condições de escrever sobre eles? Ou, –como escrever sobre a temática *corporalidades* nos campos sensoriais, estéticos, performáticos e das experimentações sem que, no entanto, colocasse meu próprio corpo à disposição dessas *performances* e dessas experimentações?

Essas questões suscitadas, que possivelmente podem parecer tolas para alguns estudiosos, também basearam as dúvidas da filósofa Beatriz Preciado (2002) em seu livro *O Manifesto Contra-sexual*, onde problematiza os estudos das sexualidades, gêneros e corporalidades:

¿Cómo aproximarse al sexo en cuanto objeto de análisis? ¿Qué datos históricos y sociales intervienen en la producción del sexo? ¿Qué es el sexo? ¿Qué es lo que realmente hacemos cuando follamos? ¿Modifican su proyecto las prácticas sexuales de la persona que escribe? Si así es, ¿de qué manera? ¿Debe la investigadora entregarse al –serial fucking” cuando trabaja sobre el sexo como tema filosófico o, por el contrario, debe guardar las distancias respecto a tales actividades y ello por razones científicas? ¿Se puede escribir sobre la heterosexualidad siendo marica o bollo? E inversamente, ¿se puede escribir sobre la homosexualidad siendo hetero? (PRECIADO, 2002, p. 17)

A partir dos questionamentos supracitados, pensei em problematizar esta pesquisa como uma questão evidentemente política, que por sua vez exigiu posicionamentos e perspectivas teóricas que potencializassem as análises que surgiriam *a posteriori*. Demarcarei, então, os posicionamentos e as perspectivas metodológicas, que deverão se afastar de qualquer naturalismo, binarismo, universalismo, essencialismo, reducionismo, positivismo, estruturalismo ou ideias desenvolvimentalistas empregadas em pesquisas vinculadas aos paradigmas utilizados desde o século XIX e início do XX e ainda vigentes e norteadores de muitas pesquisas acadêmicas.

Ainda, poderíamos dizer sobre a prevalência, nesta tese, de estudos centrados no movimento de pensadores contemporâneos da filosofia francesa (pós-maio de 68), sendo eles identificados, muitas vezes, como pertencentes de uma escola pós-estruturalista. Michael Peters (2000) analisa que a nomenclatura *pós-estruturalismo* se trata de um termo questionável, uma vez que não foi fundada pelos seus denominados pensadores, mas por agentes externos, pela comunidade acadêmica de língua inglesa que necessitava identificá-los e diferenciá-los da escola estruturalista, com qual o movimento pós-estruturalista mantinha uma aproximação histórica e institucional. De todo modo, os pensadores ditos “pós-estruturalistas”, em seus posicionamentos teóricos, não desejavam ser considerados como uma escola, um método científico ou uma teoria fechada; pelo contrário, almejavam ser reconhecidos como um “movimento de pensamento” que corporifica conexões com diversas práticas críticas que não convergiam com uma unicidade conceitual ou uma homogeneidade unilateral e neutra de produção de conhecimento (PETERS, 2000; WILLIAMS, 2012). O pós-estruturalismo, tal como foi apresentado, se manifesta na crítica da *verdade suprema*; na ênfase da multiplicidade de análises; na importância de processo de construção do conhecimento; estilos de escritas e posicionamentos políticos de autores; na crítica na essência do sujeito autocentrado, na ideia de representação e na continuidade e linearidade da história.

De modo geral, os posicionamentos teóricos adotados a partir das leituras de autores “pós-maio de 68” se tornam importantes neste estudo, pois investem na desconstrução do sujeito moderno em prol de problematizações que acompanham mudanças contextuais que pedem a emergência de teorias transitórias, outras leituras possíveis dos(as) humanos(as) e o desafio em enfrentar a manutenção de sistemas de produção de conhecimento que empobrecem a vida com matrizes patologizantes que julga quem pode circular pelo mundo.

Autores como Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guattari preocupam-se com construções de saberes compostos de perspectivas e descentrados de métodos pautados em paradigmas rígidos e hegemônicos da ciência normal. Desse modo, eles buscam destituir as relações teóricas poder-saber-prazer e subverter as lógicas inteligíveis e normativas das existências e de suas experiências, seus prazeres e suas sensações.

Assim, a proposta que almejei desenvolver buscou teorias livres de armadilhas identificatórias, e que permitiriam uma crítica interseccional entre corporalidades e marcadores sociais, tangenciando as categorias de análises que insurgiram (mais fortemente praticadas na segunda metade do século passado) na constituição dos(as) humanos(as). A exemplo, a busca nos saberes localizados (HARAWAY, 1995a) e nas construções

socioculturais das raças/etnias, classes sociais e econômicas, gerações, orientações sexuais, gêneros, sexualidades, territorialidades e regionalidades, crenças/religiões, estéticas, graus de instrução, processos políticos emancipatórios, inserções de bases tecnológicas, entre outros marcadores e categorias para a análise de contextos, de situações e da feitura dos(as) humanos(as).

Eis aqui então, em favor da proposta de “saberes localizados” (HARAWAY, 1995a), ou seja, entendendo que os conhecimentos emergem a partir de contextos e de lugares onde alguém fala, toda vez quando for citar um(a) autor(a) pela primeira vez (como já percebido!), optarei por apresentar o seu nome completo e, em alguns momentos, acompanhado de sua nacionalidade e área de conhecimento a qual pertence. Nas leituras de artigos e outras produções acadêmicas atualizadas eu pude apreciar a prevalência destas contextualizações, sendo justificadas por considerarem que as perspectivas de onde estes autores falam pode dizer muito sobre as implicações dos(as) autores(as) com suas teorias e métodos.

Como um cartógrafo implicado (permito-me aqui, o risco do pleonismo!), iniciarei minha escrita pelo meio, para assim construir o seu processo. No entanto, vale ressaltar sobre o possível “nascimento” do tema a ser discorrido em toda a extensão desta pesquisa: uma espécie de cartografia do corpo, ou de leitura dessa cartografia que se modificou a cada instante de maneira processual e descontínua.

Um dos aspectos relevantes para a escolha da temática *corporalidades modificadas e prazeres singulares* diz respeito aos processos desejantes em produzir algo no campo das potências, das resistências, das visibilidades de sujeitos denominados “abomináveis” que, de algum modo, impõem transformações nas esferas sociais a partir de seus posicionamentos. Posicionamentos, muitas vezes, revolucionários, destemidos, audaciosos, inovadores e criativos, tanto quanto desejo que seja a minha escrita. Essa iniciativa se contrapõe ao tema da minha dissertação de mestrado<sup>10</sup>, ocasião em que analisei narrativas de histórias de vidas que eram empobrecidas pela propagação de biopolíticas regulatórias, e de interdição de práticas e de expressões dos desejos, mais especificamente, pelas ações nefastas da homofobia e suas consequências.

---

<sup>10</sup> NASCIMENTO, Márcio Alessandro Neman. **Homossexualidades e homossociabilidades: hierarquização e relações de poder entre homossexuais masculinos que freqüentam dispositivos de socialização de sexualidades GLBT**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2º Semestre de 2007.

Buscarei, a partir de então, problematizar produções de fugas dos engendramentos do poder, de movimentos emancipatórios, de enfrentamentos parresiastas<sup>11</sup> (FOUCAULT, 2011), das tecnobiopolíticas que eram traduzidas em corporalidades revoltadas, dissidentes, singulares. Enfim, pretendo dar tons políticos e visibilidades, por meio desta trabalho acadêmico, aos que produzem e tornam os registros corporais mais potentes.

Outro ponto emergente que justifica o investimento nesta pesquisa diz respeito ao período histórico atual: a sociedade, ou pelo menos a maior parte dela, é caracterizada pelo excessivo uso de imagens, simulações, virtualizações e mídias, componentes esses que, certamente, incidem nos modos de manipular e sintetizar os corpos. A busca pela estetização ultrapassou os limites impostos socialmente para obtenção do corpo desejado, sendo o uso de procedimentos, biotecnologias e substâncias bioquímicas recorrentes para modelação de silhuetas inéditas.

No entanto, o que se convencionava chamar de “*belo*” parece compartilhar espaços na cena cotidiana com pessoas que fogem à padronização corporal difundida, principalmente pela mídia, como modelo a seguir. Nesse contexto, insurgem grupos de pessoas que buscam em *piercings*, tatuagens, escarificações, cortes e implantes e outras marcas corporais, um modo de produção de imagens, corporalidades e prazeres que rompam com uma dita estética dominante e convencional.

Para além disso, pretendi dizer de pessoas que não se resumiriam apenas por produções imagéticas reativas, de contraposição. Pelo contrário, busquei campos que me possibilitasse adentrar nas micropolíticas das vidas cotidianas que seguem e extrapolam as linearidades entre poder-saber-prazer. Quis saber de sujeitos que procuravam se constituir por referências de proveniências históricas de rituais (que incidiam sobre seus corpos), tanto quanto nas experimentações de outras maneiras de produzir hibridismos, nomadismos e monstrosidades corporais, tecnocorporalidades e idiosincrasias sensoriais, ou seja, modos alternativos e singulares de viver.

Para tanto, a construção desta pesquisa se formulou através das observâncias de investimentos sociais e de discursos *nos* e *sobre* às corporalidades, mais ainda quando se trata

---

<sup>11</sup> Em “*A coragem da verdade*”, obra escrita Michel Foucault (2011) a partir do último curso ministrado no Collège de France (janeiro-março de 1984), o filósofo apresenta a preocupação com a produção dos jogos de verdade e os processos de subjetivação e práticas de si. O termo “*parrhésia*” é discutido como um ato corajoso de se dizer verdades em uma premissa teórica da trans-historicidade. O conceito exalta a questão ética de sujeitos livres de uma razão cínica e vazia, ou seja, os sujeitos parresiastas nada ocultam, apresentando posicionamentos e perspectivas de “*supostos subalternos*” politicamente corajosos de dizer sobre si mesmos, mesmo que isso recorra em retaliações e riscos a suas próprias vidas. Os parresiastas abandonam o lugar que lhe foram imposto – de subalternidade – a mediada em que falam e se mostram.

de corpos excêntricos (fora do centro) que não passam despercebidos em quaisquer contextos sociais. Assim, as transitoriedades e os usos dos corpos pelos adeptos de *body modification* se tornam sumariamente importantes para as vertentes de produções de conhecimentos psicológicos adotados, a partir do momento em que pessoas passam a compor existências perturbadoras.

Segundo Judith Butler (1999), a categoria *abjeta* é disparadora de produção de subjetividades, apresentando modos alternativos de estilos de vida e de como pensar e intervir nos e para os corpos. Assim, pergunto-me: “Quais perturbações ocorrem no campo social a partir das visibilidades performáticas de corpos modificados, sejam quais forem estas *performances*?”

Dessa maneira, pretendo visibilizar as insurgentes corporalidades singulares que se tornam cada vez mais perceptíveis nos dias atuais e que, de todo modo, anunciam diferentes modos de expressar, manipular e olhar para as possibilidades de modificações estéticas e prazeres corporais. Afinal, “*O que é o corpo? O que pode o corpo? Há uma verdade sobre o corpo?*”. Os questionamentos que extrapolam as estetizações dos corpos não cessam e os aprofundamentos nesses estudos contribuem para as análises de acontecimentos contrapostos a qualquer padronização. Ainda, produzem subjetividades não somente relacionadas às corporalidades, mas também a todas as esferas da vida que constituem os(as) humanos(as), pois nas expressões polifônicas, “[...] o corpo está submetido à gestão social tanto quanto ele a constitui e a ultrapassa” (SANT’ANNA, 1995, p. 12).

Diante do exposto, a proposta desta tese investe na busca de análises sobre as emergências de singularidades corporais disparadoras de produção de subjetividades e de posicionamentos resistentes e afirmativos, ou seja, corpos que funcionam como dispositivos políticos de rupturas com as estéticas dominantes e convencionais que, na atualidade, não são reconhecidas como produções estéticas legais (no sentido jurídico) e saudáveis (medicina e psiquiatria/psicologia tradicional), ao passo que também denunciam os regimes rígidos que produzem subjetividades submissas e normatizadas.

Nas discussões propostas, elenquei como **Objetivo Geral**:

- Cartografar os processos de subjetivação de sujeitos que produzem as (des)construções de suas corporalidades frente aos modelos normativos vigentes na (trans)contemporaneidade.

Em relação aos **Objetivos Específicos**, foram enumerados:

1) Identificar as estratégias de rupturas e continuidades nos discursos dos participantes em relação aos embates entre poderes que produzem exclusões/marginalizações/processos de estigmatização das estilísticas das corporalidades e dos prazeres singulares;

2) Problematicar se as posições de resistência da população pesquisada produzem e mantêm composições singulares e afirmativas de estilísticas das existências que conseguem assegurar espaços políticos potentes para embates no campo social.

Os engendramentos que movimentaram a construção dos objetivos partiram de problematizações de que, se as pessoas que compõem corporalidades modificadas e prazeres singulares podem produzir e explorar brechas/fissuras nos processos de assujeitamentos às normativas das biopolíticas, então, elas também podem compor outros territórios existenciais possíveis de experiências e vidas cotidianas que não sejam ordenadas exclusivamente por processos de estigmatização, de marginalização e de exclusão.

Desse modo, os adeptos de técnicas de *body modification* não se manteriam apenas às margens das sociedades convencionais ou seriam classificados como grupos urbanos preocupados apenas com a estética, mas ocupariam campos de (re)existências e de cuidados de si que coabitam com as posições compostas por políticas normatizadoras. Sendo assim, buscariam uma equidade social que rejeita o lugar delimitado e excludente de abjeção ao qual lhe foram impostos. A questão não consiste em serem considerados *abjetos*, mas nas interdições e descréditos ocasionados por estarem nestas composições de vida.

No que tange aos posicionamentos teórico-metodológicos empregados para o estudo temático desta pesquisa, a partir do método cartográfico, configurei a disposição da tese em capítulos que convergem e se complementam para a tentativa de uma análise processual e contundente. No segundo capítulo intitulado “Por uma historicidade dos corpos em 4 ‘quadros’ em movimentos transitórios” busquei descrever acontecimentos importantes que apontam o corpo como posição central para os estudos das (es)culturas ocidentais.

A divisão em “quadros” foi a condição selecionada para apresentar e dispor, historicamente, a forma pela qual as corporalidades foram e são, ainda hoje, expressões estratégicas de embates entre potências e forças de poderes, saberes e prazeres articulados por dispositivos biopolíticos e técnicas corporais de disciplina, controle e a construção de um corpo matriz passível de intervenções. Assim sendo, as construções deste capítulo desembocaram na apresentação de teorias (e conspirações) que trazem posicionamentos e políticas de resistências e contrapoder aos imperativos e regulações do biopoder. Essa divisão

quadrangular segue uma logicidade cronológica de acontecimentos históricos que demonstram brevemente o modo de pensar e fazer corporalidades, desejos e prazeres. No entanto, não significa dizer que essa cronologia se situe em acontecimentos lineares e estanques, uma vez que essas linhas divisórias imaginárias (e didáticas) se tornam desmanchadas nas evoluções e retrocessos, nas rupturas e continuidades e nas referências que ocorrem a partir de outras conexões com outros acontecimentos.

No terceiro capítulo: “Anátomo-biometais e outras tecnologias corporais: a proveniência, a emergência e a insurgência do *Body Modification* e das práticas de Suspensão Corporal”, procurarei, a partir do campo cartografado e das entrevistas realizadas, produzir fragmentos de escrita que descrevessem as formulações e desdobramentos das práticas específicas de modificação corporal e de prazeres singulares que se utilizam de perfurações, suturas, amarrações e pigmentações na pele, modos de experienciar sensações *nas e pelas* corporalidades. Nas discussões proeminentes busquei discorrer sobre como os contornos de possíveis entre o campo social dito “real” e o campo ficcional produzem somas plurais para problematizar acontecimentos que se materializam nas corporalidades e as proveniências e as emergências de produções de discursos. A elaboração deste capítulo só foi possível após o campo cartografado, pois era preciso se desfamiliarizar as “verdades respondentes” dos corpos e ampliar o pensamento sobre outras configurações, até então imaginadas apenas nas imagens ficcionais. Também busquei apresentar o conceito de *Body Modification* como um conceito mediador e importante disparador de produção de subjetividades, portanto, conceito que acontece nas diversas instituições, sejam elas, ciência, igreja, família, medicina, judiciário, tecnologia, entre outros. Finalizo o capítulo apresentando as técnicas e práticas *mainstream* e *nonmainstream* das modificações corporais.

No quarto capítulo, denominado “Como construir um corpo teórico-metodológico sem órgãos?”, apresentarei os posicionamentos políticos e as perspectivas teórico-metodológicas utilizados para problematizar o desenvolvimento da pesquisa sobre corporalidades modificadas e sobre prazeres singulares. Abordarei também a construção do campo cartográfico, trazendo notas e apontamentos relacionados às análises e implicações acerca das incursões cartográficas realizadas e registradas no diário de campo.

No quinto capítulo, “A vida pública dos corpos e dos prazeres privados: o campo da pesquisa e a cartografia dos desejos e afetos na análise das corporalidades (trans)bordantes” investi em análises de paisagens psicossociais e afetos que emergiam no campo cartografado, sejam eles, ocorrências em incursões territoriais de eventos e encontros, seja nas conversas virtuais e presenciais. Em específico aos diálogos presenciais, indicarei uma entrevista

realizada com uma pessoa que se modifica e produz sua corporalidade e prazeres não convencionais e, por meio de suas vivências, experiências, sensações e pensamentos insurgentes, visibilizarei neste trabalho acadêmico, os afetos que apareceram durante nosso encontro.

A seção final, para a conclusão da tese, *—The point of no return: análises e (in)conclusões sobre o campo cartográfico em intersecção com as paisagens e afetos*” trará problematizações e análises convergentes/divergentes para as contribuições da tese, verificando o alcance dos objetivos criados em consonância com paisagens e afetos trazidos pelo campo, pelos encontros presenciais e pelas entrevistas realizadas.

Por fim, constarão as referências bibliográficas, seguidas dos anexos. Nos anexos, constarão: a entrevista transcrita na íntegra (para os leitores que se interessarem pelos processos polifônicos) e outros instrumentos utilizados e necessários para a concretude desta pesquisa de doutoramento.

## 2 POR UMA HISTORICIDADE DOS CORPOS EM 4 „QUADROS” EM MOVIMENTOS TRANSITÓRIOS



**Imagem 02:** Imagem integrante da série fotográfica “Fissuras no Tempo”. Fotografia: Priscila Nunes; Produtor e Suporte: Renan Corrêa; Procedimento scar: Enzo Sato; Modelo: T. Angel; Data: 23/06/2013.

[...] Mas eu, que nunca principio nem acabo,  
 Nasci do amor que há entre Deus e o Diabo.  
 Ah, que ninguém me dê piedosas intenções,  
 Ninguém me peça definições!  
 Ninguém me diga: ‘vem por aqui’!  
 A minha vida é um vendaval que se soltou,  
 É uma onda que se alevantou,  
 É um átomo a mais que se animou ...  
 Não sei por onde vou,  
 Não sei para onde vou  
 Sei que não vou por aí!  
 (Cântico Negro – José Régio)

Era uma vez, como foram tantas outras mil na mitologia grega, uma tenebrosa história sobre um justiceiro que assombrava o entorno da serra de Elêusis, lugar onde ele também habitava. Procrusto<sup>12</sup>, como era conhecido, possuía em sua casa uma cama de ferro que tinha seu exato tamanho. Ele possuía um modo perverso e peculiar de agir com as suas vítimas; costuma atrair viajantes exaustos para se hospedarem em sua casa, oferecendo que se deitassem em sua cama para descansar. Durante a noite, sorrateiramente ele atacava seus hóspedes - se a vítima fosse demasiadamente alta, ele amputava os membros e o excesso de comprimento de modo a ajustá-lo ao encaixe de sua cama; se o hóspede fosse de baixa estatura, Procrusto o esticava até atingir o tamanho exato de sua cama. Outra versão contava que as vítimas nunca se encaixavam no leito de Procrusto, pois secretamente ele possuía duas camas de tamanhos diferentes que ofertava dependendo da altura ou comprimento dos viajantes. Durante o martírio dos hóspedes, os gritos de horror eram ouvidos por toda a Grécia, até que uma deusa guerreira (e símbolo da sabedoria) – Palas Atena, decidiu intervir e questionou Procrusto que, rapidamente, justificou suas ações dizendo que agia conforme sua justiça e razão, pois em sua(s) cama(s) a diferença entre os homens eram igualadas.

Diante de tais argumentos, a deusa voltou decepcionada para o Olimpo, sem saber como intervir. O terrorismo homicida de Procrusto perdurou até o momento em que foi capturado pelo ateniense Teseu. Como castigo, o lendário herói aplicou o mesmo suplício que Procrusto impunha às suas vítimas, colocando-o atravessado em sua própria cama e cortando a sua cabeça e pés para que pudesse ser feita a justiça e a razão do qual Procrusto ordenava e obedecia.

Mediante ao exposto, a escolha pelo mito de Procrusto (ou Procusto), para iniciar este capítulo, parece bastante oportuna e atualizada para os estudos da historicidade e as maneiras de intervenção sofridas *pelos* e *nos* corpos. Digo atualizado por reverberar incessantes (re)produções de normativas que tentam impor uma leitura essencialista e universal do mundo, por meio de postulados teóricos que reduzem o ser humano a uma matriz respondente a um único corpo, uma única sexualidade, uma única raça, um único gênero, práticas corporais determinadas e um único aparelho mental, ou seja, tentativas de caminhos diretivos traçados principalmente por políticas disciplinares e de controle sobre os corpos.

---

<sup>12</sup> O mito de Procrusto foi (re)contado pelo autor desta tese. Em algumas versões encontradas, a personagem mitológica é denominada de *Procusto*. Ver referência: MÉNARD, René. **Mitologia Greco-Romana**. 5. ed. [S.l.]: São Paulo: Opus Editora, 1997; e, BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia**: (a idade da fábula): histórias de deuses e heróis. Trad. David Jardim Júnior. 3. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

O mito de Procrusto traz problematizações dos corpos como *locus* estratégicos, como acontecimentos a sofrer intervenções de todas as suas extensões e conexões políticas que poderia representar. Como podemos verificar na situação descrita entre Procrusto e Pala Atena, mesmo havendo obviedade nas intenções do carrasco, a deusa hesitou em protestar diante do apelo lógico, da razão justificada pelo malfeitor.

O método “procrustiano” e suas estratégias políticas não podem ser descritos somente como um mito, mas devem ser compreendidos em sua extensão de produção discursiva que atravessou séculos e ainda descreve modos de gestão dos engendramentos das biopolíticas: seja no aprisionamento da relação dualista e hierárquica entre alma e corpo e, *a posteriori*, entre mente e corpo, seja por meio das biopolíticas e produções capitalísticas de disciplinas e controles de máxima extração de forças corpóreas ou, ainda, no controle dos corpos pelos processos de estetizações, higienizações, influências midiáticas (moda e consumo) entre outros. Embora não exista, possamos pensar em uma tentativa agenciada do poder-saber-prazer em determinar uma linearidade nos discursos produzidos sobre os corpos; assim sendo, grande parte dos teóricos ainda recorre a alinhamentos históricos binários para dizer sobre como o corpo se tornou o *locus* estratégico de luta e disputas de poderes.

A historiadora Sant’Anna (2001a) indica que, na antiguidade, época que temos como referência para as origens do pensamento ocidental, entre os gregos antigos se pregava uma integração da díade alma-corpo, como compostos pelo equilíbrio orgânico e pela manutenção ecológica, uma vez que a vida social e o bem-estar do corpo necessitavam da harmonia entre o meio ambiente em conexão com o cosmo (entre a Natureza e o Absoluto). O corpo era considerado um microcosmo que habitava a imensidão do macrocosmo.

No entanto, também é na filosofia clássica platônica que se encontrava uma profunda somatofobia em relação ao corpo, pois o homem – ser espiritual ou incorpóreo – estava preso a uma matéria imperfeita e desqualificado da Ideia, ou seja, o corpo era causador da traição da alma e da razão. Mais especificamente, em relação ao corpo da mulher, até então, não aparecia como importante, sendo o mesmo reduzido ou contido no corpo do homem. De acordo com Elizabeth Grosz (2000, p. 49), a filosofia “[...] como disciplina, excluiu subrepticamente a femilidade, e como consequência, a mulher, de suas práticas, através de sua codificação usualmente implícita da feminilidade como desrazão associada ao corpo”.

Nesta época, a filosofia primava pelos estudos restritos aos corpos dos homens, sendo eles a figura absoluta nas discussões filosóficas e no exercício da vida pública. Assim sendo, havia uma invisibilidade da figura feminina enquanto produtora de enunciados no mundo das ideias tanto quanto a problematização das especificidades de suas existências. Nas correlações

mente/corpo e macho/fêmea, associou-se a as representações de ~~homem~~ e mente” e, ~~mulher~~ e corpo”, sendo o segundo alinhamento central para uma inferiorização do corpo e da mulher. Na filosofia clássica, o corpo seguia uma caracterização reducionista e misógina, de matriz unicamente referenciada pela biologia masculinizante.

Nesses estudos filosóficos, compreendia-se o corpo apenas como estrutura, como suporte, um mero plano material para a projeção de instâncias superiores complexas ou dos níveis básicos elementares, isto é, ~~a~~ razão devia comandar o corpo e as funções irracionais ou sensíveis da alma” (GROSZ, 2000, p. 52). Para Grosz (2000), as representações do corpo político se evidenciavam a partir das relações de dominação dos corpos, trazendo discursos ~~harmoniosos~~” na tríade Estado-Família-Indivíduo.

Ainda, na corrente metafísica clássica, a alma era encarada como uma compleição metafísica e divina (dotada de uma infinitude cósmica), sendo uma entidade abstrata e fazendo parte da natureza a-histórica do homem. Esse modelo de distinção matéria/forma foi (re)configurado pelo cristianismo, sendo a ~~alma~~ dada por Deus e uma carnalidade mortal, pecaminosa e lasciva dada ao corpo” (GROSZ, 2000, p. 52). O cristianismo utilizava da analogia do corpo de Cristo para explicar a imortalidade da alma (derivada de Deus) e a finitude do corpo humano (corpo biológico passível de sofrimento, experiências, paixões e um significante do pecado). A alma continuou a ser considerada pura (e por isso que não enganava) e cada vez mais os discursos que asseguravam o corpo enquanto entorpecente das virtudes foi reforçado. Todavia, ao passo que se atacava o corpo, emergiram contraposições que começaram a tecer críticas a esse modelo platônico-cristão-higienista.

Partindo desta discussão, os estudos sobre corpos enquanto arquivos e escritas demonstram como este marcador de análise histórico sofreu por embates filosóficos e experienciais ao longo da história. Assim, Miguel Barrenechea (2002) discorre sobre como os corpos foram condicionados à punição, dizendo que:

O fato de termos corpo é o resultado de uma punição. O corpo: fraco, corruptível, confuso, finito, mortal é um instrumento penal. A corporalidade significa queda, sofrimento e purgação na própria carne de faltas recônditas, cometidas pela alma. A terra, por sua vez, é entendida como o âmbito de expiação desse pecado ancestral. Daí, a teoria da transmigração das almas. Almas que devem transitar repetitivamente, de corpo em corpo, até conseguir, em algum momento, saldar as faltas cometidas. Se voltamos permanentemente à terra, não há qualquer prazer nesse ciclo. O mundo, longe de ser um lugar de prazer, trata-se do teatro da expiação no qual somos jogados cada vez que encarnamos (BARRENECHEA, 2002, p.178-179).

A partir da discussão de onde habita a alma no campo social, encontramos em Foucault (1987) a análise que, em um registro genealógico, a alma “moderna”, enquanto um desdobramento incorpóreo, reativou tecnologias de poder sobre os corpos. Desse modo, o filósofo aponta que a alma, em outra análise possível, não poderia ser abarcada como ilusão ou um efeito ideológico, mas que tem uma realidade produzida permanentemente nas superfícies e interiores dos corpos, funcionando como um dispositivo do poder que age sobre aqueles que são punidos, “[...] sobre os que são vigiados, treinados e corrigidos, sobre os loucos, as crianças, os escolares, os colonizados, sobre os que são fixados a um aparelho de produção e controlados durante toda a existência” (FOUCAULT, 1987, p. 28).

A alma “real e incorpórea” não seria substancial, mas um elemento articulador sobre certos efeitos dos poderes e de relações de saberes e prazeres que reproduzem e reforçam os discursos do próprio poder e, assim, produzem corpos adaptados, conformados, submissos e produtivos para as normativas. Em réplica à proposição clássica escrita em *Fédon*, por Platão, em relação ao binômio alma-corpo – “o corpo é a prisão da alma”, Foucault (1987) partindo de uma perspectiva nietzschiana, em contraposição aos elementos platônicos de caráter mítico e transcendental, aponta uma afirmação provocativa: “A alma, efeito e instrumento de uma anatomia política; a alma, prisão do corpo” (p. 29).

Em continuidade ainda à discussão de paradigma binário, o corpo emergiu como uma categoria de análise inaugurada no século XVII, pelo pensamento filosófico trazido por René Descartes. Na criação do método cartesiano, o racionalismo moderno torna o corpo como um instrumento da ciência, uma máquina automotora, um artifício mecânico a ser minuciosamente explorado e dissecado em busca de uma verdade científica. Se outrora o corpo respondia ao dualismo alma-corpo, agora o seu *status* de verdade passa por verificação de princípios passíveis de uma interpretação mecânica do mundo físico; a natureza do corpo se bifurca em uma divisão fundamental de dois reinos, de duas concepções independentes: uma substância pensante (*res cogitans* - mente) e uma substância de matéria expandida (*res extensa* - corpo). Sobre o exposto, José Carlos Rodrigues (1999) analisa as materialidades descartáveis dos corpos humanos, referenciados pelas proposições cartesianas, indicando que:

Tal dicotomia foi premissa indispensável para se chegar a conceber que alguma coisa do humano ou mesmo qualquer fração do mundo pudesse ser considerada como resíduo, sobra. Na visão cartesiana, o corpo não passava de um cadáver e o próprio Descartes, em suas *Méditations*, foi bem explícito nesta comparação ao afirmar que o corpo não é senão aquilo que sobra da vida de uma alma (RODRIGUES, 1999, p. 60).

No trabalho escrito por René Descartes (2001) – O Discurso do Método, originalmente de 1637, o pensamento –“Cogito, ergo sum” (“Penso, logo existo”); ou ainda –“Dubito, ergo cogito, ergo sum” (“Eu duvido, logo penso, logo existo”) propõe a fundamentação do conhecimento baseada no ceticismo, de maneira a confrontar as produções de saberes clássicos e renascentistas. Descartes (2004) afirma em –“Meditações sobre filosofia primeira” em sua –“Segunda Meditação” que “[...] dever-se-ia concluir que todas as coisas que se concebem clara e distintamente como substâncias diversas, assim como a mente e o corpo são concebidos, são deveras substâncias realmente distintas uma da outra [...]” (p.37). No entanto, em sua –“Sexta Meditação”, o autor analisa que essa separação era difícil para compreender, pois mesmo a mente se distinguindo do corpo, “[...] ela está com ele tão estreitamente conjugada que é como se compusessem uma só coisa”. (DESCARTES, 2004, p.151).

A disjunção entre mente e corpo trazida por Descartes também propôs a ruptura do entendimento e conexão entre sujeito e pensamento, estabelecendo propriedades específicas e não polifônicas entre filosofia e ciência, demandando à primeira os processos de pensamentos e para a ciência (onde ele se localizava) a objetificação das coisas e dos fenômenos. O isolamento e as especialidades das áreas culminaram na desvinculação dos estudos sobre as corporalidades, sobre as produções de subjetividades e a intersseccionalidades entre os saberes e suas construções necessárias.

Contrário ao pensamento cartesiano, Foucault (1999), em –“As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas” observa que enquanto o discurso clássico perdurou, ou ainda, enquanto a história natural não se tornava biologia, as discussões sobre o *cogito* não podiam ser articuladas, pois a ideia de *cogito* dizia respeito não apenas ao pensar/duvidar, mas a uma constatação na relação entre causa e efeito, baseada em fatos tácitos e inteligíveis. Neste período histórico, o corpo se evidencia como uma construção humana, momento em que o homem se destaca dos outros seres por produzir um domínio e intervenções específicas.

É também nessas produções que o homem moderno<sup>13</sup> – aqui a ideia de mulher também se encontra ausente, prevalecendo uma leitura falocêntrica - se torna o mediador do

---

<sup>13</sup> A utilização do termo –“homem moderno” faz referência a dois conceitos bastante utilizados por autores citados: *homem* e *moderno*. Entretanto, vale ressaltar que a categoria –“homem”, nesta tese, não será ressaltada como um imperativo hierárquico de sexo/gênero, ou seja, um conceito que se apóia em construções misóginas, falocêntricas, patriarcais, machistas, binárias, homofóbicas e colonizadoras. Os entendimentos masculinistas das produções de conhecimentos científicos são reforçados com a ideia do sujeito da Renascença e do Iluminismo, ocasião em que o substantivo homem é posto sempre em maiúsculo (Homem). Neste momento se evidencia as produções de subjetividades normatizadas (portanto, de conhecimento) a partir de uma matriz do sexo macho/homem/masculino. Ainda, por excelência gramatical, a língua portuguesa mantém um caráter sexista em seu idioma, mantendo as especificidades de gêneros resguardadas no gênero masculino. Em –**As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**”, Foucault (1999) discorre que a ideia de –“homem” se tornou

deslocamento do passado (período clássico) em projeção ao futuro, entre outros reinos da natureza, ou seja, marcando uma fundamentação epistemológica, onde os fenômenos do mundo deveriam passar pelo elemento central da produção de conhecimento – o crivo da razão científica. Nas palavras de Foucault, o “[...] homem aparece com sua posição ambígua de objeto para um saber e de sujeito que conhece” (FOUCAULT, 1999, p. 430).

Ainda, neste período, iniciaram-se a “profanação” e esquadrinhamento da carne humana (ideia muito bem aceita pelos estudos iluministas no século XVIII), com práticas de dissecação da anatomia que foi fragmentada, minuciosamente, em órgãos, tecidos e, logo em seguida, em células, partículas e átomos. A intervenção do homem/mulher não estava apenas na natureza e nos animais; mas buscava também, nos iguais de sua espécie, um modo de experimentações e outras produções de saberes. Grosz (2000), em sua análise crítica, diz que o que Descartes propôs foi, de fato, a separação entre alma (substância privada/subjetiva/invisível) e natureza (substância pública/objetiva/visível), uma vez que se o corpo é considerado como parte do mundo natural, ele seria governado por suas leis físicas e exigências ontológicas. Ainda, segundo Grosz (2000), a discussão do pensamento dicotômico não diz respeito [...]

[...] a dominação do par (algum tipo de problema inerente ao número dois); é antes o *um* que o torna problemático, o fato de que o *um* não pode admitir outro independente, autônomo, em relação a si. Toda alteridade é moldada como o mesmo, com o termo primário agindo como o único termo autônomo ou pseudo-autônomo. O *um* não permite dois, três, quatros. Ele não tolera nenhum outro. Para ser *um*, o *um* deve criar uma barreira ou limite em torno de si, caso em que necessariamente se envolve no estabelecimento de um binarismo – dentro/fora, presença/ausência (GROSZ, 2000, p. 47).

A descrição supracitada contribui para a emergência de um *eu* ou de uma identidade limitada à ideia de estrutura, o que por sua vez favoreceu, no século XIX, a emergência e determinação do conceito de indivíduo – aquilo que se torna indiviso, absoluto e totalizado. A pesquisadora Grosz (2000) analisa ainda que o pensamento dicotômico precisa hierarquizar e classificar dois termos polarizados para existir, pois, nesta relação, para que um termo seja privilegiado, necessariamente precisa que o outro seja/esteja subordinado, negativado, minorizado, privado. Em suma, o termo dominante, nesta disputa assimétrica, estabelece fronteiras que o qualificam e tornam o termo inferior desacreditado.

---

um conceito criado a menos de dois séculos e que precisa ser superado e, logo desaparecerá, pois esse constructo é um modelo empobrecido de análise frente a pluralidade interseccional das existências que habitam os sujeitos. Já a ideia de moderno/modernidade será apresentada/discutida na seção 2.4.2. –Em um mundo de contornos fragmentados, quem precisa de identidade para performar?”.

Esse modo de pensar binarizou e intercambiou a relação de outras problematizações. Por exemplo, razão e paixões, sensatez e sensibilidades, transcendências e planos de imanências, psicologia(s) e fisiologia e, assim, também podemos dizer sobre outras tensões que adjetivam e (des)qualificam o(a) humano(a) enquanto diverso(a)/múltiplo(a).

Essa configuração fica mais nítida no embate de forças entre ~~–Eros e Psiquê~~”, no qual o corpo ficou, em contrapartida, subordinado à mente. Grosz (2000) pondera que essa hierarquização fez com que os corpos fossem codificados e tradicionalmente desvalorizados e vistos como algo ~~–~~não-histórico, naturalistas, organicistas, passivos, inertes [...] (p. 49)”, ou seja, os corpos entendidos como algo bruto que deve ser operado pela mente, de modo que supere a sua conexão com a natureza e animalidade.

Porém, o método dualista cartesiano não conseguiu resolver as indagações filosóficas problematizadas: Como duas substâncias distintas (mente e corpo) - mutuamente exclusivas, incompatíveis e não miscíveis - interagem e se conectavam? Como a mente governava o corpo, em sua motricidade e comunicação de necessidades e desejos? Como eram feitas essas transposições?

Grosz (2000) indica que o reducionismo (dos termos binários) nega qualquer possibilidade de explicação entre mente e corpo. Se o racionalismo e o idealismo tentam explicar o corpo por termos da mente/ideia/razão, também é encontrado o seu oposto no empirismo e materialismo, na busca de explicar a mente a partir de experiências corporais ou da matéria (nesses estudos a mente é igualada ao cérebro e/ou sistema cerebral).

Nas pesquisas sobre corporalidades, o corpo é estudado por diversas vertentes que ora se convergem e se complementam, ora se divergem e se distanciam. Nas ciências naturais e da saúde, o corpo pode ser visto como objeto biológico interessante para se verificar os funcionamentos orgânicos/fisiológicos e instrumentais físicos. Já nas ciências humanas, como produto transformado socialmente, onde podemos encontrar: o interesse da psicologia pelos estudos das emoções, sentimentos, sensações, afetos, experiências e atitudes; o interesse da filosofia pelas implicações do estatuto e epistemologia dos corpos e; o interesse das ciências sociais etnográficas em analisar as variabilidades e transformações socioculturais sofridas pelos corpos.

Nesta tese, buscarei mapear análises de saberes híbridos e transitórios que poderão problematizar a temática proposta - estudar modos de produção singular dos corpos e as resistências possíveis. No entanto, para se chegar às discussões das singularidades, das dissidências e resistências, seria impossível não questionar anteriormente: ~~–~~Θ que fizeram de nós? O que fizeram de nossos corpos para que se tornassem/tornem descartáveis? Quais

políticas regem os corpos? Quais políticas regem as produções de vidas e de todos os componentes que nelas coexistem?”.

A partir do pensamento moderno, posterior a Descartes, evidenciou-se a instauração da ciência como uma instituição agenciadora e mediadora da razão. Então, o corpo sofre uma apropriação utilitarista e reducionista, subordinada às estruturas sociais que representavam a mente e o conhecimento/saber. No entanto, como bem nos lembra Foucault, o corpo – como produto sócio-histórico, cultural e político - despertou interesse em muitas outras áreas de produção de conhecimentos, a saber:

Os historiadores vêm abordando a história do corpo há muito tempo. Estudaram-no no campo de uma demografia ou de uma patologia históricas; encararam-no como sede de necessidades e de apetites; como lugar de processos fisiológicos e de metabolismos, como alvos de ataques microbianos ou de vírus; mostraram até que ponto os processos históricos estavam implicados no que se poderia considerar a base puramente biológica da existência; e que lugar se deveria conceder na história das sociedades a —acontecimentos” biológicos como a circulação de bacilos, ou o prolongamento da duração da vida (FOUCAULT, 1987, p. 25).

Recorremos, então, ao clássico texto —As técnicas corporais”<sup>14</sup> do sociólogo e antropólogo Marcel Mauss (1974), que indica que, ao longo da história, existiram técnicas corporais impostas (duramente) e assimiladas que incidiam nos controles e disciplinas dos corpos, seja por meio da educação alimentar, postural, religiosa e moral<sup>15</sup>, sexual<sup>16</sup>, assepsias<sup>17</sup> e biodeterminismos<sup>18</sup>, ou seja, pelas outras inúmeras técnicas convencionadas.

Remeter-se à história das expressões corporais seria se debruçar lentamente pelos processos civilizatórios, por meio de seus procedimentos, técnicas, por práticas sociais que consideraram os corpos como importantes acontecimentos a serem explorados, investidos. As corporalidades funcionariam como produtos culturais a serem adestradas, dominadas, privatizadas, inibidas em suas espontaneidades, prazeres e usos. Além disso, deveriam ser

<sup>14</sup> Consta em nota de rodapé do texto: —(\*) Extraído do **Journal de Psychologie**, XXXII, nº 3-4, 15 de março – 15 de abril de 1936. Comunicação apresentada à Société de Psychologie em 17 de maio de 1934 (MAUSS, 1974, p. 209).

<sup>15</sup> Ver: BOLOGNE, Jean Claude. **História do pudor**. Trad. Telma Costa. Rio de Janeiro: Elfos; Lisboa, Portugal: Teorema, 1990.

<sup>16</sup> Ver: FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 16. ed., Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005.

<sup>17</sup> Ver: VIGARELLO, Georges. **O limpo e o sujo: a higiene do corpo desde a Idade Média**. Trad. Isabel St. Aubyn. Lisboa, Portugal: Fragmentos, 1988.

<sup>18</sup> Ver: FERLA, Luis. **Feios, sujos e malvados sob medida: a utopia médica do biodeterminismo**, São Paulo (1920-1945). São Paulo: Alameda, 2009.

exibidas, corrigidas e produzidas por práticas socioculturais que ditavam a educação das gestualidades.

Estabelecido e mantido em nome da moral, da tradição e, portanto, em nome da civilização, os corpos foram mensurados e transformados em algo a ser dominado, disciplinado, controlado e investido, sempre visada a sua adaptação às exigências dos modos sociais de organizações, manutenções e (re)produções de vidas restritas ao biopoder e suas regulações biopolíticas, ou seja, vidas cerceadas por procedimentos gerados e advertidos pelo Estado e pelo desejos de normas.

A partir do exposto, procurarei de maneira didática, organizar a construção deste capítulo em 4 marcos temáticos e teóricos fundamentais, em “4 quadros” em movimentos transitórios” para resgatar uma breve historicidade dos corpos de modo legítimo, baseados em critérios históricos e críticos. Necessário, portanto, lançar mão de uma montagem genealógica dos corpos, pois seria presunção fazê-lo em poucos escritos.

Aqui, busquei seguir a poética de Deleuze e Guattari (1992), quando analisam o plano de composição estética da arte e também das ciências e das filosofias. Para os autores, a arte dos pintores não se reduz ao que fica “dentro” das molduras dos quadros, pois cabe aos artistas captarem e expandirem blocos de *perceptos* e *afetos*, enfim, o campo das sensações a partir de suas produções.



**Imagem 03:** Reuber Mattos fotografado por Renan Brandini Comin.

O plano técnico e suas matérias são insuficientes para pensar produções artísticas ou monumentos/acontecimentos. Assim sendo, os autores explicam:

A moldura ou a borda do quadro, é em primeiro lugar, o invólucro externo de uma série de molduras ou de extensões que se juntam, operando contrapontos de linhas e cores, determinando compostos de sensações. Mas o quadro é atravessado também por uma potência de desenquadramento que o abre para o plano de composição ou um campo de forças infinito (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p. 242).

Dessa forma, podemos pensar que a ideia de “quadros em movimentos transitórios” utilizada neste capítulo seria uma metáfora que funcionaria de três formas. A *primeira*, que o que escrevo neste capítulo será uma invenção, uma forma possível de (re)montar a historicidade das corporalidades com base de estudos genealógicos foucaultianos, em seu cuidado teórico em analisar “como...” e “para quê...?” os corpos foram elevados a *locus* estratégicos para executar procedimentos disciplinares e de controle.

A *segunda*, de nos lembrar de que os acontecimentos ocorrem de modo desalinhados e ao acaso, não sendo possível precisar uma data cronológica exata, assim como não podemos precisar o desaparecimento de práticas recorrentes desses acontecimentos. O que é certa é a possibilidade de avanços, retrocessos e referências a partir dos fatos, sendo as divisões elaboradas - em “quadros”, meramente demarcatórias, não determinantes na existência dos fluxos de exercícios do poder.

Na *terceira* e última forma, a ideia de “quadros em movimentos transitórios” diz respeito às composições éticas e estéticas de escritas com as multiplicidades de conexões, de planos híbridos, que não se findam ou iniciam pela marca da *moldura*, mas estão vazados além-moldura dos *quadros*. Salienta-se que este posicionamento se torna importante, pois não se busca o *status* de verdade, mas um modo criativo e plausível de realizar problematizações teóricas. Essa construção adquire um papel político e central, como será possível perceber ao se elencar e colocar em destaque quatro eixos históricos que balizaram as representações, as percepções e as utilidades das corporalidades nas sociedades ocidentais.

Em outras palavras, para tematizar *corpo* se faz necessário partir do engendramento histórico proposto por apontamentos genealógicos foucaultianos<sup>19</sup>. A perspectiva genealógica pode ser compreendida como uma estratégia que busca nas práticas discursivas os modos de subjetivação constituintes de acontecimentos e agenciamentos produzidos a partir daquele

---

<sup>19</sup> Gostaria de salientar que não pretendo realizar uma genealogia do corpo, no entanto, recorro aos estudos, leituras e posicionamentos com bases genealógicas a partir do pensamento do filósofo Michel Foucault.

período histórico. Michel Foucault (2003b), partindo da tríade poder-saber-sujeito (ou seja, no campo político da produção dos sujeitos), propõe a genealogia como um posicionamento frente à emergência e proveniência de fatos históricos, evidenciando que os mesmos são construídos socialmente pelo(a) homem/mulher, portanto, não garantindo lugar à causalidade, ao naturalismo, ao essencialismo, ao universalismo.

Desse modo, a perspectiva genealógica encara o/a homem/mulher como produtos/produtores e produtoras atravessado(a)s por uma série de processos sociais, culturais e políticos que se desvinculam das matrizes paradigmáticas que concebem o homem/mulher como essência, estrutural, natural, a-histórico (RABINOW & DREYFUS, 1995).

## 2.1 “MARCHA SOLDADO, CABEÇA DE PAPEL...”<sup>20</sup>: POR UM CORPO DISCIPLINADO(R)



**Imagem 04:** Reuber Mattos fotografado por Renan Brandini Comin.

Pela janela do quarto/ Pela janela do carro  
Pela tela, pela janela/ (quem é ela, quem é ela?)  
Eu vejo tudo enquadrado/ Remoto controle [...]  
(Esquadros - Adriana Calcanhoto)

<sup>20</sup> Letra de cantiga de roda infantil que dissemina explicitamente a disciplina e a punição.

[...] há tantos quadros na parede  
há tantas formas de se ver o mesmo quadro  
há palavras que nunca são ditas  
há muitas vozes repetindo a mesma frase:  
(ninguém = ninguém) [...]

(Ninguém = Ninguém – Gessinger/Engenheiros do Hawaii)

A onipresença do poder não se compõe de modo organizado e advindo de uma instância “superiora” que age de forma apenas interditiva/repressora. Ao contrário, as redes criadas pelo poder o coloca no *lugar nenhum*, na impossibilidade de sua localização e de ser capturado e identificado, pois o poder “está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares” (FOUCAULT, 2005a, p. 89). A invencibilidade do poder não está no seu privilégio de poder agrupar uma unicidade, mas nas suas estratégias em se produzir a todo o momento, de modo dinâmico, em todos os pontos e em todas as relações.

Assim, o “primeiro ‘quadro’ em movimento transitório” inicia a análise a partir do capítulo “Direito de Morte e Poder sobre a Vida”, componente integrante da obra “História da sexualidade 1: a vontade de saber” em concomitância com o livro “Vigiar e punir: nascimento da prisão”. Na primeira obra, Foucault (2005b) denunciou os discursos disciplinares em torno das sexualidades, dos territórios dos prazeres, dos afetos e dos desejos, dos estilos de vida, portanto, das corporalidades. Anunciou também os investimentos do poder sobre as vidas, que se desenvolveram, principalmente, de dois modos: a primeira, a partir do século XVII, focando os corpos mecânicos, como máquinas, que deveriam ser adestrados, exauridos de suas forças, concomitante a docilidade destes corpos pelas estratégias disciplinares (anátomo - política do corpo). A segunda maneira, já nos meados do século XVIII, centrava no corpo enquanto sustentáculo de processos biológicos, no que tange a natalidades e mortalidades, graus de saúde, longevidade, ou seja, controle das populações por meio de biopolíticas.

Nesta mesma ocasião, Foucault (2005b) (re)monta a gestão antecessora sobre a vida e morte das populações determinada pelo soberano, momento em que a potencialização dos suplícios e das sentenças de morte (até o século XVII) foram gradualmente substituídos por regulações e disciplinarização dos corpos; a partir de então, os investimentos não mais estavam relacionados apenas às mortes, mas nos investimentos e nas gerências sobre as vidas - social e privada.

Se anteriormente, as técnicas de aniquilamento das pessoas eram apresentadas de modo “soberano” e representadas nas figuras do monarca, do imperador, nas caricaturas da realeza, começa-se a haver um modo de gestão das populações e dos indivíduos por meio de sensíveis “astúcias” dotadas de um grande poder de difusão, arranjos sutis, de aparência

inocente, mas profundamente suspeitos, dispositivos que obedecem a economias inconfessáveis [...]” (FOUCAULT, 1987, p. 120). A atenção redobrada se atentou aos detalhes e minúcias de uma rede articulada de poder – uma microfísica do poder que rejeitava a grandiosidade majestosa das coerções dos soberanos no campo social. Neste período, marcava-se a passagem de mecanismos históricos, como diz Foucault (1987), o aparecimento de outra anatomia política do corpo humano, clarificando que:

—O momento em que passamos de mecanismos histórico-rituais de formação da individualidade a mecanismos científico-disciplinares, em que o normal tomou o lugar do ancestral, e a medida o lugar do status, substituindo assim a individualidade do homem memorável pela do homem calculável, esse momento em que as ciências do homem se tornaram possíveis, é aquele em que foram postas em funcionamento uma nova tecnologia do poder e uma outra anatomia política do corpo” (FOUCAULT, 1987, p. 161).

Em *Vigiar e Punir*, Foucault (1987) expressou a ruptura com o método arqueológico anteriormente empregado, e narrou em sua genealogia do “nascimento da prisão”, uma nova estratégia de poder, em um novo contexto social - a criação do *indivíduo*, ser assujeitado que necessitava de vigilância constante e eficiente para interiorizar as disciplinas dispostas a favor de um “corpo dócil”, ou seja, “[...] que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (p 118). Assim, as forças do campo político engendradas sutilmente pelas tramas de poder, tinham ação imediata sobre o corpo, pois elas:

[...] o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica; é, numa boa proporção, como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e de dominação; mas em compensação sua constituição como força de trabalho só é possível se ele está preso num sistema de sujeição (onde a necessidade é também um instrumento político cuidadosamente organizado, calculado e utilizado); o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso. Essa sujeição não é obtida só pelos instrumentos da violência ou da ideologia; pode muito ser direta, física, usar a força contra a força, agir sobre elementos materiais sem no entanto ser violenta; pode ser calculada, organizada, tecnicamente pensada, pode ser sutil, não fazer uso de armas nem do terror, e no entanto continuar a ser de ordem física (FOUCAULT, 1987, p. 25-26).

De acordo com Foucault (1987, p. 132), com o corpo “tornando-se alvo dos novos mecanismos de poder, oferece-se a novas formas de saber” e estabeleceram-se distinções e hierarquizações individuais a partir de graus de normalidades que possibilitam a fixação de identidades, diferenças e desvios. Numa sociedade disciplinar, é mais individualizado aquele

sobre quem o poder se exerce mais claramente – o desviante, o anormal, o lado negativado do binário social (a quem deve se utilizar seu corpo exaustivamente de modo a tornar eficientes os seus gestos. Foucault enfatiza em seu texto —Prisões e revoltas nas prisões” que:

Para que o homem transformasse seu corpo, sua existência e seu tempo em força de trabalho, e a pusesse à disposição do aparelho de produção que o capitalismo buscava fazer funcionar, foi preciso todo um aparelho de coações; e me parece que todas essas coações que atingem o homem desde a creche e a escola o conduzem ao asilo de velhos passando pela caserna, sempre a ameaçá-lo – “Ou bem você vai para a usina, ou bem você encalha na prisão ou no asilo de alienados!” -, à prisão ou ao hospital psiquiátrico, todas essas coações estão referidas a um mesmo sistema de poder (FOUCAULT, 2003c, p. 67).

Nesse jogo estratégico, por meio do dispositivo disciplinar do biopoder e suas regulações biopolíticas, o poder lançou seus investimentos nos corpos para a defesa e ataque pelo Estado (guerra, segurança, conquista de territórios, tomada de poderes entre outros embates geo-políticos) e controle da população de seus “soldados” (saúde, sexualidades, economias), assim como se debruçou firmemente sobre os corpos de trabalhadores(as) a serem execrados(as) pelos labores alienados e alienantes. Os assujeitados foram alinhados e organizados em séries, de maneira a serem programadas as suas atividades, os espaços e territorialidades a serem ocupados por eles e a o cotidiano permitido para viverem a partir da vida funcional monitorada para a produção. Para Foucault:

As instituições disciplinares produziram uma maquinaria de controle que funcionou como um microscópio do comportamento; as divisões tênues e analíticas por elas realizadas formaram, em torno dos homens, um aparelho de observação, de registro e de treinamento (FOUCAULT, 1987, p. 145).

Dessa forma, a biopolítica descrita pelo autor, como prática política de apreensão social coletiva dos corpos dos indivíduos, precisou articular discursos e práticas em conexão com outros instrumentos de controles políticos (como por exemplo, os interesses da burguesia; da instituição medicina; da indústria farmacêutica; dogmas religiosos, políticos partidários, jurídicos e morais) e outros dispositivos disciplinares (como por exemplo, o dispositivo de sexualidade(s), a que acrescentarei, os dispositivos de gêneros).

A sociedade disciplinar e suas tramas multi-articuladas, com meandros e arranjos sutis se difundiam e percorriam todos os espaços do campo social, tornando-se proprietária dos corpos - objetivados e assujeitados - e produzindo assim, uma microfísica do poder que se potencializou com a emergência da expansão do capitalismo e dos processos de

industrialização. Neste contexto, Foucault analisou que o controle social sobre os indivíduos não se operou somente pela consciência e pela ideologia, mas iniciou “[...] no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política” (FOUCAULT, 2003d, p. 80).

Esses modos de organização social disciplinares estavam diretamente calcados num novo tipo de poder, que tem no corpo o alvo central do seu exercício, produzindo modos de pensar, modos de agir, ou seja, produzindo processos de subjetivação<sup>21</sup>. Guattari (1993) em seu texto “Da produção da subjetividade” problematizou que a partir do século XVIII, o crescente desequilíbrio nas relações humanos/máquinas fez com que homens e mulheres tivessem as suas referências entre corporeidades físicas e sociais profundamente perturbadas, pois o “[...] universo de referência do novo cambismo generalizado, não será mais uma territorialidade segmentária, mas o Capital como modo de reterritorialização semiótica das atividades humanas e das estruturas convulsionadas pelos processos maquínicos” (GUATTARI, 1993, p. 184-185). Ou seja, o Capital incidiria sobre os saberes econômicos e tecnológicos as conduzindo a uma generalização dos modos de valorização dos bens e das atividades humanas, conseqüentemente, sobre os corpos e suas modelações e totalizações absolutas.

No período da Revolução Industrial, no século XVIII, o corpo humano é convocado com toda a sua inventividade e produtividade a ser explorado pela sistematização da força do seu trabalho, visando que esse esforço fosse transformado em capitalização. Encontramos em Guattari (1993) que o processo histórico de socialização e uso do potencial humano para o trabalho fez com que fossem criados mecanismos de controle dos corpos para o aumento dos rendimentos físicos nas longas jornadas de trabalhos “escravos”, porém, consentido pela lógica assalariada. A regulação capitalista ocorre na manipulação do tempo por meio de “máquinas cronométricas que levarão ao esquadrinhamento tayloriano da força de trabalho” (GUATTARI, 1993, p. 185), dismantelando os ritmos corpóreos espontâneos anteriores às técnicas esquadrinhadas de maximização das forças de trabalho.

O modelo capitalista de gestão da vida nos captura por uma lógica mercantilista de tamanha grandeza, que exaure nossas forças a ponto de não permitir que façamos análises além dos componentes da meritocracia, da devoção ao mundo do trabalho, da competitividade

---

<sup>21</sup> Embora a problematização da produção de subjetividades insurja como necessária nas discussões sobre o uso dos corpos pelo “Capital” e pelos modos de produção do trabalho – escolhi discorrer sobre esse conceito na seção 2.4 “Manifesto dos Corpos (Trans)bordantes”: Sobre Híbridos, Nomadismos, Tecno-corporalidades e Processos de Subjetivação.

acirrada e do desejo de consumo. A força do capital penetra nossos corpos e em todas as instâncias produtivas da vida pública quanto privada.

No entanto, o capitalismo não é uma entidade de poder totalizado. Em seus movimentos de disciplina e controle ocorrem rupturas que, algumas vezes, surgem processos criativos (a serem capturados) quanto processos de desobediências que podem ser acolhidos por um coletivo pensante.

## 2.2 “ENTRE MARGENS E LINHAS”: MOVIMENTOS SOCIAIS E CORPORALIDADES (DES)OBEDIENTES



**Imagem 05:** Reuber Mattos fotografado por Renan Brandini Comin.

[...] We don't need no education/ We dont need no thought control  
 No dark sarcasm in the classroom/ Teachers leave them kids alone  
 Hey! Teachers! Leave them kids alone!/ All in all it's just another brick in the wall.  
 All in all you're just another brick in the wall [...]  
**(Another Brick In The Wall - Pink Floyd)**

Enquanto os homens exercem seus podres poderes  
 Índios e padres e bichas, negros e mulheres  
 E adolescentes fazem o carnaval  
 Queria querer cantar afinado com eles  
 Silenciar em respeito ao seu transe, num êxtase  
 Ser indecente mas tudo é muito mau [...]  
**(Podres Poderes – Caetano Veloso)**

O poder enquanto produtor, incitador, transformador e moldador de corpos, também produziu resistências aos assujeitamentos as guerras e para os trabalhos (des)humanos, uma vez que seu modo desordenado e desordeiro de agir nos corpos, algumas vezes, faz nascer multiplicidades de resistência e fuga (MACHADO, 2003, p. XIX).

Essa multiplicidade que habita os humanos pode aceder apenas como alvo do poder, mas também produzir resistências e, assim, tornando possíveis as dizibilidades e visibilidades sobre os modos de olhar, pensar, agir das biopolíticas e das estratégias do biopoder que, aos poucos, foram sendo denunciadas em suas maquinações e procedimentos de disciplina e controle.

O “segundo ‘quadro’ em movimento transitório” será caracterizado pelo embate de forças, principalmente em resistência ao anunciado no “quadro” anterior. Era o período dos pós-guerras mundiais e pós-industrialismo (década de 1950-1960), momento em que se ressaltava o *boom* econômico estadunidense e a produção de eletrodomésticos e tecnologias eletrônicas a serem consumidas em grande escala. Período marcado também pela emergência de movimentos importantes para a história da humanidade como, por exemplo, a Contracultura, a Revolução Cultural (*Pop Art*), a revolta do corpo sexual (liberação sexual), os ideais promulgados pelo Levante de *Stonewall* nos EUA, pelo movimento francês *Liberdade, Igualdade e Fraternidade* e outros anúncios trazidos no ano de 1968, sobretudo, a insurgência de movimentos sociais que buscavam a emancipação promulgada pelos Direitos Humanos - contrários à desigualdade econômica, política, cultural, racial/étnica, sexual e de gênero. Na Europa, na América do Norte e também na América Latina eclodiam lutas sociais de enfrentamento ao racismo, a homofobia, ao moralismo cristão, aos regimes ditatoriais e hegemônicos de governo e, de apoio aos direitos do mundo do trabalho, defesa dos animais e do meio ambiente e apoio ao feminismo.

Em relação ao corpo, houve investimentos iniciais sobre a saúde e bem-estar corporal. Na mídia e nas discussões universitárias eram anunciadas “milhares de imagens e de discursos sobre a beleza corporal, o cotidiano sexual e alimentar de jovens e idosos apostavam na liberação do corpo face a antigos pudores morais” (SANT’ANNA, 2000a, p. 51).

O slogan “*Sexo, Droga e Rock n’ Roll*” representado no musical hippie *Hair*<sup>22</sup>, era uma resposta clara à domesticação e docilidade dos corpos para as guerras (Vietnã) e a acelerada captura dos sujeitos para os trabalhos alienados (industrialização e produção em excesso de eletrodomésticos). Também se salienta no mesmo slogan, a busca sensorial mediada pelos corpos e incitada pelo uso de drogas lícitas e ilícitas, experiências sexuais plurais - divergentes da padronização heteronormativa e, por fim, a vivência dos movimentos corporais e/ou alcance do que eles entendiam como “*Nirvana*” por meio das músicas que negavam o modelo *American Way of Life*.

Especificamente no Brasil, o Tropicalismo despontou como um movimento revolucionário e artístico que denunciava as proibições dadas pelo autoritarismo vigente no período da ditadura e, propunha também estilos de existências muito próximas dos ideais trazidos pelos movimentos emancipatórios e afirmativos. “É proibido proibir!” bradava Caetano Veloso nos festivais de música popular brasileira.

Um dos movimentos plurais, caracterizado como *underground*, bastante expressivo neste período foi a Contracultura. Este movimento é descrito por Luís Carlos Maciel e citado por Carlos Alberto Messeder Pereira em seu livro “Que é Contracultura”:

O termo ‘contracultura’ foi inventado pela imprensa norte-americana, nos anos 60, para designar um conjunto de manifestações culturais novas que floresceram, não só nos Estados Unidos, como em vários outros países, especialmente na Europa e, embora com menor intensidade e repercussão, na América Latina. Na verdade, é um termo adequado porque uma das características básicas do fenômeno é o fato de se opor, de diferentes maneiras, à cultura vigente e oficializada pelas principais instituições das sociedades do Ocidente. Contracultura é a cultura marginal, independente do reconhecimento oficial. No sentido universitário do termo é uma anticultura. Obedece a instintos desclassificados nos quadros acadêmicos. [...] Pode-se entender contracultura, a palavra, de duas maneiras: a) como um fenômeno histórico concreto e particular, cuja origem pode ser localizada nos anos 60; e b) como uma postura, ou até uma posição, em face da cultura convencional, de crítica radical. No primeiro sentido, a contracultura não é, só foi; no segundo, foi, é e certamente será (MACIEL apud PEREIRA, 1988 p.13-14).

O posicionamento contracultural serviu como uma alternativa de resistência, um contra-ataque aos padrões e comercializações da Cultura e críticas discursivas aos modelos identitários e comportamentais. Suas contestações eram direcionadas, principalmente, aos meios de comunicação de massa, focando nas transformações sociais ocasionadas pelos

---

<sup>22</sup> Referência: FORMAN, Milos (diretor). **Hair**. USA/West Germany: MGM (distribuição). DVD colorido, 1979 (121 min.).

controles e interdições do Estado na vida das diferentes expressões e estilos de vidas singulares. As atuações contraculturais aconteciam e eram manifestadas, principalmente, por intervenções públicas, em seus estilos visuais gritantes no intuito de chocar a opinião pública composta de olhares disciplinado(re)s. Geralmente esses agrupamentos eram formados na quase totalidade por jovens que se organizavam em shows de *hardcore* e *anarco-punks* e confeccionavam *fanzines* para a divulgação de suas idéias, valores e utopias e, muitas vezes, as causas anarquistas.

A Contracultura favoreceu e possibilitou a criação da pluralidade de tribos urbanas e outros grupos identitários com estilos excêntricos de contestações estéticas e filosóficas das normativas sociais vigentes, como podemos observar:

*Punks*, artistas de vanguarda, o movimento *hip-hop*, ativistas antiglobalização e anarquistas Black Bloc, tecnoculturalistas leitores de *Wired* e hackers, ligados na cultura clubber, rappers conscientes, psicodelistas educados, Burning Man, modernos primitivos com implantes e piercings de aço pendurados em cada órgão, habitantes do submundo sexual, pagãos, acadêmicos pós-modernos, funkeiros, adeptos da New Age, *riot grrrls*\*, desertores, freqüentadores de raves, *dreadsters*, zen-budistas, gnósticos, iconoclastas solitários, vagabundos, poetas performáticos, góticos, abraçadores de árvores, libertinos e libertários – todos algumas vezes definidos (e autodefinidos) como contraculturais (GOFFMAN & JOY, 2007, p.48).

A lista dos ditos seres contraculturais iniciou-se na década de 1960 e se ampliou ao longo dos dias atuais, mas poderíamos perguntar: Quem pode ser um emissor do legado da Contracultura? As idéias trazidas por Ken Goffman e Dan Joy (2007) e Edgar Morin (1990) analisam que os focos e traços dos movimentos da Contracultura, assim como das revoluções propostas desde a década de 1960, foram originados no mundo *underground*, à margem dos componentes da cultura de consumo e asséptica. Entretanto, os autores supracitados também evidenciam que houve ressonâncias acerca das penetrações e capturas, gradualmente, por parte das culturas massificadas. Essas condições podem ser analisadas pela apreensão do capital que englobou diversos significados trazidos da Contracultura para a cultura midiática, da moda e outros aspectos da cultura de consumo e descarte.

No entanto, se nos atentarmos às contribuições dos movimentos contraculturais podemos observar que eles se acoplaram com outras lutas, e como característica em comum, [...] são sintomas de nossas sociedades, e todos causam impacto nas estruturas sociais, em diferentes graus de intensidade e resultados” no intuito de transformações sociais (CASTELLS, 1999, p. 95).

Neste período histórico, muitas mudanças ocorriam em todas as instâncias da vida social, no entanto, os modelos binários que regiam as vidas sociais e, principalmente relacionadas às sexualidades, aos gêneros, às corporalidades e as práticas sociais singulares, ainda eram pensados a partir dos modelos masculinistas, machistas e fixados nas categorias atribuídas pelas ciências médicas, psicológicas e higienistas. Os termos binários pregavam a supremacia dos corpos masculinos sobre os corpos femininos (que ainda eram classificados a partir da anatomia e fisiologia que os diferenciavam em força e inteligência (NICHOLSON, 2000; WELZER-LANG, 2001). O dualismo ~~macho~~” e ~~fêmea~~” como categorias estanques atribuídas e definidas por bases teóricas das ciências naturalistas começaram a ruir com as indagações trazidas pelo movimento e teorias feministas que insurgiam contra os pilares misóginos, masculinistas, androcêntricos e do viriarcado<sup>23</sup> que legitimavam a dominação masculina como a única forma de relação possível entre homens e mulheres e entre homens e homens (WELZER-LANG, 2001).

Desse modo, na década de 1970, no intuito de questionar a relação polarizada em que o lado negatizado foi determinado às mulheres, as teóricas feministas debruçaram-se acerca dos posicionamentos e perspectivas que generificavam o humano como sendo sempre ~~macho~~/masculino” e não permitiam os avanços na construção dos conhecimentos relacionados às especificidades que produzem as diferenças entre homens e mulheres e, subsequentemente, a necessidade da equidade entre os gêneros. Essas teóricas alavancaram e problematizaram as conjecturas que produziam valores, experiências, processos de significações que se formulavam nas localidades das culturas, nas políticas da vida, nos engendramentos sócio-históricos e que, de todo modo, influenciavam na feitura do humano no campo social. Assim sendo, a emergência dos movimentos e teorias feministas que eclodiram neste período, investiram na visibilidade da categoria ~~mulher~~” e conseqüente no posicionamento crítico aos discursos hegemônicos que colocavam alguns grupos em posição de subalternos, oprimidos e sem voz, principalmente aos grupos de mulheres (LOURO, 1997; BUTLER, 1999).

O movimento feminista apresentava em sua pauta discursiva a defesa da liberdade de expressão feminina, a denúncia das desigualdades de gêneros e opressões machistas e, em

---

<sup>23</sup> Para analisar a dominação masculina, Welzer-Lang (2001) utiliza o conceito de ~~ir~~arcado” em sobreposição a idéia de ~~p~~atriarcado” justificando que também exista uma relação hierárquica entre os homens nas construções das masculinidades engendradas principalmente influenciada pela questão geracional. O autor considera que o termo patriarcado - que conota o poder aos patriarcas (pais) sobre crianças e mulheres, embora descreva a dominação masculina, ele não consegue problematizar as mudanças sociais que emergiram desde a década de 1970, sobretudo, no que tange as relações de poderes dadas às mães em relações judiciais, por exemplo.

alguns momentos, apoiando a contestação e o movimento *gay*<sup>24</sup> que insurgia mais fortemente na época. Dentre tantos movimentos que reivindicavam emancipação e isonomia de direitos sociais, civis e políticos, o movimento *gay* foi um dos que também se destacou e se fortaleceu internacionalmente por suas lutas sociais. Todos esses movimentos sociais buscavam reivindicar, de forma legítima, os usos e prazeres dos corpos de maneira mais expansiva sem recair em processos de estigmatização que empobrecem as relações sociais e, subsequentemente, a cidadania plena.

Segundo Trevisan (2002), um dos marcos políticos disparador para a mobilização internacional do coletivo *gls* (*gays*, lésbicas e simpatizantes) foi o acontecimento nova-iorquino da *Rebelião de Stonewall*, ocorrido no dia 28 de junho de 1968. Este acontecimento foi marcado por um truculento confronto entre freqüentadores de bar *Stonewall Inn* e policiais, ocasionando mortes, apreensões e feridos. No momento, grupos que não se expressavam a partir da matriz heterossexual (*bichas*, *sapatões*, *travestis*) enalteciam, de maneira mártir, o orgulho de ser diferente, enfrentando a polícia nova-iorquina e fazendo uma história de luta corajosa e exemplar a ser seguida por coletivos de outras localidades. O referido bar era freqüentado por gays que também faziam parte de grupos de BDSM, fetichistas de couro e de pioneiros-usuários de técnicas de *body modification* (tatuagens, piercings genitais, rituais de suspensão e amarrações, entre outros).

O acontecimento de *Stonewall Inn*, enquanto ação política demandou que muitos outros coletivos reivindicassem que as homossexualidades não fossem postas como subcategorias sociais (ou existências “menores”), não devendo ocupar somente lugares marginais e demarcados denominados de *guetos gays*. Nestas cenas de embates sociais, travestis, *drag queens* montadas com plumas e paetês, assim como a emergência de uma tendência sadomasoquista de grupos *gays leathers* (a exemplo das ilustrações dos HQ’s de *Tom of Finland*), entre outros, começaram a exigir que eles pudessem transitar pelos espaços urbanos de modo a propagar e difundir a alegria e as festividades<sup>25</sup> produzidas pela cultura *gls* (variabilidade de entretenimentos, lazeres, moda, produção musical e de outras artes).

---

<sup>24</sup> Embora o senso comum faça referência ao movimento homossexual, sabemos que este movimento foi composto historicamente desde suas primeiras organizações através dos esforços conjuntos de *gays*, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e simpatizantes. No entanto, por uma questão de maior visibilidade e autonomia da população masculina dentro deste grupo, estes primeiros movimentos são, frequentemente, referidos nas bibliografias disponíveis e na mídia como movimento homossexual (ou *gay*). Esta nomenclatura começa a se alterar a partir das primeiras organizações não-governamentais, acadêmicas e da estruturação de políticas identitárias na década de 1990.

<sup>25</sup> Essas festividades e outros disparates coletivos iniciadas na década de 1970 originaram o que nomeamos atualmente de Paradas de Orgulho LGBT, ocasião em que as identidades sexuais de lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis e transgêneros denunciam práticas homofóbicas, lesbofóbicas, bifóbicas e transfóbicas e,

O trânsito dessas corporalidades ~~–~~bizarras” pelos espaços urbanos possuía o expressivo objetivo de socialização e comunicação para operacionalizar resistências políticas (escapar de repressões e perseguições). Também buscavam a equidade entre as homossexualidades e as heterossexualidades, de maneira que pudessem expressar as estilísticas de suas existências que eram, por sua vez, proibidas pelas biopolíticas hétero reguladoras que os interditavam partindo de uma proposta higienista e ~~–~~protetiva” da família, da moral e dos bons modos (COSTA, 1989).

Na América Latina, mais especificamente na América do Sul, esse cenário de enfrentamento das biopolíticas reguladoras do Estado e, concomitante tentativa das visibilidades das amplas expressões das sexualidades, foi caracterizado por períodos de ditaduras militares. No Brasil, o regime militar se estendeu entre o período de 1964 e 1985, próximo ao período da última ditadura argentina (1976-1983) e da ditadura no Chile, iniciada em 1973.

Nesta ocasião, manifesta a censura brasileira implantada a partir de uma série de decretos instituídos pelo militarismo que se seguiu após o Golpe Militar de 1964, denominados de AI-5 (Ato Institucional nº 5). De acordo com Trevisan (2002) e Passamani (2009), o militarismo e outras arbitrariedades do Estado trouxeram represália às artes e artistas, sendo que no teatro e na dança, as performances eram recriminadas e interditadas se ousassem mostrar corpos desnudos, ~~–~~sexuados” (espetáculos de travestis, transformistas), ou seja, produções discursivas que se opunham ao conservadorismo religioso e higienista ~~–~~familiar”. Mesmo mediante a emergência da ditadura e a contenção (batidas policiais) dos corpos ~~–~~extravagantes” pela repressão militar, ~~–~~novas” expressões de corporalidades tais como, *Dzi Croquetes*, *Secos e Molhados*, escapavam às regulações dos corpos (e prazeres) e ilustravam cenas *sui generis* pelos palcos, mídias e ruas, principalmente em terras cariocas.

Entretanto, com a visibilidade das disciplinas e controles estatais sobre os corpos e as sexualidades, os movimentos feministas e ~~–~~gays” ganharam força discursiva em 1975, quando a antropóloga feminista Gayle Rubin (2003) publicou o polêmico “The Traffic in Women: Notes on the ‘Political Economy’ of Sex”, obras que denunciava a ordem classificatória, essencialista, patologizante, moralista e biologizante da sociedade frente às diferentes expressões das sexualidades, das expressões de gêneros, das práticas sexuais e dos corpos.

---

reivindicam a implantação de políticas públicas destinada às especificidades do público LGBT. Também anunciam seus prazeres em expressar-se e em produzir estilos de vida e corporalidades que descolam da matriz heterossexual como único modelo legítimo ou possível.

A autora propunha um novo conceito *sex/gender system* (sistema sexo/gênero) para apontar a opressão às mulheres, sendo este sistema “[...] el conjunto de disposiciones por el que una sociedad transforma la sexualidad biológica en productos de la actividad humana, y en el cual se satisfacen esas necesidades humanas transformadas” (RUBIN, 2003, p. 37). Ela problematiza que este conjunto de disposições tinha como referência o corpo biológico para se produzir significados culturais, ou seja, que todo processo de crenças/valores e hierarquizações sociais *nos e pelos* corpos eram construções advindas do campo social e, por isso, deveriam ser relativizadas e não essencializadas no organicismo. Além disso, também trouxe outro conceito importante sobre como a organização social dos sexos e dos gêneros prevalece a partir da idéia da “heterossexualidade obrigatória”, em que se hipotetiza que as orientações sexuais e os gêneros partem do pressuposto que todos seriam heterossexuais.

Outro conceito pertinente que reforçaram os avanços dos *Gays and Lesbians Studies* diz respeito a idéia de “heterossexualidade compulsória” popularizado por Adrienne Rich (1980) no ensaio “Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence”. Este termo é similar a idéia de “heterossexualidade obrigatória” de Rubin (2003), avançando que o mundo ocidental teria a visão que a heterossexualidade era dita como uma inclinação natural e, subsequentemente, toda a organização social que não partisse da matriz heterossexual era considerado desviante, anormal, patológico.

A importância das insurgências dos movimentos sociais nas problematizações das modificações corporais se tornou admirável devido esses movimentos proporcionarem a visibilização e discussão da emergência da emancipação dos usos ampliados das corporalidades e dos prazeres singulares. Nos embates travados, os movimentos sociais – não somente eles – auxiliaram no enfraquecimento das instituições disciplinares tradicionais. Isto muito se construiu devido esses movimentos coletivos conseguirem enxergar na emergência dos acontecimentos contemporâneos.

Na conferência “A sociedade disciplinar em crise”, ocorrida em 1978, Foucault anuncia problematizações sobre as emergências de pessoas insurgentes que desconfiavam da sociedade disciplinar e sobre o declínio das técnicas disciplinares:

Há quatro, cinco séculos, considerava-se que o desenvolvimento da sociedade ocidental dependia da eficácia do poder em preencher sua função. [...] Se esse mecanismo se quebrava, a sociedade desmoronava. O assunto importante era como o indivíduo obedecia. Nesses últimos anos, a sociedade mudou e os indivíduos também; eles são cada vez mais diversos, diferentes e independentes. Há cada vez mais categorias de pessoas que não estão submetidas à disciplina, de tal forma que somos obrigados a pensar o

desenvolvimento de uma sociedade sem disciplina. A classe dirigente continua impregnada da antiga técnica. Mas é evidente que devemos nos separar, no futuro, da sociedade de disciplina de hoje (FOUCAULT, 2003e, p. 268).

A movimentação do pré-anúncio do fim da sociedade disciplinar abriu portas para outras tecnologias, procedimentos e estratégias do poder que, agora, não são apenas referências diretas da ordem disciplinar, mas uma presença mais sutil de mobilizar as sensações, práticas discursivas e os modos de produção de subjetividades - a sociedade de controle: controle dos desejos, controle dos(as) humanos(as), controle da vida social. Assim, inauguramos o terceiro “quadro em movimento transitório”, a ser apresentado na próxima seção.

### 2.3 “DECIFRA-ME E DEVORA-ME”<sup>26</sup>: A SOCIEDADE DE CONTROLE E OS CORPOS MIDIÁTICOS



**Imagem 06:** Alexandre Anami fotografado por Priscila Nunes.

<sup>26</sup> O mito que segue na abertura desta subseção foi (re)contado a partir das versões encontradas nas referências: BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia**: (a idade da fábula): histórias de deuses e heróis. Trad. David Jardim Júnior. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999; e, SALIS, Viktor D. **Mitologia viva**: aprendendo com os deuses a arte de viver e amar. São Paulo: Nova Alexandria, 2003.

Fictício é o teu par de asas,  
 As setas são garras,  
 Tua grinalda oculta as lanças  
 Também tu és,  
 Não há sombra de dúvida,  
 Como todos os deuses da Grécia,  
 Um demônio disfarçado.  
**(Para Amor! In: A Vênus das Peles –  
 Goethe apud Sacher-Masoch)**

O título desta seção faz referência ao enigma da Esfinge: “Decifra-me ou devoro-te”. A Esfinge (do grego *Sfinx* – aquele que aperta e sufoca, estrangula) tratava-se de um ser místico e híbrido de animal (força e veracidade) e humano (sagacidade). Comumente é representada como uma imagem icônica de um leão estendido com a cabeça de uma mulher (ou era uma mulher com patas, garras e peito de um leão), uma cauda de serpente e asas de águia. Era uma estrangeira na Grécia (Tebas), tendo sua origem nas terras etíopes. Assim, a Esfinge se tornou uma monstrosidade (trans)temporal e provocativa, ao compor imagens “menores” – desde a sua diluição entre as fronteiras humano(a) e animal, gênero feminino e animais alagozes, o nomadismo de colonizados etíopes à civilizada Tebas.

A Esfinge ao lançar o desafio “Decifra-me ou devoro-te” propunha um enigma que se constituía em um quebra-cabeça, uma charada: “Que criatura pela manhã tem quatro pés, ao meio-dia tem dois, e à tarde tem três?”. Todos os desafiados, quando derrotados, eram estrangulados por suas garras até que Édipo conseguiu decifrar seu enigma: “O homem – engatinha como um bebê na infância, anda ereto (sobre dois pés) na idade adulta, e usa uma bengala na velhice”. Em uma das versões, após ouvir a resposta correta de Édipo, a Esfinge se atira em um precipício; em outra versão ela se auto-devora.

A investida de Édipo sob a charada da Esfinge pode ser metaforizada a partir da análise de que nenhum “regime de verdade” é tão rígido que não possa ser derrubado de um altar e declinar direto ao precipício. No entanto, a Esfinge não era a única quimera a ser derrubada. A queda da Esfinge foi um acontecimento, e como todo acontecimento, emerge nos possíveis “jogos de dados”, nos acasos que aparecem em meio a vida. A morte da Esfinge (declínio do poder disciplinar) não impediu que outras quimeras atacassem, e muito menos garantiu que outras charadas sobressaíssem.

Nesta analogia, com as rachaduras que emergiram, a ineficiência das estratégias rígidas e identitárias das sociedades disciplinares deu espaço para outros engendramentos estratégicos do poder – o poder controle-estimulação. Deleuze (2010b), em sua descrição da passagem das sociedades disciplinares para as sociedades de controle, nos lembra da

(re)ordenação e das atualizações de estratégias e procedimentos para manter o exercício do poder nas relações sociais, uma vez que,

Encontramo-nos numa crise generalizada de todos os meios de confinamento, prisão, hospital, fábrica, escola, família. A família é um “interior”, em crise como qualquer outro interior, escolar, profissional etc. Os ministros competentes não param de anunciar reformas supostamente necessárias. Reformar a escola, reformar a indústria, o hospital, o exército, a prisão; mas todos sabem que essas instituições estão condenadas, num prazo mais ou menos longo. Trata-se apenas de gerir sua agonia e ocupar as pessoas, até a instalação das novas forças que se anunciam. São as *sociedades de controle* que estão substituindo as sociedades disciplinares (DELEUZE, 2010b, p. 224).

As redes das sociedades de controle que começaram a se configurar não funcionavam mais “[...] por confinamento, mas por controle contínuo e comunicação instantânea [...]”, e por meio sutis de agenciamentos coletivos trazem “[...] um controle incessante em meio aberto [...], operando imediatamente nas cenas cotidianas afastadas dos muros institucionais (DELEUZE, 2010a, p. 220).

O efeito da obediência centrado exclusivamente em dispositivos jurídicos rígidos fez com que as correntes do poder disciplinar que cerceavam e repreendiam os indivíduos se dispusessem limitados e ineficientes, portanto, precisando de uma reinvenção destas incapacidades. Nas palavras de Foucault (2005a) isso ocorreria por “[...] novos procedimentos de poder que funcionam, não pelo direito, mas pela técnica, não pela lei mas pela normalização, não pelo castigo mas pelo controle, e que se exercem em níveis e formas que extravazam do Estado e de seus aparelhos” (p. 86).

Essas forças emergentes, que se anunciam, investem no discurso da responsabilidade de si, do uso da razão e da autoconsciência que, sobretudo, acelerou os processos de individualização. Assim, junto com a responsabilização veio acompanhado a culpabilização (velha conhecida advinda dos dogmas cristãos). As estratégias mais eficientes foram a captura de mão de obra proletária, reservando-lhes o título de *participantes* e *colaboradores* das corporações e empresas. Desta forma, teve-se a impressão de que os trabalhadores melhoraram suas condições de empregabilidade e que, portanto, as organizações e sindicatos já não eram tão necessários como antes, uma vez que o liberalismo criou a ilusão de que todos tinham chances iguais de desenvolvimento e que patrão e empregado vivem em condições equipolentes.

Em um sistema que estimula a meritocracia, cria-se um ambiente de competição constante e desarticula a organização em classes. *Quem quer ganhar mais deve trabalhar*

*mais e ser mais competitivo*, pois nos jogos de controle estabelecidos pelo capital, o “salário por mérito” só depende do próprio trabalhador. O controle da saúde também é responsabilidade do indivíduo que deveria tomar seus psicotrópicos regularmente ou consultar um médico/psicólogo – uma vez que os muros manicomiais e as camisas de forças foram destituídos de seus usos excludentes e disciplinares. Os corpos continuam sendo docilizados e contidos para que sejam úteis e produtivos para o capitalismo e o Estado neoliberal.

Nas sociedades de controle, todos são suspeitos, todos são culpados; a “descentralização” do poder evidente nas estruturas institucionais trouxe a tona as ressonâncias da paranóia, os rumores e zumbidos que faz emergir nos “entres”, nas relações, a emergência do agenciamento “[...] que dão a qualquer um a missão de um juiz, de um justiceiro, de um policial por conta própria, de um *gauleiter*, um chefe de prédio ou de casa” (DELEUZE, 1996, p. 111). O funcionamento de vigília inicia a busca de mecanismos ofertados pelas tecnologias de controle, de elementos que quebra a barreiras físicas pois “[...] o que conta não é a barreira, mas o computador que detecta a posição de cada um, lícita ou ilícita, e opera uma modulação universal” (DELEUZE, 2010b, p.229).

Nessa transição da “sociedade disciplinar” para a “sociedade de controle”, analisamos que no início dos anos 1980, transformações sociais aceleravam as discussões no âmbito da vida pública e privada, tais como, a entrada da mulher no mercado de trabalho, (re)configurações e ampliações dos modelos familiares, a propagação dos Direitos Humanos, e a questão mais sensível e assustadora - a epidemia da AIDS, ou como era conhecida na época, *o câncer gay*. Com o acontecimento da AIDS, os *heróis da resistência* que faziam frente à cultura pop e massificada salientada principalmente pelos americanos, foram se enfraquecendo e interditando o desejo *carpie diem* de viver o amor livre em sua plenitude e extensão.

De acordo com Pocahy (2007) e Nascimento (2007) foi atribuída ao fenômeno da AIDS a função social intimidadora da vivência das sexualidades e dos prazeres, funcionando como mais uma estratégia de disciplina e controle do dispositivo de sexualidade(s) que, por meio de discursos higienistas, científicos, médicos e psicológicos, da ciência e da mídia puniam os marginais “infectados” que usufruíam de uma vida lasciva e furtiva e, por isso, eram castigados merecidamente com o sofrimento da doença, seguida de uma morte solitária e triste. O jornalista Roldão Arruda (2001), em seu livro “Dias de ira”, descreve a chegada da notícia do surgimento da AIDS nos guetos *gays* paulistanos, e o emparelhamento da doença com as práticas homoeróticas e promíscuas. Os desejos e prazeres dos corpos eram

ameaçados por notícias de adoentados esqueléticos que surgiam nas capas de revistas semanais e noticiários impressos e televisivos.

A historiadora Sant'Anna (2000a) analisa que a partir dos anos 1960 - período em que os corpos tinham a proposta de contestação às regras morais por meio do afrontamento e resistência aos discursos instituídos (apresentados anteriormente nesta seção) – iniciava-se, também, ~~uma~~ preocupação cada vez mais assídua e insistente para com a saúde e bem-estar corporal” (p. 51). No entanto, é a partir da década de 1980 que houve um reforço nos discursos de controle e estimulação aos corpos. Sob a orientação dos recursos da mídia e do desgovernado mercado de consumo, começa a ocorrer um processo de ~~e~~ culto estético ao corpo” na cultura ocidental. Associada a discussão sobre estilos de qualidade de vida, grupos etários específicos (principalmente os juvenis) transformaram-se em público-alvo de investidores mercantis que prometiam sensações de liberdade, independência e *estar antenado* nas atualizações ofertadas pela indústria de consumo.

Os corpos começam a apresentar-se de modos ousados e performáticos, produzidos por componentes técnico-científicos e até mesmo turbinados, ora pela busca de estéticas *perfeitas* ou *fashion* ora denotando preocupações exacerbadas sobre a qualidade de vida e sobre a saúde. A (re)descoberta do corpo ao longo do século XX e, podemos inferir, mais especificamente os investimentos a partir da década de 1980 se expandiram:

[...] pela proliferação das colônias de lazer, pela expansão do cinema, do escotismo e da emergência das férias pagas, depois pelas sedução da publicidade e da televisão e, mais recentemente, pelos movimentos de liberação sexual, pelos novos ritmos musicais, as diferentes tendências da moda, a massificação da pornografia e, enfim, o advento da biotecnologia (SANT'ANNA, 2000a, p. 50).

Os investimentos no corpo pelo poder econômico e pelos processos midiáticos adentraram na lógica do capital e da imagem lançada pelas normativas corporais que produziam novos discursos sobre os corpos, e com isso, novos padrões estéticos culturais. Esses discursos remontaram uma estratégia de embates, de ~~guerra~~ *pe*lo e *para* os corpos. Se antes os corpos passaram a ser percebidos como potenciais a serem disciplinados e docilizados para os trabalhos e explorados para as guerras, a partir de então, os sacrifícios desses *soldados* passam para uma batalha estética, em que se evidenciou que não serviria qualquer corpo a ser destacado.

Os corpos a serem cultuados foram elencados como corpos jovens, atléticos, virtuosamente referenciados por estéticas de (es)culturas gregas, por obras renascentistas,

como por exemplo, a conceito do *homem vitruviano*<sup>27</sup> (ou *homem de Vitrúvio*) desenvolvido pelo arquiteto romano Marco Vitruvio Polião. Os corpos atléticos ganham o *status* de produção espetacular, pois “valorizava-se o corpo cada vez mais amplamente, como se ele tivesse sido descoberto pela primeira vez e se tornasse tão importante como outrora havia sido a alma” (SANT’ANNA, 2000a, p. 51).

No entanto, esse corpo baseado em uma estética vitruviano é sensível à estimulação da indústria de consumo exagerado, que tem como marco a década de 1980. Neste período o corpo vitruviano é menos romantizado e investe na combinação dos “autos” controles, entre disciplina e superação dos próprios limites físicos, sejam eles, dentro do âmbito esportivo ou em outros contextos que extrapolam os limites das academias, ginásios, estádios e clubes esportivos – a cena cotidiana, a moda, o cinema, a reificação dos gêneros e, principalmente a ideia do corpo “estetização” como sendo os corpos com propriedades de saúde.

A exigência social em exercitar os corpos transparece na explosão da criação de academias de ginásios, no lançamento de aulas de ginásticas (editados em fitas VHS, e protagonizados por atores e atrizes hollywoodianos) e a adesão de produtos advindos do avassalador mercado da moda, da indústria dos farmacológicos, das receitas médicas “mirabolantes” baseadas em fórmulas que possam ter efeitos inversos e serem nocivas à saúde humana, entre outros. Essa busca alucinada de culto do corpo estimulado foi condicionada (entre tantas outras coisas) com o *sex appeal*, com a *performance* sexual. O corpo imagético trazido pelas virtualidades (mídias), pela publicidade e marketing, pelo consumo e descarte, estimularam a erotização de corpos-objetos. Assim, fica manifesto à passagem do controle-repressivo do corpo para o controle-estimulação, em que Foucault ressalta:

[...] Em nome deste medo foi instaurado sobre os corpos das crianças – através das famílias, mas sem que elas fossem a sua origem – um controle, uma vigilância, uma objetivação da sexualidade com uma perseguição dos corpos. Mas a sexualidade, tornando-se assim um objeto de preocupação e de análise, como alvo de vigilância e de controle, produzia ao mesmo tempo a intensificação dos desejos de cada um por seu próprio corpo... O corpo se tornou aquilo que está em jogo numa luta entre os filhos e os pais, entre a criança e as instâncias de controle. A revolta do corpo sexual é o contra-efeito desta ofensiva. Como é que o poder responde? Através de uma exploração econômica (e talvez ideológica) da erotização, desde os produtos para bronzear até os filmes pornográficos... Como resposta à revolta do corpo, encontramos um novo investimento que não tem mais a

---

<sup>27</sup> O *homem vitruviano* é considerado um cânone das proporções do corpo humano, estabelecido de cálculos matemáticos exatos, tendo como base uma *proporção áurea* ou *razão de ouro*. O *homem vitruviano*, de Leonardo da Vinci possui o ideário de proporções simétricas perfeitas aplicadas ao corpo dito como esteticamente belo partindo da arte clássica e renascentista de beleza corporal.

forma de controle-repressão, mas de controle-estimulação: —Que nu... mas seja magro, bonito, bronzeado! [...] (FOUCAULT, 2003f, p. 147).

Sobre esse controle-estimulação, se analisa que a constituição do objeto *sexo* é uma das estratégias de investimento do poder de controle sobre os corpos, produzindo subjetividades pelo dispositivo de sexualidade(s)<sup>28</sup>, sendo este uma estratégia muito potente que explica genealogicamente as razões que levaram os discursos e incitações ao objeto “*sexo*” serem tão intensos (FOUCAULT, 2005). Sobre o dispositivo de sexualidade(s), o mesmo autor analisa:

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede de superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder [...] (FOUCAULT, 2005, p.100).

Os discursos estratégicos do dispositivo de sexualidade(s) produzem modos de subjetivação utilizando suportes estratégicos e tecnologias para se exercer o poder sobre as corporalidades na (trans)contemporaneidade, entre eles, a mídia. Os autores Jáder Leite & Magda Dimenstein (2002) apontam a mídia, por meio de seus enunciados publicitários, como um dos grandes potencializadores de produção de vida normatizada. Entretanto, também é fato que a produção midiática consegue descrever e capturar os desejos capitalísticos dos consumidores de normas pulverizados *na e pela* sociedade (NASCIMENTO, 2007).

Assim sendo, a estratificação midiática investe nas imagens dos corpos, e para isso incorpora estratégias e recursos que potencializam visualmente a qualidade do produto como formas de preenchimento dos desejos e das satisfações dos consumidores. Satisfazer o consumidor é um dos objetivos primeiros que o publicitário também adota como meta. Entre a dimensão não verbal e verbal, a expressão corporal surge como um predicado discursivo que implementa a noção de mídia, publicidade e *marketing*, pois o corpo-imagem no campo da comunicação possibilita, concomitantemente, o entrecruzamento de aspectos objetivos e subjetivos (GARCIA, 2005).

---

<sup>28</sup> É importante salientar que Foucault utilizou, em seus escritos, termos no singular, como é o caso da *sexualidade*. No entanto, com o advento dos estudos das sexualidades, dos gêneros e das produções de subjetividades (e seus autores contemporâneos) se percebeu a necessidade de pluralizar conceitos, no caso – *sexualidades*. Sinto-me autorizado a atualizar o termo, uma vez que o referido filósofo (mesmo não pluralizando), sempre se posicionou pela diversificação, pela multiplicidade, pelo afastamento da unidade e das normas oriundas das premissas essencialistas, naturalistas, universalistas e centradas em uma matriz e no indivíduo.

Nesta perspectiva, associar a imagem corpórea a qualquer produto, de modo incontestável, implica agregar valor a produto/marca no exercício da publicidade como estratégia midiática. Segundo Wilton Garcia (2005), observa-se, nos procedimentos de persuasão da técnica publicitária, a imagem do corpo como potencializador estratégico do produto/marca, diante de discursos disparadores de produção de subjetividades normatizadoras. Os corpos emergem como aspecto extremamente relevante na publicidade (trans)contemporânea, tornando-se objetos aglutinadores de características identificatórias entre os públicos e os produtos, instigando o culto aos corpos, ao consumo *para e pelos* corpos.

As corporalidades surgem, como tema de profundas (trans/in/de)formações, e provocam desarranjos na ordem das práticas discursivas cotidianas. Do natural ao artificial, do orgânico ao maquínico, o debate a respeito dos corpos parece acontecer diante da complexidade persistente que se expõe no (trans)contemporâneo. Presenciam-se as (trans/in/de)formações dos corpos e, com elas, (re)instauram as mediações entre o cuidar das aparências físicas e suas representações socioculturais (GARCIA, 2005).

Adentrando os anos de 1990, emerge o discurso da “qualidade de vida”, que não descartou os adeptos da estética “perfeita”, mas acoplou a ideia de qualidade de vida por meio de novos hábitos e consumos menos nocivos à saúde e que pudessem maximizar a força humana. Não se preconizava apenas a saúde como ausência de doença, mas um corpo disposto para o trabalho e para o dia-a-dia. Mesmo a cultura ocidental, que estimula uma alimentação calórica e com poucos nutrientes (geração *fast food*), passou a produzir outro discurso, em concomitância, sobre o “autocontrole” alimentar e a ingestão de produtos especializados a serem consumidos: alimentos com *superávit* de energia e disposição, assim como produtos “menos” nocivos aos organismos, tais como: *light*, *diet*, *zero*, enfim, alimentos comercializados pelo discurso pró-saúde (vitaminados, sem colesterol, porcentagem mínima de gorduras *trans*, sucos “anti-depressão” e desintoxicantes, energéticos, entre outros) (SANT’ANNA, 2000a).

Segundo Sant’Anna (2000a), o imperativo do discurso *saudável* produz imagens, sendo essas práticas discursivas (imagéticas) construídas a partir da exaltação de “corpos acelerados e performáticos” de homens e mulheres, ou seja, uma espécie de “subjetividade turbinada” que se traduz em “corpos turbinados” e competitivos, (p. 55). Ainda, segundo a autora, a publicidade condicionou a imagem do corpo “hiperpotente e totalmente produtivo, lucrativo, comercializável”, (p. 55), ao contexto de interconexões aos aparatos tecnológicos a

serem consumidos: telefones portáteis, computadores móveis, aparelhos de ginásticas, aplicativos tecnológicos (*gadgets*), antidepressivos, entre outros.

No entanto, Sant'Anna (2000a) alerta para as consequências dos abusos e adições desses estilos de vida, que produziram sujeitos estressados (acelerados) e depressivos pelo excesso de informações e exaustivas atividades, tanto quanto produziram corpos enfraquecidos pela ilusão dos usos de vitaminas com efeitos “duvidosos”, utilização inadequada de esteroides e anabolizantes, musculaturas distendidas, articulações machucadas. Nesse contexto, podemos inferir que esses sujeitos turbinados e plugados às suas tecnologias revelavam as relações paradoxais de que emergiam: “cada vez mais conectados a suas máquinas e a seus corpos e cada vez mais isolados do coletivo” (SANT'ANNA, 2000a, p. 55). A partir do exposto, Gilles Deleuze apresenta a problematização de que:

O estudo sociotécnico dos mecanismos de controle, apreendidos em sua aurora, deveria ser categorial e descrever o que já está em vias de ser implantado no lugar dos meios de confinamento disciplinares, cuja crise todo mundo anuncia. Pode ser que meios antigos, tomados de empréstimo às antigas sociedades de soberania, retornem à cena, mas devidamente adaptados. O que conta é que estamos no início de alguma coisa (DELEUZE, 2010b, p.229).

## 2.4 “MANIFESTO DOS E PELOS CORPOS (TRANS)BORDANTES”: SOBRE HIBRIDISMOS, NOMADISMOS, TECNO-CORPORALIDADES E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO

—Sua Majestade deseja ser prontamente obedecido,  
Poderá dar-me uma ordem razoável. Poderia ordenar-me,  
por exemplo, que partisse em menos de um minuto.  
Parece-me que as condições são favoráveis...”  
Como o rei não dissesse nada, o príncipezinho  
hesitou um pouco; depois suspirou e partiu.  
(O Pequeno Príncipe – Antoine de Saint-Exupéry)<sup>29</sup>

---

<sup>29</sup> Diálogo entre o Pequeno Príncipe e o rei do primeiro planetinha, que visitou após se ausentar do seu *habitat* – o planeta B 612. VER: SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe**. Trad. Dom Marcos Barbosa, Regina Lemos, José de Paula Machado. Rio de Janeiro: Ediouro: Agir, 2002, p. 71.



**Imagens 07, 08, 09:** Reuber Mattos fotografado por Lírica Aragão.

As corporalidades (e seus usos) tornaram-se o epicentro de discussões em todas as experiências e saberes sócio-históricos, políticos e culturalmente construídos, tanto nas sociedades ocidentais quanto nas orientais, pois, nos últimos tempos, as questões relacionadas aos corpos aparecem:

[...] \_como se nós o reencontrássemos após um esquecimento muito longo: a *imagem do corpo*, a *linguagem do corpo*, a *consciência do corpo* e a *liberação do corpo* tornaram-se palavras de ordem. Contagiosamente, os historiadores se interessam por tudo o que as culturas anteriores à nossa fizeram com o corpo: tatuagens, mutilações, celebrações, rituais ligados às diversas funções corporais. Os escritores do passado, por sua vez, de Rabelais a Flaubert, são tomados como testemunhas: no entanto, de repente, percebemos que não somos o Cristóvão Colombo da realidade corporal. Este foi o primeiro conhecimento que adentrou o saber humano: \_Eles perceberam que estavam nus\_ (Gênesis, 3, 7). Depois desse momento, o corpo não pôde mais ser ignorado\_ (STAROBINSKI, 1980, p. 261 apud FERNANDES, 2003, p.18).<sup>30</sup>

Neste contexto, houve a proliferação de uma quantidade sucessiva de tecnologias, nos séculos XX e XXI. Tivemos êxtases e aprimoramentos informacionais nas últimas três

<sup>30</sup> A citação foi traduzida do francês para o português por Fernandes (2003), do original: STAROBINSKI, J. Brève histoire de la conscience du corps. *Revue Française de Psychanalyse*, 45(2): 261-279, 1980.

décadas, produzindo modos de pensar e modos de agir mais evidentemente concebidos sob a luz das tecnologias digitais, das ciberculturas, das transferências imediatas de dados, das disputas pelas informações. Esses são componentes importantes para as análises das corporalidades neste “quarto quadro em movimento transitório” que se consolida a partir das discussões das produções advindas do capitalismo e dos processos de globalização. Os referidos processos não apenas engendraram a necessidade de nichos mercadológicos identitários<sup>31</sup>, mas também, em brechas, possibilitaram a insurgência de outras possíveis produções discursivas, que incidiram nas destituições das bordas identitárias rígidas das corporalidades e dos prazeres.

Sobre a emergência das tecnologias nas cenas cotidianas e nos atravessamentos destas na constituição e coexistência com os seres humanos, encontramos o texto “Da produção de subjetividade”, em que Felix Guattari (1993, p. 177) diz que:

[...] os conteúdos da subjetividade dependem, cada vez mais, de uma infinidade de sistemas maquínicos. Nenhum campo de opinião, de pensamento, de imagem, de afectos, de narratividade pode, daqui para frente, ter a pretensão de escapar à influência invasiva da 'assistência por computador', dos bancos de dados, da telemática etc... Com isso chegamos até a nos indagar se a própria essência do sujeito - essa famosa essência atrás da qual a filosofia ocidental corre há séculos - não estaria ameaçada por essa nova 'máquino-dependência' da subjetividade.

Guattari aponta que não seria possível mais negar as expressivas modificações que ocorreram com a entrada das máquinas na vida social cotidiana. Ou seja, como o surgimento e os recorrentes aprimoramentos de técnicas e procedimentos trazidos com as tecnologias, principalmente as científicas, têm expandido e possibilitado a observância das transformações

---

<sup>31</sup> Esta configuração nos remete, por exemplo, à emergência do *Pink Money*, a moeda de troca *cor-de-rosa*, como referência direta ao poder de compra investido por homossexuais no mundo ocidental. Funciona como um acontecimento de visibilidade do movimento LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros), pois chama a atenção social e empresarial para o poder financeiro e as necessidades da comunidade GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes - sigla utilizada para os empreendimentos de marketing e de turismo). Muitas empresas, hotéis e agências turísticas se intitulam e utilizam a bandeira *gay friendly* objetivando atrair e captar dinheiro deste público específico. Trevisan (2006, p.157) analisa que “[...] o *pink Money* nem sempre funciona como elemento demovedor de preconceitos” e que, muitas vezes, os destinos turísticos (população local) agem como agentes discriminatórios. Complementando a análise, Nascimento (2007) indica que a ideia do *Pink Money* age como receptor financeiro, no entanto, não investe nas proposições que contabilizam condições de desemprego, subemprego, entre outras vulnerabilidades sociais trazidas pela discriminação e segregação, devido aos componentes da homofobia velada institucionalmente. Ver: Trevisan, João Silvério. (2006). Turismo e Orientação Sexual. In Brasil, Ministério do Turismo. **Turismo Social: Diálogos do Turismo: Uma viagem de inclusão** (pp. 139-171). Rio de Janeiro: IBAM, 2006, p. 139-171); Ver também: Nascimento, M. A. N. (2007). **Homossexualidades e homossociabilidades**: hierarquização e relações de poder entre homossexuais masculinos que freqüentam dispositivos de socialização de sexualidades GLBT. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2007.

e, conseqüentemente, das experimentações que tomam forma a partir dessas coexistências entre seres humanos e máquinas/tecnologias.

Neste contexto, as progressivas revoluções da genética, das bioengenharias, das comunicações, do acesso às informações e à informática alteraram profundamente a noção tradicional de tempo, de espaço, de constituição de tudo que habita o campo social. As distâncias geográficas foram encurtadas física e virtualmente, o imediatismo dos fatos noticiados de maneira instantânea e o aumento da longevidade são alguns acontecimentos sociais que parecem trazer benefícios ao mundo, ao passo que também trazem lacunas entre gerações, territorialidades, economias, estilos de vida consumista, imediatista em existências aceleradas.

Na análise guattariana, já não há sentido a esquivar dessas tecnologias —[...] já que, afinal das contas, elas não são nada mais do que formas hiperdesenvolvidas e hiperconcentradas de certos aspectos de sua própria subjetividade [...]” (GUATTARI, 1993, p. 177). Essas características, em nada polarizam relações de dominação e de poder, mas sugerem que a recepção e apropriação das máquinas e das tecnologias no cotidiano culminam em coexistências e em alianças equitativas na elaboração de novas enunciações que, por sua vez, convergem para a produção de subjetividades singulares/coletivas, ou, ainda, a formulação de processos singulizadores e normatizadores.

Conforme homens/mulheres/humanos e máquinas se aproximam, se assimilam, interagem e se mesclam, mais visibilizadas serão as diluições das fronteiras que separam esses componentes espalhados no campo social. Para Silva (2000, p.12-13):

—[...] uma das mais importantes questões de nosso tempo é justamente: onde termina o humano e onde começa a máquina? Ou, dada a ubiquidade das máquinas, a ordem não seria a inversa?: onde termina a máquina e onde começa o humano? Ou ainda, dada a geral promiscuidade entre o humano e a máquina, não seria o caso de se considerar ambas as perguntas simplesmente sem sentido?

A partir dessas indagações se torna importante procurar ferramentas teórico-práticas para problematizar as (trans)formações, as (re)invenções e os usos das corporalidades híbridas que implicam em análises micropolíticas de como, historicamente, homens e mulheres aprenderam a existir, a sentir e se localizar no mundo, sendo que essas estratégias de potência da vida convergem para as emergências do que sejam e como funcionam as (produções de) *subjetividades*.

Essas problematizações implicam em atentar ao modo como o termo é explorado e produz formas de ~~p~~ensar”, ~~o~~lhar” e ~~t~~eorizar” os sujeitos que habitam o campo social.

#### 2.4.1 Corpos Subjetivados ou Subjetivações Corporais?

Eu quis cantar  
Minha canção iluminada de sol  
Soltei os panos sobre os mastros no ar  
Soltei os tigres e os leões nos quintais  
Mas as pessoas na sala de jantar  
São ocupadas em nascer e morrer [...]  
**(Panis Et Circenses - Os Mutantes)**

Etimologicamente, a ideia de *subjectum*” nos remete às qualidades aplicadas aos sujeitos, apontando para uma construção da consciência subjacente ao mundo das aparências externas, de um mundo tácito, daquilo que não se tem acesso empírico. Na proposta da filosofia ocidental clássica, encontramos os pensamentos da teoria cartesiana que investiam na ideia de uma ~~n~~atureza humana”, em que as subjetividades habitariam as substâncias pensantes (*res cogitans* - mente) em contraposição às substâncias das matérias expandidas (*res extensa* - corpo), isto é, estariam somente nos *mundos interiores* em oposição aos *mundos exteriores* (CARVALHO, 1998).

Ao nos referirmos ao termo, no sentido cartesiano, nos direcionamos para as produções ~~i~~nternas” apenas dos seres humanos, tais como: o pensamento, a memória, a razão, as sensações, os sentimentos, as emoções, as percepções, as experiências, ou seja, como os humanos recebem, interpretam e representam o mundo em que estão inseridos, como eles/elas se tornam. Essa perspectiva mecânica não problematizava sobre as intencionalidades, as temporalidades, as vontades, os fluxos de desejos, as fantasias e imaginações, as parcialidades contextuais, os marcadores sociais, tais como classes sociais e econômicas, raças/etnias/cores de pele, sexualidades, gêneros, orientações sexuais, gerações, estéticas, territorialidades, entre outros e suas interseccionalidades, que fazem parte das feitura dos sujeitos e que, por sua vez, produziriam tais ~~s~~ingularidades” e ~~n~~ormatividades” de produções ditas ~~i~~nternas”.

Na tradicional psicologia clínica, as subjetividades (assim como as concepções de identidades) se tornam de suma importância para dizer dos sujeitos individuais e de suas especificidades que os fazem seres únicos (porém, classificáveis). Entretanto, as ciências psicológicas e filosóficas tradicionais não constituem exclusivos corpos teóricos para pensar

as noções de identidades<sup>32</sup> e psiquismos ou de subjetividades; existem posições e perspectivas teóricas outras que afugentam as determinações unas e individuais das construções das subjetividades e desfazem as polaridades entre o individual e o coletivo.

A partir das concepções de subjetividades à luz dos pensamentos de Gilles Deleuze, Félix Guattari e Suely Rolnik, observamos que tais posições investem nas contribuições implicadas com os processos coletivos<sup>33</sup>, ou seja, com as produções desejantes que emergem no campo social e que, historicamente, constituem e tornam os seres humanos em produtos/produtores sociais; isto porque “[...] a subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro social” (GUATTARI & ROLNIK, 2005b, p. 40).

Os autores realizam análises conceituais em que as produções de vida possam existir em suas potências, diversificadas, enquanto categorias processuais e inscritas nos planos, nos agenciamentos<sup>34</sup> e nas instâncias de subjetivação dispersas no registro social, ou seja, afirmando a inseparabilidade entre os processos subjetivos e o campo social. Para eles, as subjetividades são concebidas como sistemas complexos, abertos e pulsáteis, articulando-se, desdobrando-se e cruzando-se em movimentos vivos, vibráteis e contínuos, de maneira a se aproximar e se conectar com a multiplicidade de elementos que compõem os acontecimentos. Esta perspectiva rompe, definitivamente, com as posturas naturalizantes, individualizantes, essencialistas, deterministas, reducionistas, universalistas, positivistas e com os contornos rígidos identitários que engessam e tentam empobrecer as leituras das estilísticas das existências de composição dos humanos.

---

<sup>32</sup> Salientarei que a problemática da noção de identidade nos estudos das subjetividades diz respeito ao rompimento do termo como algo imutável, cristalizado, fixo e ontológico. Não quero dizer que os sujeitos não possam se compor por elementos heterogêneos e produzir propriedades singulares, porém, estas composições são plásticas, transitórias, complementares, divergentes, substituídas, uma vez que possuem potências transformadoras que podem modificá-las ao se conectar com componentes sócio-histórico-culturais e políticos, contextuais e parciais. Ou, ainda, que possam se modificar ao realizar um movimento de retorno em si mesmas.

<sup>33</sup> Guattari (2012, p. 19) propõe que “[...] o termo ‘coletivo’ deve ser entendido aqui no sentido de uma multiplicidade que se desenvolve para além do indivíduo, junto ao *socius*, assim como aquém da pessoa, junto a intensidades pré-verbais, derivando de uma lógica dos afetos mais do que de uma lógica de conjuntos bem circunscritos”.

<sup>34</sup> O conceito de “Agenciamento” é primordial dentro dos estudos filosóficos e psicológicos das produções de subjetividades. Guattari e Rolnik (2005b, p. 381), nos escritos “Atrações sobre alguns conceitos” nos dizem das inesgotáveis conexões possíveis realizadas durante toda a existência dos seres vivos, sendo a “[...] noção mais ampla do que as de estrutura, sistema, forma, processo, montagem, etc. Um agenciamento comporta componentes heterogêneos, tanto de ordem biológica, quanto social, maquínica, gnosiológica, imaginária”. Sobre a constituição da sua natureza encontramos que, “[...] Por um lado, ele é *agenciamento maquínico* de corpos, de ações e de paixões, mistura de corpos reagindo um sobre os outros; por outro lado, *agenciamento coletivo de enunciação*, de atos e de enunciados, transformações incorpóreas sendo atribuídas aos corpos” (DELEUZE & GUATTARI, 1995a, p. 29). Ainda, complementa-se: “[...] Em seu aspecto material ou maquínico, um agenciamento não nos parece remeter a uma produção de bens, mas a um estado preciso de mistura de corpos em uma sociedade, compreendendo todas as atrações e repulsões, as simpatias e as antipatias, as alterações, as alianças, as penetrações e expansões que afetam os corpos de todos os tipos, uns em relação aos outros” (p. 31).

A noção de sujeito utilizado pelas psicologias e filosofias tradicionais, para os autores, é substituída para o uso de produção de subjetividades, apontando para o campo plural, heterogêneo, polifônico<sup>35</sup>, das multiplicidades dos fluxos de desejos e afetos, conscientes e inconscientes. Portanto, não podemos dizer de uma subjetividade, mas de subjetividades (no sentido sempre múltiplo/plural). Nessa concepção, as subjetividades são produzidas por diferentes registros de “instâncias individuais, coletivas e institucionais”, não estabelecendo “relações hierárquicas, obrigatórias, fixadas definitivamente” (GUATTARI, 1992, p. 11).

Os processos subjetivos aparecem no *fazer sujeito e fazer mundo*, engendrando reciprocamente símbolos, signos, significados, valores, crenças, existências, normas construídas em momentos históricos e em dados campos sociais, culturais e geopolíticos. A multiplicidade que constitui os sujeitos, e subsequentemente, o campo social, compõe aquilo que Guattari e Rolnik (2005b) anunciam como “processos de subjetivação”:

A subjetividade é produzida por agenciamentos de enunciação. Os processos de subjetivação ou de semiotização não são centrados em agentes individuais (no funcionamento de instâncias intrapsíquicas, egóicas, microsociais), nem em agentes grupais. Esses processos são duplamente descentrados. Implicam o funcionamento de máquinas de expressão que podem ser tanto de natureza extrapessoal, extraindividual (sistemas maquínicos, econômicos, sociais, tecnológicos, icônicos, ecológicos, etológicos, de mídia, ou seja, sistemas que não são mais imediatamente antropológicos), quanto de natureza infra-humana, infrapsíquica, infrapessoal (sistemas de percepção, de sensibilidade, de afeto, de desejo, de representação, de imagem e de valor, modos de memorização e de produção de idéias, sistemas de inibição e de automatismos, sistemas corporais, orgânicos, biológicos, fisiológicos, e assim por diante) (GUATTARI & ROLNIK, 2005b, p. 39).

A perspectiva das subjetividades como processos incessantes de possíveis e múltiplos implode as estruturas da totalidade da questão individual e identitária, propondo uma análise de agenciamento coletivo que “[...] não corresponde nem a uma entidade individuada, nem a uma entidade social predeterminada” (GUATTARI & ROLNIK, 2005b, p. 39). Assim, ao analisarmos práticas discursivas de um sujeito falante, devemos nos concentrar na polifonia discursiva que se constrói e não se representa individualmente; pois existe [...] a linguagem como fato social e existe o indivíduo falante” (GUATTARI & ROLNIK, 2005b, p. 42). O falante nunca está só ou age autonomamente; ele é suportado e carregado por uma multidão, por uma multiplicidade de vozes e ações que se interdependem, se interferem, se entrecruzam.

---

<sup>35</sup> Guattari (2012, p. 11) resgata o conceito de polifonia da filosofia de linguagem de Bakhtin para salientar e analisar o caráter heterogêneo e social do termo *subjetividade*. “A subjetividade, de fato, é plural, polifônica, para retornar uma expressão de Mikhail Bakhtin. E ela não conhece nenhuma instância dominante de determinação que guie as outras instâncias segundo uma causalidade unívoca”.

Ao problematizarmos as subjetividades como fluxos de fabricação de ~~sujeitos~~ de enunciação<sup>36</sup> conectados com agenciamentos sociais, técnicos, institucionais e individuais, - afirmamos que outros coletivos, as tecnologias, as instituições e outras produções culturais produzem subjetividades. Neste sentido, elas são produzidas como processos contínuos, indeterminados, dinâmicos, diversificados, e que realizam conexões com outros múltiplos agenciamentos, tornando-se impossível compreendê-las como totalizadas, acabadas e concluídas. Isso ocorre, segundo Guattari (2012a, p. 19), devido às subjetividades enquanto ~~Agenciamentos coletivos de enunciação~~” contemplarem tanto o sujeito da enunciação (sujeito da linguagem) quanto o enunciado (sujeito que diz ou faz), ocasião em que um falante ecoa uma multidão de vozes produtoras/produtos de vetores de subjetivação.

Assim sendo, a ideia central de indivíduo não é admitida como referência para os estudos e análises das subjetividades, sendo ~~+~~...] conveniente dissociar radicalmente os conceitos de indivíduo e de subjetividade” uma vez que, ~~+~~...] os processos de subjetivação são fundamentalmente descentrados em relação à individuação” (GUATTARI & ROLNIK, 2005b, p. 40).

Criticamente, os autores discordam totalmente da premissa do pensamento cartesiano que entendia a subjetividade como ~~solada~~” na existência do indivíduo; ao contrário, ela ~~+~~...] é essencialmente social, e assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares” (GUATTARI & ROLNIK, 2005b, p. 42).

Ao assumirmos a perspectiva de subjetividades, enquanto processos e multiplicidades, não passíveis de totalização e muito menos de centralização nos indivíduos, aceitamos a ideia de que não existem subjetividades ~~recipientes~~”, que apenas apreendam e interiorizam as produções dadas exteriormente no campo social. Assim sendo, devemos renunciar totalmente à noção de que ~~+~~...] a sociedade, os fenômenos de expressão social são a resultante de um simples aglomerado, de uma simples somatória de subjetividades individuais” (GUATTARI & ROLNIK, 2005b, p. 43).

Os processos de subjetivação, embora não estejam centrados nos indivíduos, eles os compõe nas relações sociais, e neste sentido, os autores clarificam:

---

<sup>36</sup> Em relação à produção de enunciados (processos de enunciação) Gilles Deleuze e Claire Parnet (1998) analisam que: ~~É~~ sempre um agenciamento que produz os enunciados. Os enunciados não têm por causa um sujeito que agiria como sujeito de enunciação, tampouco não se referem a sujeitos como sujeitos de enunciado. O enunciado é o produto de um agenciamento, sempre coletivo, que põe em jogo, em nós e fora de nós, populações, multiplicidades, territórios, devires, afetos, acontecimentos” (DELEUZE & PARNET, 1998, p.65).

O indivíduo, a meu ver, está na encruzilhada de múltiplos componentes de subjetividade. Entre esses componentes alguns são inconscientes. Outros são mais do domínio do corpo, território no qual nos sentimos bem. Outros são mais do domínio daquilo que os sociólogos americanos chamam de ‘grupos primários’ (o clã, o bando, a turma). Outros, ainda, são do domínio da produção de poder: situam-se em relação à lei, à polícia, e a instâncias do gênero (GUATTARI & ROLNIK, 2005b, p. 43).

Portanto, os indivíduos seriam as produções resultantes constituídas pelos atravessamentos (múltiplos, contínuos, provisórios e parciais) dos elementos sociais heterogêneos, ou seja, suas configurações seriam como resíduos sucessivos de experiências e estados vividos atravessados pelos diferentes fluxos pulverizados no campo social. As produções de subjetividades acontecem nos embates de forças que ocorrem nos encontros com outros agenciamentos no campo social – compondo os territórios existenciais dos indivíduos, os quais se autorreferenciam frente ao outro, ao mundo e ao “estado de si” (FOUCAULT, 1984).

Os indivíduos, ao serem atravessados por fluxos contínuos e múltiplos de “vetores de subjetivação” podem apreender registros singulares que emergem como afetos, valores, ideias vividas e ditas como individuais, de modo que:

[...] em certos contextos sociais e semiológicos, a subjetividade se individua: uma pessoa, tida como responsável por si mesma, se posiciona em meio a relações de alteridade regidas por usos familiares, costumes locais, leis jurídicas... Em outras condições, a subjetividade se faz coletiva, o que não significa que ela se torne por isso exclusivamente social (GUATTARI, 2012a, p. 19).

Assim, ao passo que os indivíduos são atravessados pelos componentes espalhados no campo social, eles também contribuem com experiências e trocas de afetos, valores, ideias, etc. Essas trocas coletivas e provisórias de produção de saber, poder e prazer (FOUCAULT, 1985) circulam e produzem outros afetos, valores, ideias, outras posições de sujeitos diante da vida e do mundo. Saber que as subjetividades não se situam apenas nos campos individuais, mas se ampliam nos campos de todos os processos de produções sociais e materiais, converge para análises de que os indivíduos emergem plenamente na posição de consumidores de subjetividades, pois,

O modo pelo qual os indivíduos vivem essa subjetividade oscila entre dois extremos: uma relação de alienação e opressão, na qual o indivíduo se submete à subjetividade tal como a recebe, ou uma relação de expressão e de criação, na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade,

produzindo um processo que eu chamaria de singularização (GUATTARI & ROLNIK, 2005b, p. 42).

As subjetividades perpassam por diferentes momentos históricos, constituídos pelos jogos de saber, poder e prazer (FOUCAULT, 1985). Portanto, cada contexto sócio-histórico, político e cultural abre passagens para análises dos processos de subjetivação em conexões com diferentes vetores de subjetivação que emergem e compõem os campos: sociais, políticos e existenciais. Nesse sentido, os processos de subjetivação vão se moldando de maneira difusa, mutante e dinâmica, a partir de vetores heterogêneos que se interconectam e se compõem, tais como as instituições, as práticas sociais, os procedimentos e estratégias, as linguagens, as tecnologias, as mídias, as informáticas, as ciências, as crenças, as organizações do capital e do trabalho, as economias (financeiras e dos desejos), os regimes políticos, as sexualidades, os gêneros, as raças/etnias, entre outros.

Ao se concluir que os processos de subjetivação compreendem como: agenciamentos coletivos de enunciação; são construídos socialmente por processos (des)contínuos no funcionamento intrapsíquico (inscrito nas esferas da consciência e da inconsciência); engendrados por condições sócio-históricas, políticas e por integrantes de distintas instâncias da cultura e; que produzem estilos de vida, práticas sociais e modos de existências (GUATTARI & ROLNIK, 2005b; DELEUZE & GUATTARI, 1996a), devemos nos indagar: Como acontecem os modos que subjetivam pessoas no que diz respeito aos processos de subjetivação normatizados e os processos de subjetivação singulares? Como se processam os modos desejantes que levam as pessoas a se comporem com as modificações corporais?

Primeiramente, para seguirmos em frente nas discussões, faz-se necessário apresentar um conceito extremamente importante, fruto da análise das produções das subjetividades, inicialmente voltado para problematizações sobre as sexualidades, suas regulações e seus prazeres, denominado de “dispositivo de sexualidade(s)”, e que é descrito como:

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas [...]. [...] tal discurso pode aparecer como programa de uma instituição ou, ao contrário, como elemento que permite justificar e mascarar uma prática que permanece muda; pode ainda funcionar como reinterpretação desta prática, dando-lhe acesso a um novo campo de racionalidade. Em suma, entre elementos, discursivos ou não, existe um tipo de jogo, ou seja, mudanças de posição, modificações de funções, que também podem ser muito diferentes [...]. [...] como um tipo de formação

que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante (FOUCAULT, 2003g, p. 244).

De modo complementar e convergente, a concepção de “dispositivo de sexualidade(s)” de Michel Foucault, Deleuze (2001) amplia a discussão e pergunta: *O que é um dispositivo?*, e responde:

É, antes de mais nada, um emaranhado, um conjunto multilinear. Ele é composto de linhas de natureza diferente. E estas linhas do dispositivo não cercam ou não delimitam sistemas homogêneos, o objeto, o sujeito, a língua, etc..., mas seguem direções, traçam processos sempre em desequilíbrio, às vezes se aproximam, às vezes se afastam umas das outras. Cada linha é quebrada, submetida a “variações de direção”, bifurcante e engalhada, submetida a “divisões”. Os objetos visíveis, os enunciados formuláveis, as forças em exercício, os sujeitos em posição são vetores ou tensores. Assim, as três grandes instâncias que Foucault distinguirá sucessivamente, Saber, Poder e Subjetividade, não têm de maneira alguma contornos fixos, mas são correntes de variáveis em luta umas com as outras. É sempre numa crise que Foucault descobre uma nova dimensão, uma nova linha [...] (DELEUZE, 2001, p. 01).

Deleuze (2001) propõe uma análise do conceito foucaultiano e evidencia a composição multilinear que emergente do dispositivo, em que o emaranhado das linhas multifacetadas em vetores e direções desordenados e de fluxos contínuos se movimentariam em um campo de tensão, sempre se acrescentando, sendo essas “[...] linhas de visibilidade, de enunciação, linhas de força, linhas de subjetivação, linhas de ruptura, de fissura, de fratura, e todas se entrecruzam e se misturam, de modo que umas repõem as outras ou suscitam outras, através de variações ou mesmo de mutações de agenciamento” (DELEUZE, 2001, p. 03).

Nesses processos, esses lineamentos se mostram como linhas de subjetivação que compõem a heterogeneidade dos dispositivos e podem fazer emergir variedades de posições: ora de resistências, ora de assujeitamentos às regras e normas. Guattari e Rolnik (2005b) analisam que as subjetividades se moldam e permanecem massivamente disciplinadas e controladas por dispositivos de “poder, saber e prazer” (FOUCAULT, 1985), utilizando renovadas técnicas, estratégias e procedimentos para produzir subjetividades normatizadas. Nestas produções sedentárias, observamos os assujeitamentos às instituições produtoras de subjetividades vigiadas e ordenadas pela família, Estado, mercado de trabalho, mídia de massa, direito, medicina, psicologia, entre outros, que buscam formatar subjetividades por normas que prezam pelas conformidades, pelas homogeneidades, pelas (re)produções dos idênticos, achatando as diferenças em suas heterogeneidades e não permitindo, dessa maneira,

a ampliação dos horizontes para novas experiências, outras conexões com o desconhecido, o inédito, o surpreendente, o intempestivo, o inovador e com aquilo que não seja coerente, lógico e nem inteligível.

Os processos de subjetivação normatizadores/sedentários/individualizadores empreendem estratégias e procedimentos disciplinares e de controle para estabelecer ordens, partindo das premissas que nos intimidam a não romper com valores normativos referenciados pelas ordens capitalísticas<sup>37</sup> (GUATTARI & ROLNIK, 2005b). Os autores nos alertam para nos atermos a que tudo o que se é produzido no campo social passa pela subjetivação capitalística, uma vez que:

[...] tudo o que nos chega pela linguagem, pela família e pelos equipamentos que nos rodeiam – não é apenas uma questão de idéia ou de significações por meio de enunciados significantes. Tampouco se reduz a modelos de identidade ou a identificações com pólos maternos e paternos. Trata-se de sistemas de conexão direta entre as grandes máquinas produtivas, as grandes máquinas de controle social e as instâncias psíquicas que definem a maneira de perceber o mundo (GUATTARI & ROLNIK, 2005b, 35).

Em uma análise complementar, referenciada no *-Post-scriptum* sobre as sociedades de controle”, Deleuze (2010b) assim como Guattari e Rolnik (2005b) propõem pensar a relação entre o capitalismo, as sociedades de controle e os modos de subjetivação, e nessa aproximação ocorrem processos que capturam, orientam, determinam, controlam, interditam e criam modelações de sujeitos, de modo que assegurem às gestualidades, as condutas, os pensamentos, os afetos, os desejos, os discursos, entre outras práticas que emergem e, assim sendo, produzem normativas que restringem eles mesmos de ousarem criar e compor possibilidades plurais pensadas além da proposta ordenada pela lógica identitária e do capital. A ordem capitalística produz modos de pensar e se comportar, “[...] modos como se trabalha,

---

<sup>37</sup> A respeito do termo, encontramos a nota nº 15 (GUATTARI & ROLNIK, 2005a, p. 413) que anuncia: “Guattari acrescenta o sufixo *‘ístico’* a *‘capitalista’* por lhe parecer necessário criar um termo que possa designar não apenas as sociedades qualificadas como capitalistas, mas também setores do assim chamado *‘Terceiro Mundo’* ou do capitalismo *‘periférico’*, assim como as economias ditas socialistas dos países do leste, que vivem numa espécie de dependência e contradependência do capitalismo. Tais sociedades, segundo Guattari, funcionariam com uma mesma política do desejo no campo social, em outras palavras, com um mesmo modo de produção da subjetividade e da relação com o outro (Esta temática encontra-se desenvolvida ao longo do livro, em diferentes direções)”. Guattari dá ao termo *‘-capitalístico’* visibilidade teórico-política e de abrangência para além de um sistema/plano econômico político, pois o conceito engloba a economia subjetiva, modos de existências, de vidas, de trabalhos, que ordenam referências para analisar os processos de subjetivação engendrados e agenciados pelas sociedades de consumos ocidentais. Nos estudos que aqui se seguem, o *‘-capitalístico’* está relacionado às estratégias e procedimentos normatizadores que abordam e prescrevem os processos de subjetivação assujeitadas que promovem corporalidades normatizadas, (re)produzidas e iguais, assim como também àqueles que produzem corporalidades singulares ou dissidentes aos padrões estéticos e, portanto, buscam compor estilísticas de existências que se afastam das matrizes *‘-capitalísticas’*”.

como se é ensinado, como se ama, como se transa, como se fala [...]”. Ela também determina a relação com  $\neg$ ...] a produção, com a natureza, com os fatos, com o movimento, com o corpo, com a alimentação, com o presente, com o passado e com o futuro – em suma, ela fabrica a relação do homem/*mulher*<sup>38</sup> com o mundo e consigo mesmo” (GUATTARI & ROLNIK, 2005b, p. 51).

Por essa lógica são empreendidos processos de estigmatização<sup>39</sup>, de marginalização e exclusão para aqueles que incitam ou se viram contra o ordenamento capitalístico. Os sujeitos de enunciados trazem - como enunciação - os discursos dos desrespeitos, da cultura do não pertencer e não se identificar socialmente com outros iguais, para aqueles que ousam ocupar o lugar dos  $\neg$ desertores” capitalísticos. Ainda, provocam o terror nos sujeitos em serem postos na posição da abjeção e, assim, serem identificados como doentes, loucos, criminosos, pecaminosos, antissociais, inadequados, entre outros.

De acordo com Guattari e Rolnik (2005), as ações nefastas das linhas de montagem de subjetividades capitalísticas (normatizadas) passam por artifícios da segregação e da culpabilização, aliás, a  $\neg$ ...] segregação é uma função da economia subjetiva capitalística diretamente vinculada à culpabilização” (p. 50). Esses mecanismos devastadores pautados pela ordem capitalística são necessários para que não ocorram desvios, rupturas, escapatórias às formatações identitárias fixas e de estilos de existir traçados pelas matrizes dominantes.

Dentre os múltiplos modos de subjetivação que concorrem para as produções de subjetividades no mundo capitalista, existem aqueles que buscam escapar ao poder das (re)produções e manutenções de modelos e normativas. Na potência da vida, existem brechas que nos permitem forjar saídas para os processos de subjetivação singulares/nômades/potentes (subjetividades singulares) que privilegiam a construção de um mundo criativo, das possibilidades, em que a multiplicidade heterogênea de elementos estabelece conexões com

---

<sup>38</sup> O substantivo  $\neg$ mulher” ao lado da palavra  $\neg$ homem” aparece para atualizar as citações restritas a figura molar  $\neg$ homem”, sendo justificada pela posição política do pesquisador em reconhecer a necessidade de acrescentar a figura da  $\neg$ mulher” como respeito às reivindicações políticas de direitos. Também compreendo, a partir do posicionamento político e perspectiva teórica de Suely Rolnik, que a autora não faria objeção com a atualização de suas citações.

<sup>39</sup> A ideia de  $\neg$ estigma” utilizada anteriormente por Goffman (1988) será substituída, ampliada, dinamizada e atualizada pelo termo  $\neg$ processos de estigmatização” trazido por Parker & Aggleton (2001). A justificativa para a escolha procede pelo entendimento de que o estigma seja uma manifestação processual, contextual, histórica e política, que realiza interface com outros analisadores e marcadores sociais, potencializando-se de modo somativo e crescente; sempre empregado estrategicamente a favor do poder para (re)produzir relações assimétricas e de desigualdades no campo social. Esta manifestação pode iniciar na família e seguir, de maneira aditiva ao longo das existências dos sujeitos, ocorrendo em diversos momentos e esferas da vida humana e nas complementares instituições sociais. Ver: GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed., Rio de Janeiro: LTC, 1988; Ver também: PARKER, Richard & AGGLETON, Peter. **Estigma, discriminação e AIDS**. Tradução de Cláudia Pinheiro. Rio de Janeiro: ABIA, Coleção ABIA – Cidadania e direitos, v.1, 2001.

novas experiências e sensações, propondo modos alternativos de estilos de vida a partir de valores criados que permitem outras formas singulares de pensar, agir e sentir o mundo.

Nas artes das existências, nas técnicas de cuidado de si<sup>40</sup> e nos usos dos prazeres anunciadas por Foucault (1984; 1985), ao passo que os homens e as mulheres constroem e moldam maneiras de agir e pensar por meio de normas, também existem aqueles que buscam coragem para se (trans)formarem e assim (re)inventarem modos singulares de existir. Dessa maneira, produzem a vida como uma obra de arte que se compõem amplamente por estilos estéticos e éticos que não se pautam nos crivos da normatização para uma vida potente.

Na dimensão desejante da vida, podemos nos conectar com qualquer componente e nos (re)inventarmos na maneira de ver, sentir, desejar e experimentar os encontros com outras conexões possíveis, vibráteis e potentes dentro dos acontecimentos cotidianos e agenciados coletivamente. Essa plasticidade desejante permite a modificação e/ou atualização de movimentos de inovações, pois as conexões plurais nestes processos são sempre fluxos contínuos e heterogêneos, não sendo inteligíveis, previsíveis e probabilísticos. No entanto, é importante salientar, os processos de (re)invenções da vida não são determinados “*para sempre*”, pois, por se tratarem de processos dinâmicos, imprevisíveis e não-probabilísticos, eles podem ser capturados por normas e regras recorrentes a um posicionamento ou, ainda, essas (re)invenções funcionarem como um “regime de verdade” coletivamente fixado.

Os embates trazidos pelos processos capitalísticos para *forçar a tomada* de posicionamentos em torno das matrizes dominantes são intempestivos, pois a ideia seria não permitir rupturas (mesmo que pequenas) que propusessem aos sujeitos colocar a vida para se movimentar em fluxos vivos. Aqueles que realizam encontros com os processos de singularização (ou aqueles que possuem a pretensão de tê-los) travam uma batalha árdua para não serem aniquilados pelas desqualificações e ameaças advindas daquelas enunciações imperativas que tentam abafar as resistências que rompem com os valores rigidamente instituídos.

A concepção de processos de singularização  $\neg$ ...] é algo que frustra esses mecanismos de interiorização dos valores capitalísticos, algo que pode conduzir à afirmação de valores num registro particular, independentemente das escalas de valor que nos cercam e espreitam por todos os lados” (GUATTARI & ROLNIK, 2005b, p. 55-56). Conforme os autores, o que

---

<sup>40</sup> Foucault (1985), na obra *História da Sexualidade III – o cuidado de si*, analisa o modo de existência que os gregos almejam alcançar, tratando-se de  $\neg$ ...] uma arte da existência que gravita em torno da questão de si mesmo, de sua própria dependência e independência, de sua forma universal e do vínculo que se pode e deve estabelecer com os outros, dos procedimentos pelos quais se exerce seu controle sobre si próprio e da maneira pela qual se pode estabelecer a plena soberania sobre si” (FOUCAULT, 1985, p. 234).

caracteriza os processos de singularização diz respeito a sua função de automodelação, ou seja, que esses processos consigam captar elementos contextuais e construam referências práticas e teóricas próprias, sem estabelecer uma relação subalterna de dominação em relação às hierarquias de poderes em todas as esferas da vida social. A partir do entendimento da heterogeneidade de linhas que compõem os dispositivos, subsequentemente, os processos de subjetivação (normativos e singulares), suscitam-se, teoricamente, outros componentes heterogêneos extremamente importantes para a compreensão dos processos de subjetivação.

No contexto histórico atual, poderíamos inferir que as mudanças são quase que cotidianas, aumentando as possibilidades e dando abertura para as composições de existências que não precisam se manter enlaçadas pelas raízes fixas das identidades. A vida, em sua urgência, pede conexões persistentemente com o novo, com outras tecnologias científicas, sociais (sexuais, de gêneros, corporais), entre outras.

#### **2.4.2 “Em Um Mundo de Contornos Fragmentados, Quem Precisa de Identidade Para Performar?”**

Sem essa de que: "Estou sozinho"  
Somos muito mais que isso  
Somos pingüim, somos golfinho  
Homem, sereia e beija-flor  
Leão, leoa e leão-marinho  
Eu preciso e quero ter carinho, liberdade e respeito  
Chega de opressão  
Quero viver a minha vida em paz [...]  
**(Vamos fazer um filme – Legião Urbana)**

É contextualizado por Manuel Castell (1996) e Pierre Lévy (1996) que a era da informação e das virtualidades é marcada por uma cultura globalizada, rizomática e cibernética, intensificada pela crescente diversificação dos suportes tecnológicos e virtuais. A tecnologia tem possibilitado a acessibilidade universalizada de informações, promovido relacionamentos sociais virtualizados, redução de distâncias geográficas, assim como o agenciamento de processos identificatórios de pessoas que possuem interesses, características e especificidades em comum, sejam elas, desejos e/ou práticas sexuais singulares, reivindicações e manifestos políticos, compartilhamento de experiências, ou ainda, pessoas que querem ou já estão em processo de transformações corporais.

Embora as máquinas não expliquem tudo, entretanto, com o advento das culturas tecnológicas, os sujeitos puderam problematizar possibilidades de mundos reais/virtuais extensos e habitados por dissidências e singularidades plurais, principalmente relacionados às corporalidades. Assim, Sant'Anna (2000b) analisa que:

[...] o culto ao corpo contemporâneo parece resultar de uma ampla ruptura com o passado: ruptura em relação às regras de condutas misóginas e filiadas ao eugenismo; ruptura perante a tradição religiosa, devota à pureza sexual; ruptura com uma moral do sacrifício e, enfim, ruptura com as informações contidas no patrimônio genético de cada um [...]" (p. 35).

No entanto, como bem nos lembra Sant'Anna (200b) é evidente que essas rupturas não se dão de formas homogêneas e contínuas, pois por se constituírem como aberturas, são acontecimentos que insurgem dos embates entre forças, e nesses embates, algumas vezes, encontramos a renovação de antigos valores, tais como aqueles oriundos do ideário mecanicista, bem como a persistência de receios que atravessam as épocas e as culturas" (p. 35).

O corpo extrapolou os seus limites definidores, tendo seus contornos identitários, por um lado, reforçados por estigmas e, por outros prismas teóricos, esfacelados, solicitando a emergência de um posicionamento epistemológico em movimentos que acompanhem os contrastes sociais atualizados, ou seja, afastados dos mandamentos conceituais referenciados por uma lógica dualista.

Enquanto, produtos históricos e permeados pelas culturas, os corpos assumiram amplos e divergentes sentidos - singulares e coletivos, criativos ou alienados, produzindo discursos a partir de cada cultura e de cada grupo social aos quais estão circunscritos, no entanto, nunca deixaram de ser um analisador político. Em última análise, remeter-se às construções discursivas sobre as corporalidades seria problematizar as materializações de ordens normatizadoras de estéticas, sentidos, sensações, desejos e valores (FOUCAULT, 2006). Neste sentido exposto, os corpos em suas demarcações teóricas, paradigmáticas e identitárias, são produzidas dentro dos discursos e, assim, necessitam em suas insurgências serem discutidos dentro dos contextos sócio-históricos, políticos e culturais os quais os tornam institucionalizados ou habitantes das margens. Essas problematizações passam, principalmente, pelo desdobramento do conceito *identidade*.

O conceito identidade é utilizado por uma gama ínfima de posicionamentos filosóficos e correntes teóricas, sendo um elemento problemático dentro das ciências humanas, onde é mais fortemente estudado. Assim, se torna insuficiente pensá-la como unidade, como agente

pacificador entre teóricos, sendo possível discorrer a partir da sua pluralidade e embates que a faz ser um insurgente condutor dos estudos das corporalidades.

O modo encontrado para construir o itinerário formativo nesta tese se fez a partir da análise do sociólogo jamaicano Stuart Hall (2001) em que se atenta aos autores que “oferecem leituras um tanto diferentes da natureza da mudança do mundo pós-moderno, mas suas ênfases na descontinuidade, na fragmentação, na ruptura e no deslocamento contêm uma linha comum” (p. 18). Assim, o que está em jogo nas questões da(s) identidade(s) não são as nomeações de um conjunto paradigmático de movimentos discursivos (modernidade, modernidade tardia, pós-modernidade), mas as linhas que as levam às descentralizações articuladoras, que permitem problematizar as políticas identitárias<sup>41</sup> (e suas consequências impactantes) a partir dos desdobramentos pluralizados das produções das subjetividades.

Porém, é importante ressaltar que nas discussões das identidades como fragmentadas, plurais e provisórias, é preciso observar o seu desenvolvimento teórico para se analisar as suas rupturas e descentralizações. Para pensar as identidades deslocadas, Hall (2001) nos lembra que se teve que superar a(s) identidade(s) das sociedades tradicionais - o sujeito do Iluminismo e o sujeito sociológico até a emergência do sujeito pós-moderno.

No sujeito do Iluminismo, o “[...] centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa [...]” (HALL, 2001, p. 11), em que o indivíduo era unificado e o seu núcleo interior dotado de capacidades de ação, razão e consciência. No sujeito sociológico, refletia-se a “[...] crescente complexidade do mundo moderno [...]” (HALL, 2001, p. 11), que traz a análise do sujeito como um ser social formado de núcleo interior heterônomo e insuficiente, necessitando para a sua constituição, portanto, estabelecer interações com outras pessoas que balizariam a mediação de valores, sentidos, significados culturais entre o seu mundo pessoal e o mundo público, entre o espaço “interior do eu” e as culturas “exteriores” - que ofertam identidades no ambiente onde está inserido.

Prontamente, o sujeito pós-moderno seria avesso da problematização da identidade “plenamente unificada, completa, segura e coerente” (HALL, 2001, p. 13). Ao contrário, situou-se na destituição do seu *status* de fixidez, permanente e adotada como uma essência. As representações do sujeito pós-moderno não são definidas biologicamente, mas por interpelações sócio-históricas, políticas e culturais que produzem uma multiplicidade incoerente e contraditória de identidades que se assumem “diferentes em diferentes

---

<sup>41</sup> Ao invés de políticas de identidades seria mais interessante problematizarmos as políticas de solidariedades, e assim, a emergência de redes de dissidências e singularidades em processos de emancipação política psicossocial que possam ser reconhecidas como afirmativas e dignas de direitos políticos, sociais, ou seja, existenciais.

momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente” (HALL, 2001, p.3). Para o autor, as identidades nas discussões pós-modernas nos levam a problematizá-las como conceitos não essencialistas, mas estratégicos que exigem posicionamentos frente aos humanos, afirmando que:

[...] as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são nunca singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou serem antagônicas. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação (HALL, 2003, p. 108).

O autor supracitado nos lembra que as identidades se tornaram uma interessante questão para os estudos atuais devido a suas crises recorrentes, a suas fragmentações e deslocamentos que as deixam descentralizadas; porém, segundo Hall (2003, p. 08), esse patamar crítico de dismantelamento da simplificação do termo são “provisórias e abertas à contestação”, ou seja, a pluralidade e complexidade do conceito deve estar vulnerável a outras possibilidades de problematizá-las juntamente à outras conexões teóricas atualizadas<sup>42</sup>.

Para tanto, farei um aporte teórico que adiciona, atravessa e amplia os acoplamentos múltiplos trazidos pelos autores elencados (que localizam a identidade em períodos e movimentos históricos – “modernidade”, “modernidade tardia”, “pós-modernidade”). Isto se torna possível devido aos impactos proporcionados pela globalização e pelo aparecimento desordenado de suportes tecnológicos que encurtam “espaços” e “tempos” e assim desfiguram

---

<sup>42</sup> Historicamente, Hall (2001) considera cinco grandes avanços teóricos e pensamentos ocidentais que permearam, a partir da segunda metade do século XX, impactando o descentramento do sujeito cartesiano e, portanto, a idealização de uma identidade imutável e una. Um *primeiro* teórico diz respeito ao pensamento de Carl Marx (século XIX, mas “redescoberto” no contexto social da década de 1960) que colocava as relações sociais e os modos de produção do trabalho e do capital como elementos para a construção das identidades, rejeitando assim, a crença da essência universal do humano que o tornava um ser a-histórico e descontextualizado da sua realidade. A *segunda* descentralização seria o constructo teórico do inconsciente, descoberto por Sigmund Freud. O pai da psicanálise estruturou os estudos dos processos psíquicos e simbólicos (desejos, sexualidades) afastados da lógica racional e fixa do sujeito cartesiano. Nesse ordenamento, as identidades seriam formações de processos inconscientes incompletos e se formulariam ao longo da existência do sujeito, sendo estas examinadas por técnicas interpretativas. O *terceiro* descentramento seria advindo dos estudos lingüísticos de Ferdinand de Saussure que dizia que “a língua é um sistema social e não um sistema individual” (HALL, 2001, p. 40) e, assim sendo, os significados e as expressões da linguagem devem ser compreendidos como provisórios, instáveis, em embates de sentidos e perturbados pelas diferenças. O *quarto* descentramento importante para a superação do sujeito cartesiano se refere aos pensamentos de Michel Foucault sobre a genealogia do sujeito moderno; nessa genealogia, o filósofo descreve e analisa as estratégias e procedimentos exercidos pelo poder sobre os corpos e que produzem sujeitos cada vez mais individualizados. Por fim, o *quinto* e último descentramento é descrito pelos impactos ocasionados pelas feministas, em conjunto com outros movimentos sociais, e produções teóricas que eclodiram durante a década de 1970, trazendo para a esfera pública, componentes ditos como privados, mas que engendravam a vida em sociedade, tais como as expressões das sexualidades, as instituições familiares e as condições femininas nas sociedades ocidentais.

os sistemas de representações fixos. Embora não se negue que existam produções e práticas sociais que ocorrem e suas importâncias são delimitadas em diferentes épocas culturais específicas, é sabido que não existe uma linearidade ordenada e estanque de períodos históricos. Em uma análise pormenorizada, diferentes autores posicionam a identidade em distintos movimentos históricos (~~–~~modernidade”, ~~–~~modernidade tardia”, ~~–~~pós-modernidade”), no entanto, não se sabe quando se iniciam ou acabam tais períodos. Pergunta-se: Esses movimentos não poderiam co-existir?

A partir deste posicionamento teórico, buscarei em Rosi Braidotti (2009) o conceito *(trans)contemporaneidade* para problematizar identidades e corporalidades na atualidade. Podemos analisar que a ideia de (trans)contemporaneidade se aproxima do pensamento deleuziano quando propõe que a experiência é sempre atual e múltipla. O filósofo, quando analisa as grandes teses de Bergson sobre o tempo, diz: ~~–~~[...] o passado coexiste com o presente que ele foi: o passado se conserva em si, como passado em geral (não-cronológico); o tempo se desdobra a cada instante em presente e passado, presente que passa e passado que se conserva” (DELEUZE, 2007, p. 103).

A ideia defendida por Braidotti de ~~–~~transposição”, ou seja, o movimento de sempre estarmos em trânsitos, nos ajudem a cartografar sobre a (trans)contemporaneidade e a constituição dos sujeitos nômades que a habitam, e, neste sentido, a autora nos oferece pistas como sendo:

[...] una transferencia intertextual que atraviesa fronteras, transversal, en el sentido de un salto desde un código, un campo o un eje a otro, no meramente en el modo cuantitativo de multiplicidades plurales sino, antes bien, en el sentido cualitativo de multiplicidades complejas (BRAIDOTTI, 2009, p.20).

Braidotti, leitora de Deleuze, apresenta a idéia de transposições para criar um estilo de pensamento filosófico em que os conceitos estão intimamente conectados com a cultura e o político, assim analisando os acontecimentos como co-existências e co-habitações múltiplas que reverberam polifonias discursivas localizadas que desconstroem continuidades históricas evolucionistas e modos de existir lineares e universalizantes. Nesta perspectiva, Braidotti (2002) analisa que a identidade compreendida enquanto processo, ela ~~–~~[...] é construída nos mesmos gestos que a colocam como ponto de ancoradouro de certas práticas sociais e discursivas. Conseqüentemente, a questão não é essencialista [...] (BRAIDOTTI, 2002, p. 4). Mas como as identidades são construídas? Quem as autoriza, as legitima ou, ainda, as

reivindicam? Como pergunta Braidotti (2002, p. 4): “Por quem? Sob quais condições? Para que fins?”.

Uma pista teórica interessante para problematizar as identidades é originária nas discussões de Judith Butler (2003) em que denuncia que o poder opera na produção de estruturas binárias por meio de uma *matriz de inteligibilidade*, que propõe estabilidades internas, linearidades e conformidades para explicar categorias fundacionais, onde localizamos as corporalidades, os desejos, as sexualidades, os prazeres, os gêneros, entre outras categorias que compõem as feições dos(as) humanos(as). Nesta lógica, Butler (2003) nos lembra que as sociedades ocidentais buscam legitimar as identidades a partir do “sistema sexo – gênero – desejo” e, assim, produzir categorias inteligíveis e uniformes, pois:

[...] a ‘coerência’ e a ‘continuidade’ da ‘pessoa’ não são características lógicas ou analíticas da condição de pessoa, mas, ao contrário, normas de inteligibilidade socialmente instituídas e mantidas. Em sendo a ‘identidade’ assegurada por conceitos estabilizadores de sexo, gênero e sexualidade, a própria noção de ‘pessoa’ se veria questionada pela emergência cultural daqueles seres cujo gênero é ‘incoerente’ ou ‘descontínuo’, os quais parecem ser pessoas, mas não se conformam às normas de gênero da inteligibilidade cultural pelas quais as pessoas são definidas (BUTLER, 2003, p.38).

Para Butler (2003), resistir ou driblar a matriz de inteligibilidade e propor “impossibilidades lógicas” (p. 39), rupturas e descontinuidades requer investigar o (des)centramento nas “[...] apostas políticas, designando como *origem* e *causa* categorias de identidade que, na verdade, são *efeitos* de instituições, práticas e discursos cujos pontos de origem são múltiplos e difusos.” (p. 9). Nessas discussões, aos/as que fogem às institucionalizações das identidades, aos/as que recusam a delimitação dos contornos identitários rígidos, caem em uma *malha fina* de relações de poderes que os/as diferenciam, os/as colocam à margem, à exclusão, aos processos de estigmatização e de discriminação e, a partir da demarcação que estabelece a diferenciação. Corroborando para esta discussão, Hall (2003) analisa que as identidades funcionam, ao longo da história, como pontos estratégicos de identificação e pela capacidade de marcar como exterior, e assim, diferenciar como algo indesejável, uma vez que “[...] as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela [...]” (p. 110).

Em uma análise complementar, David Córdoba (2005) e Susana López Penedo (2008) adicionam a acusação de que a categoria “identidade” produz uma dimensão não somente de marginalizações, mas de exclusões e extermínios de todos e quaisquer processos identitários que fogem da programação binária do sistema sexo-gênero. Isto se deve por conta de que toda

identidade se constrói pela diferença partindo de relações hierárquicas dentro da lógica do saber-poder-prazer. Nestas relações, elenca-se uma matriz identitária dominante e se nega todas as possibilidades de composições de sujeitos singulares que possam emergir e equivaler a ela. Ou seja, toda identidade possui o seu oposto, a sua margem, o seu excesso, a sua diferença, que produzem jogos de poder e hierquizações umas em relação às outras.

Para àqueles sujeitos da diferença, cuja polaridade identitária recai sobre a negatividade da estigmatização ou inadequação social, ou marginalizada (manifesta ou silenciada), Butler (2003) retoma o conceito de *abjeto*. O posicionamento abjeto  $\neg$ [...] designa aquilo que foi expelido do corpo, descartado como excremento, tornado literalmente *‘Otro’*. Parece uma expulsão de elementos estranhos, mas é precisamente através dessa expulsão que o estranho se estabelece [...]” (p. 190-191).

A abjeção, necessariamente, implica na ação excludente que descarta o *‘Otro’*, pressupondo e produzindo um campo social de diferenciação na ordem do termo psicanalítico lacaniano da *‘forclusão’*. Ou seja, a abjeção fundamenta-se no repúdio e na patologização de um significante/sujeito (ou de um significante/classe-de-sujeitos) que devem ocupar uma *zona inabitável e inóspita*, a serem encarados na condição marginal, na condição de inominável, inaceitável, intolerável, indesejável, abominável, de excremento e a ser destituído das fronteiras que qualificam/legitimam os sujeitos como seres humanos e sujeitos de direitos (BUTLER, 2008).

As identidades, sejam elas polarizadas normativamente ou no status de *abjeto*, são significações discursivas e de práticas sociais que situam os sujeitos (e seus discursos) em lugares, sendo esses lugares quais os permitem interpelar e acessar o mundo (falar/desejar/agir/circular/existir) e, assim sendo, nesses processos se constroem sujeitos por meio de produção de subjetividades, que ora normatiza, ora singulariza as corporalidades e suas conexões com a vida. Portanto, as identidades, podem ser encaradas em suas transitoriedades e temporárias às posições-de-sujeitos, articuladas nos *‘entres’* fluxos de discursos.

Nos meandros teóricos postulados por Butler (2003), encontramos a sugestão da implosão das identidades cristalizadas, a partir da problematização da categoria gênero. A autora propõe tratar os marcadores sociais ou categorias de análise por meio de uma *‘teoria das performatividades’*, onde estas *‘performances’* estão submetidas às práticas reguladoras e punitivas (para que se mantenha a coerência e continuidade), mas também possibilita o rompimento, a  $\neg$ [...] re-significação subversiva e sua proliferação além da estrutura binária” (BUTLER, 2003, p. 11). Ampliando a análise, a autora aponta que:

Pero, entonces, ¿cómo se relaciona la noción de performatividad del género con esta concepción de la materialización? En el primer caso, la performatividad debe entenderse, no como un ‘acto’ singular y deliberado, sino, antes bien, como la práctica reiterativa y referencial mediante la cual el discurso produce los efectos que nombra. Lo que, según espero, quedará claramente manifiesto en lo que sigue es que las normas reguladoras del ‘sexo’ obran de una manera performativa para constituir la materialidad de los cuerpos y, más específicamente, para materializar el sexo del cuerpo, para materializar la diferencia sexual en aras de consolidar el imperativo heterosexual (BUTLER, 2008, p. 18).

Esta invenção teórica sustenta a idéia que as identidades (sexuais, de gênero, corporais, etc...) são atos performativos, são performatividades constituídas e produzidas na materialidade dos corpos. A performatividade - de gênero ou qualquer que seja ela - pode ser compreendida como “[...] um estilo *corporal*, um *‘ato’*”, por assim dizer, que tanto é intencional como *performativo*, onde ‘performativo’ sugere uma construção dramática e contingente do sentido” (BUTLER, 2003, p. 199). Neste prisma de análise, o que está em jogo nas (re)significações e (re)formulações das materialidades dos corpos em performances seria, evidentemente, devido aos corpos estarem sob efeitos das dinâmicas dos poderes, isto é, essas materialidades são indissociáveis das normas reguladoras que os governam e os significam a partir desses efeitos. Outra condição que dificulta a materialização de corporalidades que fogem a *matriz de inteligibilidade* diz respeito às performatividades como práticas discursivas e, portanto, estão sujeitos às construções das normas culturais que governam as materialidades desses corpos.

Deste modo, Butler (2003; 2008) desenvolve a idéia que as identidades dos sujeitos são constituídas enquanto práticas discursivas, sendo uma produção identitária *ficcional* que emerge nos embates de significações recorrentes no campo social. A autora nos leva a análise de que o gênero enquanto um ato, requer uma *“performance repetitiva”* que é “[...] a um só tempo reencenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente; e também é a forma mundana e ritualizada de sua legitimação (BUTLER, 2003, p. 200). Partindo da perspectiva teórica *butleriana*, poderíamos problematizar que a pergunta, *“Quem sou eu?”*, seria mais legítima se (re)feita para *“Θ que fizeram de mim?”*, que ainda pode ser seguida das indagações realizadas, na obra *“Diálogos”*, por Gilles Deleuze e Claire Parnet (1998, p. 10), *“Θ que você está se tornando?”*.

A partir destas (re)formulações e digressões sobre as identidades, podemos analisar que os corpos não podem ser compreendidos como superfícies passivas a espera de significações e representações, mas como *“um conjunto de fronteiras individuais e sociais, politicamente significadas e mantidas”* (BUTLER, 2003, p. 59) e assim sendo cabe (re)pensar

significações impossíveis que podem proliferar jogos subversivos aos regimes reguladores que naturalizam as relações discursivas sobre as corporalidades, pois fugir ou esquivar-se das lógicas identitárias seria a possibilidade de criar [...] oportunidades críticas de expor os limites e os objetivos reguladores desse campo de inteligibilidade e, conseqüentemente, de disseminar, nos próprios termos dessa matriz de inteligibilidade, matrizes rivais e subversivas [...] (BUTLER, 2003, p.39).

Ao criticar a noção de identidade, Butler (2003), Córdoba (2005) e Penedo (2008) denunciam que nos processos de fixação de identidades criam-se mecanismos de negação de outras formas possíveis de identidades. Ao mesmo tempo, também produz modos de subjetivação que façam com que os sujeitos acreditem nas explicações de uma essência e de uma natureza rígida e imutável que compõem a noção de identidade.

Para Córdoba (2005) a destituição da fixidez identitária requer posições de sujeitos resistentes às manipulações totalizantes dos(as) humano(as). Para isto, problematiza que os contornos identitários sejam considerados dentro de discussões políticas, de modo a (re)significar essas bordas fixas e, dessa maneira, propor as equivalências de existências a toda e qualquer dimensão de vida social.

#### 2.4.3 Subversões Tecnológicas: Por Uma Vida Menos Ordinária

Pane no sistema alguém me desconfigurou  
 Aonde estão meus olhos de robô?  
 Eu não sabia, eu não tinha percebido  
 Eu sempre achei que era vivo  
 Parafuso e fluído em lugar de articulação  
 Até achava que aqui batia um coração  
 Nada é orgânico é tudo programado  
 E eu achando que tinha me libertado  
 Mas lá vem eles novamente, eu sei o que vão fazer:  
 Reinstalar o sistema [...]  
 (Admirável Chip Novo – Pitty)

No contexto das leituras subversivas, e em consonância com as proposições butlerianas, Donna Haraway investe em uma perspectiva política e irônica para produzir teorias (e seus desdobramentos) que se opõem e desconstroem os paradigmas canônicos do *cogito* cartesiano que incita ao universal, ao referencial e representacional, ao binário, ao essencialismo, ao racional e à misoginia.

Na obra *Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX*, Haraway (2000) aposta na idéia de blasfêmia para indagar sobre o que constitui e onde habita a categoria humana. A importância da blasfêmia não consistiria em produzir apostasia, a simples oposição da idéia a ser ironizada; pelo contrário, seria a aceitação de que ironia e seriedade co-habitam *“nos entres”* contradições que nunca se resolvem ou se desfazem. Blasfemar é admitir ironicamente a seriedade dos enunciados, pondo em questionamento verdades cristalizadas, em uma *“[...]”* tensão de manter juntas coisas incompatíveis porque todas são necessárias e verdadeiras” (p. 39). No método político e blasfêmico em pensar os(as) humanos(as) em uma ótica ampliada e não representacional, encontramos a imagem do *ciborgue* apresentado pela autora:

Um ciborgue é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção. Realidade social significa relações sociais vividas, significa nossa construção política mais importante, significa uma ficção capaz de mudar o mundo (HARAWAY, 2000, p. 40).

[...] mito do ciborgue significa fronteiras transgredidas, potentes fusões e perigosas possibilidades – elementos que as pessoas progressistas podem explorar como um dos componentes de um necessário trabalho político (HARAWAY, 2000, p. 50).

O ciborgue é uma paródia para se dizer do humano, da ironia, das parcialidades e das localidades. De acordo com Bakhtin (1981), nos componentes das ironias encontramos uma polifonia de vozes que se posicionam de formas antagônicas, expondo perspectivas discordantes que se encontram em embates discursivos. O ciborgue de Haraway (2000) se constitui em uma complexidade política, irônico e funciona como uma paródia. Na paródia, de acordo com Bakhtin (1981, p. 168), *“o autor fala a linguagem do outro, porém, diferentemente da estilização, reveste essa linguagem de orientação semântica diametralmente oposta à orientação do outro. A segunda voz, uma vez instalada no discurso do outro, entra em hostilidade com o seu agente primitivo e o obriga a servir a fins diametralmente opostos. O discurso se converte em palco de luta entre duas vozes. Por isso é impossível a fusão de vozes na paródia [...]”* (BAKHTIN, 1981, p.168). A idéia de paródica de Haraway blasfema quando põe em um jogo *“ironicamente sério”* as singularidades para produzir embates de forças.

A composição da matéria do ciborgue, enquanto paródia, parece insurgir no hibridismo, nas fronteiras tênues entre as realidades sociais e as ficções científicas. As

relações entre as experiências vividas e as ficções científicas se formulam quando o ciborgue aparece como criaturas acopladas de unidades distintas, como quimeras, como misto de organismo e máquina, agentes simultâneos que habitam mundos ilusoriamente ditos como diametralmente opostos.

A política profana ciborguiana é a ontologia dos(as) humanos(as), que nascem desvinculados dos processos de reproduções orgânicas, não possuem pais e nem mães, sendo frutos de um mundo pós-gênero, portanto, não necessitando estabelecer  $\neq$ ...] qualquer compromisso com a bissexualidade, com a simbiose pré-edípica [...] (HARAWAY, 2000, p. 42). Os ciborgues são produções ilegítimas, contrário a natureza entendida no mundo ocidental; são monstros que renunciam a idéia divina de salvação e a coerência desenvolvimentista das teorias tradicionais, assim como toda e qualquer forma de reprodução de uma vida social machista, misógina, racista, heterossexista, binária e universalista. Nas palavras da autora, o ciborgue  $\neq$ ...] não sonha com uma comunidade baseada no modelo da família orgânica [...] (HARAWAY, 2000, p. 44).

O ciborgue também não é inocente, ele(a) renega a ~~m~~ãe fálica da qual todos os humanos devem se separar – uma tarefa atribuída ao desenvolvimento individual e à história (HARAWAY, 2000, p. 43), ou seja, renuncia a Ciência, a Religião e ao Estado como representantes da sua existência, pois os ciborgues  $\neq$ ...] são filhos ilegítimos do militarismo e do capitalismo patriarcal [...]. Mas os filhos ilegítimos são, com frequência, extremamente infiéis às suas origens. Seus pais são, afinal, dispensáveis (HARAWAY, 2000, p. 44).

A potência ciborguiana consiste na sua força em não traçar sua origem e, muitos menos, seu fim ou finalidade. A sua política anuncia compromissos com a destituição da unidade original, da totalidade e do identificável. Ela também segue compromissos com as produções híbridas, contextuais e parciais das construções e análises dos acontecimentos e dos sujeitos e, principalmente, compromissadas com as três quebras de fronteiras que tornam possíveis as análises político-ficcionais (político-científicas).

A *primeira* quebra diz respeito à fronteira entre o *animal* e o *humano*. Haraway afirma que as ideologias biológico-deterministas não encerram os seres humanos e que a separação entre as duas espécies não podem ser baseadas na supremacia singular humana - que faz uso da linguagem, manuseio de instrumentos, comporta-se socialmente e possui eventos mentais. Nas observações da autora, nos últimos dois séculos a biologia e as teorias evolucionistas têm produzido organismos modernos em seus estudos que minimizam as linhas que separam humanos e animais. Nas discussões, o ciborgue aparece como um mito transgressor das fronteiras inter-espécies, trazendo um perturbador acoplamento deles.

Na *segunda* distinção que mescla as fronteiras seria a relação entre *organismo* (*animal-humano*) e *máquina*. Haraway (2000) discorre sobre como as máquinas, a partir do século XX tornaram ambíguas as polaridades entre natural *versus* artificial, entre natureza e cultura, entre mente e corpo, entre aquilo que se autocria e aquilo que é externamente criado, pois em sua análise, as “[...] máquinas são perturbadoramente vivas e nós mesmos assustadoramente inertes” (p. 46). A partir do mito do ciborgue, não existem totalidades orgânicas, uma vez que a determinação tecnológica deve se abrir para as acoplagens entre organismos e máquinas, subvertendo as certezas epistemológicas e das gêneses das espécies.

A *terceira* quebra de fronteira consiste em um subconjunto da segunda quebra apresentada. Nela, as fronteiras entre o *físico* e o *não-físico* se tornam imprecisas e indetermináveis. Podemos visualizar esse plano quando as máquinas modernas montadas por dispositivos microeletrônicos (nanotecnologias) estão invisíveis e pulverizadas em toda a parte no campo social. Desde a década de 1970, observamos uma avalanche de objetos tecnológicos que sofrem processos de “miniaturização”, ocasião que levam as máquinas a serem leves, limpas e compostas também por “[...] sinais, de ondas eletromagnéticas, de uma secção do espectro. Além disso, essas máquinas são eminentemente portáteis, móveis [...]” (HARAWAY, 2000, p. 48). A ideia ciborguiana não transpõe o organismo sobre a máquina e muito menos a máquina dominando os organismos, no entanto, salienta que essa idéia transforma a matéria bruta em flutuação, volátil e quintessência, possuindo uma ubiquidade, uma onipresença e invisibilidade que deixam as máquinas potentes politicamente.

As transgressões nas fronteiras apontam para a acoplagem que despertam outras formas de poder, saber e prazer nas sociedades - mediadas pelas tecnologias – que se comprometem com uma posição política e coletiva. A perspectiva de um mundo ciborguiano pode significar:

[...] realidades sociais e corporais vividas, nas quais as pessoas não temam sua estreita afinidade com animais e máquinas, que não temam identidades permanentemente parciais e posições contraditórias. A luta política consiste em ver a partir de ambas as perspectivas ao mesmo tempo, porque cada uma delas revela tanto dominações quanto possibilidades que seriam inimagináveis a partir do outro ponto de vista. Uma visão única produz ilusões piores do que uma visão dupla ou do que a visão de um monstro de múltiplas cabeças. As unidades ciborguianas são monstruosas e ilegítimas: em nossas presentes circunstâncias políticas, dificilmente podemos esperar ter mitos mais potentes de resistência e re-acoplamento (HARAWAY, 2000, p. 51).

De modo a complementar, observamos outras autoras que apresentam posicionamentos similares ao de Donna Haraway, pesquisadoras que contribuem para os estudos das tecnologias sexuais, de gêneros e corporais. Elas partem de um posicionamento *queer* para analisar a emergência das corporalidades híbridas e múltiplas que se compõem por micropolíticas de processos desejantes, polifônicas e possíveis de existir além das matrizes dominantes que privatizam as corporalidades, sendo elas Teresa de Lauretis e Beatriz Preciado.

Teresa de Lauretis emerge nos estudos feministas como propulsora da Teoria *Queer* no universo acadêmico. A sua defesa *queer* insurge como um posicionamento político que busca a emancipação para grupos assujeitados às matrizes dominantes relacionadas principalmente aos marcadores sociais de sexualidades, orientações sexuais, gêneros, raças/etnias/cores de pele, estéticas corporais, geracionalidades, oriundos de territorialidades e espaços geográficos e demográficos, entre outros grupos sociais que podem estar em condição de subalternidade. Na tentativa de localizar as proveniências e insurgências do movimento Queer, encontramos em Richard Miskolci (2007, p. 2) que:

Em fevereiro de 1990, Teresa de Lauretis empregou pela primeira vez a denominação Teoria Queer para contrastar o empreendimento analítico que um conjunto de pesquisadores desenvolvia em oposição crítica aos estudos sociológicos sobre minorias sexuais e de gênero. A escolha do termo *queer* para se autodenominar, ou seja, um xingamento que denotava anormalidade, perversão e desvio, destacava o compromisso em desenvolver uma analítica da normalização focada na sexualidade. Desta forma, os teóricos *queer* delimitavam um novo objeto de investigação: a dinâmica da sexualidade e do desejo na organização das relações sociais.

A autora de posicionamento *queer* Susana López Penedo (2008) indica que já em 1981, Teresa de Lauretis fazia uso do termo *Queer* na introdução de um número especial da revista “Differences”. No entanto, em sua análise, a aplicabilidade do termo na escrita acadêmica veio com a publicação em 1990 do livro “Epistemology of the closet”<sup>43</sup> de Eve Kosofsky Sedgwick. Também em 1990, a autora Judith Butler lançava a obra “Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade” (do original: *Gender Problem: feminism and the subversion of identify*), que logo se tornaria um livro de referência mundial para estudiosos interessados nos debates sobre sexualidades, gêneros, corporalidades e prazeres singulares.

---

<sup>43</sup> SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Epistemology of the closet**. Berkeley, University of California Press, 1990.

Em Miskolci (2009) localizamos que os primeiros estudos sobre Teoria *Queer* surgem no meio acadêmico com a proposta inicial de produção de conhecimentos filosóficos, das artes e das críticas literárias e, subsequentemente, se infiltrou em outras áreas de saber, tais como psicologia, sociologia, antropologia, ciências sociais, filosofia, entre outros. Nessa “infiltração”, aproximou-se dos estudos das sexualidades e se afinou com “[...] uma corrente da Filosofia e dos Estudos Culturais norte-americanos com o pós-estruturalismo francês, que problematizou concepções clássicas de sujeito, identidade, agência e identificação [...]” (MISKOLCI, 2009, p. 152).

Embora seja empregado pela academia a partir desse período, segundo Córdoba (2005) o uso do termo em inglês já era utilizado nas zonas urbanas de marginalização (becos e guetos) anteriormente, ou seja, a ideia de *queer* seja originada pelos territórios povoados por pessoas “ex-cêntricas”. De modo geral, os discursos heteronormativos referenciavam o termo *queer* como forma de xingamento ao perverso, desviante, esquisito, estranho, excêntrico, anormal, ou seja, era utilizado para agredir todos(as) aqueles(as) que ousavam romper com as inteligibilidades das sexualidades, dos gêneros, das práticas sexuais dissidentes e das corporalidades singulares. A grosso modo, seria o que identificaríamos como linguajar pejorativo e corriqueiro utilizado nas culturas brasileiras: os termos “bichinha”, “viado” (para gays, travestis e transexuais) e “sapatão”, “eaminhoneira” (para lésbicas e transexuais), aberração ou monstruosidade (para todas aquelas identidades sexuais e de gêneros que se afastam da inteligibilidade do sistema sexo-gênero).

Ao longo do tempo, o termo deixou de ser utilizado apenas como linguagem pejorativa das ruas e foi (re)significado como um conjunto teórico crítico aos processos sociais normatizadores relacionados às políticas identitárias de grupos sociais ditos como minorias sociais. No entanto, Miskolci (2009) nos lembra que o posicionamento *queer* não pretende desqualificar os coletivos e movimentos sociais identitários, mesmo porque ambos (teóricos e movimentos sociais) defendem a visibilidade, a equidade de direitos e a emancipação políticas de grupos culturalmente marginalizados, porém, busca movimentar as linhas rígidas identitárias que engessam outros estilos de vidas, outras existências, outras cenas sociais cotidianas. Sobre a proveniência e emergência da Teoria *Queer*, Penedo (2008, p. 18) aponta três pontos convergentes e complementares de reivindicação:

[...] Los estudios que plantean una interpretación materialista de las desigualdades existentes entre diferentes sectores de la sociedad, desigualdades que van más allá de la clase social, y que afectan también a otros aspectos como la raza, la etnia y la sexualidad. Los análisis de los

discursos surgidos de la producción cultural, ajenos a las condiciones materiales de la opresión que sufren gays e lesbianas. Los estudios que intentan legitimar las sexualidades no normativas, mediante la teorización de un deseo y erotismo queer.

O que a teoria *queer* busca argumentar, de fato, seria alertar sobre as armadilhas discursivas aprisionadoras provocadas pelas categorias identitárias que favorecem as hierarquias e as relações de poder investidas pelas normas heterossexistas em paralela abertura das análises das composições dos humanos. Essas análises prestigiam os analisadores ou marcadores sociais de maneira ampliada dos estudos micropolíticos dos elementos molares e moleculares que produzem assujeitados e também processos singularizadores. A estudiosa da temática, Guacira Lopes Louro (2001, p. 546) nos diz que o termo *queer* assinala “[...] a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada, e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora.”, portanto, assinala como a organização social opera na produção de indivíduos dominados, docilizados e subalternizados e, tenta aniquilar expressões singulares de vidas.

A teórica Teresa de Lauretis (1994) contribui nas problematizações que (re)significam conceitos, propondo a construção social e desejosa das corporalidades a partir da desnaturalização das sexualidades e dos gêneros. A autora analisa que vivemos em um mundo “engendrado”<sup>44</sup> em que práticas e discursos emergem a partir das relações sociais em que os gêneros configuram o lugar o qual devemos discursar e ocupar. Uma de suas críticas ao pensamento feminista ortodoxo seria a sua ênfase na discussão da “diferença sexual”, termo derivado da biologia e da socialização que diz apenas das diferenças entre homem/mulher, masculino/feminino, no entanto, suas significações e efeitos discursivos são limitados devido sua proveniência conceitual apenas binarizar oposições entre os sexos, o que dificulta o entendimento da pluralidade de homens e de mulheres que compõem a categoria “Homem” e a categoria “Mulher”. Sobre isso, De Lauretis (1994, p. 208) aponta que:

[...] um sujeito constituído no gênero, sem dúvida, mas não apenas pela diferença sexual, e sim por meio de códigos lingüísticos e representações culturais; um sujeito ‘engendrado’ não só na experiência de relações de sexo, mas também nas de raça e classe: um sujeito, portanto, múltiplo em vez de único, e contraditório em vez de simplesmente dividido.

---

<sup>44</sup> Em nota de rodapé do texto “A tecnologia do gênero”, Teresa de Lauretis (1994, p. 206) explica a aplicação do termo: “Utilizo o termo ‘engendrado’ para designar ‘marcado por especificidades de gênero’. Assim, penso poder conservar o jogo que a autora faz entre os termos ‘engendrado’ e ‘en-gendrado’ (N. da T.)”.

Ainda, a autora analisa que essa epistemologia feminista radical engessa o abandono do modelo patriarcal que não concebe sujeitos sociais compostos por diversos marcadores sociais. A representação dos gêneros, quando pensada para além do binarismo sexual e da ideia de patriarcado, se produz em meio às interseccionalidades de analisadores fazendo das categorias universalizantes “Mulher” e “Homem” plurais: sujeitos mulheres e sujeitos homens; classes de mulheres, classes de homens.

Na pluralidade de homens e mulheres, De Lauretis (1994, p. 208) pondera - a partir da “tecnologia sexual” proposta pela teoria foucaultiana - que o gênero se constrói nas relações e podem ser compreendidos “[...] como representação e como auto-representação, é produto de diferentes tecnologias sociais, como o cinema, por exemplo, e de discursos, epistemologias e práticas críticas institucionalizadas, bem como das práticas da vida cotidiana [...]”.

A autora avança nas discussões ao dizer que as complexas tecnologias sociais que incidiriam nos corpos, nas relações sociais e nos comportamentos são diferenciadas para sujeitos masculinos e femininos, pois nem as sexualidades e nem os gêneros são propriedades que existem *a priori* nas corporalidades. Essas tecnologias sociais utilizam desde um simples formulário de inscrição às técnicas e códigos cinematográficos que constroem imagens sofisticadas e específicas que representam “como ser mulher” e “como ser homem”. Assim, a teoria de Teresa de Lauretis (1994) problematiza que se os gêneros são representações construídas nas relações sociais e que para “desfazer” as condições gendradas fixas é necessário que aconteça rupturas com os referenciais androcêntricos e, principalmente promover mudanças nessas relações que, ainda, se baseiam em categorias binárias, universalistas, essencialistas e estruturantes.

Nesta mesma concepção, Beatriz Preciado (2011) problematiza as composições das tecnologias sociais nas produções das sexualidades, dos gêneros, das corporalidades e dos prazeres para propor estratégias que rompam com modelos heterossociais instituídos. Para a filósofa, esses analisadores/marcadores sociais que, dentre outros compõem os(as) humano(as), são agenciados por tecnologias sócio-políticas que acontecem no sistema sexo-gênero e são estabelecidas pela perspectiva heterossocial dominante; por isso, devem ser contextualizadas a partir de uma “tecnologia biopolítica” para a análise micropolítica de “fazer-se” homens e “fazer-se” mulheres (PRECIADO, 2011, p. 17). Sobre essas problematizações, Preciado (2011) afirma:

La naturaleza humana es un efecto de tecnología social que reproduce en los cuerpos, los espacios y los discursos la ecuación naturaleza =

heterossexualidad. El sistema heterossexual es un aparato social de producción de feminidad y masculinidad que opera por división y fragmentación del cuerpo: recorta órganos y genera zonas de alta intensidad sensitiva y motriz (visual, táctil, olfativa...) que después identifica como centros naturales y anatómicos de la diferencia sexual (PRECIADO, 2011, p. 17).

A partir do exposto, observamos que existem tecnologias sociais heteronormativas que se constituem como um conjunto de instituições (lingüísticas, médicas, psicológicas, científicas, domésticas) que produzem incessantemente corpos-mulheres e corpos-homens. Este conjunto arbitrário de regras e de práticas sexuais regula a exploração material dos sexos a partir do reducionismo dos corpos em órgãos anatómicos, produzindo uma heteropartição assimétrica que hierarquiza e privatiza zonas erógenas e de sensações que homens e mulheres podem experimentar. Nesta discussão, o sistema sexo-gênero funciona como um aparelho de escritura em que constituirá socialmente corpos textuais, pressupondo que eles devam ser agenciados pelos “regimes de verdades” baseados pelas visões misóginas, heteronormatizadas, biologizantes, naturalistas, essencialistas e universalizantes.

Contrária a todo esse investimento normatizador do sistema sexo-gênero que empobrece as relações dos seres viventes consigo mesmo e com o outro, Preciado (2011, p. 12-13) propõe um manifesto contrassexual, em que “La contrasexualidad no es la creación de una nueva naturaleza, sino más bien el fin de la Naturaleza como orden que legitima la sujeción de unos cuerpos a otros [...]”. Como análise emergente e crítica, o manifesto contrassexual solicita a renúncia do contrato social entorno da heteronormatividade e dos modelos identitários e, assim, busca constituir uma sociedade contrassexual que deve ser caracterizada pela (des)construção das naturalizações das sexualidades, das práticas sexuais, dos gêneros, das corporalidades. Neste manifesto surgem reivindicações referentes às equivalências de todas as corporalidades, em suas mais amplas expressões, em suas multifacetadas estratégias de resistências e afirmatividade das estilísticas das existências singulares.

As tecnologias de resistência empregada pelo conceito da contrassexualidade de Preciado (2011) são oriundas da ideia foucaultiana de resistência. Portanto, não se prega uma proibição/interdição do outro, mas se apóia em estratégias alternativas em uma contra-productividade em relação ao saber, poder e prazeres instituídos. Essas tecnologias de contra-disciplina sexual se situam fora dos binarismos (mulher/homem; homo/heterossexual, feminino/masculino, etc...), considerando as práticas sexuais identitárias como instrumentos que devem ser desorganizados e formulados fora do eixo sexo-gênero. A filósofa também entende os desejos, as excitações, os orgasmos como produtos de tecnologias sexuais

estabelecidos dentro da lógica sexo-gênero, pois eles são especificados para elegerem os órgãos reprodutivos como zonas sexuais em detrimento de outras partes e extensões corporais.

Dessa maneira, o manifesto contrassexual busca subverter as normativas identitárias se embrenhando nas brechas do instituído com o objetivo de desvirtuar as posições heterocentradas. Essa subversão se formularia na plasticidade transformadora das práticas contrassexuais que se produzem nas experiências, nas sensações e nas descobertas proporcionadas além das práticas inteligíveis ~~“privatizadas”~~ e ~~“descartadas”~~ pelo sistema sexo-gênero, os quais podemos citar: a utilização de dildos (ou outros objetos que possuam a forma e função de dildo), a erotização do ânus e; as relações S&M (sadomasoquistas) contratuais, ou seja, práticas menos convencionais que podem ser consideradas como ~~“una~~ *mutación poshumana del sexo*” (PRECIADO, 2011, p. 23).

Segundo Preciado, os órgãos sexuais seriam produtos de uma tecnologia sofisticada heterocentradas que os significou e os delegou funções pré-determinadas de uso e interditou partes ~~“inapropriadas”~~ dos corpos para uso nas práticas sexuais. Dentre estas partes que compõe as corporalidades, o ânus foi excluído das possibilidades de prazer, sendo seu uso apenas para a função ~~“natural”~~ de defecação. Nesta perspectiva, o ânus desponta como uma tecnologia de resistência extremamente potente que ilustra com propriedade a proposta contrassexual, pois: 1) é uma zona erógena universal que não se limita pela diferença sexual; 2) é uma região anatômica altamente produtora de excitação e prazer (não autorizado como ponto orgástico) e; 3) um espaço que determina possibilidades na produção tecnológica contrassexual do corpo pós-humano, pelo fato do ânus separar as práticas sexuais das idéias de reprodução sexual e idealização romântica, uma vez que ~~“[...]~~ *Por el ano, el sistema tradicional de la representación sexo/gênero se caga*” (PRECIADO, 2011, p. 24).

Dentro de um posicionamento *queer*, Preciado (2011) propõe que a sociedade contrassexual deva abandonar as identidades de gênero feminino/masculino como termos correlatos às categorias dos sexos biológicos macho/fêmea, burlando a ordem da reprodução heterocentrada, capitalista, matrimonial e higienista que funcionam como entraves para a universalização das práticas abjetas (pouco convencionais ou pouco visibilizadas) e sua subsequente possibilidade de criação de outras formas de expressão das sensibilidades, dos afetos e dos desejos dos corpos.

O arcabouço teórico e seus princípios conceituais filosóficos, técnicos, éticos e políticos apresentados neste capítulo emergem como instrumentos potentes para análises implicadas em defesa dos usos, dos prazeres e construções corporais, ou seja, de todas a complexidade e diversidade de composições de existências. A aplicabilidade e apropriações

destes posicionamentos e perspectivas teóricas anunciadas evidenciam as questões contextuais sócio-históricas por qual as corporalidades insurgiram em meio a embates culturais, ora com o intuito de manter maneiras imutáveis e profundamente enraizadas por políticas identitárias rígidas, ora pelos escapes e resistências e afirmatividades que possibilitam as sucessivas (re)configurações nos contornos corporais vazados e fragmentados nos espaços e nos tempos, projetando um futuro incerto a acontecer.

As (des)organizações e (des)estruturações que acontecem com interferências de tecnologias sociais e científicas provocaram o desalojamento do conceito *corpo* como era racionalizado pelo pensamento cartesiano. Concomitantemente, confirmaram a pluralidade de propostas de análises híbridas para a categoria *corpo* (que em conjuntura com uma gama de outros marcadores sociais) que permitem a proliferação do novo e do excêntrico (fora do centro). Nesses acontecimentos, as corporalidades singulares que se produzem por meio de técnicas da *body modification* insurgem em suas expressões e práticas culturais *sui generis*, controversas, e ampliam as cenas psicosociais cotidianas.

### 3 “ANÁTOMO-BIOMETAIS E OUTRAS TECNOLOGIAS CORPORAIS”: A PROVENIÊNCIA, A EMERGÊNCIA E A INSURGÊNCIA DO *BODY MODIFICATION* E DAS PRÁTICAS DE SUSPENSÃO CORPORAL

- Podem me dizer, por favor, que caminho devo tomar para ir embora daqui?”  
 —Depende bastante de para onde quer ir”, respondeu o Gato.  
 —Não ~~me~~ importa muito para onde”, disse Alice.  
 —Então não importa que caminho tome”, disse o Gato.  
 —Contanto que eu chegue a *algum lugar*”, Alice acrescentou à guisa de explicação.  
 —Oh, ~~isso~~ você certamente vai conseguir”, afirmou o Gato, —~~desde~~ que ande bastante”.  
 Como isso lhe pareceu irrefutável, Alice tentou uma outra pergunta.  
 —Que espécie de gente vive por aqui?”  
 (Aventuras de Alice no País das Maravilhas - Lewis Carroll)<sup>45</sup>



**Imagem 10:** Fotomontagem “Scanner me” feita por Thiago Cardassi Sanches a partir de sequência de fotos exclusivas, auto-escaneadas e cedidas pela performer.

Neste capítulo intitulado: “Anátomo-biometais e outras tecnologias corporais: a proveniência, a emergência e a insurgência do *Body Modification* e das práticas de Suspensão Corporal”, procurei a partir do campo cartografado e das entrevistas realizadas, produzir fragmentos de escritas que descrevessem as formulações e desdobramentos das práticas específicas de modificações corporais e de prazeres singulares que utilizam de perfurações, suturas, amarrações e pigmentações na pele, modos de experienciar sensações *nas e pelas* corporalidades. Para tanto, recorri à algumas obras da literatura universal para desembocar nas discussões de conceitos e análises que aparecem na construção teórica e na prática da *body modification*. O desejo em descobrir outras funções e prazeres corporais incide não somente nos estudos históricos, antropológicos e sociais, mas também no registro das artes literárias e performáticas que aconteceram e acontecem em conjunto com as (des)construções e (trans/in/de)formações do analisador corpo.

<sup>45</sup> Diálogo entre Alice e o Gato de Cheshire. CARROL, Lewis. **Aventuras de Alice no País das Maravilhas**; Através do espelho e o que Alice encontrou por lá. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009, p. 76-77.

### 3.1 CORPOS FICCIONAIS OU FICCIONAR CORPOS?

Nos perderemos entre monstros  
 Da nossa própria criação  
 Serão noites inteiras  
 Talvez por medo da escuridão  
 Ficaremos acordados  
 Imaginando alguma solução  
 Pra que esse nosso egoísmo  
 Não destrua nosso coração  
 Será só imaginação?  
 Será que nada vai acontecer?  
 Será que é tudo isso em vão?  
 Será que vamos conseguir vencer? [...]  
**(Será – Legião Urbana)**

A ficção<sup>46</sup> parece ser um termo instigante nos estudos das artes e das engenharias tecnológicas, sendo utilizada na psicologia, muitas vezes, como aspectos recorrente do mundo imaginário e da fantasia. Com a atualização dos estudos psicológicos a partir de teóricos que problematizam os modos e as produções de subjetividades, a ficção (re)surge como um artifício das humanidades que moldam e projetam desejos, necessidades, expectativas e também busca das concretizações de projetos anteriormente inimagináveis. Podemos verificar tais questões no fantástico das mitologias greco-romanas quanto nas literaturas ficcionais que começaram a ser difundidas a partir do século XIX e são conhecidas hoje como fazendo parte do acervo da cultura universal. Seria a ciência (e suas tecnologias) precedentes aos princípios produtivos das subjetividades humanas ou as ciências se constituem nos projetos ficcionais criados pelos humanos?

Encontramos em Rosi Braidotti (2000) que a construção da escrita crítica necessita transpor as fronteiras disciplinares e verticalizadas dos saberes, de modo a compor estilos criativos e diferenciados de produção de conhecimentos. Nesta perspectiva, propõe uma metodologia desterritorializada das idéias fixadas por uma academia tradicional, tediosa e formal. Ou seja, em sua bricolagem de escrita feminista, a autora sugere que se mescle deliberadamente o modelo teórico com o modo poético e lírico, em um processo de devir nômade de ideias que resistam a força do estilo convencionado como sério e científico.

---

<sup>46</sup> A concepção desta seção firmou-se durante o período em que cursei, em concomitância, dois mini-cursos virtuais sobre a temática ficção ofertado pela plataforma educacional - "Coursera" ([www.coursera.org](http://www.coursera.org)), no início do ano de 2013. Um dos mini-cursos era intitulado: "Fantasy and Science Fiction: The Human Mind, Our Modern World" oferecido pela Universidade de Michigan; o outro mini-curso era ofertado pela Universidade de Wesleyan e nomeado como: "The Language of Hollywood Storytelling Sound and Color".

Assim, ela diz: “Yo prefiero ficcionalizar mis teorías, teorizar mis ficciones y practicar la filosofía como una forma de creatividad conceptual (BRAIDOTTI, 2000, p. 79).

A composição híbrida de conhecimentos para compor um estilo de escrita diferenciada é encontrada também em Donna Haraway (1995a; 1995b; 2000; 2004). Haraway ao discurtir a idéia ciborguiana que investe na diluição das tensões binárias entre teoria e a experiência, sujeito e objeto, máquinas e organismo (homem/animal), natural e artificial, também busca desfazer a linha divisória entre a realidade e a ficção, alertando que a “[...] fronteira entre a ficção científica e a realidade social é uma ilusão de ótica” (HARAWAY, 2000, p. 40). Ainda, Haraway (2004), em “Modest\_Witness@Second\_Millennium.FemaleMan©MeetsOnco Mouse™: Feminism and technoscience”<sup>47</sup>, analisa que a sua escrita da história como representação de *uma tal realidade*, é uma constituição híbrida, acoplada e interdependente, principalmente entre o *real* e a *ficção*. Um exemplo de como a autora pensa sua obra com mescla entre ficção e realidade social ela diz sobre o próprio livro:

El libro es en sí mismo genéricamente heterogéneo, al interconectar y mezclar ficción narrativa; argumento biológico; análisis histórico; indagaciones políticas; bromas matemáticas; reelaboraciones religiosas e imaginería visual. Sus géneros mezclados y sus órganos verbales y visuales interdigitantes reclaman un alfabetismo generoso por parte del lector. En su sentido más básico, este libro es mi régimen de ejercicio y mi manual de auto-ayuda para saber cómo escapar al pensamiento literal, a la vez que comprometerse de manera promiscua en serias investigaciones morales y políticas sobre el feminismo, el antirracismo, la democracia, el conocimiento y la justicia en algunos terrenos importantes de la ciencia y la tecnología contemporáneas. También deseo que quienes habitan *Testigo\_Modesto@Segundo\_Milenio* pasen un buen rato (HARAWAY, 2004, p. 27-28).

O Oncomouse™ (primeiro animal patenteado), trazido para discussão já no título do livro, seria uma espécie de rato, criado artificialmente em laboratório para experiências na área de oncologia; portador de um gene específico se torna extremamente vulnerável ao desenvolvimento de processos cancerígenos. Haraway apresenta com o Oncomouse™ as problematizações entre as questões ficcionais e reais, as brechas que dividem organismos humanos e animais, tecnociência/cultura e natureza, além de levantar o aspecto capitalístico das engenharias genéticas e farmacológicas. A partir do exposto, observamos que a autora

---

<sup>47</sup> Referência bibliográfica original: HARAWAY, Donna J. *Modest\_Witness @Second\_Millennium.FemaleMan© Meets OncoMouse™: Feminism and technoscience*. Nueva York: Routledge. 1997. A versão utilizada nesta tese foi a versão: HARAWAY, Donna J. *Testigo\_Modesto@Segundo\_Milenio. HombreHembra Conoce Oncorotón : feminismo y tecnociencia*. Barcelona: UOC. 2004.

salienta, em suas análises, a importância de se descolar do pensamento literal e a necessidade de se buscar a heterogeneidade entre narrativa ficcional e argumentos das ciências biológicas, históricas, políticas entre outras produções de saberes empíricos.

Assim sendo, busquei sucintamente, em algumas obras da literatura universal de ficção científica apresentar como as premissas de manipulações e modificações corporais adentram as discussões sobre a civilização moral religiosa *versus* profanação do “santuário da alma”, e a emergência da experiência tecno-científica e os atravessamentos que levam as questões das éticas, dos saberes, dos prazeres e dos poderes.

Uma obra da literatura universal que se destacou desde o século XIX é o clássico romance de horror gótico focado na fantasia e na ficção científica e de horror “Frankenstein: ou o moderno Prometeu”, escrito pela autora inglesa Mary Shelley (2012), primeiramente publicado em 1818. A autora, uma mulher de 18 anos que entrou para a constelação da literatura ao lado de muitos homens (filósofos, pensadores, escritores, literários) ao narrar a relação entre o estudante alquimista Victor Frankenstein (criador) e a sua criatura composta de vários cadáveres e (re)animada pela eletricidade. A narrativa, constituída por uma série de correspondências e registros, discute os anseios humanos pela vida eterna, o questionamento dos limites éticos, o desejo de poder sobre a vida, manipulação dos corpos pelas experiências científicas e tecnológicas. Shelley parte de uma narrativa histórica e advinda das crenças populares ocidentais e com fortes influências do movimento romântico sobre as especulações e os avanços da ciência e da medicina no início do século XIX. Para isso, ela utiliza de descrições da razão misturadas com situações irracionais que mobilizam conceitos de misticismo e cientificismo, adentrando as discussões sobre a vida social, os desejos, os medos em relação aos mistérios (em contraposição as certezas) trazidos pela ciência e medicina que parecem tomar lugar ao misticismo e ao fantástico metafísico.

Ao lermos o romance, nos perguntarmos: “Quantas pessoas devem pagar por uma ambição? Os fins justificariam os meios?”. No entanto, os conflitos mais intrigantes do romance dizem respeito à relação criatura/criador sobre o desejo de normalidade e aceitação questionadas pela criatura, nominada posteriormente pelo sobrenome do seu criador - Frankenstein. Em relação ao desejo de normatização da criatura, Haraway (2000) analisa o declínio do monstro frente a ideia emancipatória do ciborgue:

[...] Diferentemente das esperanças do monstro de Frankenstein, o ciborgue não espera que seu pai vá salvá-lo por meio da restauração do Paraíso, isto é, por meio da fabricação de um parceiro heterossexual, por meio de sua complementação em um todo, uma cidade e um cosmo acabados. O ciborgue

não sonha com uma comunidade baseada no modelo da família orgânica mesmo que, desta vez, sem o projeto edípico (HARAWAY, 2000, p. 44).

Nesta perspectiva, a análise parte das rupturas com a inteligibilidade das existências programadas e o deslocamento para uma pluralidade ~~impossível~~ de matrizes subversivas. O experimento de Victor fracassou ao criar um ser que sofre em não poder reproduzir o modelo vigente desde aquela época: ter uma companheira, ser aceito por uma estética padronizada, reproduzir um estilo de vida dentro da matriz heteronormativa. Por sua composição monstruosa, a criatura poderia ter assumido a sua existência, inicialmente, transgressora.

Em referência a mitologia grega, Paula Sibília (2002) retoma a análise sobre o paralelo entre o cientista Victor Frankenstein e a tradição da origem prometéica do surgimento da humanidade, nos lembrando que:

Os conhecimentos e as técnicas dos homens não são todo-poderosos; seus 'dedos profanos' não podem perturbar todos os âmbitos, pois há limites que devem ser respeitados. Como se depreende logicamente de seus postulados, o progresso dos saberes e das ferramentas prometéicas redunda em um certo 'aperfeiçoamento' do corpo, porém este será sempre naturalista e não-transcendentalista; ou seja, não pretenderá ir além dos limites impostos pela 'natureza humana'. Pois, de acordo com essa visão, os artefatos técnicos constituem meras extensões, projeções e amplificações das capacidades próprias ao corpo humano. Aí a tecnociência de inspiração prometéica se detém, sem pretender ultrapassar o umbral da vida - os 'segredos tremendos da estrutura humana' profanados pelo Dr. Frankenstein (SIBILIA, 2002, p.46).

Na narrativa do mito de Prometeu, o titã rouba dos deuses do Olimpo o fogo divino e oferece para a humanidade e, por tal ato, é severamente punido por sua rebeldia e traição. Victor ao empregar de tecnociências para (re)construir um humano a partir de restos mortais também transgredir os limites das ordens divinas, naturais, da racionalidade, da lógica formal, da inteligibilidade.

No romance de Shelley nos deparamos com a ascensão e queda do criador (e também da criatura). Ascensão no que tange ao êxito do experimento de criação do monstro e, queda na destruição física e moral de Victor e a perda de seus familiares assassinados pela criatura. A autora é clara em seu posicionamento quando revela nas entrelinhas da sua obra que o segredo da criação pertence à natureza divina, e todos os que se atrevem a violar tal regra, iria pagar um preço elevado por tal insubordinação.

Assim, como a obra de Mary Shelley, o livro Drácula de Bram Stoker (2012), publicado em 1897, é um romance histórico e gótico, voltado para a fantasia e a ficção de

horror, evidenciando a luta entre o ~~–bem~~” e o ~~–mal~~”, o amor e o medo, entre a vida e a morte. A influência dos movimentos espiritualistas que emergiam na Inglaterra no final do período vitoriano e início da "Belle-Époque" aparece nas situações de embates entre o profano e o novo em contraste com o sacro e tradicional. Stoker além de narrar crenças populares sobre um monstro híbrido de ex-humano e advindo das profundezas do inferno, também descreve a gerência normativa da vida em sociedade naquele período, as quais podemos citar: a organização do casamento, do setor financeiro, o fortalecimento do discurso científico sobre os tratados psiquiátricos e estudos criminais, o questionamento ao cristianismo, entre outros. O intrigante na obra de Stoker refere-se ao Drácula ficcional, ao ser mítico e não às especulações da existência real de um conde frio e calculista que empalava seus inimigos. O fascínio também consiste na retomada dos contos folclóricos europeus que narravam o amor incondicional entre um morto e um ser vivente, ou seja, o encontro do impossível entre dois mundos - o real e o metafísico, e toda a ruptura e quebra das linearidades históricas e continuidades de pensamentos dualistas. Drácula era um monstro profano que reduzia o ser humano a seu bel prazer – saciação da sede de sangue e o prazer do uso dos seus corpos, além de ser um híbrido de morto e vivo, e metaformo em diversos animais - principalmente noturnos, mortais, carnívoros e nojentos.

Em “O médico e o monstro”, história também passada em Londres e publicada originalmente em 1886, o escritor Robert Louis Stevenson (2012) narra a vida do médico e pesquisador Henry Jekyll que objetivava em suas pesquisas, comprovar que todas as pessoas eram constituídas pelas facetas do bem e do mal. Para provar sua teoria, ele elabora e toma uma fórmula a qual evocaria o seu lado demoníaco. O resultado dessa experiência farmacocientífica revela a faceta maligna, a qual denominou de Mr. Hyde. O problema central da trama se concentra na incontrolabilidade das aparições inconsequentes do furioso Mr. Hyde. Assim, como a discussão do romance de Shelley (2012), Stevenson discorre em seu romance sobre as questões das éticas científicas, a problematização dos estados vividos ambivalentes que podem habitar um mesmo corpo e, principalmente a ideia da manipulação dos processos bio-psicossociais por meio do uso farmacológico.

Na mesma temática, o livro “A ilha do Dr. Moreau” de Herbert George Wells (2012), publicado em 1896, aborda a história ficcional ambientada em uma ilha habitada por seres híbridos de animais e humanos, local onde o processo civilizatório passa por condicionamentos experimentais criadas pelo Dr. Moreau. A problemática central inicia com a chegada de Edward, em uma ilha tropical, e a descoberta que Dr. Moreau, se refugiou em uma ilha para continuar a realizar seus experimentos macabros. O Dr. Moreau era um famoso

médico inglês que fugiu do continente europeu após ter sido condenado pela justiça por utilizar estudos anti-éticos, como por exemplo, o uso da técnica de vivissecação (intervenção cirúrgica em organismos vivos, motivado por preceitos científico-pedagógicos, com o objetivo de estudar os mecanismos anátomo-fisiológicos). Na ilha, o médico continuava sua obsessão em transformar animais em projetos de humanos civilizados. A trama ficcional traz problematizações importantes sobre ideais evolucionistas; os usos de procedimentos científicos da medicina na pesquisa com humanos e o uso de técnicas da psicologia experimental para adestramento e obediência. Outro ponto interessante do livro diz respeito às personagens-animais serem concebidos, em suas atuações narrativas, diferentes de literaturas universais anteriores<sup>48</sup>, pois estes personagens não são utilizados no sentido metafórico ou fabuloso; pelo contrário, são elevados ao patamar de humanóides (mesmo que subalternizados).

Os clássicos da literatura de ficção apresentados delineiam, de maneira contundente, o fascínio e os interesses incessantes sobre os processos de manipulação das corporalidades e das vidas, das experiências e o desejo de conhecer o incontável, o diferente e o ~~impensado~~. Eles trazem perspectivas para a análise de um conceito importante para a construção de corpos singulares e dissidentes e propõem a dúvida para homens e mulheres (trans)contemporâneos sobre suas composições e as existências humanas: o *monstro*.

A ideia de monstro povoou o imaginário social por meio de mitos, contos e lendas, muitos deles utilizados na literatura e na arte como forma de controle e punição àqueles que insurgem como seres aberrantes e se diferenciam da massa social padronizada. No entanto, a figura dos monstros, de acordo com José Gil (2000) começou a se proliferar, de fato, no final do século XX, sendo explorado pelas indústrias cinematográficas, de brinquedos e *gadgets*, entre outros dispositivos midiáticos, nas suas diversas manifestações e formas, se tornando familiar a ideia do grotesco em personagens que representam o maligno, o anormal, mas também o injustiçado e ~~destinado~~ a servidão e infelicidade pela aparência que causava repulsa nas pessoas<sup>49</sup>. Uma característica insurgente da ideia de monstro se refere às

---

<sup>48</sup> Podemos citar como exemplos, os contos dos irmãos Grimm, em que os animais funcionavam como alegorias que representavam humanos, mas eram pontualmente animais; ou ainda, no romance *Drácula*, em que utilizava os animais para serem controlados por um monstro morto-vivo.

<sup>49</sup> Sobre aparências ~~monstruosas~~ causadas por más formações congênicas podemos citar dois filmes interessantes: *Freaks* e *O homem elefante*. O primeiro trata de um filme norte-americano categorizado como terror, narrando um casamento interesseiro entre uma bela trapezista e um anão herdeiro de uma grande fortuna. O filme é ambientado em torno de um ~~circo~~ de horrores, mostrando personagens ~~deformados~~ que ocupam o lugar social da abjeção em shows *freaks* em um determinado circo. Na mesma temática, *O homem elefante* apresenta a triste e verídica história do inglês Joseph Merrick; ele possuía grande parte do corpo deformado devido uma doença grave que causava neurofibromatose múltipla. Após ser descoberto como um escravo e

inquietudes sobre o propósito das normativas corporais e indefinições acerca de nosso futuro identitário adjetivado como humano, uma vez que ~~+~~ [...] necessitamos de certezas sobre a nossa identidade humana ameaçada de indefinição [...]” (GIL, 2000, p. 168). A identificação das fronteiras que tornam o Outro um ser abjeto e, saber que não se ocupa (ou que não se pode ocupar) essa polaridade negativada, faz com que alguns sujeitos pressuponham que eles se constituam dentro da ~~+~~normalidade”.

A ideia assustadora do monstro é que ele ~~+~~ [...] não se situa fora do domínio humano: encontra-se no seu limite [...]” (GIL, 2000, p. 170). Ele nos ronda em um complexo conjunto de afinidades com a diversidade humana em que todos os seres vivos são produtos de construções sociais, portanto, artificiais. Mesmo os acidentes genéticos ditos como naturais, tem o seu significante imposto culturalmente por agenciamentos de enunciação (práticas discursivas e modos de socialização) que os coloca como anomalias. Assim, nos processos civilizatórios, desde a descoberta das culturas indígenas e orientais até a patologização dos ~~+~~deficientes” mentais, entre outros, muitas classificações abjetas foram instituídas nos embates de discursos originários da classificação teratológica (advinda do domínio médico).

No entanto, com o avanço dos estudos etológicos e das bioengenharias, descobriu-se que as fronteiras entre os humanos ~~+~~saudáveis” e os animais, entre os ~~+~~saudáveis” e os seres psicopatologizados ou congenitamente anômalos se tornam muito tênues e possíveis se analisadas por outros pontos de referências, como por exemplo, a (re)produção de comportamentos similares e materiais genéticos muito próximos nas relações inter-espécies (animais e homens) e intra-espécies (~~+~~doentes/ deficientes mentais” e ~~+~~intelectualmente sadios”).

No texto ~~+~~A cultura dos monstros: sete teses”, Jeffrey Jerome Cohen (2000) problematiza que o analisador ~~+~~raça<sup>50</sup>” é utilizado desde a Época Clássica até o século XX como ~~+~~um catalisador quase tão poderoso para a criação de monstros quanto a cultura, o

---

vivendo em condições degradantes em um ~~+~~circulo de aberrações”, passa a ser estudado e explorado como interno em um hospital. Os desrespeitos e zombarias ainda continuam, no entanto, além de aberração somava-se o rótulo de doente. Referências: BROWNING, Tod (diretor). **Freaks**. EUA: MGM. Branco e preto (35mm). 1932 (64 min); LYNCH, David (diretor). **O Homem Elefante (The Elephant Man)**. USA: Brookfilms. Branco e preto (DVD). 1980 (124 min.).

<sup>50</sup> Sobre a importância do analisador raça, Haraway (2004, p. 273) diz que ~~+~~La raza es un trauma que abre grietas en el cuerpo político de la nación, y en los cuerpos mortales de sus pueblos. La raza mata, liberal y desigualmente; la raza privilegia, en silencio y de manera abundante. Como la naturaleza, la raza tiene muchas cosas que responder. La cuenta de las dos categorías aún está pendiente. Como la naturaleza, la raza está en el corazón de los relatos sobre los orígenes y propósitos de la nación. La raza me atormenta, irrealidad misteriosa y presencia ineludible al mismo tiempo. Y no estoy sola en esta paralizante patología histórica de cuerpo y alma. Como la naturaleza, la raza es el tipo de categoría sobre el que nadie permanece neutral, indemne, ni con seguridad sobre dónde pisa, si es que hay donde pisar. La raza es un tipo peculiar de objeto de práctica y conocimiento”.

gênero e a sexualidade” (COHEN, 2000, p. 36). O território denominado de ~~África~~ “Negra”<sup>51</sup> se tornou um marcador de diferença ontológica devido a cor de pele preta de sua população. O naturalismo romano de Plínio descrevia a pigmentação da pele preta tanto quanto as ~~deformidades~~ físicas dos africanos como resultantes de uma intensidade climática tórrida daquele território geográfico. Porém, foi com os enunciados cristãos que se condicionou a negritude africana com o pecado, o vício, à devassidão sexual e ao paganismo religioso; ou seja, os ~~monstros~~ negros eram provenientes da punição divina que os marcou com o fogo do inferno.

É importante salientar que as projeções dos ~~monstros~~ não são criadas apenas por suas aparências abjetas, mas também se constituem nas posições de sujeitos e nas *performances* que são dissociadas das normativas sociais, isto é, dos crivos que instituem e diferenciam um sujeito ~~normal~~ de outro ~~anormal~~ ou ~~desviante~~.

Embora o termo ~~anormal~~ tenha se modificado ao longo da história, ainda hoje se utilizam estratégias disciplinares e de controle para desvincular o sujeito das suas garantias legais. Para isso, condicionaram e identificaram esses sujeitos ~~anormais~~ como loucos, doentes psiquiátricos, sujeitos perigosos, isto é, ameaças sociais que precisam ser desqualificados e desacreditados nas suas expressões discursivas (uma vez que não respondem a razão determinada pela normalidade). Sobre os anormais, Foucault (2001) indica que:

A grande família indefinida e confusa dos ~~anormais~~ formou-se em correlação com todo um conjunto de instituições de controle, toda uma série de mecanismos de vigilância e de distribuição; e quando tiver sido quase inteiramente coberta pela categoria da ~~degeneração~~, dará um lugar a elaborações teóricas ridículas, mas com efeitos duradouramente reais [...] (FOUCAULT, 2001, p. 413).

A partir do século XIX, as instituições sociais formulam ~~tratamentos~~ específicos para os anormais (FOUCAULT, 2001, p. 75), balizando condições domesticáveis por meio de práticas jurídicas, médicas, religiosas, pedagógicas e científicas. Estas instituições, contrário

---

<sup>51</sup> Uma obra cinematográfica que ilustra historicamente esta problemática é o filme ~~Vênus~~ “Negra” (Vénus Noire). A história retrata partes da vida de Sarah ~~Saartjes~~ Baartman, posteriormente, conhecida nos shows *freaks* europeus como Vênus Hotentote. Ela pertencia ao povo khoisan (denominados pelos primeiros invasores europeus como hotentotes ou bosquimanos), uma das mais antigas etnias humanas que se situava na parte meridional da África. A narrativa mostra a visão eurocêntrica que transformava Vênus em uma monstruosidade (corpo que apresentava características singulares de sua etnia) a ser violentada pela sociedade, pela medicina e pela curiosidade social perversa. Referência: KECHICHE, Abdellatif (roteirista e diretor). **Vênus Negra**. Bélgica/França/Itália: Imovision (distribuição). DVD colorido, 2010 (164 min.).

ao que pregam, estabelecem e/ou potencializam relações hierárquicas e de poder entre os sujeitos da normalidade para com aqueles identificados como ~~anormais~~”.

De maneira similar a ideia de ~~anormal~~”, Velho (1981) diz que a categoria ~~desviante~~” corresponde àqueles sujeitos que não aceitam ou não correspondem às expectativas fixadas pelos padrões sociais ~~inquestionáveis~~”. A consequência dessa inquietude e rebeldia faz com que esses indivíduos sejam estigmatizados, por se comportarem de modo destoante ou por burlarem tabus sociais essencializados (GOFFMAN, 1988). A sucessiva quebra de regras faz com que esses sujeitos se tornem elementos estranhos e ameaçadores para as categorias identitárias pré-estabelecidas, no entanto, é nas tensões desses estranhamentos que insurgem lutas entre os sujeitos convencionais (normatizados) e as monstruosidades (possíveis singularidades).

No momento (trans)contemporâneo, existe um pânico moral pela ~~(re)descoberta~~” em que animais, loucos, negros, índios e deficientes congênitos possam servir da mesma natureza ~~humana~~”, porém, com especificidades socioculturalmente criadas que nos afastam. Cohen (2000, p. 26) defende sete teses que demonstram ~~+~~...] um conjunto de postulados desmembráveis de momentos culturais específicos [...]” que apresentam rachaduras e fragmentos epistemológicos culturais que serviram de contextos para a emergência dos monstros.

De modo complementar e convergente, as teses de Cohen (2000) desembocam em análises que compreendem os corpos dos monstros como corporalidades efêmeras, voláteis, assustadoras, desmistificadoras de fronteiras e emergentes nas culturas, de modo geral. A *primeira das teses* de Cohen (2000) diz respeito ao corpo do monstro ser produzido culturalmente, ou seja, ele nasce nas ~~+~~...] encruzilhadas metafóricas, como a corporificação de um certo momento cultural – de uma época, de um sentimento e de um lugar” (p. 26). Por ser um produto cultural ele é claro na sua missão, pois etimologicamente, ~~monstrum~~” quer dizer ~~a~~quele que revela”, ~~a~~quele que adverte” (p. 27), devendo ser apenas lido nas entrelinhas da suas produções.

A *segunda* característica que torna os monstros ameaçadores é que eles sempre escapam às políticas identificatórias; quando se pensa que eles foram laçados, eles desaparecem e transitam de modo a não serem localizados, resurgindo em outros momentos e em outros contextos, com outras denominações.

A *terceira tese* de Cohen analisa que os monstros sejam mobilizadores de crises para aqueles que tentam enquadrá-los em categorias. Devido sua hibridez de matérias, de princípios teóricos e anseios que despertam, os monstros atravessam e transitam entre as

fronteiras dessas categorias. Os monstros não estão aqui e nem ali, eles escolhem habitar as margens das categorias. Isto ocorre porque o  $\neq$  [...] monstruoso é uma espécie demasiadamente grande para ser encapsulada em qualquer sistema conceitual; a própria existência do monstro constitui uma desaprovação da fronteira e do fechamento [...]” (COHEN, 2000, p. 32), ou seja, eles desaprovam e contestam as organizações tradicionais de construção de conhecimento e de experiências humanas.

A *quarta tese* surge com a promoção das crises que faz com que a monstruosidade se formule pelo anúncio carnal da diferença, legislando como:

[...] Outro dialético ou suplemento que funciona como terceiro termo, o monstro é uma incorporação do Fora, do Além – de todos aqueles *loci* que são retoricamente colocados como distantes e distintos, mas que se originam no Dentro. Qualquer tipo de alteridade pode ser inscrito através (construído através) do corpo monstruoso, mas em sua maior parte, a diferença monstruosa tende a ser cultural, política, racial, econômica, sexual (COHEN, 2000, p. 32).

Nos processos de diferenciação, os monstros ocupam o lado exageradamente aberrante em relação à polaridade que estão as normas. São produções culturais distorcidas que transformam raças/etnias, sexualidades e gêneros não convencionais (singulares ou dissidentes), expressões corporais, religiões, práticas de prazeres, estéticas excêntricas, entre outros, em elementos sociais a serem identificados como oposição e, portanto, passíveis de serem exterminados, ou como analisaria Haraway (2011, p. 42) – *“sujeitos matáveis”*.

Historicamente, tribos, religiões pagãs, culturas orientais e territórios marginais foram desvirtuados e *“demonizados”* de modo a serem desprestigiados e derrotados em disputas geo-políticas. Nesses embates, quem defenderia sujeitos *“do mal”*, *“inomináveis, bizarros nas práticas e nos desejos”*. Cohen (2000) nos lembra que os critérios nestes embates são sempre políticos e arbitrários, pois não obedecem uma lógica de respeito a vida. A luta para (re)instauração da norma usufrui de crenças e de estratégias de terror para aniquilar ou expulsar do território da inteligibilidade aquilo que é pejorativamente adjetivado de monstro.

Na *quinta* e na *sexta tese*, Cohen indica que os monstros policiam as fronteiras do possível e estão ligados as práticas e desejos tolhidos. Assim, eles também podem sinalizar e exercer a função da proibição, servindo como advertência e demarcando  $\neq$  [...] os laços que mantêm unido aquele sistema de relações que chamamos cultura, para chamar a atenção – uma horrível atenção – a fronteiras que não podem – não *devem* – ser cruzadas” (COHEN, 2000, p. 43). Ao mesmo tempo em que os monstros fascinam, eles também ilustram as

consequências negativas para aqueles que ousam ocupar o lugar abjeto das monstruosidades, uma vez que as normativas são evidenciadas e claras em seus objetivos: exterminar toda e qualquer expressão aberrante.

Por fim, a *sétima tese* anuncia que os monstros existem porque ~~“~~nós‘ existimos. Eles estão situados em nossos limiares, nas nossas possibilidades em nos transportar e nos tornarmos eles, pois todo ser vivente tem um potencial monstro, um devir-monstro. Suas manifestações moleculares nos atravessam por indagações sobre os modos pelos quais somos subjetivados. Eles nos evocam para (re)pensar e (re)significar ~~“~~[...] nossos pressupostos culturais sobre raça, gênero, sexualidade e nossa percepção da diferença, nossa tolerância, relativamente à sua expressão. Eles nos perguntam por que os criamos” (COHEN, 2000, p. 55).

A discussão presente retrata a tentativa insistente da retomada romântica do conceito *humano* preconizado pelos ideais do Humanismo. De acordo com Braidotti (2013, p. 26), o *humano* enuncia um padrão sistematizado de reconhecimento de Semelhanças (de Iguais), em que os Outros (Diferentes) são identificados e podem ser julgados, regulados e segregados em determinadas localizações, contextos e acontecimentos. Para a filósofa, o *humano* é uma convenção normativa eficientemente regulatória e age por estratégias e práticas de marginalização, processos de estigmatização, exclusão e discriminação. O conceito *humano* se torna uma norma e, como toda regra, evoca linhas de normatividade, funcionando por meio de (trans)posições de modos específicos e padronizados de ser humano. Desse modo, a ideia de ~~“~~natureza humana” não passa de uma grande invenção, de uma convenção socialmente construída e mantida pelos cânones iluministas e pelo projeto estendido da modernidade. (BRAIDOTTI, 2013).

Os agenciamentos teóricos de Braidotti (2000; 2013) e Haraway (1995a; 1995b; 2000; 2004) denunciam a falácia do conceito do *humano*, propondo a destituição da supremacia da visão do *homem moderno* e de todo os seus pilares constituintes: antropocentrismo; falocentrismo; misogenia; idéias masculinistas, machistas, universalizantes, binárias, essencialistas. Por razão disso, propõe a implicação da ficção como um exercício de desfamiliarização dos aspectos da (trans)contemporaneidade que ainda se apóiam no projeto da modernidade.

Tanto para Braidotti quanto para Haraway, criar mundos ficcionais permite criar conexões possíveis com o diferente, como o inimaginado, com o singular. Para elas, a ficção pode propor um estilo de vida improvável (mas ainda assim possível), ampliando as alternativas de pensamentos, de olhares, de posicionamentos, de perspectivas, de afetos, de

devires, de existências. Ficcionar a teoria tanto quanto a vida não se trata de fugir das condições que nos cercam ou muito menos ser apenas um exercício de imaginação de um futuro (im)provável; de fato, diz respeito a uma multiplicidade de conexões para pensar as nossas existências e quebras de fronteiras do presente. De uma maneira ou outra, as ficções funcionam como aspectos sociais de descrição, produção e estimulação de afetos, desejos, necessidades e, conseqüentemente, mapeiam a insurgência da cultura (trans)contemporânea.

### 3.2 POR UMA PROVENIÊNCIA POSSÍVEL DAS MARCAÇÕES CORPORAIS

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades [...]  
(Sonetos – Luís Vaz de Camões)

Ao longo da história da humanidade, as culturas sempre utilizaram práticas de manipulação dos corpos para criar signos e significados políticos e socio-culturalmente atribuídos. No livro “*L’âme à fleur de peau*”, o Pr. Gérard Guillet (2002) indica que grande parte das intervenções corporais históricas estão condicionadas, principalmente, aos rituais, crenças, dogmas e signos que deveriam atravessar séculos de tradição e ser comungada por um mesmo grupo ou sociedade. Em seus estudos sobre marcações corporais, Guillet analisa que o ser humano sempre esteve preocupado em compreender o mundo ao seu entorno, tanto quanto compreender o inexplicável, o sobrenatural e as divindades. A pele como representação material, seria a borda da alma, e nela se revelariam mensagens do espírito e das divindades invisíveis. Os corpos nus ou escondidos por véus, o cultivo/retirada da barba e pêlos, as pinturas e tatuagens corporais, o uso de perfumes, a purificação dos corpos por fumaças e alimentos, as doenças aparentes na pele, as excreções e aberturas corporais, a simbologia do hímen (virgindade) e da circuncisão, entre outras, demonstram que todas e quaisquer manipulações e intervenções *dos* e *nos* corpos foram atribuídos sentidos e (re)significações ao longo da história da humanidade.

De acordo com Erving Goffman (1988), essas marcas corporais eram denominadas de *estigmas*. O autor constrói a análise das relações de subalternidade por meio desse conceito, que se refere: “[...] a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem

honroso nem desonroso” (GOFFMAN, 1988, p. 13). O estigma, por sua vez, aparece com uma função pública bastante delimitadora – fixar uma identidade social:

Os gregos, que tinham bastante conhecimento de recursos visuais, criaram o termo *estigma* para se referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinária ou mau sobre o *status* moral de quem os apresentava. Os sinais eram feitos com cortes ou fogo no corpo e avisavam que o portador era um escravo, um criminoso ou traidor – uma pessoa marcada, ritualmente poluída, que devia ser evitada, especialmente em lugares públicos. Mais tarde, na Era Cristã, dois níveis de metáfora foram acrescentados ao termo: o primeiro deles referia-se a sinais corporais de graça divina que tomavam a forma de flores em erupção sobre a pele; o segundo, uma alusão médica a essa alusão religiosa, referia-se a sinais corporais de distúrbio físico. Atualmente, o termo é amplamente usado de maneira um tanto semelhante ao sentido literal original, porém é mais aplicado à própria desgraça do que à sua evidência corporal (GOFFMAN, 1988, p. 11).

Goffman (1988) afirma que as marcas corporais como *estigmas* se manifestaram de diversas formas no mundo ocidental estando, quase na sua totalidade, relacionadas com punições de grupos que deveriam, a partir daquele período, habitar as margens sociais. Na linha histórica, a cultura cristã aparece com uma difusora nas práticas dessas marcações. Geralmente, seus representantes marcavam os pagãos com símbolos que os identificavam como corpos profanos afastados do imaginário dos corpos puros e celestiais. As marcas permaneciam visivelmente impregnadas pelos indicadores das marginalizações, das exclusões e das interdições para diversos contextos das sociedades ocidentais. Estas táticas foram ampliadas e utilizadas para produzir vigilâncias disciplinares sobre aqueles que, de algum modo, foram postos em controles sociais restritos nas redes de sociabilidades.

Ainda, essas marcações na pele foram usadas para delimitar propriedades de animais domesticados, se estendendo para a apropriação de outros homens – os escravos. Podemos citar o exemplo do mercado romano de escravos que eram marcados de acordo com suas nacionalidades; durante o período da vigência do governo nazista, marcas específicas eram usadas pelo Estado nos campos de concentração, com a função política de identificar diferencialmente homossexuais (uso do triângulo rosa), prisioneiros, criminosos, estrangeiros, ciganos, deficientes mentais, políticos de oposição e toda a “coisa” de transgressores ao regime (GOFFMAN, 1988).

Assim, é historicamente analisável que as marcas corporais foram utilizadas durante séculos como estratégia para o estabelecimento de relações hierárquicas e de dominação, em suas funções de humilhações, para determinar propriedade, violar e torturar corpos, entre

outros. Ainda, de acordo com Goffman (1988) funciona como um catalisador que anuncia, mesmo que superficialmente, alguns signos que trazem informações sociais, como por exemplo: “+...” as marcas no pulso que revelam que um indivíduo tentou o suicídio; as marcas no braço do viciado em drogas; os punhos algemados dos prisioneiros em trânsito; ou mulheres que aparecem em público com um olho roxo [...]” (GOFFMAN, 1988, p. 55).

Por outro prisma, de acordo com José Ricardo Rodrigues (2006), registros antropológicos indicam expressões de artes anteriores ao surgimento do processo de escrita; esses apontamentos levam a crer que objetos pontiagudos e metais eram usados para realizar marcações corporais em homens e mulheres. Durante milênios, existiram culturas tribais (indígenas ou pré-letradas) que utilizavam rituais e marcas corporais compartilhadas restritas as suas dinâmicas sociais. Essas dinâmicas promoviam o reconhecimento social de atributos (de passagens etárias, de coragem, religiosos, entre outros) como também os usavam para estabelecer hierarquizações entre os mesmos.

Assim, no contexto histórico do século XVIII, com a emergência das grandes expedições marítimas que visavam o desbravamento e dominação de outros territórios, europeus entraram em contato com práticas culturais distintas (em especial, as realizadas nas ilhas do Pacífico). Nessas práticas desconhecidas pelo povo de pele branca, as tatuagens foram descobertas como práticas tradicionais importantes e muito difundidas por essas tribos. O fascínio pelos usos das tatuagens nos corpos tribais despertou nos europeus o desejo de experienciá-las em si próprios. Sobre essa passagem histórica, Perez Fonseca (2003, p. 19) nos diz que:

Vários capitães e marinheiros começaram a se interessar por esta arte, fazendo-se tatuar, transformando, dessa maneira, seus próprios corpos numa tela para ser exibida aos incrédulos olhos do Ocidente. Apesar de que já se tinha conhecimento de diferentes marcas corporais existentes entre os povos —pímitivos—, somente quando os marinheiros e viajantes talharam suas peles foi que se estabeleceu uma ponte através da qual o Ocidente se aproximou e iniciou sua trajetória na tatuagem.

Especula-se que a inserção da tatuagem no mundo ocidental aconteceu pelo contato com essas culturas exóticas de povos que expressavam suas características artísticas e singulares nos próprios corpos. Perez Fonseca (2003, p. 19) informa que esses viajantes foram seduzidos e “+...” se converteram em intermediários de um saber que se foi apropriando paulatinamente através das viagens, do ir e se tatuar, de retornar e se mostrar, de provar, de começar a aprender e de experimentar em seus próprios corpos”.



**Imagem 11:** Tatuagens na região peitoral; arquivo pessoal cedido por Raldy Paschoarelli.

David Le Breton (2003, p. 35) aponta que, por muito tempo, a tatuagem foi associada à cultura primitiva. Ainda diz que para Lombroso ou Lacassagne, na virada do século XIX para o século XX, anunciava pejorativamente que os indivíduos tatuados eram “selvagens”, pouco civilizados e pré-dispostos a delinquência, sendo que expressavam “[...] sua infâmia por esse desenho tegumentar que traduziria sua singularidade diante dos valores colocados como sendo os da civilização”. Dessa maneira, o pensamento de Lombroso corroborava para potencializar (por meio da ciência), os processos de estigmatização por qual sofriam/sofrieriam as pessoas que optavam estilizar suas *performances*. Sobre este mesmo período histórico, encontramos no trabalho de Zeila Costa (2003) que as tatuagens passaram a compor o visual de grupos identificados como marginais sociais; entre eles eram visibilizadas as figuras recorrentes dos criminosos<sup>52</sup> (presídio), dos marinheiros (zonas portuárias) e de prostitutas e cafetões (nos recantos de prostíbulos).

---

<sup>52</sup> No romance “Na colônia penal”, Franz Kafka remonta um modelo prisional histórico (final do século XIX) em que os condenados tinham suas peles marcadas, de modo a identificar e carregar nos corpos a culpa e a punição. Referência: KAFKA, Franz. **Na colônia penal**. Trad. Modesto Carone. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. No entanto, em uma análise contextual mais atualizada, criou-se uma cultura identitária prisional em que se estabelecem hierarquias designadas pela socialização de gangues ou corporações; ou ainda, para anunciar um *status* criminal por meio de tatuagens que especificam o tipo de crime cometido e o grau de periculosidade dos condenados. Muitas tatuagens rudimentares realizadas nas prisões acontecem voluntariamente e com o uso de tintas e instrumentos impróprios. Devido às condições precárias, são produzidas tatuagens com contornos e desenhos disfórmicos e falhos, além de infecções na pele.

Na década de 1950, de acordo com Pires (2005), há uma reformulação nas artes plásticas do mundo Ocidental que buscava nas produções artísticas orientais um modo de valorização das sensações do artista transpostos em suas obras. Assim, a arte ocidental começou a valorização “[...] do gesto, do sentimento que rege cada movimento do artista durante a execução da obra [...]” (PIRES, 2005, p. 68). Era proposto nessa arte oriental, principalmente nas produções chinesas, o abandono dos hábitos racionais de pensamento para dar passagem as sensações e a espiritualidade. Nesse cenário, o artista plástico norte americano Jackson Pollock “se tornou um dos precursores do expressionismo abstrato ou *action painting*, caracterizado pela importância dada ao manuseio da tinta e pela espontaneidade e rapidez com que a pintura é executada. O artista passa, então, a ser o sujeito e o objeto de sua arte” (PIRES, 2005, p. 69), ou seja, o ato de pintar se torna um evento executado perante platéia, unindo preceitos das artes visuais e das artes cênicas. No deslocamento tempo-espaco e no desdobramento do corpo como dispositivo artístico do “*acting painting*”, insurge o *happening* e a *body art*.

O *happening* surge como uma produção da Contracultura, como uma expressão artística coletiva, espontânea, improvisada, experimental e anárquica que utilizava diversas linguagens para produzir uma cena (PIRES, 2005). Já sobre o movimento *body art* e sua proposta sobre o uso dos corpos nas performances artísticas, Le Breton (2003, p. 44) nos indica que:

[...] O corpo entra em cena em sua materialidade. A incorporação da arte como ato inscrito no efêmero do momento, inserido em um ritualismo combinado ou improvisado segundo as interações dos participantes, contesta os funcionamentos sociais, culturais ou políticos por um engajamento pessoal imediato. A *body art* é uma crítica pelo corpo das condições de existência.

O *body art* refere-se à utilização dos corpos como dispositivos políticos e reivindicatórios contra os cerceamentos de livres expressões e das cristalizações identitárias dos corpos. Nele, a multiplicidade e plasticidade estética e de sensações e sentimentos são experienciadas e ativas *nos* e *pelos* instrumentos contextualizados nas artes performáticas - os corpos. As corporalidades, na proposta do movimento do *body art*, são (res)significadas a partir do uso de técnicas de tatuagem, perfurações, amarrações, marcas na pele, utilização de acessórios e idumentárias que produzem *performances sui generis*, bizarras, híbridas, surreais e plurais que, de modo político, visam romper com o instituído, com o comum, com o ordinário, o naturalizado e o padrão (LE BRETON, 2003, PIRES, 2005).

Assim, a partir da *body art*, na década de 1960, as marcações corporais começaram a ganhar novos contornos. Como um poderoso dispositivo político-artístico, o movimento *body art* se formulou em um contexto marcado por reivindicações contra as guerras (Fria e do Vietnã) e contra as convenções sociais que interditavam a proposta da livre expressão sexual e de gêneros, das discussões sobre os usos de drogas, das manipulações e uso dos corpos e dos prazeres (LE BRETON, 2003; PIRES, 2005).

Embora as *performances* no *body art* oscilem nas características singulares de seus artistas (que tem sua expressão máxima nas realizações dos artistas Orlan e Stelarc), geralmente são apresentadas enquetes com componentes radicais e agressivos contra o próprio corpo, visando produzir questionamentos contundentes que giram em torno da “[...] identidade sexual, os limites corporais, a resistência física, as relações homem-mulher, a sexualidade, o pudor, a dor, a morte, a relação com os objetos [...]” (LE BRETON, 2003, p. 44). De modo complementar, Henri-Pierre Jeudy (2002, p. 122) descreve a ação política dos usos dos corpos na *body art* que exalta:

[...] o corpo lacerado, o corpo mutilado, a carne oferecida às incisões do bisturi, à lâmina de navalha... Essa ação de exhibir o corpo em todos os seus estados de lesão vem, primeiro, opor-se à longa tradição do papel atribuído à arte de transfigurar a verdade orgânica do corpo [...].

Ou seja, na *body art* é anunciada as conexões entre processos subjetivos dos(as) atores/atrizes e as linguagens das artes (técnicas e filosóficas) que insurgem em *performances* contestatórias que evocam o não-convencional, o grotesco, o esdrúxulo, o absurdo, o sem nexos e o abjeto (temos como exemplo, os *freakshows*).

Em sua potência artística, a expressão da *body art* utiliza qualquer coisa que possam problematizar os corpos como obsoletos “orgânicos” e que necessitam de outras tecnologias para compor máquinas corporais potentes e esteticamente diferenciadas. Para tanto, utilizam inscrições de matérias inanimadas e tecnológicas, fluidos e elementos corporais humanos e animais (sangue, pele, órgãos, entre outros) ou, ainda, salientam-se posições corporais e contextuais deslocadas no tempo e espaço, produzindo deste modo, discursos, estéticas e narrativas midiáticas implicadas em cenas e discussões sobre as políticas que engendram a vida em sociedade.

Em meados da década de 1960, também surge o movimento *modern primitives* (primitivos modernos), em que tem como seu criador o xamã e *performer* Fakir Musafar

(registrado como Roland Loomis). Segundo Pires (2005), o termo *modern primitives* (modernos primitivos) surgiu

[...] em 1967 para indicar o modo de vida de indivíduos que, mesmo sendo membros de uma sociedade que se desenvolve baseada na razão e na lógica, se guiam pela intuição e colocam o corpo físico como o centro de suas experiências. Esses indivíduos, que associam o conhecimento às sensações, respondendo a impulsos primitivos e se utilizando do conhecimento obtido pelas sociedades que há milhares de anos praticavam modificações corporais, se permitem sofrer qualquer tipo de manipulação corporal (PIRES, 2005, p. 102).

Esse movimento é seguido por pessoas que habitam países ocidentais desenvolvidos e que praticam rituais de modificações corporais (e de prazeres singulares) em referência e/ou homenagem aos ritos de passagens de culturas ditas “primitivas”, como por exemplo, algumas etnias e povos indígenas e/ou orientais. Fakir Musafar é diretor e professor da “Fakir Body Piercing & Branding Intensives”<sup>53</sup>, organização que oferece cursos sobre modificações corporais, além de ser proprietário da revista *Body Play*<sup>54</sup>. Experimentou, em seu próprio corpo, técnicas e procedimentos tais como, suspensão corporal, perfurações, *branding* e escarificação, se tornando não apenas um ícone do *body modification*, mas também de comunidades *undergrounds* ligadas às práticas de BDSM (acrônimo para as práticas de Bondage e Disciplina, Dominação e Submissão, Sadismo e Masoquismo), (VALE & JUNO, 2010).

Nas palavras de Fakir Musafar, o propósito primeiro do movimento Modernos Primitivos, termo criado por ele no encontro com Bud “Viking” Navarro e Zapata, em Los Angeles, seria a obtenção de mais espontaneidade nas expressões de prazer com o *insight*, pois acredita que a possibilidade de êxtase nas experiências depende de rupturas com a estruturação. Em sua opinião, existem as pessoas que buscam uma “real” resposta, e com conhecimento, às suas necessidades primárias; já outras pessoas (principalmente os jovens) realizam modificações ou rituais por “impulso” e se preocupam apenas com estética, desconhecendo procedimentos e riscos estudados a milhares de anos e o contexto destas práticas (VALE & JUNO, 2010).

De acordo com Christian Klesse (1999), o movimento Modernos Primitivos pode ser analisado como uma corrente fortemente reconhecida no que tange o desenvolvimento de

<sup>53</sup> Endereço eletrônico: <http://www.fakir.org/classes/index.html>

<sup>54</sup> Endereço eletrônico referente a revista: <<http://www.bodyplay.com/>>, editada entre 1992-1999.

estilos subculturais contemporâneos. Em sua emergência, os Modernos Primitivos e suas práticas de modificações corporais são visibilizadas nas cenas cotidianas, nas sociedades ocidentais, por meio de tatuagens e piercings múltiplos, mas também nas cenas sado-masoquistas e com outras modificações corporais consideradas radicais e pouco convencionais, permanentes e alternativas para grande parte dos contextos culturais comtemporâneos.

A discussão em torno da relação *moderno* e *primitivo* consiste na ideia de seus contrastes. O termo *moderno*, se refere ao pertencente ao tempo presente ou recente, algo que está acontecendo ou existindo no “agora”. Já o termo *primitivo* faz referência aos tempos remotos, original ou antigo; também diz respeito a pureza, simplicidade ou rusticidade dos tempos remotos. Assim, o moderno primitivo seria considerado como uma pessoa que busca modelos de vida de sua preferência em culturas de classes que já existiram em algum tempo no passado e que eram consideradas “menos avançadas, sofisticadas ou civilizadas” se comparadas aos padrões prevaletentes nas sociedades atuais. Geralmente, essas culturas e rituais trazem aspectos dos povos das matas, tribos indígenas das Américas, povos do continente africano e etnias orientais, principalmente os indianos (VALE & JUNO, 2010).

Assim, junto com o Body Art, o Moderno Primitivo e em conjunto com outros movimentos contraculturais expressivos (entre eles, o movimento *punk* surgido na Inglaterra), insurge entre final dos anos 1960 e início dos anos 1970, o movimento *Body Modification*. A aproximação do *Body Modification* com o estilo cultuado pelos *punks* ingleses diz respeito a sua busca da diversificação de estilos singularizados. Segundo Le Breton (2003), os *punks*, para montar estéticas escrachadas e chocantes para as convenções sociais instituídas, transpassavam em seus corpos - alfinetes, símbolos religiosos, entre outros itens heteróclitos. Essas personificações de estilos mesclavam as modas das ruas com o uso visível de *piercings*. Partindo dessas descrições, Le Breton (2003) indica que as ornamentações corporais, por meio de *piercing*, também marcou o surgimento de outra vertente do movimento *Body Modification*, localizada nos EUA:

[...] A estética do *piercing* nasce na costa oeste dos Estados Unidos em torno de D. Malloy, descrito por Fakir Musafar como um “milionário excêntrico”, que reúne um punhado de pessoas traspassadas (entre elas, Fakir Musafar, Jim Ward...). Jim Ward abre a primeira loja de *piercing* em 1975 em Los Angeles, onde comercializa joias específicas que obtêm um imenso sucesso. As lojas se multiplicam-se nos Estados Unidos e depois na Grã-Bretanha e alcançam por fim o resto da Europa. O mesmo grupo cria a revista PFIQ (Piercing Fans International Quarterly). O sucesso das marcas corporais cresce associado à ideia implícita de que o corpo é um objeto maleável, uma

forma provisória, sempre remanejável, da presença fractal própria (LE BRETON, 2003, p. 35-36).

A primeira loja de *piercing* a qual Le Breton cita diz respeito ao “Gauntlet”, propriedade de Jim Ward. No livro “Running the Gauntlet: an intimate history of the modern body piercing movement”, Jim Ward (2011) narra a sua trajetória biográfica juntamente com acontecimentos históricos que localizam a afinidade das modificações corporais (propagação de tatuagens e do uso de *piercings*) junto aos grupos de gays, de leathers (cultura do couro) e de pessoas que tinham aproximações com as práticas de BDSM. Além de ter participação nesses grupos, Jim Ward também criava peças (jóias) e outros acessórios, principalmente relacionadas a estimulação sexual visual e sensorial, como por exemplo, os *piercings* genitais.

### 3.3 POR UMA EMERGÊNCIA INSURGENTE DAS MODIFICAÇÕES CORPORAIS

Nos últimos anos, assistimos ao considerável (re)surgimento das modificações corporais na esfera popular, acontecimento que produz visibilidades, portanto, problematizações nas mais diversas áreas da construção do conhecimento. Argumentos tais como, processos de estetização, estilos de vida, integrantes de tribos urbanas, busca de prazeres e bem-estar, transtornos psiquiátricos, profanação dos corpos, entre outros, emergem constantemente nas práticas discursivas proferidas no cotidiano, possibilitando, desse modo, análises de como, ainda hoje, as disciplinas e os controles frente às corporalidades podem ser contínuas ou rompidas.

Embora ainda seja restrita a discussão desta temática nas produções acadêmicas (se compararmos com outros temas), encontramos alguns estudos que se debruçam sobre o assunto. Algumas pesquisas com mais propriedade de investimento (ao meu ver!), vem sendo produzidas por meio de incursões ao campo ou nas próprias experimentações realizadas por iniciativas próprias de seus autores. Já outros trabalhos, tem sido construídos por meio de entrevistas ou por meio de análises teóricas de *sites* e fotografias disponibilizadas em *sites* da internet. As produções se concentram majoritariamente nos domínios das ciências humanas, sendo quase a totalidade delas pertencentes às áreas das ciências sociais, antropologia e psicologia.

Dentre os trabalhos acadêmicos brasileiros sobre *body modification*, muito citado como referência bibliográfica ou consultada é a pesquisa antropológica de Camilo Albuquerque de Braz. A dissertação de mestrado de Braz (2006) intitulada “Além da pele: um

olhar antropológico sobre a *body modification* em São Paulo” investiu na análise etnográfica realizada com profissionais e adeptos de modificações corporais descritas como pouco usuais ou extremas, na cidade de São Paulo. As análises de Braz (2006) partem das observações de suspensão corporal humana e dos discursos das pessoas encontradas nos campos, ocasião em que eram problematizadas as construções dos projetos e práticas corporais por meio de técnicas subversivas de manipulação das corporalidades.

Em específico no campo da psicologia, encontramos as dissertações de Daniela Pessanha Teixeira (2006); Márcia Regina Ribeiro (2007); Letícia S. Ribeiro de França (2008); Alexandra A. Rodrigues (2011). Teixeira (2006) realiza um trabalho teórico a partir de referencial teórico pós-estruturalista e traz como contribuição, a visão afirmativa das possibilidades de constituição de corporalidades e de estilos de existências a partir de autores pós-estruturalistas, sobressaindo como um autor principal o filósofo Michel Foucault. Ribeiro (2007) realiza uma análise do corpo na cultura partindo de princípios psicanalíticos e do discurso de um único entrevistado, analisando as singularidades, mas também a captura capitalista em relação ao *body modification*. França (2008) parte da perspectiva construcionista para analisar os discursos de profissionais sobre a prática de modificação corporal e as questões reflexivas que circunscrevem o cuidado de si, as biopolíticas e as biosseguranças. Já Rodrigues (2011), investe em uma postura psicanalítica de imagens e discursos encontrados em *sites* de internet específicos para os adeptos e apreciadores das técnicas de *body modification*; as análises convergem para observações negativadas das modificações corporais, salientando as reproduções alienadas de práticas milenares, ordenadas pela lógica capitalista administrada, e uma negação maníaca das pulsões de vida que ocasionaria traumas e dificuldade de auto-conservação.

Também foram encontrados dissertações e trabalhos de conclusão de curso (graduação e especializações), além das áreas já mencionados, nos cursos de artes, moda, história e educação física. No entanto, o enfoque geralmente eram dados para as modificações corporais convencionais (o uso de *piercing* e tatuagens apenas para estetização) ou apresentavam uma incerteza quando a compreensão do que fosse a modificação corporal, ou ainda, trabalhos acadêmicos sem referências bibliográficas consistentes.

A justificativa para que os trabalhos acadêmicos brasileiros apresentem poucas referências poderiam ser elencadas em cinco aspectos<sup>55</sup>: 1) as pesquisas brasileiras iniciaram esses estudos temáticos a menos de uma década; 2) grande parte dos estudos são realizados

---

<sup>55</sup> Esses apontamentos foram observados pelo autor desta tese durante todo o processo do doutoramento.

nos países orientais (principalmente Japão e China), Europa e EUA; 3) grande parte dos acervos são apenas trabalhos artísticos de fotos e desenhos ou ainda, *performáticos* (muitos sem registros documental); 4) são poucos os adeptos ou profissionais que queiram expor as práticas “marginais” ou escrever sobre o assunto; 5) ainda a cultura do movimento é oral e pouco documentada.

A partir dos trabalhos acadêmicos encontrados, foi possível perceber duas problemáticas bastante pertinentes para discussão, que estão relacionadas com: 1) as definições conceituais do que sejam as modificações corporais e as técnicas de *body modification*; 2) as condições marcantes que diferem a aplicação dessas técnicas em contexto de captura mercadológica capitalista e em contexto de produção de corporalidades singulares. No entanto, grande parte das pesquisas encontradas versam sobre as discussões que giram em torno dos usos pouco convencionais ou dissidentes de corpos normativos/padronizados a partir de matrizes de inteligibilidades.

Todavia, nos perguntamos: “Do que falamos quando nos propomos a discorrer sobre o conceito e sobre as técnicas de *body modification*?”. Segundo Mike Featherstone (1999), a temática *body modification* pode se referir a:

[...] uma longa lista de práticas que incluem o piercing, a tatuagem, o branding, o cutting, as amarrações e inserções de implantes para alterar a aparência e a forma do corpo. A lista dessas práticas poderia ser estendida para incluir a ginástica, o bodybuilding, a anorexia e o jejum – formas pelas quais a superfície corporal não é diretamente desenhada e alterada por meio de instrumentos que cortem, perfurem ou amarrem. Nessas práticas, o corpo externo é transformado por meio de uma variedade de exercícios e regimes alimentares, que constituem processos mais lentos, com efeitos externos, tais como o ganho ou a perda de massa, gordura ou músculos, que só se tornam observáveis após longos períodos de tempo. Adicionalmente, devemos considerar os modos pelos quais o corpo é modificado pelo uso de formas variadas de próteses e sistemas tecnológicos (FEATHERSTONE, 1999, p. 01 apud BRAZ, 2006, p. 25)<sup>56</sup>.

A lista de técnicas, procedimentos, processos e objetivos os quais se pretende formular e experienciar, por meio da prática do *body modification*, aumentam

---

<sup>56</sup> A tradução realizada por Camilo Albuquerque de Braz (2006) refere-se ao trecho original em inglês: “[...] a long list of practices which include piercing, tattooing, branding, cutting, binding and inserting implants to alter the appearance and form of the body. The list of these practices could be extended to include gymnastics, bodybuilding, anorexia and fasting – forms in which the body surface is not directly inscribed and altered using instruments to cut, pierce and bind. In these practices, the outer body is transformed through a variety of exercises and dietary regimes, which are generally much slower processes, with the external effects, such as gaining or losing bulk, fat or musculature, only becoming observable over longer periods of time. In addition, we have to consider the ways in which the body is modified by the use of various forms of prostheses and technological systems” (FEATHERSTONE, 1999, p. 01).

consideravelmente se analisarmos os encontros e conexões plurais e recorrentes entre processos desejantes e novas tecnologias que alteram formas, sensações e vivências corporais. De modo similar a proposta de Featherstone (1999), Pires anuncia:

A *body modification*, conceito usado para designar as modificações corporais executadas das mais diversas formas – usando-se desde produtos químicos até intervenções cirúrgicas –, nos apresenta uma nova realidade em que as definições de natureza e cultura se interpenetram, causando na maioria das vezes um desconforto, um estranhamento. [...] Basicamente podemos dividir os adeptos das modificações corporais em dois grandes grupos. O primeiro é formado por indivíduos que buscam se aproximar o máximo possível do padrão de beleza determinado pela sociedade e pela época em que vivem. Para tal, são incentivados a fazer uso de práticas que, ao moldar o corpo, reforçam formas e características próprias do humano. Dentre as práticas utilizadas com essa finalidade podemos citar as dietas, a musculação, a cirurgia plástica. O segundo é formado por indivíduos que se utilizam de elementos e formas que não possuem correlato com os pertencentes ao corpo humano. A esse estão vinculadas as práticas de *piercing*, implante estético, escarificação e tatuagem (PIRES, 2005, p. 19).

No entanto, embora a lista de condições acerca das modificações corporais seja extensa, delimitarei para esta pesquisa apenas o recorte do *body modification* enquanto um conjugado de técnicas e procedimentos de manipulação das corporalidades. Desse modo, é importante diferenciar condições descritivas e contextuais entre o que se considera *body modification* - como equivalente da tradução da língua inglesa para “modificação corporal”, o que indicaria qualquer tipo de intervenção no corpo e, *body modification* - enquanto práticas ou técnicas específicas empreendidas por *body modifiers*, *performers*, *body piercings*, tatuadores, ou ainda, os auto-intitulados *urban primitives* ou *modern primitives*.

Ainda, outro recorte realizado dentro das discussões do movimento *body modification* diz respeito ao interesse dessa pesquisa investir no encontro com outros processos de subjetivação e modos de produzir corporalidades positivadas e afirmativas que extrapolem o uso das modificações corporais para (re)produzir apenas estilos de vida e uma estética corporal atrelada à lógica mercantilista<sup>57</sup> e convencionada. Ao contrário, a pesquisa investiu em conhecer o potencial subversivo e transgressor de projetos corporais que buscam escapar dos aprisionamentos discursivos que normatizam e padronizam estilísticas da existência.

---

<sup>57</sup> É interessante ressaltar que já podemos observar uma captura mercadológica e midiática espetacular em programas “reality shows” sobre tatuadores e também as presenças marcantes de Rick Genest (Zombie Boy) e outros modelos bastante tatuados em desfiles de alta-costura (do francês *haute couture*) e em comerciais de cremes dermatológicos comercializados - “Dermablend Professional”.

Nesta perspectiva de análise, encontramos em Dolores Galindo (2006) a problematização e comparação entre as modalidades brandas (as quais são difundidas pela popularização das tatuagens e uso de *piercings* generificados) e as modalidades extremas de modificações corporais. Em relação às modificações corporais ditas extremas ou brandas, a autora analisa que:

Em sua modalidade *extrema*, a estética convencional é questionada, são impostos limites à inserção social dos seus praticantes, além dos riscos à saúde a que se expõem. A modalidade *branda*, além de não limitar o trânsito social dos praticantes, implica adesão por modismo e a seleção de procedimentos cuja segurança está razoavelmente consolidada pelo uso. A definição de modificações é sempre relacional, uma vez que as alterações da forma corporal podem ter efeitos diversos em função da sociedade com a qual dialogam. Não podem ser classificadas em brandas ou extremas baseando-se apenas no mal estar ou sensação de conforto que causam ao pesquisador (GALINDO, 2006, p. 76).

As modificações corporais ditas não-convencionais, extremas ou *non-mainstream* são intervenções sobre as corporalidades que repulsam as propostas de uma educação corporal disciplinar e de normatizações contínuas. Para a construção dessas corporalidades “indisciplinadas”, os sujeitos transformam seus corpos em oposição às normativas estéticas e funcionais, utilizando técnicas e procedimentos específicos que desintegram formas (estéticas) e usos (funções) restritas.

Em uma análise complementar e convergente, Francisco Ortega (2006) observa que existem diversas abordagens possíveis sobre as práticas que envolvem a modificação corporal, porém, duas formas se sobressaem dentro da literatura específica sobre o assunto. Uma primeira, diz respeito a compreensão de que as modificações corporais são reconhecidas como “[...] um elemento constitutivo da sociedade de consumo, do espetáculo e do mundo da moda” (p. 50). A segunda abordagem refere-se a patologização das pessoas que são adeptos das práticas de *body modification*, ou seja, “[...] um problema de saúde mental, ampliando com isso o leque das práticas e condutas a serem medicalizadas” (ORTEGA, p. 2006, p. 51). Esta segunda abordagem será apresentada na seção: “3.3.2 As Práticas *Nonmainstream* do *Body Modification*”.

Na primeira abordagem indicada por Ortega (2006), as análises recorrem aos usos comuns da cultura contemporânea de piercings e tatuagens, elementos considerados como *mainstream*. Entretanto, o autor salienta que essas análises são generalistas, reducionistas e falhas devido não conseguirem separar as práticas *mainstream* daquelas *nonmainstream* (por exemplo, as técnicas de *branding*, *burning*, *cutting*, implantes subcutâneos, entre outros a

serem descritos na seção —3.3.3 Técnicas, Procedimentos e Instrumentos das Modificações Corporais”).

### 3.3.1 As Práticas *Mainstream* do *Body Modification*

Menino do rio  
Calor que provoca arrepio  
Dragão tatuado no braço  
Calção, corpo aberto no espaço [...]  
(Menino do Rio – Caetano Veloso)

Sobre os elementos *mainstream* das técnicas de *body modification*, é notório que a emergência de vastas e distintas alternativas de estetizações corporais tem visibilizado o investimento de políticas de mercado *nas* e *para* as corporalidades, muitas delas orientadas pela lógica do capital. A (trans)contemporaneidade permite assim, o surgimento recorrente de diversas possibilidades interventivas para que indivíduos possam produzir modos específicos de se perceber belo. Segundo Pires (2005), os adeptos de práticas *mainstream* podem ser influenciados por convergências da indústria da moda que sugerem que a alteração corporal seja um requisito estético importante para a inserção de tribos urbanas no contexto atual.

A captura mercadológica da estetização - por meio dos processos midiáticos e da moda - obtida por modificações corporais é demonstrada pela crescente visibilidade de locais de atuação de *body piercers* e tatuadores, que saíram da clandestinidade dos porões e passaram a atuar em estúdios equipados, assim como também observamos a minimização de estigmas de marginais para integrantes de tribos urbanas de grandes centros. Em relação às tribos urbanas podemos citar os *punks*, os *rockabillys*, os *hippies*, os *clubbers*, os *pitboys*, os *leathers*, entre outras expressões contraculturais. O significativo e o crescente uso estratégico de tatuagens, *piercings* e acessórios metálicos e de couro, também é incentivado pela cultura midiática como adornos a serem combinados com roupas e outros acessórios publicizados principalmente pela moda (COSTA, 2004).

Neste sentido, Michel Foucault (2005a) e Judith Butler (2003), além de muitos outros autores, têm contribuído para que possamos situar sócio-histórico, político e culturalmente os modos pelos quais os processos de subjetivação produzem práticas discursivas e, subsequentemente, a feitura dos sujeitos. A ordem de discursos impõe referências que se materializam nos corpos, assujeitando-os às regras normativas, às instituições disciplinares e à matriz heterossexual (heterossexualidade compulsória). Recorrentemente, de modo geral, os

sujeitos buscam recursos da estetização por meio também de técnicas do *body modification* para reificar o binário sexual e de gênero. Essa condição pode ser analisada no período histórico atual devido à utilização das tecnologias sexuais, de gêneros e corporais para (re)produzir diferenciações, hierarquias e relações de poder entre homens e mulheres, femininidades e masculinidades, sexualidades normativa(s) e singularidades sexuais, entre outros (DE LAURETIS, 1994; BUTLER, 2003).

Nas pesquisas sobre o uso de tatuagem e prática do *bodybuilding* - uso exacerbado de exercícios com finalidade de hipertrofia muscular), César Sabino e Madel Luz (2006) indicam, no recorte populacional do Rio de Janeiro, que muitos homens recorrem a essas técnicas para construir corporalidades mais ostensivas da virilidade e da força. Nessa mesma perspectiva, Beatriz Pires (2005) analisa que a experiência da dor nas práticas corporais também corrobora com a análise que o processo de práticas doloridas também pode ser condicionado à ideia de macho e virilidade. Já as mulheres,

[...] tendem a tatuar determinadas figuras, como rosas e flores em geral, estrelas, borboletas, lua, sol, personagens femininas de histórias em quadrinhos, beija-flores, gatos e fadas. Ideogramas, desenhos tribais, palavras e frases em letra gótica, símbolos da computação, códigos de barra, corações, duendes, deuses ou deusas mitológicos são símbolos inscritos tanto na pele de homens quanto de mulheres. Águias, cruzeiros, panteras, tigres, dragões, demônios, caveiras, armas, arame farpado, sereias, mulheres nuas, tubarões, esqueletos com foice e capuz e, principalmente, cães da raça pitbull, são tatuagens masculinas (SABINO & LUZ, 2006, p. 254-255).

[...] os locais do corpo também definem o gênero: mulheres costumam tatuar a nuca, a região lombar (principalmente as chamadas tribais), os seios, as nádegas e virilhas, às vezes omoplatas, pés e calcanhares. Já entre os homens os desenhos situam-se principalmente no bíceps (em geral na parte exterior, mas também há desenhos na parte interior), costas, deltóide, antebraço e mais raramente abdômen, panturrilhas e peito (SABINO & LUZ, 2006, p. 255).

Em outra pesquisa brasileira, Débora Krischke Leitão (2004, p. 05) elencou pilares sobre o uso da tatuagem para (res)significar o corpo na (trans)contemporaneidade, a partir de entrevistas com mulheres, indicando assim:

A possibilidade dessa resignificação e aceitação da marca e da imagem do tatuado se constrói, no grupo estudado, sobre três pilares: (1) o uso da marca se insere no universo feminino através dos cuidados com o corpo e das práticas embelezadoras; (2) vai ao encontro de princípios presentes no ideário contemporâneo que pregam valores, como autocontrole, auto-responsabilização, autodisciplina e autonomia sobre a anatomia - revelando

o corpo como superfície maleável; (3) vai ao encontro da ideologia de valorização da pessoa singular, da subjetividade e das diferenças individuais.

Nos últimos anos, homens e mulheres evidenciaram o uso de tatuagens e *piercings* em números sem precedentes, na busca da construção de projetos de corpos belos, *fashion*, erotizados e atualizados pelos processos comerciais e midiáticos, produzindo, desse modo, práticas discursivas e processos de subjetivação que podem ser analisados como normatizados ou capturados por práticas consumista da ordem capitalística. Porém, é importante salientar e justificar que, esse público especificado que utilizam as denominadas práticas *mainstream* do *Body Modification*, não foi elencado como primordial para os estudos desta tese, uma vez que os objetivos descritos a serem analisados se voltaram para aquelas pessoas que, de alguma maneira, produzem resistências aos modelos normativos e, subsequentemente, podem oferecer manutenção para as composições positivadas e afirmativas das estilísticas de suas existências.

### 3.3.2 As Práticas *Nonmainstream* do *Body Modification*

Conhece dor?  
 inicia dor/ detona dor/  
 cataliza dor/ organiza dor/  
 dissipa dor/ regula dor/  
 assusta dor/ revitaliza dor/  
 devasta dor/ batalha dor/  
 adora dor/ merece dor/  
 esbanja dor/ fode dor/  
 masculina dor/ aporrinha dor/  
 orienta dor/ totaliza dor/  
 arranja dor/ conta dor/  
 encanta dor/ compartilha dor/  
 finaliza dor/ a vassala, dor.  
**(Conhece dor? - Francis Aguiar)**

As práticas pouco convencionais, extremas ou ditas *nonmainstream* são fenômenos complexos que não podem ser reduzidas ao consumo, ao espetáculo ou à moda. De acordo, com Ortega (2006), os elementos que envolvem a permanência e o risco causados pelas marcações corporais, a dor imposta e o planejamento ou projeto a longo prazo de um corpo modificado não se adequam a uma postura imediatista, mercadológica, modista e capitalista de produção de corporalidades. A autora Kênia Kemp (2005) sugere algumas descrições sobre essas práticas radicais:

[...] junto com esse grande grupo de ‘modernos primitivos’, há no Movimento aqueles que praticam as chamadas ‘modificações corporais radicais’. Praticantes de cirurgias eletivas como subincisão (técnica cirúrgica de preenchimento cutâneo), amputar membros, bipartir a face, a língua ou órgãos genitais masculinos, implantar objetos e pequenos aparelhos sob a pele para que fiquem aparentes, castração, implantes com arte em 3D (holografias tridimensionais e corte do genital feminino (KEMP, 2005, p. 11).

A partir da perspectiva supracitada, as praticas radicais seriam todas as modificações que insurgissem em práticas invasivas em qualquer parte da anatomia, incluindo além das técnicas da *body modification*, as técnicas de *body mutilation*<sup>58</sup>. Em uma análise complementar, Pires (2005) enfatiza que os adeptos dessas práticas é composto de pessoas que:

[...] compartilham de idéias e ideais em relação às modificações corporais. A esse grupo pertencem os indivíduos que, na maioria das vezes, possuem mais de um tipo de intervenção corporal, as quais podem ou não estar em regiões de seu corpo expostas cotidianamente. As intervenções nesse caso são feitas de forma crescente e contínua (PIRES, 2005, p. 19).

Ou seja, é a partir das práticas *nonmaisntream* que se iniciam as problematizações sobre as possíveis psicopatologias que desembocam em manipulações irreversíveis do corpo. Ortega (2006) ressalta que os elementos extremos e *sui generis* das modificações corporais extremas são abordadas como uma questão patológica, da ordem da ausência da saúde mental, portanto, sendo conduzidas a medicalização dos adeptos que as praticam. Mediante essas problematizações, o autor pondera que:

A estratégia seguida é igualar o discurso das modificações corporais ao da automutilação – sobre o qual existe uma vasta literatura no campo da saúde mental, com indicações de tratamento que vão desde o uso de psicofármacos específicos até as terapias psicodinâmicas, cognitivas, comportamentais e administrativas (ORTEGA, 2006, 51).

O autor supracitado analisa que os estudos tradicionais da saúde mental equivalem os adeptos de modificações corporais aos pacientes “~~automutiladores~~” que possuem algum tipo

---

<sup>58</sup> Embora as práticas de *body mutilation* sejam inclusas e recorrentes nas discussões sobre as modificações corporais extremas ou radicais, não abordarei essa temática uma vez que o foco desta pesquisa se restringe as questões que circunscrevem as práticas relacionadas ao que se denomina *body modification*. A prática da mutilação está relacionada à anulação da função de determinados membros ou órgãos do corpo humano - objetivo não requerido nas práticas de modificações corporais.

de transtorno de ordem psicopatológica aditiva ou compulsiva, ou seja, as modificações corporais são identificadas como uma prática de “se automutilar”, motivada por uma condição disfuncional ou doentia que tenta destruir o próprio corpo. A visão psicopatologizante agencia redes discursivas (médicas, psicológicas, religiosas, jurídicas, morais, principalmente as midiáticas) que produz

[...] um problema social emocionalmente provocativo que faz surgir, entre os leitores, um sentimento misto de medo, repugnância e horror diante das descrições sensacionalistas de práticas de modificação corporal. Constitui um discurso moralista que compreende as práticas unicamente como regressões inumanas ou comportamentos de desvio (ORTEGA, 2006, p. 51-52).

Esse processo de patologização em concomitância com outros discursos sociais (religiosos, jurídicos, morais, midiáticos) direcionam análises precipitadas, generalistas e reducionistas sobre as condições motivadoras que levam pessoas a mudar a aparência ou a diferenciar a autodefinição estética, ou ainda, a produzir prazeres que não adentram a lógica inteligível do uso dos corpos.

O *body modification* enquanto conjunto de técnicas utiliza procedimentos e materiais específicos, dependendo das motivações por quais as pessoas procuram experienciar e produzir seus corpos. Em entrevista ao documentário “*Modify*”<sup>59</sup>, dirigido por Jason Gary e Greg Jacobson (2005), Steve Haworth indica que a busca por estéticas singulares não se configura na única função das práticas de *body modification*. Para ele, as técnicas e procedimentos de modificações corporais são praticados há séculos por uma grande variedade de razões e por diferentes culturas, sendo elencados 4 aspectos motivacionais para que as pessoas passem pelos processos de modificações corporais: 1- valores estéticos; 2- reforço/potência na condição sexual; 3- chocar ou confrontar valores sociais e; 4- espiritualidade.

Na pesquisa de mestrado quanti-qualitativa sobre suspensão corporal, na área de psicologia social, Daniel Rodrigues Lirio (2007) coletou pelas comunidades do Orkut, pelo site BME (acrônimo para *Body Modification Ezine*). O referido site ([www.bmezine.com](http://www.bmezine.com)) se tornou uma referência especializada em discutir sobre questões relacionadas às modificações corporais e prazeres dissidentes produzidas por técnicas de *body modification*. O site BME é um dispositivo virtual internacional reconhecido como o mais importante e popular sobre o

---

<sup>59</sup> GARY, Jason; JACOBSON, Greg (direção). **Modify**. USA: Comunited Films. Documentário colorido (DVD), 2005 (85 min.).

assunto, principalmente sobre as modificações corporais categorizadas como *extreme*. Originalmente fundado por Shannon Larret e, atualmente supervisionado e liberado pela esposa de Shannon. O *site* fornece informações, vídeos, entrevistas, discussões técnicas e trocas de experiências em *chats* e disponibiliza espaço para que os usuários possam participar com suas opiniões e fotos e vídeos. O *site* é mantido por doações e pelo acesso pago para conteúdos extremos ou relacionados às sexualidades. Os usuários devem contribuir com vídeos e fotos para participar do *site*. Lírio elencou os objetivos explícitos do *site* como sendo:

1. Mostrar às pessoas que elas não estão sozinhas e ajudá-las a compreender quem são e o processo pelo qual estão passando.
2. Promover um espaço onde seja possível compartilhar experiências com modificação e manipulação corporal.
3. Encorajar política e comercialmente o crescimento ético da modificação e manipulação corporal.
4. Gerar receita e sucesso como um negócio tradicional, e reinvestir uma parte dos lucros em projetos relacionados ao corpo.
5. Educar o público sobre modificação e manipulação corporal, em termos de segurança, história, cultura e ética.
6. Quando possível, unir pessoas interessadas em modificação e manipulação corporal.
7. Combater o julgamento de uma modificação ou manipulação corporal como mais ‘correta’ que outra e nunca sucumbir a pressão pública (dominante ou minoritária) de traçar essa linha.
8. Atuar junto a mídia para que as modificações ou manipulações corporais sejam adequadamente retratadas e promover a aceitação da opinião pública das atividades de modificação e manipulação corporal.
9. Trabalhar junto a outros grupos de modificação e manipulação corporal para atingir metas comuns (LÍRIO, 2007, p. 22).

O site BME e outros fóruns de discussões específicos se tornaram espaços virtuais importantes para que os participantes trocassem/troquem experiências, conhecimentos, dúvidas, interesses e opiniões sobre modificações corporais, suspensão corporal e outros usos e prazeres das corporalidades. Em relação aos relatos sobre os interesses em modificar a própria corporalidade, Lírio (2007) elencou os motivos como sendo:

1. Valor estético; é belo e uma forma de arte.
2. Prazer; sensações envolvidas.
3. Vontade de marcar no corpo eventos históricos importantes e, assim, melhor elaborá-los.
4. Ganho de autoconfiança e auto-estima.
5. Sentimento de completude, autenticidade.
6. Expressão de si; para mostrar aos outros quem se é e, com isso, afastar pessoas muito diferentes e aproximar-se de pessoas com sentimentos e idéias semelhantes.
7. Intenção de marcar uma atitude de contraposição à sociedade, de chocar as pessoas.
8. Alargamento de limites e superação da dor.
9. Alívio do estresse e ganhos com a dor.
10. Pura vontade, diversão.
11. Comprovação de capacidade individual e jurídica.
12. Oportunidade de cuidar de si.
13. Apoderamento do próprio corpo; transformação em algo não predeterminado ao nascimento.
14. Meio para tornar a vida mais interessante.
15. Identificação a significados históricos-culturais, para sentir-se ligado a sociedade milenares.

16. Intenção de fazer parte de uma subcultura, uma minoria. 17. Melhora do prazer sexual. 18. Sentimento de estar vivo. 19. Resposta ao eu primário. 20. Diferenciação (LÍRIO, 2007, p. 20).

Em suma, as motivações podem emergir de diversas ordens, mas principalmente relacionadas ao crescimento pessoal (experiência e superação), ritual de passagem, transgressão social, aspectos espirituais, sexuais e estéticos e, principalmente por bem-estar e uma relação prazerosa com o próprio corpo e com a produção de vida.

### 3.3.3 Técnicas, Procedimentos e Instrumentos das Modificações Corporais



**Imagem 12:** Tirinha 462 – Deus Metal 5 de autoria de Carlos Ruas. Retirada do site “Um sábado qualquer”, disponível em: <<http://www.umsabadoqualquer.com/462-deus-metal-5/>>

Be a somebody with a body  
(Negative - Andy Warhol, 1985)

De modo contundente e descritivo, as técnicas de *Body Modification* produzem uma quantidade enorme de modificações corporais devido aos aperfeiçoamentos e usos mesclados de procedimentos. Além disso, com os avanços das bioengenharias, existe recorrentemente a demanda de manutenção e atualização de instrumentais e de peças (jóias) que emergem com materiais e modelos mais biocompatíveis, resistentes e variados. Estas técnicas serão identificadas e categorizadas nesta tese como: 1) “Modificações corporais intencionadas como permanentes”; 2) “Modificações corporais removíveis” e; 3) “Modificações corporais contextuais ou ritualísticas”.

As nomenclaturas e classificações a serem apresentadas foram baseadas em informações da seção “FAQ – Frequently Asked Questions”, disponíveis no *site* [www.bmezine.com](http://www.bmezine.com). Também foram compiladas durante as incursões ao campo de pesquisa, principalmente nos workshops aos quais participei. Conclui o workshop sobre *piercings*

básicos ministrados por Aníbal “Compadrito” Cambiaso (em Londrina-PR) e o workshop sobre suspensão humana ministrada por Valnei Santos (em Belo Horizonte-MG). Também participei do 1º Congresso Sul-Americano para Perfuradores Corporais sediada pela APP (Association of Professional Piercers) organizado pelo piercer Ronaldo “Snoopy” Sampaio, em Balneário Camboriú, S.C. Neste congresso também participei de workshops integrados relacionados à aplicação de *piercings*, transdermais e implantes com o argentino Matías “Rata” e busquei informações sobre referências bibliográficas que descrevessem as técnicas, procedimentos e instrumentos das modificações corporais.

### 3.3.3.1 Modificações corporais intencionadas como permanentes

**A) *Tattoo* (Tatuagem):** as tatuagens podem ser compreendidas como o processo de pigmentação subcutânea (dermopigmentação) ocasionadas por meio de instrumentos descartáveis perfuradores que injetam tinta (preta ou coloridas). Pode ser realizada de modo artesanal ou tribal (pontas de metal extremamente finas), ou por meio de “maquininhas” elétricas compostas por um ou várias agulhas que diferem nos calibres, espessuras e texturas. A velocidade a qual a agulha perfura e injeta a tinta subcutaneamente é mediada por vibrações ou força empregada para “rasgar” a pele e manter a tinta “presa” no corpo. Geralmente, os tatuadores adaptam seu maquinário com borrachas ou elásticos para balizar as frequências e as intensidades das perfurações e pigmentações. As tatuagens possuem traçados e estilos distintos, os quais podemos citar: Maori, *Old School*, Surrealismo, 3D, Pontilhismo, entre outros. Nos últimos cinco anos, surgiu como método inovador e controverso, a *eyeball tattooing* ou *scleral tattooing*, que para tatuar a esclera ocular (parte branca dos olhos) utiliza uma seringa com a agulha encurvada para injetar a tinta.

**B) *Scar – Scarification* (escarificações):** seriam marcações corporais que formam desenhos na pele por meio de cicatrizes. Diferente das tatuagens que utilizam agulhas, as inscrições são feitos pela técnica de cortes com bisturis (*cuts*), ocasião em que se remove partes da pele que contornam a marcação (*skin removal*). Em seguida, forma-se uma ferida que é descascada para que se mantenha o alto relevo da figura cicatrizada; neste processo o próprio organismo forma quelóides ou fibroses.



**Imagem 13:** Alexandre Anami fotografado por Priscila Nunes.

**C) Branding:** possui similaridade com o *scar*, no entanto, recorre ao uso de metais (aço inoxidável ou prata) aquecidos por fogo (fogareiro de gás propano) para causar queimaduras na pele. Para a marcação é considerada temperatura, tempo e profundidade de exposição da pele com o metal aquecido de modo a garantir uma cicatriz permanente em alto relevo. Seria o mesmo procedimento usado para marcar animais confinados em abatedouro. Outro procedimento de *branding* utiliza aparelho de cauterizador elétrico. O uso do aparelho de eletrocautério é mais utilizado nas intervenções em que é necessária maior precisão e controle na produção de marcas refinadas e sutis. Ainda, pode se recorrer à técnica de *cold branding* (queimadura feita com nitrogênio líquido ou com chapa de cobre refrigerada em baixa temperatura) ou ao *branding abrasive* (remoção de pele por meio de instrumentos abrasivos que são passadas repetidamente na superfície da pele de maneira a criar uma irritação cutânea e *posteriori* cicatrizes). Nas discussões apresentadas no site BME, indica que a cicatrização ocorra na média de 30 a 60 dias. É sugerido por profissionais e adeptos que existem duas formas de lidar com a cicatrização: uma delas seria deixar o próprio corpo reagir ao processo com o passar do tempo; já a outra sugestão seria irritar a pele com o uso de esponjas de banho ou algum produto esfoliante.

**D) Tongue Splitting:** consiste na bifurcação da língua. A bipartição é central, simulando a língua de répteis (p. ex: cobras e lagartos). Com o tempo e treinamento as partes bipartidas podem ser controladas separadamente. Embora seja sugerida a utilização de anestesia, seguido

de procedimento que utiliza laser (que corta e cauteriza), os profissionais de *body modification* comumente utilizam a técnica de *scalpelling*, ou seja, utilizam-se pinças para segurar a língua e a corta com uma lâmina ou bisturi. Outro procedimento utilizado, porém, mas demorado e reconhecido como mais doloroso, seria o *“Fie off”* que consiste em cortar a língua a partir de um furo ou corte já existente com a ajuda de fio de *nylon*.



**Imagem 14:** Reuber Mattos fotografado por Lírica Aragão.

**E) Ear pointing:** pode ser entendido como uma técnica em que as orelhas são recortadas em formato de orelhas de Elfo. Trata-se de um procedimento irreversível devido à retirada e sutura de tecidos da cartilagem das orelhas.

### 3.3.3.2 Modificações corporais removíveis

**A) Piercings:** proveniente do inglês *“pierce”* que significa furar, perfurar, atravessar, romper, penetrar ou atravessar algo. Os *piercings* ou jóias são transpassados por cateter e agulhas próprias acopladas de hastes que permitem fixá-los. Comumente são feitos de aço cirúrgico ou titânio (matérias anátomo-biocompatíveis) e possuem formatos diferenciados dependendo da parte do corpo a ser implantado. As variações e nomenclaturas dos *piercings* dependem do local onde ele será aplicado e o efeito que se deseja, possuindo uma variabilidade diversificada.



**Imagens 15, 16 e 17:** (15) Auto-retrato de piercing de mamilo cedido pelo modelo. (16) Piercings aplicados na bolsa escrotal e na glândula. (17) Piercing *Príncipe Albert* (conhecido como P.A.) aplicados na glândula e oito implantes colocados ao longo do pênis. As duas últimas imagens são arquivos pessoais e autorizada a divulgação pelos modelos.

**B) Alargadores:** pode ser iniciado o uso de uma jóia causada por uma perfuração de *piercing* e ir se alargando milimetricamente pelo processo de retirada de uma jóia e a subsequente colocada de outra de calibre maior. Porém, também existem os procedimentos que utilizam de cortes transversais ou a retirada de pedaço de carne para a colocação de uma jóia diretamente de calibre maior. As mais usuais são os alargadores de septo-nasal, de lóbulos e concha da orelhas, inferior de lábios e nas bochechas. O alargamento é muito comum para quem utiliza qualquer tipo de *piercing*, pois com o peso das jóias, em poucos meses já se consegue colocar outra de tamanho superior. Frequentemente, os usuários de *piercing* aumentam os calibres de suas peças.

**C) Implantes subcutâneos ou Arte 3D:** consiste na inserção de matérias biocompatíveis abaixo da pele, provocando e definindo alto relevo na parte do corpo implantado. Esses materiais biocompatíveis (de natureza atóxica, inquebráveis, inertes e não orgânicos) podem ser confeccionados por metais (aço cirúrgico, titânio, nióbio) ou materiais sintéticos (*nylon*, teflon, plástico ou silicone). Existem variações de modos de aplicação do implante, sendo as mais usuais os chifres (na testa), estrelas e esferas, barras (braços e região peitoral) e bolinhas (*beadings* – sob na pele que encobre o pênis).



**Imagens 18 e 19:** (18) Auto-retrato de orelha sem alargador cedido pelo modelo. (19) Alargadores de mamilos, arquivo pessoal cedido pelo modelo.



**Imagens 20 e 21:** (20) Auto-retrato de implante aplicado no dorso da mão cedido pelo modelo. (21) Arquivo pessoal de implante em formato de estrelas na região do osso esterno, autorizada divulgação pelo modelo.

Geralmente os procedimentos partem de uma ou duas incisões na pele em que se insere uma haste ou pinça que impulsiona o implante no local e em seguida, após a acomodação da peça, as incisões são fechadas com suturas. Os implantes podem ser compreendidos como elementos anátomo-biocompatíveis e estéticos que são similares aos dispositivos médico-cirúrgicos fabricados para substituir ou sustentar estruturas biológicas corporais.

### 3.3.3.3 Modificações corporais contextuais ou ritualísticas

A) **Body play** ou **Play piercing**: o termo “bodyplay” foi criado pelo movimento “Primitivos Modernos”, sendo analisado por Fakir Musafar como um processo deliberado e ritualizado em modificar o corpo, sendo um modo universal e profundo, propondo a transcendência dos limites das culturas e dos tempos (períodos históricos), de pessoas que respondem às necessidades primitivas de realizar e sentir modificações pelos seus corpos (VALE & JUNO, 2010).

Fakir Musafar, em entrevista conduzida por Vivian Vale (VALE & JUNO, 2010, p. 15) diz que existem diversas maneiras de modificar e manipular os corpos, sendo eles agrupados, basicamente, em 7 categorias:

- 1. Bodyplay por contorção:** Curvar ossos, Distensão: Ginástica, contorcionismo, exercícios de yoga e práticas hindus de Sadhus, Scavenger's Daughter, alargamento de piercings, sangria, sapatos de salto alto, enfaixar ou amarração de pés, alargamento de parte de corpos, etc.
- 2. Bodyplay por constrição:** Compressão: Ataduras, ligamentos apertados de cintos, corseletes ou espartilhos, roupas apertadas (como borracha ou brim), cordas, pressão corporais, etc.
- 3. Bodyplay por privação:** Impedimento, Paralisação: Jejum, privação de sono, fadiga, restrição de movimento, isolamento de sentidos por caixas, gaiolas, capacetes, camisas de força, malas, etc.
- 4. Bodyplay por sobrecarga:** Vestindo peso/ferro: Braceletes pesados, tornozeleiras, ornamentos de pescoço, calçados, algemas, encarceramento, correntes, etc.
- 5. Bodyplay por fogo:** Queimadura: Bronzeamento, eletricidade (constante ou choque), banhos quentes ou vaporizados restritos em sauna, marcando e queimando, como no tratamento japonês okyu, etc.
- 6. Bodyplay por penetração:** Invasão: Flagelação, aplicação de *piercing*, picadas, cravadas ou espetadas, tatuagens, cama de pregos, cama de espadas, uso de agentes irritantes como cabelo, roupas ou químicos, etc.
- 7. Bodyplay por suspensão:** Pendurado: Pendurado em uma cruz, o berço de bruxas, suspenso pelos pulsos, coxas,

cintura (quadril), tornozelos ou ganchos na pele, suspenso por constrições ou piercings múltiplos, etc (VALE & JUNO, 2010, p. 15)<sup>60</sup>.

O *bodyplay* pode ser entendido como expressões corporais de testagem e controle dos corpos em jogos e brincadeiras que utilizam perfurações, sendo apresentado em diversas modalidades. Dentre elas, podemos citar alguns: 1) o ***pulling*** usa, temporariamente, perfurações com ganchos para produzir sensações através da tração de forças contrárias entre corpos, envolvendo duas ou mais pessoas em uma espécie de “cabo de guerra” ou simplesmente para transitar por ambientes conjuntamente; 2) o ***sewing*** seria outra modalidade em que se utiliza como procedimento a costura de partes dos corpos objetivando dois aspectos: a estética, compondo *looks* com aplicações de agulhas uniformes e geométricas e/ou perpassando fitas de sedas por entre *piercings* de maneira a formar um *corset* na pele, ou ainda, aumentando as experiências de prazeres, principalmente aquelas relacionadas às sexualidades. Em jogos eróticos, costumam alinhar os genitais (pênis costurado no escroto, ou fechamento da vagina). A costura de partes corporais também ocorrem em *performances* do *body art*: olhos, mãos, boca, orelhas, genitais e; 3) o ***body blood*** seria a brincadeira com a retirada do próprio sangue por seringas para se auto-injetar em outras partes do corpo (ou descartá-lo) ou usando sondas para circular o sangue pelo lado corporal externo.

**B) Suspensão Corporal Humana:** a grosso modo, consiste em elevar o corpo de uma (ou mais pessoas) por meio de um mecanismo em que ganchos são transpassados em pontos estratégicos do corpo e erguidos pela tração de uma corda com a ajuda da força de uma ou duas pessoas.

De acordo com Fakir Musafar, durante a dança do sol (Sun Dance) dos índios nativos americanos era possível conhecer a experiência da suspensão. No ritual do povo Mandan (que ocupa as margens do Rio Missouri) ou de alguns dos Oglala Sioux (realizavam variações mais

---

<sup>60</sup> **1. Body Play by Contortion:** „Bending Bones“, „Distention“. Gymnastics, contortionism, Yoga exercises and Hindu practices of Sadhus, the „Scavenger’s Daughter“, enlargement of piercings, cupping, high-heel shoes, foot-binding, stretching part of the body, etc. **2. Body Play by Construction:** „Compression“. Bondage, tight ligatures and belts, corsets, tight clothing (like rubber or denim), cords, body presses, etc. **3. Body Play by Deprivation:** „Shut-Off“, „Frozen“. Fasting, sleep deprivation, fatigue, restriction of movement, sense isolation in boxes, cages, helmets, body suits, bags, etc. **4. Body Play by Encumberment:** „Wearing Iron“. Heavy bracelets, anklets, neck ornamentation, footwear, manacles, encasements, chains, etc. **5. Body Play by Fire:** „Burn-Out“. Sun tanning, electricity (constant and shock), steam/heat baths and boxes, the „pack“, branding and burning, as in the Japanese „okyu“ treatment, etc. **6. Body Play by Penetration:** „Invasion“. Flagellation, being pierced, punctured, spiked or skewered, tattooing, bed of nails, bed of swords, irritants like hair, cloth or chemical agents, etc. **7. Body Play by Suspension:** „Hung Up“. Hung on a cross, the „witches‘ cradle“, suspended by wrists, thighs, waist, ankles or flesh hooks, suspended by constrictions or multiple piercings, etc (VALE & JUNO, 2010, p. 15).

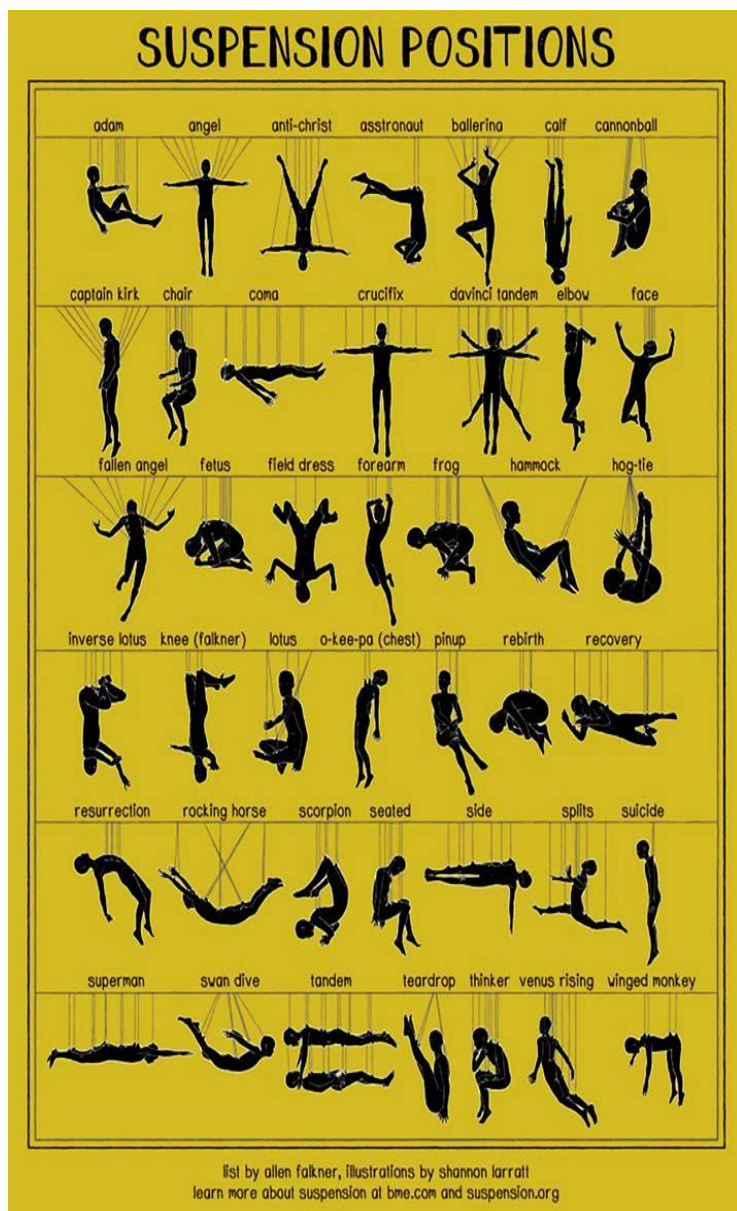


**Imagem 22:** Lista de suspensões corporais humanas realizadas por Allen Falker e ilustrada por Shannon Larratt. Retirado do site [www.suspension.org](http://www.suspension.org)

do sacrifício do corpo através de sangue, suor e dor (VALE & JUNO, 2010). Em seus estudos, Fakir diz que a foto mais antiga da dança do sol é datada de meados de 1850. A imagem mostra um Sioux bravamente perfurado duas vezes no peito (rasgando sua pele) em concomitância com uma faixa extremamente apertada em volta de sua cintura.

Já nos estudos de Kemp (2005, p. 71) encontramos que as suspensões corporais podem ser apresentadas como a “[...] apropriação dos costumes rituais das culturas tradicionais pelo Movimento de Modificação corporal”, sendo o primeiro registro iconográfico desse tipo de ritual, na cultura ocidental, o surgimento do filme *western* intitulado *Um Homem Chamado*

severas da dança do sol), ocorria o “O-Kee-Pa” que, na prática original, era realizada após os integrantes ficarem dias sem dormir e em um jejum preparatório. Em seguida, eles eram sustentados pelo peito apenas pela aplicação de *piercings* artesanais e atracados por uma corda em uma árvore (ou em um tronco dentro de uma cabana), de modo que o corpo ficasse suspenso verticalmente por um tempo médio de 10 a 20 minutos. Durante esse período, ficavam desorientados e eram conduzidos a se conectarem com a “luz branca” ou o “grande espírito branco” por meio de visões. No mito Mandan, tratava-se de um dos ritos de exercício das masculinidades. Esse ritual conduzia o jovem a se tornar um guerreiro partindo do princípio

Cavalo<sup>61</sup>, de 1970. No filme, um nobre inglês John Morgan (estrelado por Richard Harris) viaja para os EUA e acaba sendo aprisionado por índios Sioux. Para provar que é um guerreiro e merece conviver com a tribo e desposar uma nativa, o inglês deverá passar por uma sequência de rituais que culminam, por fim, em sua suspensão corporal.

Atualmente, as suspensões corporais extrapolaram o ritual espiritual e de passagem, adentrando circuitos de exibições públicas em *freakshows*, festas e shows de rock e *performances* artísticas. Ampliaram-se também as motivações e possibilidades de intervenções em diversas outras localidades da anatomia humana, no entanto, permanecem as técnicas de perfurar, enganchar e suspender. Encontramos na dissertação de mestrado de Lírio (2007) alguns apontamentos sobre tais motivações. Em seu estudo, o autor buscou, por meio de relatos encontrados e formulários virtuais anônimos em *sites* e comunidades virtuais específicas e direcionadas aos adeptos de técnicas de *body modification* e de prática de suspensão corporal, algumas motivações que levavam as pessoas a suspenderem-se, sendo enumeradas como:

1. Descobrir um sentido mais profundo de si.
2. Desafiar um sistema de crenças que pode não ser verdadeiro.
3. Atingir iluminação espiritual, transcendência.
4. Realizar um rito de passagem.
5. Obter uma sensação de liberdade.
6. Obter prazer com sensações estéticas e estésicas.
7. Fazer amigos, uma nova família.
8. Sentir a onda ‘rush’ de adrenalina e endorfina.
9. Sentir medo e ter a possibilidade de dominá-lo.
10. Ganhar controle sobre o corpo.
11. Transcender o corpo, ser mais do que o corpo.
12. Explorar o desconhecido.
13. Provar ser capaz, para si e para os outros.
14. Ganhar dinheiro e/ou fama, com *performances* em *freak shows* ou rituais performáticos (LÍRIO, 2007, p. 37-38).

Para além das motivações, salienta-se que a composição de como os corpos estão dispostos e as localidades por onde passam as perfurações (furos e ganchos) determinam nomes próprios de cada modalidade e posição da suspensão corporal humana, sendo as principais:

**b.1) Posição O-Kee-Pa:** Consiste em perfurar os peitos com dois ganchos alinhados. Considerada uma das posições mais difíceis das suspensões, devido o desconforto ocasionado pela dificuldade em respirar causada pela tração do peso corporal que pressiona a região peitoral.

---

<sup>61</sup> SILVERSTEIN, Elliot (direção). **Um homem chamado Cavalo** (A man called Horse). USA: National General Pictures. Colorido (DVD), 1970 (114 min.). O roteiro de Jack DeWitt e Dorothy M. Johnson é baseado no conto *A Man Called Horse*, de 1968, do livro *Indian Country* de Dorothy M. Johnson.

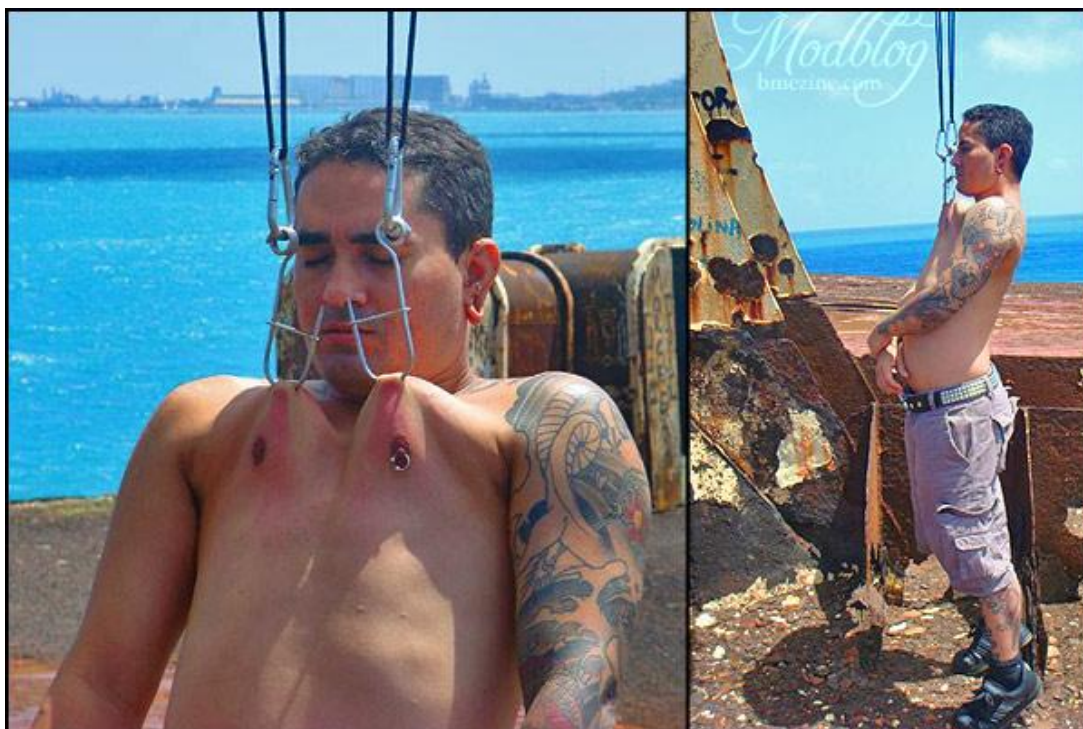


**Imagem 23:** Arquivo pessoal cedido por Valnei Santos.

**b.2) Posição *Suicide*:** São inseridos de 2 a 4 ganchos nas costas, entre os ombros, de modo que o corpo permaneça na vertical, em uma posição semelhante de uma pessoa que está enforcada por uma corda no pescoço. Trata-se da suspensão mais executada (e indicada para quem quer iniciar na prática de suspensão) devido a liberdade de movimentos possíveis com os braços e pernas.

**b.3) Posição *Crucifixo*:** A suspensão ocorre com o praticante com os braços abertos e sendo perfurado pela extensão deles. A posição também faz referência a crucificação de Jesus pregado na cruz (difundida pela cultura cristã).



**Imagem 24:** Arquivo pessoal de foto de posição *suicide*, autorizada por Eduardo Selhorst.



**Imagem 25:** Arquivo pessoal de foto de posição *superman*, autorizada por Max Alves.

**b.4) Posição *Superman*:** O corpo é elevado por 8 ganchos distribuídos pelo corpo, de modo que a pessoa suspensa permanece na posição de vôo do super-herói Superman. O praticante fica deitado com a barriga direcionada para baixo. São postos 2 ganchos na região superior e 2 na região inferior das costas; 2 ganchos nas parte posterior das coxas e 2 na região final das pernas.

**b.5) Posição *Knee*:** O procedimento é realizado com a inserção de ganchos na região de um ou nos dois joelhos. O praticante fica pendurado de cabeça para baixo. Também se pode realizar esse procedimento com a região dos cotovelos.

**b.6) Posição *Resurrection*:** Os ganchos são inseridos apenas na região da barriga. Essa suspensão recebeu esse nome devido a similaridade com a cena clássica de Jesus subindo para o céu (representada por iconografias midiáticas).

**b.7) Posição *Anti-Cristo*:** Os ganchos são aplicados nas pernas e o praticante suspenso é elevado de cabeça para baixo, na posição de uma crucificação invertida.

**b.8) Posição de *Coma*:** Posição similar ao Superman, no entanto, do lado inverso, com a colocação dos ganchos distribuídos pelo peito, barriga e pernas. O praticante fica em uma posição imóvel, como se estivesse em estado de coma.



**Imagem 26:** Em posição de coma; arquivo pessoal gentilmente cedido por T. Angel.



**Imagem 27:** Arquivo pessoal de posição de Lótus autorizada divulgação por Windson Nascimento Siqueira.

**b.9) Posição Lótus:** Os ganchos são aplicados nas costas, na parte interna das coxas e na perna dobrada para dentro. O suspenso permanece na postura de como se estivesse sentado, em posição de *lótus* - usualmente conhecida na Yoga.

Por meio das experiências de grupos de praticantes, as suspensões corporais são aprimoradas em suas técnicas e expressões, sejam elas motivadas por aspectos religiosos, práticas de identificação grupal, apresentações artísticas ou de *shows freaks* ou pelas aproximações com esportes radicais.

Entre esses grupos e praticantes podemos citar: a equipe brasileira “Diabos Mutantes”, criado e liderado pelo *piercer/tatuador/suspender* Angelo Martinez. Outra referência brasileira que se destaca por suas criações de técnicas é o *tatuador/piercer/suspender* Valnei Santos. Ambos os *suspenders* realizam trabalhos em todo o território brasileiro e se estendendo para outros países da América Latina. Já a equipe russa “The Sinner Team” ficou reconhecida por sua influência internacional em organizar técnicas de suspensão corporal comparadas aos esportes radicais, como por exemplo, saltar suspensos de pontes e se lançar de paraquedas suspensos por ganchos.

## Suspensionpositions 2.0

for more information visit [www.facebook.com/TheSinnerTeam](http://www.facebook.com/TheSinnerTeam)

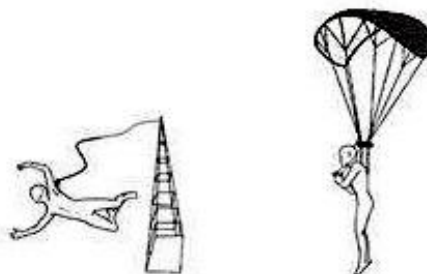


**Imagem 28:** Práticas de suspensões corporais humanas comparadas aos esportes radicais.  
Recorte de imagem retirada da página: [www.facebook.com/TheSinnerTeam](http://www.facebook.com/TheSinnerTeam).

Por fim, é importante ressaltar que existem cuidados em relação às linhas de tensões corporais (*Linhas de Langer*), principalmente quando se é exigido perfurações ou apoio de hastes. Essas linhas são de estudos primordiais para a execução de técnicas de *body modification*, uma vez que elas tendem a ser longitudinais espiraladas e transversais. Elas, ainda, indicam as localidades de fibras elásticas (flexibilidades e movimentos corporais), marcam divisões de membros, resistência e flacidez da derme, etc. O conhecimento desses aspectos é importante para a perfuração da pele, seja para realização de tatuagens ou a aplicação de *piercings* ou ganchos.

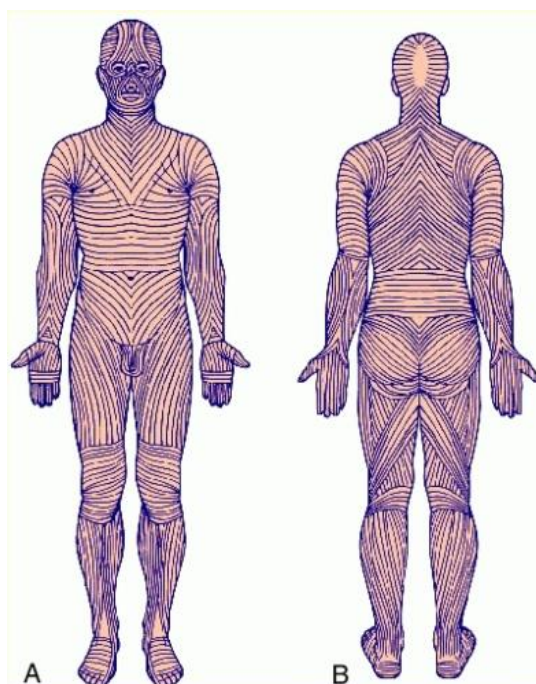


**Imagem 29:** Apresentação das linhas de tensão do corpo ou as denominadas *linhas de Langer*.

**C) Kawadi ou Kavandi:** trata-se de outro ritual de cunho religioso indiano, que se compõe pela realização de perfurações e penetrações na pele. Esse ritual pode ser realizado por pessoas comuns, além dos profissionais *sadhus*. Essa prática é comum durante os festivais do mês de fevereiro, na Índia, com o objetivo de enaltecer os deuses hindus; no entanto, também são encontradas práticas similares em culturas africanas. Uma armação é travada em torno do corpo com hastes metálicas afiadas com as pontas viradas para penetrar na pele e assim, se levanta o praticante para que ele dance, reze, ande e se mova. Quanto mais movimentos são realizados pelo corpo (motivado pelos barulhos e vibrações das lanças, mais profundamente as lanças penetram na pele. De acordo com Fakir Musafar, os olhos ficam vidrados e entra-se em um estado de êxtase ou em um estado alterado que o eleva a experiência real de estar “fora do corpo”. Geralmente o kawadi possui referências religiosas/espirituais em gratidão ou demonstrando esperança para alcançar algum pedido às forças espirituais maiores (VALE & JUNO, 2010).

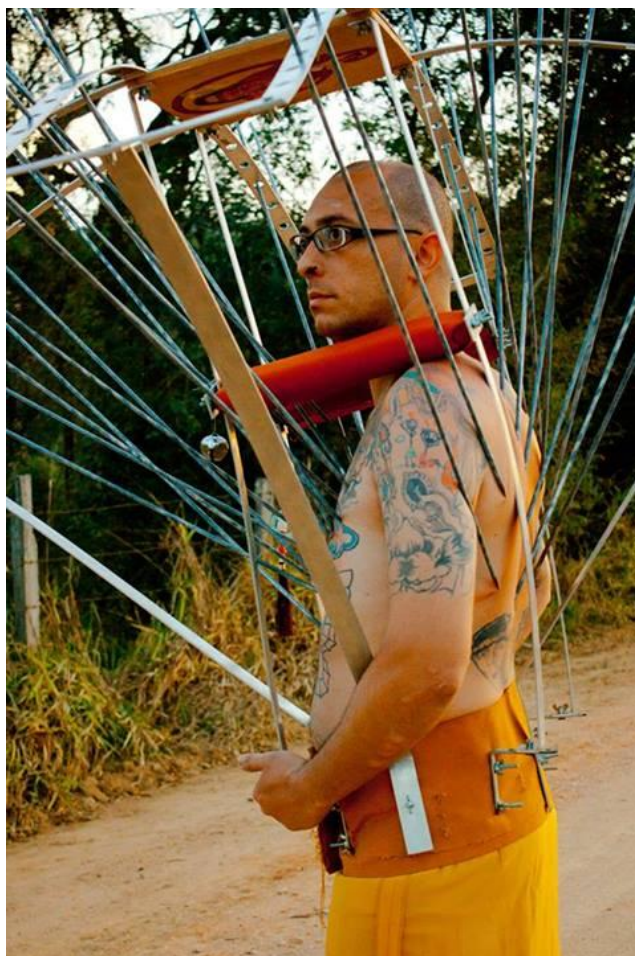


**Imagem 30:** Alexandre Goldschmidt Montalto fotografado por Priscila Nunes.

#### 4 COMO CONSTRUIR UM CORPO TEÓRICO-METODOLÓGICO SEM ÓRGÃOS?<sup>62</sup>

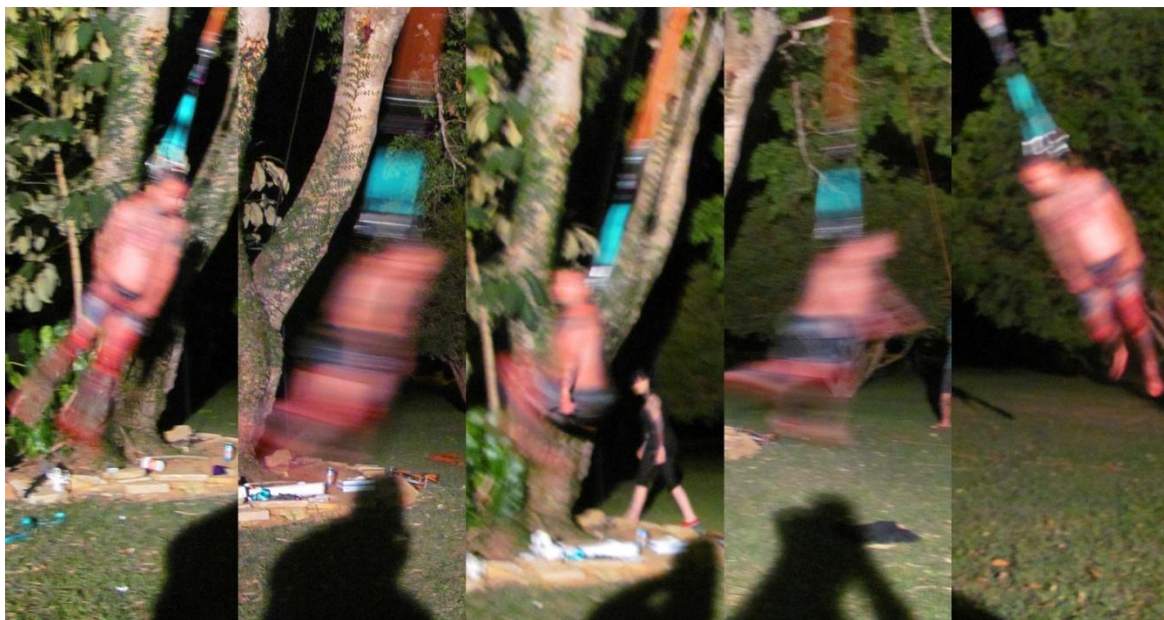


**Imagem 31:** Suspensão corporal noturna ao ar livre realizada durante uma das incursões ao campo de pesquisa. Arquivo pessoal autorizada para divulgação por Angelo Martinez.

O mais importante do bordado/ É o avesso; É o avesso  
 O mais importante em mim/ É o que eu não conheço  
 O que eu não conheço/ O que de mim aparece  
 É o que dentro de mim Deus tece/ Quando te espero chegar  
 Eu me enfeito, eu me enfeito/ Jogo perfume no ar  
 Enfeito meu pensamento/ Às vezes quando te encontro  
 Eu mesma não me conheço/ Descubro novos limites  
 Eu perco o endereço/ É o segredo do ponto  
 O rendado do tempo/ Como me foi passado o ensinamento  
**(O Que Eu Não Conheço - Maria Bethânia)**

De que serve ter o mapa se o fim está traçado  
 De que serve a terra à vista se o barco está parado  
 De que serve ter a chave se a porta está aberta  
 De que servem as palavras se a casa está deserta  
**(Quem me leva os meus fantasmas? – Maria Bethânia)**

<sup>62</sup> Referência ao texto: DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. –“Como criar um corpo para si sem órgãos”. In: DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Mil platôs:** capitalismo e esquizofrenia. v.3. Trad. Aurélio Guerra Neto. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996d, p. 09-29.

A derrocada das identidades cristalizadas, das inteligibilidades dos homens/mulheres como seres determinados pela biologia, assim como o desmonte das teorias tradicionais baseadas em idéias representacionais, essencialistas e universalistas trouxe às ciências que estudam os(as) humanos(as) e suas relações com a vida, um terreno fértil e horizontes possíveis para a produção de metodologias que privilegiam as análises dos sujeitos e dos acontecimentos mais afastados das referências fixas e generalizações identitárias, binárias e determinantes. Assim, analisar as produções sociais partindo dos(as) homens/mulheres como seres sócio-históricos, políticos e culturais, os colocam em frente a um universo amplo e dinâmico que se constrói em múltiplos movimentos desalinhados de produções de acontecimentos, lógicas contraditórias e na insurgência de práticas discursivas nunca antes proferidas.

Nesse sentido, o método cartográfico (e subsequente a prática implicada do cartógrafo) pareceu uma possibilidade bastante potente e possível para analisar as insurgências das práticas, prazeres e modificações corporais as quais essa pesquisa se propôs a estudar.

A escolha por esse método aconteceu a partir da possibilidade em se pensar a produção de uma pesquisa que evocasse a presença do pesquisador no campo e a sensibilidade em experienciar sensações e ouvir histórias e vivências que pudessem expor modos de subjetivações interessantes para o campo de estudo da(s) psicologia(s) em interseccionalidade com outras áreas de conhecimentos.

Saliento que o método escolhido não se destaca como superior aos demais, entretanto, considero, enquanto pesquisador, que a cartografia desponta como uma processualidade de elementos dispostos, compostos e conectados que amplia as áreas das construções de conhecimentos. Para tanto, a cartografia investe nas observações e análise das não-linearidades e das rupturas com os binarismos e a universalização de conceitos e seus significados. Nessas discussões que despontam cada vez mais no cotidiano, podemos localizar as problematizações trazidas com os prazeres singulares (ou pouco convencionais) e com as corporalidades modificadas, mutáveis e performáticas. Assim, a cartografia enquanto método abre uma gama de possibilidades de leituras e análises, possibilitando encontros, teóricos e metodológicos, com outros modos de pensar os sujeitos e os acontecimentos.

#### 4.1 SOBRE MULTIPLICIDADES, SINGULARIDADES E PRAZERES TEÓRICOS: A APLICAÇÃO DO MÉTODO CARTOGRÁFICO NO CAMPO DE PESQUISA SOBRE CORPORALIDADES E PRAZERES SINGULARES

Porque se chamava moço  
Também se chamava estrada  
Viagem de ventania [...]  
(Clube da Esquina II – Milton Nascimento;  
Lô Borges e Márcio Borges)

A busca incessante pelo cientificismo durante o final do século XVIII e século XIX permeou todos os processos de construções de conhecimentos no mundo ocidental. A cada novo paradigma que surgiu acompanhava modificações profundas e impactantes na história da humanidade, no que tange o modo de ver o mundo, os seres humanos e as intervenções produzidas pelos(as) homens/mulheres em determinados momentos sócio-histórico-políticos e culturais.

De acordo com Thomas Kuhn (2003), a construção da Ciência se consagrou pela produção de saberes partindo de rigorosos métodos de investigação de fenômenos naturais e sociais. Kuhn também entende que essa corrida propulsora pela construção da Ciência, apresentava em seu bojo norteador, a atenção às necessidades, exigências e desenvolvimentos das sociedades (ocidentais e capitalistas) e seus modos de produções sociais.

Para problematizar a questão das mobilidades paradigmáticas da Ciência ao longo dos tempos, Kuhn lança a idéia de *ciência normal* para analisar a crença de uma linearidade acumulativa dentro de um paradigma em vigor que deveria direcionar toda a forma de saber na temporalidade trazida pelo projeto da modernidade. Sobre a *ciência normal*, Kuhn indica que:

[...] não tem como objetivo trazer a tona novas espécies de fenômenos, na verdade, aqueles que não se ajustam aos limites do paradigma freqüentemente nem são vistos. Os cientistas também não estão constantemente procurando inventar novas teorias; freqüentemente mostram-se intolerantes com aquelas inventadas por outros. Em vez disso, a pesquisa científica normal está dirigida para a articulação daqueles fenômenos e teorias já fornecidos pelo paradigma (KUHN, 2003, p. 45).

Esse modo de conceber a Ciência, com certeza proporcionou muitas contribuições e avanços que refletiram em toda a sociedade, de modo geral, mas também é fato que construiu

divisores rígidos nas produções de conhecimentos no que deveria ser consideradas ciências e não-ciências. Para tanto, a separação dessas modalidades era operada por membros de uma mesma comunidade científica que seguem um dado paradigma e, portanto, produzem e legitimam um único saber. Desse modo, analisa-se que produzir ciência, nesse modelo paradigmático seria escrever para pares, para iguais que obedecem a um mesmo paradigma, ou seja, como bem nos alertou Guattari (1985:13): –Somos todos grupelhos”. No campo das produções científicas, a condição do aumento da exigência de produtividade acadêmica, muitas vezes esquece o compromisso com os sujeitos, com a coletividade, com as construções de conhecimentos e, principalmente, o respeito às multiplicidades de olhares de diferentes comunidades científicas para um mesmo fenômeno e/ou temática de pesquisa/intervenção. Embora o paradigma da *ciência moderna* seja um modelo teórico ainda dominante e vigente, isso não requer afirmar que o seu conjunto de práticas, enunciados, linguagens, atitudes e valores racionais sejam o único modo operante de se produzir saberes no período atual.

Outra contribuição apontada por Kuhn (2003) se refere ao conceito de *Revolução Científica*, em que analisa que o conhecimento pode ocorrer por episódios de desenvolvimento dado de modo não cumulativo, linear ou progressivo, nos quais um paradigma mais antigo é total ou parcialmente substituído por um novo, incompatível com o anterior. O autor admite que a *ciência normal* parece não se atentar a história das ciências em que as práticas científicas são marcadas por diversos pontos de indeterminações, rupturas, precursoras de trajetórias aleatórias e desalinhadas, não sendo, portanto, resultados fechados, operações do pensamento abstrato e a-histórico ou a razão da lógica matemática. Ou seja, o autor compartilha com a ideia da ciência como uma prática histórica, social e política de construção do conhecimento, pois:

Algumas vezes, um problema comum, que deveria ser resolvido por meio de regras e procedimentos conhecidos, resiste ao ataque violento e reiterado dos membros mais hábeis do grupo em cuja área de competência ele ocorre. Em outras ocasiões, uma peça de equipamento, projetada e construída para fins de ciência normal, não funciona segundo a maneira antecipada, revelando uma anomalia que não pode ser ajustada às expectativas profissionais, não obstante esforços repetidos. Desta e de outras maneiras, a ciência normal desorienta-se seguidamente. E quando isto ocorre – isto é, quando os membros da profissão não podem mais esquivar-se das anomalias que subvertem a tradição existente da prática científica – então começam as investigações extraordinárias que finalmente conduzem a profissão a um novo conjunto de compromissos, a uma nova base para a prática da ciência. Os episódios extraordinários nos quais ocorre essa alteração de compromissos profissionais são denominados, neste ensaio, de revoluções científicas (KUHN, 2003, p. 24).

Corroborando com o apontamento supracitado, Luiz Alberto Oliveira (2008) aponta que embora se tenha fortificado no século XIX e XX, as ideias de um projeto do sujeito moderno, é fato que crises, revoluções e rupturas ocorrem nas diferentes esferas da vida, na ordem do socialmente construído como também no meio das ditas ciências naturais.

Oliveira (2008) e Nascimento (2013) problematizam que, na atualidade, os novos paradigmas estão se atentando e se formulando a partir de fenômenos disparados por fissuras, crises, revoluções e rupturas provocadas por acontecimentos que modificam a vivência cotidiana. Nesta perspectiva, questionamos:

Crise? Revolução? O que antecede o quê? Seria a revolução uma resposta à crise ou a crise surge de uma revolução? Onde se encontram as quebras e continuidades disso tudo? Onde co-habitam os avanços e retrocessos da História? Quando se percebeu que a linearidade histórica é falha e imprecisa? (NASCIMENTO, 2013, p. 129).

A partir desta problematização, podemos dizer que se torna impossível inferir uma resposta a essas questões tão prontamente, sem antes conhecer e pensar sobre como cada agenciamento pode promover esses acontecimentos. O que podemos problematizar, a partir de Oliveira (2008) e Nascimento (2013), é que as crises se apresentam de modo rizomático (DELEUZE & GUATTARI, 1995b) e não em uma fissura única, podendo ser as revoluções respostas para as crises como também promotoras de outras crises e vice e versa. Ainda, as crises e revoluções podem restaurar ou instaurar modos de pensar e agir, assim como produzir desvio e mutações. Desse modo, Oliveira (2008) refere-se ao conceito de *mutação* como a ruptura com qualquer referência com o já instituído, sendo um processo (nunca produto final) de produções de singularidades sem se estabelecer a partir de paradigmas pré-existentes, mas rompendo com o imposto e dando passagem a devires outros em seus processos de produções.

Sobre esse período de produções que extrapolam a visão do projeto instituído do sujeito moderno e de seus modos de subjetivação, Suely Rolnik diz:

O/A homem/*mulher*<sup>63</sup> contemporâneo(a) vive uma intensificação da experiência de ruptura, ao mesmo tempo em que se encontra em plena transformação o modo como esta experiência o afeta. Em outras palavras, é a

---

<sup>63</sup> A exemplo da nota anteriormente apresentada, o substantivo *“mulher”* ao lado da palavra *“homem”* aparece para atualizar as citações restritas a figura molar *“homem”*, sendo justificada pela posição política do pesquisador em reconhecer a necessidade de acrescentar a figura da *“mulher”* como respeito às reivindicações políticas de direitos.

relação do(a) homem/*mulher* com o caos o que está em jogo nesta transição. De negativo da ordem, o caos passa a ser considerado em sua positividade: ele é a processualidade intrínseca a todos os corpos, efeito de seu inelutável encontro com outros corpos – ou seja, o caos é efeito da inelutável alteridade. De tendência do mundo para a morte (mundo aqui incluindo, evidentemente, as formas de existência humana, individuais e coletivas), o caos passa a ser considerado como tendência a uma evolução contínua e irreversível, na qual vão se produzindo uma diferenciação e uma complexificação cada vez maiores (ROLNIK, 1992, p.13).

Ainda, Rolnik (1992) analisa que o caos sempre foi visto como negativo e aterrador, uma vez que durante séculos foi inventado ~~um~~ “constructo psicológico” idealizado e dotado de uma suposta completude que depõe contra tudo que não seja binária, naturalizante, essencialista, transcendental, universal, linear, identificável e inteligível.

Entretanto, na (trans)contemporaneidade, embora ainda seja perceptível o engendramento do pensamento moderno nos modos de subjetivação dados desde o século XVI, também se observa diversas concepções nas áreas das ciências humanas (e também nas ciências exatas) que anunciam a dissolução desse sujeito moderno, entre elas pode-se citar: a teoria da Complexidade de Edgar Morin, a Teoria Queer (*Queer Theory*), a Esquizoanálise de Deleuze e Guattari (esses últimos autores podem ser citados como os inauguradores do método cartográfico).

A Esquizoanálise, método inspirador desta tese, propõe análises e intervenções no campo social, a partir de atravessamentos que desinstitucionalizam os campos conceituais e técnico-práticos como áreas distintas, ou seja, aborda as parcialidades e a inseparabilidade entre as produções desejantes e o contexto sócio-histórico, político e cultural para pensar as conexões entre processos coletivos e produção de saberes localizados. Em um diálogo entre os filósofos Michel Foucault e Gilles Deleuze, no texto “Os intelectuais e o poder”, é apontado o contexto em que insurge a proposta do desalinhamento teórico-prático da cartografia.

*Michel Foucault.* – Um maoísta me dizia: —Compreendo porque Sartre está conosco, porque e em que sentido ele faz política; quanto a você, rigorosamente falando, eu compreendo um pouco: você sempre colocou o problema da reclusão. Mas Deleuze, verdadeiramente eu não compreendo”. Este questionamento me surpreendeu muito, porque isso tudo me parece bastante claro.

*Gilles Deleuze.* - Talvez seja porque estejamos vivendo de maneira nova as relações teoria-prática. Às vezes se concebia a prática como uma aplicação da teoria, como uma consequência; às vezes, ao contrário, como devendo inspirar a teoria, como sendo ela própria criadora para com uma teoria vindoura. De qualquer modo, suas relações eram concebidas como um

processo de totalização, num sentido ou noutro. Talvez, para nós, a questão se coloque de outra maneira. As relações teoria-prática são muito mais parciais e fragmentárias. Por um lado, uma teoria é sempre local, relativa a um pequeno domínio, e pode ter sua aplicação em outro domínio, mais ou menos afastado. A relação de aplicação nunca é de semelhança. Por outro lado, desde que a teoria penetre em seu próprio domínio, encontra obstáculos, muros, choques, que tornam necessário que ela seja revezada por outro tipo de discurso (é este outro tipo que permite eventualmente passar a um domínio diferente). A prática é um conjunto de revezamentos de um ponto teórico a outro, e a teoria um revezamento de uma prática a outra. Teoria alguma pode se desenvolver sem encontrar uma espécie de muro, e é preciso a prática para atravessar o muro (DELEUZE & FOUCAULT, 2006, p. 265).

Neste diálogo promissor, os autores apresentam a necessidade de se criar conexões, passagens e afetos e, subsequentemente, um desmonte do binário entre a teoria e a prática, em um processo constante de desterritorialização dos limites que não admitem análises plurais sobre o campo social. Neste sentido, essa aplicação ou “outro olhar” metodológico colocam os regimes de poder, saber e prazer para se movimentarem em funcionamentos que permitem análises políticas localizadas.

Em uma análise complementar, Donna Haraway (1995a) e Rosi Braidotti (2002) assinalam a importância das políticas de localização para a implicação do pesquisador em seus modos de pensar e fazer ciências. Dentre essas possibilidades, em específico à análise de Donna Haraway sobre os “saberes localizados”, encontramos seu posicionamento dizendo que:

Não queremos uma teoria de poderes inocentes para representar o mundo, na qual linguagens e corpos submerjam no êxtase da simbiose orgânica. Tampouco queremos teorizar o mundo, e muito menos agir nele, em termos de Sistemas Globais, mas precisamos de uma rede de conexões para a Terra, incluída a capacidade parcial de traduzir conhecimentos entre comunidades muito diferentes – e diferenciadas em termos de poder. Precisamos do poder das teorias críticas modernas sobre como significados e corpos são construídos, não para negar significados e corpos, mas para viver em significados e corpos que tenham a possibilidade de um futuro (HARAWAY, 1995b, p. 16).

Haraway nos lembra dos diversos olhares que podemos ter sobre os acontecimentos a partir dos lugares que ocupamos, sendo preciso sempre mudarmos os prismas para a realização de análises minuciosas; para ela, há “[...] um grande valor em definir a possibilidade de ver a partir da periferia e dos abismos” (HARAWAY, 1995a, p. 22). Nesta perspectiva, sempre existirá “um outro olhar” sobre os acontecimentos, pois:

A visão pode ser útil para evitar oposições binárias. Gostaria de insistir na natureza corpórea de toda visão e assim resgatar o sistema sensorial que tem sido utilizado para significar um salto para fora do corpo marcado, para um olhar conquistador que não vem de lugar nenhum. Este é o olhar que inscreve miticamente todos os corpos marcados, que possibilita à categoria não marcada alegar ter o poder de ver sem ser vista, de representar, escapando da representação. Este olhar significa as posições não marcadas de Homem e Branco, uma das várias tonalidades desagradáveis que a palavra objetividade tem para os ouvidos feministas nas sociedades científicas e tecnológicas, pós-industriais, militarizadas, racistas e dominadas pelos homens [...] (HARAWAY, 1995a, p.18).

Trata-se assim, da emergência de um modo de fazer pesquisa que se coloque como uma atividade, uma prática, um exercício que se formula enquanto um conjunto de ferramentas teórico-práticas que propõem a conexão de pistas para a invenção e leituras do mundo, das relações, das produções coletivas, das conexões entre diferentes territórios. Neste posicionamento sobre os(as) humanos(as) e o mundo, abre-se a perspectiva da cartografia. Nas palavras de Rolnik (2007, p. 23), a cartografia enquanto método de análise pode ser problematizado como:

[...] a cartografia – diferentemente do mapa: representação de um todo estático – é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem. Paisagens psicossociais também são cartografáveis. A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos. Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para os afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias.

A cartografia pode ser discutida como um método pensado nas obras de Gilles Deleuze e Félix Guattari e na literatura de Suely Rolnik (1989) que problematiza os fenômenos da produção de subjetividades e suas movimentações e transformações, partindo de *um olhar* diferenciado para os sujeitos e acontecimentos. Afasta-se das concepções clássicas da ciência moderna, problematizada por Kuhn (2003), se aproximando de um “fazer pesquisa” que visa o acompanhamento processual e não representativo de um “~~dado~~ objeto”, uma vez que não pressupõe uma oposição entre sujeito e objeto, pesquisador e objeto pesquisado. Esse método visa problematizar os modos de subjetivação, processos desejantes,

as experiências (trans)contemporâneas, partindo de insurgências, processualidades e intensificações das vivências de rupturas e de multiplicidades que constituem o mundo.

No entanto, é importante salientar que, de acordo com Laura Barros & Virgínia Kastrup (2009), falar de investigação de processos não recorre à ideia de processamento (desenvolvimento), coleta e armazenamento de dados e, análise de informações - pautada nas teorias informacionais e da computação. Pelo contrário, investem nas processualidades, em eventos em andamento, em curso, pois “[...] o cartógrafo se encontra sempre na situação paradoxal de começar pelo meio, entre pulsações” (BARROS & KASTRUP, 2009, p. 58). Isso ocorre na pesquisa cartográfica não somente pelo fato que o campo social possui uma historicidade, mas pelo próprio território apresentar “espessura processual” (p. 58), ou seja, não apresenta forma a ser representada ou passível de “coletas de dados”. Na cartografia, toda tentativa de interpretá-la reincide em um componente informacional raso e inconsistente. Assim, Virgínia Kastrup (2009, p. 32) indica que:

[...] trata-se sempre de investigar um processo de produção. De saída, a ideia de desenvolver o método cartográfico para a utilização em pesquisas de campo no estudo da subjetividade se afasta do objetivo de definir um conjunto de regras abstratas para serem aplicadas. Não se busca estabelecer um caminho linear para atingir um fim. A cartografia é sempre um *ad hoc*. Todavia, sua construção caso a caso não impede que se procurem estabelecer pistas que têm em vista descrever, discutir e, sobretudo, coletivizar a experiência do cartógrafo.

De acordo ainda com a autora, para se realizar processos cartográficos é requerido um posicionamento filosófico e de atenção durante o trabalho de campo do cartógrafo, pois ao coletivizar suas experiências, ele estabelece pistas e trajetórias metodológicas, ocorridas principalmente entre sua chegada ao campo de pesquisa e suas práticas processuais e recorrentes. Como bem aponta Rolnik (2007, p. 65), “[...] a prática de um cartógrafo diz respeito, fundamentalmente, às estratégias das formações do desejo no campo social [...], ou seja, o que importa é que teoria e prática compõem a cartografia.

Partindo do pressuposto que o campo social é movimentado pelas co-existências entre desejo e culturas, salientamos que este desejo não se remete a uma interioridade cristalizada, mas sim a produção de algo que habita *entre* potências, *entre* planos de forças e políticas, *entre* sujeito e mundo. A dimensão rizomática permite ao cartógrafo estabelecer critérios em relação aos componentes que produz a pesquisa cartográfica, pois nesta perspectiva teórico-metodológica “[...] Todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas [...],” (ROLNIK, 2007, p. 65), que por sua vez, resultarão em outras conexões rizomáticas. Essa

multiplicidade de conexões, juntamente com a prática do cartógrafo vão construindo paisagens psicossociais ao mesmo passo que constroem o referencial teórico cartográfico: a própria cartografia.

Fica evidente que nesta perspectiva teórica, a imparcialidade, a neutralidade e a relação experimental que separa objeto e o pesquisador (configuração característica desejada de muitas práticas das ciências modernas), não são proposições válidas, pois como analisam Barros e Kastrup (2009, p. 54), “[...] sujeito e objeto não são categorias transcendentais, mas configurações históricas” que mantêm articulações e conexões. Pesquisador e objeto surgem no meio de um campo social em concomitância, não em um modo simbiótico, mas em uma processualidade conjunta em criar trajetórias e rupturas, uma vez que dentro de um processo de investigação é comum ocorrer bifurcações, zonas críticas de indeterminações, ocorrências de inconclusões (que funcionam como disparadoras para outras indagações). Rolnik (2007, p. 65-66) aponta que a atenção do cartógrafo deve estar voltada para:

[...] descobrir que matérias de expressão, misturadas a quais outras, que composições de linguagens favorecem a passagem das intensidades que percorrem seu corpo no encontro com os corpos que pretendem entender. Aliás, ~~“entender”~~, para o cartógrafo não tem nada a ver com explicar e muito menos com revelar. Para ele não há nada em cima – céus da transcendência –, nem embaixo – brumas da essência. O que há em cima, embaixo e por todos os lados são intensidades buscando expressão [...].

Dessa maneira, não existe a possibilidade da interpretação, desvendamento ou revelação de ~~“algo”~~ oculto e tampouco o império de princípios de ~~“verdades”~~ e/ou de universalidade nesta proposta. Complementando a idéia da autora, Barros e Kastrup (2009) indicam que não se pode falar em ~~“coleção e análise dos dados”~~ em uma pesquisa cartográfica, mas em um processo de construção de conhecimento localizado e implicado, que a *posteriori* será escrito (diário de incursões ao campo, diálogos-entrevistas) e compartilhada a dimensão coletiva desta construção também pensada por meio da escrita.

Para tanto, cabe ao cartógrafo um olhar desfocado sem *a priori* (interesses e saberes acumulados), mas com uma ~~“atenção à espreita”~~, suspensão de direcionamento de cenas e discursos que, aparentemente se apresentam desconexos e fragmentados. O cartógrafo não deve dirigir a atenção apenas para algo específico, uma vez que quando em campo, está exposto a inúmeros elementos que se conectam em modulações e movimentos disruptos que o conduzem há um forte compromisso com as multiplicidades instáveis dos acontecimentos. Ao contrário do que pensam as ciências modernas sobre o método cartográfico, não se trata de

“deixar rolar” ou mera falta de controle de variáveis (BARROS & KASTRUP, 2009, p. 57), mas se atentar às pistas necessárias para a construção da cartografia: rastrear, entrar em contato com as paisagens psicossociais, apurar as sensações com o finito ilimitado e reconhecer o coletivo de forças que operam no plano das sensações, afetos e das experiências cartográficas.

Este conjunto de pistas dispostas para a construção do posicionamento filosófico e político do cartógrafo não são fáceis de seguir inicialmente, posto que o pesquisador só pode produzi-la pela experiência e prática continuada que ocorrem no campo cartográfico, ou seja, não podem ser aprendidas e apreendidas em livros e manuais (BARROS & KASTRUP, 2009). No entanto, a apropriação de uma possível leitura sobre o campo cartografado se processará dinamicamente ao passo que o cartógrafo se implica nos macrocontextos/microcontextos emergentes que acontecem ao longo das consecutivas incursões ao campo. Ou seja, o campo de pesquisa enquanto uma produção política apresenta a co-extensividade de produção do social e do desejo, (ROLNIK, 2007), precisando de uma atenção que oscila entre o macropolítico e a micropolítica, entre as multiplicidades molares e moleculares.

Embora a cartografia não apresente um método acabado e pronto (não fornece um procedimento rígido de investigação) existem estratégias e pistas metodológicas para praticá-la. Segundo Virgínia Kastrup & Regina Bevenides de Barros (2009, p. 76):

Falamos em praticar a cartografia e não em aplicar a cartografia, pois não se trata de um método baseado em regras gerais que servem para casos particulares. A cartografia é um procedimento *ad hoc*, a ser construído caso a caso. Temos sempre, portanto, cartografias praticadas em domínios específicos [...].

Para analisar a prática da cartografia, Kastrup & Barros (2009) salientam a proposta de Deleuze e Guattari como sendo uma abordagem geográfica e transversal e não de uma abordagem histórica ou longitudinal; “geográfica” porque de modo rizomático mapeia as processualidades de subjetivação e, *transversal* porque “[...] funciona na desestabilização daqueles eixos cartesianos (vertical/horizontal) onde as formas se apresentam previamente categorizadas” (p. 77). Todavia, é importante salientar que o fato de o método cartográfico não apresentar uma abordagem histórica e longitudinal não quer dizer que não se respeite as construções dos acontecimentos históricos, uma vez que considera que diferentes momentos históricos produzem processos de subjetivações. O que se renuncia é a linearidade histórica, a

linha do desenvolvimento progressivo e por etapas longitudinais, em privilégio das descontinuidades e rupturas.

Para essas abordagens processuais geográficas e transversais, dentro de uma perspectiva de políticas de localização, se torna necessária a construção de procedimentos por funcionamentos em dispositivos. Esses dispositivos, segundo Deleuze (2001) seriam composições multilíneas que possuem certos tipos de engendramentos no que tange a predominância de objetivos estratégicos e que exigem continuamente as manutenções das (re)articulações, dos (re)ajustamentos dos elementos heterogêneos que aparecem de maneira dispersas, e assim, possibilitam as visualizações e intervenções nas relações de forças. Os dispositivos indicam formações históricas e emergentes das regiões de visibilidade e campos de dizibilidade (linhas de visibilidade e de enunciação), sendo assim, cabe ao cartógrafo o exercício da criação e sensibilidade em rastrear e praticar o “desembaraçamento” das linhas que compõem as linhas de visibilidade, de enunciação, de força, de subjetivação e, acompanhar os seus efeitos na produção das linhas da vida (Kastrup & Barros, 2009, p. 79).

Esse “desembaraçamento” pode ser proposto em territórios existenciais possíveis, em espaços políticos (a clínica ou uma oficina, por exemplo), onde modos de subjetivação emergem a potência do falar, fazer e atuar nas relações consigo e com o mundo. Por assim ser, Rolnik (1989) problematiza a potência e a defesa da vida pelo cartógrafo, dizendo que:

[...] o cartógrafo sabe que é sempre em nome da vida, e de sua defesa, que se inventam estratégias, por mais estapafúrdias. Ele nunca esquece que há um limite do quanto se suporta, a cada momento, a intimidade com o finito ilimitado, base de seu critério: um limite de tolerância para a desorientação e reorientação dos afetos, um ‘limiar de desterritorialização’ (ROLNIK, 1989, p. 70).

O que Rolnik (1989) problematiza diz respeito à ética pela sustentação e defesa da vida e em seu compromisso de (re)inventar constantemente as estratégias e modos de viver, visto de modo eminentemente político em praticar a cartografia e o mapeamento dos processos desejantes.

De todo modo, as pistas sobre a prática cartográfica surgem, e só surgem, durante a relação do pesquisador com o campo - dada sem “verdades” *a priori*. Tudo está para se construir a partir de quando se estabelecem conexões rizomáticas entre pesquisador(desejante) - prática - campo social(desejos), onde dispositivos movimentam linhas da visibilidade e dizibilidade, e assim, as produções de subjetividades - ora tracejadas por pontos de rupturas, ora por traços de enrijecimento e ora por flexibilizações das linhas da vida. Em uma pesquisa,

o cartógrafo é um ponto flexível que apresenta a partir de sua sensibilidade construída ~~um~~ “olhar” possível (dentre muitos outros) de intervir no campo social, a partir do que o mundo lhe oferece e pelo modo pelo qual é atravessado por esse mesmo mundo. O cartógrafo se orienta pela capacidade de afetar e ser afetado, ou seja, uma lógica da sensação que parece anteceder o “olhar” do pesquisador.

A partir do entendimento da heterogeneidade de linhas que compõem os dispositivos, subsequentemente, os processos de subjetivação (normativos e singulares), se faz necessário suscitar, teoricamente, outros componentes heterogêneos extremamente importantes para a montagem processual das paisagens psicossociais, sendo eles, as micropolíticas dos desejos, ou seja, as produções desejanças.

#### 4.2. ENTREVISTAR TAMBÉM FAZ PARTE DO PROCESSO CARTOGRÁFICO

[...] Aqui nesse barco ninguém quer a sua orientação  
 Não temos perspectiva mas o vento nos dá a direção  
 A vida que vai a deriva é a nossa condução  
 Mas não seguimos a toa, não seguimos a toa [...]  
**(Volte para o seu lar – Arnaldo Antunes)**

Os corpos são construções discursivas que dão sentidos e significados à anatomia humana. Nessas práticas emergem todo e qualquer modo de pensar, sentir, perceber, descrever e produzir corporalidades. A partir do posicionamento adotado nesta tese, problematizar e pesquisar corpos extrapola a elaboração de uma escrita apenas teórica, pois adentra nas discussões políticas dessas composições. Se torna, portanto, importante que sobressaia as vozes daqueles que podem estar em uma posição de sujeito subalterno (SPIVAK, 2012) e, assim, que eles possam deixar o lugar da subalternidade.

Em uma perspectiva foucaultiana, é preciso que se evidenciem práticas discursivas de sujeitos anônimos que não foram notados em seus contextos existenciais, mas que, mesmo negados, compõem a construção das realidades históricas. Sobre a importância de realizar análises discursivas sobre os acontecimentos a partir de outros prismas de existências dos sujeitos, Foucault (2003a) se posiciona dizendo sobre suas escritas e análises:

Eu quis que se tratasse sempre de existências reais; que se pudessem dar-lhes um lugar e uma data; que por trás desses nomes que não dizem mais nada, por trás dessas palavras rápidas e que bem podem ser, na maioria das vezes, falsas, mentirosas, injustas, exageradas, houvesse homens que viveram e estão mortos, sofrimentos, malvadezas, ciúmes, vociferações. Bani, portanto, tudo o que pudesse ser imaginação ou literatura: nenhum dos heróis negros

que elas puderam inventar me pareceu tão intenso quanto esses remendões, esses soldados desertores, essas vendedoras de roupas de segunda mão, esses tabeliões, esses monges vagabundos, todos enraivecidos, escandalosos ou desprezíveis; e isso pelo único fato, sem dúvida, de que sabemos que eles existiram (FOUCAULT, 2003a, p. 206).

Essa problematização trazida por Foucault propõe que seja estabelecido o maior número de conexões possíveis com a realidade, vinculações que sejam “[...] uma peça na dramaturgia do real, que constituíssem o instrumento de uma vingança, a arma de um ódio, um episódio em uma batalha, a gesticulação de um desespero ou de um ciúme, uma súplica ou uma ordem (FOUCAULT, 2003a, p. 206). São essas existências breves, obscuras e caladas que, por meio de suas desgraças, suas paixões e ódios produzem focos múltiplos de afetos e sensações que potencializam, mesmo que por instantes, regimes de visibilidades, resistências e afirmatividades; ou seja, atravessamentos de “encontro com o poder”, contextualizado como:

O que as arranca da noite em que elas teriam podido, e talvez sempre devido, permanecer é o encontro com o poder: sem esse choque, nenhuma palavra, sem dúvida, estaria mais ali para lembrar seu fugido trajeto. O poder que espreitava essas vidas, que as perseguiu, que prestou atenção, ainda que por algum instante, em suas queixas e em seu pequeno tumulto, e que as marcou com as garras, foi ele que suscitou as poucas palavras que disso nos restam; seja por se ter querido dirigir a ele para denunciar, queixar-se, solicitar, suplicar, seja por ele ter querido intervir e tenha, em poucas palavras, julgado e decidido. Todas essas vidas destinadas a passar por baixo de qualquer discurso e a desaparecer sem nunca terem sido faladas só puderam deixar rastros – breves, incisivos, com frequência enigmáticos – a partir do momento de seu contato instantâneo com o poder (FOUCAULT, 2003a, p. 207/208).

Mediante ao exposto, este trabalho também investiu, para produzir o campo cartográfico, em diálogos-entrevistas que auxiliassem na análise dos afetos que afetam as construções de corporalidades e prazeres singulares e por assim ser, produzem outros modos de pensar e praticar tais corporalidades e prazeres. No entanto, é também o próprio Foucault (2006) que nos alerta sobre os agenciamentos para que se produzam ordenamentos no campo discursivo. Como poderia acontecer diálogos-entrevistas afastados de tais ordenamentos discursivos?

Na obra “A ordem do discurso”, Foucault (2006) analisa que o discurso poderia ser entendido como um conjunto de enunciados que se formulam por práticas sociais mediadas por regimes de verdades - regras, sentidos, signos, significados e representações que são restritos e delimitadas no interior dos processos disciplinares e controladores dos discursos.

Para o autor, para realizar análises por meio de acontecimentos discursivos, é preciso considerar o discurso como:

[...] trata-se de considerar o discurso como uma série de acontecimentos, de estabelecer e descrever as relações que esses acontecimentos – que podemos chamar de acontecimentos discursivos – mantêm com outros acontecimentos que pertencem ao sistema econômico, ou ao campo político, ou às instituições. (FOUCAULT, 2003h, p. 256)

Esses processos podem produzir discursos fundamentais - que (re)produzem disciplinarmente práticas sociais ou atos de modo linear e contínuo -, como também produz discursos criadores que (re)significam e subvertem as práticas instituídas em outros modos de ação. Ou seja, esses últimos são discursos indisciplinados que visam desconstruir as “verdades” ditas como “naturais”, “normais” ou “certos”, produzindo outros saberes que se confrontam com o instituído e o imposto.

Ao se localizar e questionar discursos que sejam legitimados hierarquicamente em relação a outros, em um dado momento histórico, põe-se em cheque o conjunto de estratégias e procedimentos tecnológicos que visam formular sujeitos normatizados e normalizados e que exclui e marginaliza tudo que acontece fora da rede inteligível do campo discursivo.

Na mesma linha da análise foucaultina sobre as práticas discursivas, Deleuze e Parnet (1998) problematizam a ideia de entrevista:

É difícil “explicar” – uma entrevista, um diálogo, uma conversa. [...] As questões são fabricadas, como outra coisa qualquer. Se não deixam que você fabrique suas questões, com elementos vindos de toda parte, de qualquer lugar, se as colocam a você, não tem muito o que dizer. A arte de se construir um problema é muito importante: inventa-se um problema, uma posição de problema, antes de se encontrar uma solução. Nada disso acontece em uma entrevista, em uma conversa, em uma discussão. [...] O objetivo não é responder a questões, é sair delas. [...] Mas durante esse tempo, enquanto se gira em torno de tais questões, há devires que operam em silêncio, que são quase imperceptíveis (DELEUZE & PARNET, 1998, p. 09-10).

Da mesma forma que Foucault (2006), os autores supracitados analisam que exista um enrijecimento nas práticas discursivas que enfatizam significações dominantes sobre o passado e o futuro, em demasia sobre a história, o pessoal ou a descrição universal dos acontecimentos. Então, como escapar a essas formulações instituídas sobre como “dizer” sobre os acontecimentos? Como produzir discursos que apareçam as sensações, percepções e afetos sobre os acontecimentos?

Primeiramente, Deleuze e Parnet (1998) em “Uma conversa, o que é, para que serve?” realçam a possibilidade em problematizar entrevistas como traçados de devires, portanto, processos discursivos que não passam por uma filosofia classificatória, por práticas imitadoras e ajustadas a regimes de “verdades”. Ao se propor a entrevista como devir, ela não pode ser construída como fenômenos de assimilação e imitação, linearidade, mas discutida por meio de

[...] dupla captura, de evolução não paralela, núpcias entre dois reinos. As núpcias são sempre contra natureza. As núpcias são o contrário de um casal. Já não há máquinas binárias: questão-resposta, masculino-feminino, homem-animal etc. Uma entrevista poderia ser simplesmente o traçado de um devir. A vespa e a orquídea são o exemplo. A orquídea parece formar uma imagem da vespa, mas, na verdade, há um devir-vespa da orquídea, um devir-orquídea da vespa, uma dupla captura pois “o que” cada um se torna não muda menos do que “aquele” que se torna (DELEUZE & PARNET, 1998, p. 10).

De acordo com Deleuze & Parnet (1998), uma entrevista pode ser encarada como um encontro em que ocorre uma dupla captura (entrevistado-entrevistador). Para os autores, “encontrar” é:

[...] achar, é capturar, é roubar, mas não há método para achar, nada além de uma longa preparação. Roubar é o contrário de plagiar, de copiar, de imitar ou de fazer como. A captura é sempre uma dupla-captura, o roubo, um duplo-roubo, e é isso que não faz, não algo de mútuo, mas um bloco assimétrico, uma evolução a-paralela, núpcias, sempre “-fra” e “-entre”. Seria isso, pois, uma conversa (DELEUZE & PARNET, 1998, p. 15).

Primeiramente, pensar entrevistas, diálogos como devires implica em aceitar o percurso de desterritorialização de atos expressos por estilos singulares. Assim, não existem palavras, frases, modos de dizer, ritmos, imagens, histórias, princípios ou conseqüências na dinâmica das conversações enquanto discursos dotados de certezas e fixidez. Todas as palavras podem ser criadas ou substituídas para expressar um estilo de falar sobre as percepções, sensações, afetos. Neste sentido, não caberia, no processo de entrevistar, impor objeções ou colocar questões que interdita o discurso do outro, pois a entrevista só pode ser analisada no ato de quem fala e em conjunto com quem se fala, portanto, “[...] não há nada a compreender, nada a interpretar” (DELEUZE & PARNET, 1998, p. 12).

Em segundo, outra pista interessante sobre o pensar no processo de entrevistar seria dar passagem aos traçados de linhas de fuga, ou seja, permitir que a multiplicidade de devires

minoritários da língua aconteça na entrevista, ou seja, “[...] devemos ser bilíngües mesmo em uma única língua, devemos ter uma língua menor no interior de nossa língua, devemos fazer de nossa própria língua um uso menor (DELEUZE & PARNET, 1998, p. 12). O “multilinguismo” desta proposta não se trata de possuir vários sistemas de “línguas” homogêneas em si mesmas, mas, sobretudo, subverter e inovar a ordem - por meio de linhas de fugas que difundem variações e heterogeneidades - dos sistemas lineares, homogêneos e sedimentados. Seria preciso ser um estrangeiro nômade em sua própria língua (BRAIDOTTI, 2000).

Uma terceira pista para pensar as entrevistas seria a problematização de que as pessoas são compostas por uma multiplicidade de linhas diversas e “elas não sabem, necessariamente, sobre qual linha delas mesmas elas estão, nem onde fazer passar a linha que estão traçando: em suma, há toda uma geografia nas pessoas, com linhas duras, linhas flexíveis, linhas de fuga etc” (DELEUZE & PARNET, 1998, p. 18). Neste sentido, os discursos não seriam sempre da ordem normativa ou das linhas duras, sendo, portanto, necessário mapear o deserto que compõem as pessoas e como esse território existencial foi atravessado e mobilizado por devires, movimentos, sons, entre outros afetos e sensações. Para os autores, nós “[...] somos desertos, mas povoados de tribos, de faunas e floras. [...] O deserto, a experimentação sobre si mesmo é nossa única identidade, nossa única chance para todas as combinações que nos habitam ((DELEUZE & PARNET, 1998, p. 19).

Em uma perspectiva cartográfica, segundo Tedesco, Sade e Caliman (2013), a entrevista deve ser analisada como um composto processual de experiências compartilhadas, estabelecida entre entrevistador e entrevistado por meio da linguagem, dos afetos e sensações. No processo de entrevista, o pesquisador deve acompanhar os movimentos e ocasiões de rupturas e mudanças que ocorrem nas práticas discursivas. Quais processos e produções de (des/re)territorializações acontecem? Quais atravessamentos afetam e tornam discursos contínuos em disruptos? Quais palavras mobilizam e comovem? Quais sensações e imagens se tornam audíveis durante os processos da entrevista?

### 4.3. A MÁQUINA PULSANTE DA VIDA: AS PRODUÇÕES DESEJANTES

Onde queres revólver, sou coqueiro  
 Onde queres dinheiro, sou paixão  
 Onde queres descanso, sou desejo  
 E onde sou só desejo, queres não  
 E onde não queres nada, nada falta  
 E onde voas bem alta, eu sou o chão  
 E onde pisas o chão, minha alma salta  
 E ganha liberdade na amplidão [...]  
**(O Querer – Caetano Veloso)**

As perspectivas teóricas de Deleuze, Guattari e Rolnik desvirtuam a análise psicanalítica do desejo como um elemento da *“falta”*, da *“falta”*, da *“ausência”* que acontece na retórica e nos pressupostos edipianos, formulando concepções identitárias, binárias e constructos naturalizados dos(as) humanos(as). Longe deste modelo negativado, os autores investem em uma análise do desejo como o movedor de atividades produtivas e generativas, em processos vivos e construtivos ocorridos no campo social, pois o *“+...”* desejo é sempre modo de produção de algo, o desejo é sempre o modo de construção de algo [...]” (GUATTARI & ROLNIK, 2005b, p. 261). Para eles, os desejos se compõem por engendramentos maquínicos e em processos de agenciamentos coletivos que produzem linhas de potencialidades. Em sua vivacidade, se constituem como processos, por fluxos, ou seja, as suas movimentações são produções onde as vidas acontecem em suas intensidades.

De maneira prática, os autores propõem o entendimento de desejo como sendo *“+...”* todas as formas de vontade de viver, de vontade de criar, de vontade de amar, de vontade de inventar uma outra sociedade, outra percepção do mundo, outros sistemas de valores [...]” (GUATTARI & ROLNIK, 2005b, p. 261). Partindo desta perspectiva citada, pressupomos que os acontecimentos, os fatos e as realidades são produções compostas e agenciadas por normatividades e singularidades e sustentadas pelos fluxos de desejos que compõem corporalidades, práticas sociais e seus territórios existenciais.

Os processos desejantes possibilitam a criação da vida pulsante e vibrátil, uma vez que o desejo é a força que impulsiona os processos maquínicos de subjetivação que potencializam os corpos, os prazeres e as existências. Os desejos, nesta concepção, são agenciados por coletivos de enunciação que fazem dele um produto intenso e contínuo no campo social, sendo também produtor de máquinas desejantes e rizomáticas, que encontram e acoplam vários coletivos concomitantemente (alguns conhecidos e outros, até então, inimagináveis).

Suely Rolnik (2007, p. 49) recorre à proposta de Deleuze e Guattari (1995) em relação à produção de desejos, portanto, das produções de subjetividades, partindo das relações imanentes entre três linhas-fluxos abstratas que movimentam a potência da vida, sendo elas as “linhas da vida”.

*Primeiramente* podemos nos remeter às “linhas dos afetos ou linhas de fugas”: essas seriam as linhas moleculares, invisíveis, inconscientes, desestabilizadoras, nômades, das rupturas, dos planos de imanências e das desterritorializações, sendo sempre ininterruptas e ilimitadas.

Sobre as linhas moleculares, encontramos em Guattari e Rolnik (2005b, p. 385-386), na seção “Anotações sobre alguns conceitos” a diferença entre os conceitos “molecular” e “molar”, sendo que “[...] os mesmos elementos existentes nos fluxos, nos estratos, nos agenciamentos, podem organizar-se segundo um modo molar ou segundo um modo molecular. A ordem molar corresponde às estratificações que delimitam objetos, sujeitos, representações e seus sistemas de referência. A ordem molecular, ao contrário, é a dos fluxos, dos devires, das transições de fases, das intensidades. Essa travessia molecular dos estratos e dos níveis, operada pelas diferentes espécies de agenciamento, será chamada de transversalidade”. Percebemos que o fluxo do desejo perpassa, desse modo, todo o campo social, portanto, todo indivíduo é atravessado por segmentaridade molar e molecular.

Em específico sobre as “linhas dos afetos ou linhas de fugas”, elas são apresentadas como elementos que constituiriam o plano dos afetos, a potência de afetar e ser afetado, tornando encontros e conexões possíveis de acontecerem, pois são as linhas das partículas soltas de afetos, da pluralidade, dos devires, das (trans)mutações e das mobilidades de valores e crenças e de pensamentos rígidos e sedimentados. As linhas de fuga são aquelas que permitem romper com o instituído e nos conduzem a realizações de novas conexões com o mundo, outras sensações, outros olhares. Deleuze e Guattari (1996e, p. 67) analisam que a segmentaridade transparecem e agem com se existissem controles, não somente pelos grandes conjuntos molares (Estados, instituições e classes), mas todas as pessoas também são produzidas por segmentarizações duras de modo a “[...] garantir e controlar a identidade de cada instância, incluindo-se aí a identidade pessoal”.

Em *segundo*, encontraríamos as “linhas da simulação ou linhas flexíveis”: possuem duplo traçado – um traçado inconsciente e invisível e outro traçado consciente e visível. O traçado invisível está conectado às produções ilimitadas dos afetos e aos movimentos das (des)territorializações, e outro, traçado consciente e visível, composto por territórios com contornos bem definidos. Enquanto traçado duplo e ambíguo, ele produz instabilidades nos

campos de forças das intensidades inconscientes e das expressões da consciência. Assim, como as “linhas dos afetos ou linhas de fugas”, operam em planos micropolíticos no campo social e, subsequentemente, das existências.

A *terceira* e última diz respeito às “linhas visíveis, ou linhas duras”: consideradas como linhas molares, das visibilidades, finitas, limitadas, e das imutabilidades. Elas funcionam no plano da consciência, da organização e da estratificação e trabalham como limitadores territoriais, buscando posições estabilizadas nas territorializações. Essas linhas ordenam e dispõem os territórios em segmentaridades, em operações binárias e rígidas, das ordens identitárias, promovendo exclusões das vidas possíveis, rejeitando os planos dos afetos e das novas experiências. Diferentemente das duas linhas anteriores, elas se expressam nas macropolíticas. (ROLNIK, 2007).

De acordo com Rolnik (2007) a formação do desejo no campo social acontece a partir do exercício ativo dessas três linhas “sempre emaranhadas, *sempre imanentes umas às outras*” (ROLNIK, 2007, p. 52), pois [...] é em seu exercício que se compõem e decompõem territórios, com seus modos de subjetivação, seus objetos e saberes” (ROLNIK, 2007, p. 53). A análise das formações dos desejos no campo social ocorre em processos dinâmicos que transitam e deslizam entre as linhas, sendo que todos os sujeitos estão expostos a elas em todas as dimensões da vida. Essa dinâmica processual se configura a partir da ideia de rizoma, e de forma provisória pode ser clarificado que,

Todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc.; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar. Há ruptura no rizoma cada vez que linhas de segmentaridade explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma. Essas linhas não param de se remeter uma às outras. É por isso que não se pode contar com o dualismo ou uma dicotomia, nem mesmo sob a forma rudimentar do bom ou mau. Faz-se uma ruptura, traça-se uma linha de fuga, mas corre-se sempre o risco de reencontrar nela organizações que reestratificam o conjunto, formações que dão novamente o poder a um significante, atribuições que reconstituem o sujeito [...] (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p. 18).

[...] conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um dos seus traços não remete necessariamente a traços da mesma natureza [...] [...] não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda ((DELEUZE & GUATTARI, 1995, p. 32).

As composições das linhas que compõem um rizoma ganham força e consistência ao se movimentarem, ocasião em que se retificam ou se tensionam ainda mais com outras linhas.

Essas linhas colocam em jogo as experiências advindas dos acontecimentos que o campo social oferece, sugerindo que possamos nos transpor a esses movimentos ou que sejamos capturados em posições identitárias rígidas.

Dependendo dos embates de forças – que podem ocorrer em relação a elas mesmas (voltar para si mesma) ou em relação linear oposta com outras forças – se produz processos de territorializações/desterritorializações/reterritorializações. Por noção de território entendemos que:

[...] Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente *“em casa”*. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos. O território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair de seu curso e se destruir. A espécie humana está mergulhada num imenso movimento de desterritorialização, no sentido de que seus territórios *“originais”* se desfazem ininterruptamente [...] (GUATTARI & ROLNIK, 2005b, p.388).

A apresentação ampla de território se dá devido aos autores englobarem diversas concepções teóricas e por eles analisarem a sua composição formulada a partir dos agenciamentos produzidos e também produtores do mesmo. As construções das territorialidades - ou territorializações – são acontecimentos e como tal podem ser produzidas por agenciamentos, portanto, sendo imprevisíveis e desnorteados; assim também podemos pensar as construções das territorialidades. Os movimentos que compõem os territórios acontecem em traçados triplos e indissociáveis, sempre existindo processos de desterritorializações (acionados pelas linhas de fuga) para que ocorram processos de reterritorializações, ou seja, esses movimentos tanto moleculares quanto molares são incertos e propõem que os territórios sedimentados sejam desapropriados, abandonados para que ocorram movimentos de reterritorializações (*“novas ocupações”*, *“novas (re)construções”* que podem ser provisórias, nômades e transitórias). Neste sentido,

Eis então o que seria necessário fazer: instalar-se sobre um estrato, experimentar as oportunidades que ele nos oferece, buscar aí um lugar favorável, eventuais movimentos de desterritorialização, linhas de fuga possíveis, vivenciá-las, assegurar aqui e ali conjunções de fluxos, experimentar segmento por segmento dos contínuos de intensidades, ter

sempre um pequeno pedaço de uma nova terra (DELEUZE & GUATTARI 1996d, p. 24).

Assim, um ser vivo pode compor seu território existencial desmanchando demarcações territorializadas e propondo reterritorializações em que outros códigos de inteligibilidades (ou afastados das inteligibilidades) passem por estilos criativos e inventivos. Nos planos psicossociais da política das vidas, Deleuze e Guattari (1996c, p. 40) afirmam que “[...] Jamais nos desterritorializamos sozinhos [...]”, isto é, para produzirmos vida, para que possamos pensar a vida, é necessário no mínimo a relação de dois termos que não se esgotam em si mesmos. Podemos exemplificar essa questão - a partir da temática desta tese de doutorado - sobre os sujeitos e suas experimentações (modificações corporais e prazeres singulares) produzidas por meio de técnicas de *body modification* e a composição de seus territórios existenciais. Eles podem se desterritorializar e se reterritorializar e assim, nesses processos, ocorrer novas subjetivações, novos processos desejantes, outros modos de existências, outros modos de pensamentos.

Pensar seria o processo criativo que acontece com a construção de novos territórios - (des/re)territorializações. Para Deleuze (2006) o “pensar” é uma demanda que precisa ser forçada para acontecer; assim, é a partir das experiências com o mundo que podemos produzir pensamentos, pensar sobre algo ou alguma coisa (re)significar a vida. De todo modo, pensar requer a criação de algo novo a partir do rompimento com territórios existentes em concomitância com visitas em outros territórios inimagináveis (até então). Seguindo essas referências podemos dizer que,

O que é primeiro no pensamento é o arrombamento, a violência, é o inimigo, e nada supõe a Filosofia; tudo parte de uma misosofia. Não contemos com o pensamento para fundar a necessidade relativa do que ele pensa; contemos, ao contrário, com a contingência de um encontro com aquilo que força a pensar, a fim de erguer e estabelecer a necessidade absoluta de um ato de pensar, de uma paixão de pensar. As condições de uma verdadeira crítica e de uma verdadeira criação são as mesmas: destruição da imagem de um pensamento que pressupõe a si próprio, gênese do ato de pensar no próprio pensamento (DELEUZE, 2006, p.203).

O filósofo propõe que a imagem fixada, representacional e referencial deve ser removida da sua imobilidade na relação com as forças do campo social e, dessa maneira, produza desterritorializações e, conseqüentemente, possibilidades da emergência das criações e dos pensamentos. O ato de pensar requer o rompimento com o instituído, com a tradicional e consoante aproximação com as diferenças espalhadas como rizomas no campo social. Esse

rompimento possivelmente ocorre com violências experienciadas nos embates dos corpos, pois ao nos depararmos com novas formas de pensar, saímos da “zona de conforto” e nossas referências entram em instabilidades e desterritorializações. Nesse momento a vida nos convoca a criar outras sensações, outros afetos, outros possíveis modos de existir.

Entre afetos, intensidades, multiplicidades e desterritorializações, há a emergência de ações das linhas de fuga que buscam transpor para um movimento nômade as sedimentariedades de todo o campo social, pois “[...] não há sistema social que não fuja/escape por todas as extremidades, mesmo se seus segmentos não param de se endurecer para vedar as linhas de fuga. Nada de imaginário nem de simbólico em uma linha de fuga. Não há nada mais ativo do que uma linha de fuga, no animal e no(a) homem/mulher<sup>64</sup> [...]”. A ideia de fuga ou nomadismo das linhas de fuga “não consistem nunca em fugir do mundo, mas antes em fazê-lo fugir” (DELEUZE & GUATTARI 1996e, p. 78). Essas linhas que potencializam as desterritorializações, enquanto agenciamentos, sustentam uma parte do campo social consistente e resistente ao sedimentarismo que enraízam normatividades.

Problematizar as linhas de fuga nos processos da decomposição de territorialidades nos conduz à decorrência do funcionamento da dobra deleuziana. As sensações de possuir “um ‘interior’ único e de uma ‘interiorização’ dos processos desejantes, das ações *do* e *pelo* poder e, *dos* e *pelos* discursos normativos e essencialistas, nos remete erroneamente a ideia de naturalização ou da existência de duas instâncias incongruentes e distintas (dentro/fora; exterior/interior). No entanto, no escrito “As dobras ou o lado de dentro do pensamento (subjettivação)”, texto que integra o livro “Foucault”, Deleuze (1988), mais uma vez afugenta os pressupostos da filosofia e da psicologia clássica que sugerem processos binários e universalizantes para o entendimento das questões “internas”, das subjetividades e dos desejos. Para ele, “[...] O lado de fora não é um limite fixo, mas uma matéria móvel, animada de movimentos peristálticos, de pregas e de dobras que constituem um lado de dentro: nada além do lado de fora, mas exatamente o lado de dentro *do* lado de fora [...]” (DELEUZE, 1988, p. 104).

A dobra nos remete a ideia de que o que separa o que está do lado de “dentro” do que está do lado de “fora” seria um tênue contorno corporal insignificante para dizer da permeabilidade que habita entre esses dois lados. Assim, tudo que está “fora” constitui o que está “dentro” e vice-versa. Tudo que habita o campo social, portanto, nos processos de dobragens, nos constitui: normas, dissidências, singularidades, abjeções, (i)moralidades,

---

<sup>64</sup> O substantivo “mulher” ao lado da palavra “homem” aparece para atualizar as citações restritas a figura molar “homem”. Essa explicação já ocorreu em momentos anteriores nesta tese.

crenças, ~~verdades~~”, desejos, ou seja, tanto as rupturas quanto as continuidades disponíveis frente a esses produto(re)s de processos de subjetivação.

As diferenciações que ocorrem entre os sujeitos (as especificidades de um sujeito para outro sujeito) dizem respeito ao modo que essa ~~dobragem~~” se compõe. Por sua vez, essas especificidades dependem de processos recorrentes de estados vividos ou experienciados, a intensidade que os fluxos nos atravessam, a acessibilidade e disponibilidade para ~~encontrar-se~~” com as diferenças, ou ainda, de acordo com os embates violentos impostos para que não ocorram processos de desterritorialização. O conceito de dobra deleuziana nos permite pensar em devires múltiplos que nos habitam e proporcionam, a todos os seres vivos, possibilidades para compor o seu território existencial.

Outra ferramenta teórica deleuziana para dizer das existências pensadas e criativas é o conceito de ~~devir~~” (devenir). Deleuze e Parnet (1998, p. 12) analisam que:

Devir é jamais imitar, nem fazer como, nem ajustar-se a um modelo, seja ele de justiça ou de verdade. Não há um termo de onde se parte, nem um ao qual se chega ou se deve chegar. Tampouco dois termos que se trocam. A questão "o que você está se tornando?" é particularmente estúpida. Pois à medida que alguém se torna, o que ele se torna muda tanto quanto ele próprio. Os devires não são fenômenos de imitação, nem de assimilação, mas de dupla captura, de evolução não paralela, núpcias entre dois reinos. As núpcias são sempre contra natureza. As núpcias são o contrário de um casal. Já não há máquinas binárias: questão-resposta, masculino-feminino, homem-animal etc.

Os devires são afetos e perceptos que nos atravessam pela vida, fazendo parte das experiências que ocorrem nas mais diversas práticas sociais. Diz respeito aos movimentos e revoluções moleculares de desterritorialização, operando de modo quase imperceptível e assim, produzem uma política de uma ética e estética da existência no intuito de repulsa aos fenômenos padronizados, de imitação e vidas ordinariamente vazias. Os devires são avessos às fixidez, às molaridades, à localização, à história, à personificação, à identidade, ao universal, ao essencialismo, às representações, muito menos é composto por princípios moralistas, ordenações lógicas, consequências ou finalidades. Situam-se em meio aos acontecimentos, nos ~~entres~~” entradas e saídas, não respondendo a ordem individual ou coletiva, mas se compondo entre os dois sistemas de referência.

Os devires se potencializam e se intensificam em afetos que permitem experimentar outros modos de existir e assim produzir outras composições e estilos de vida. Devir-mulher, devir-animal, devir-criança, entre outros, se configuram nas fronteiras, nas sensações e acoplagens que ocorrem no ~~entres~~”, não se confundindo com a determinação mulher, animal

ou criança. Ao contrário, busca extrapolar a forma em suas variações e intensidades. Para isso, traça linhas de fuga que ultrapassam o limiar do contínuo de intensidades que desfaz as matérias (e seus significados atribuídos) e produz significantes não inteligíveis. Aliás, os devires se expressam por meio das diferenças, das minorias, dos coletivos.

A minoria para Deleuze é analisada como uma potência incessante de criação desordenada e nunca repetitiva. A minoria a qual o filósofo se remete diz respeito às produções das linhas de fuga, daquelas composições que habitam as fronteiras inacabadas, pois «[...] Uma minoria nunca existe pronta, ela só se constitui sobre linhas de fuga que são tanto maneiras de avançar quanto de atacar (DELEUZE & PARNET, 1998, p. 56).

A minoria, em uma análise precisa, não está relacionada à ordem numérica, quantidade, porcentagem ou qualquer outro método de mensuração e classificação de sujeitos, mas às que enfatizam as singularidades que escapam das redes normativas que engessam a insurgência de estilísticas de existências ímpares, sem padrão, sem modelo e em construção processual contínua, ou seja, rompem com os assujeitamentos aos dispositivos históricos hierárquicos de poder, saber e prazer, os quais produzem modos de subjetivação normatizados/disciplinados/controlados. O minoritário, em sua potência existencial, corrói as estruturas hegemônicas à medida que desterritorializa e flexibiliza a política hegemônica (homem-macho-branco-heterossexual-adulto-ocidental-empregado-provedor-cristão-urbano-saudável) e cria resistências ao possibilitar conexões plurais e inversas às políticas do estrato sedimentado, duro ou molar. Os devires minoritários se fortalecem em seus potenciais subversivos.

Os devires, ao serem produzidos nos e pelos fluxos de desejos, se tornam incompreensíveis e ininteligíveis às classificações, uma vez que não estão localizados em uma matéria ou encontrados em uma outra. Deleuze e Guattari (1997) recorrem ao clássico exemplo da vespa e a orquídea para analisar e tornar clarificado o movimento duplo de captura e conexão entre reinos, problematizando que

Na linha ou bloco do devir que une a vespa e a orquídea produz-se como que uma desterritorialização, da vespa enquanto ela se torna uma peça liberada do aparelho de reprodução da orquídea, mas também da orquídea enquanto ela se torna objeto de um orgasmo da própria vespa liberada de sua reprodução (DELEUZE & GUATTARI, 1997, p.91).

O bloco de devir favorece o encontro, a relação entre os dois corpos/matérias heterogêneos que se desterritorializam concomitantemente; no exemplo citado, a vespa e a

orquídea. Portanto, não se abandona um corpo (matéria) para se lançar em outro corpo identificável, pois ambos coexistem e se desterritorializam e se modificam na experiência, criando relações agenciadas singulares entre os reinos.

Partindo dessas problematizações, podemos pensar que remeter-se ao corpo é implicar-se nos estudos de suas especificidades em conexões com as interações estabelecidas com as culturas de modo localizado e parcial. De acordo com os dizeres de Maria Rita Kehl (2001) escrito na apresentação (orelha do livro) de “Corpos de passagem” de Denise B. de Sant’Anna (2001), com os avanços dos estudos filosóficos, as obviedades das respostas sobre os corpos humanos ficam cada vez mais incertas:

O que é um corpo: um conjunto de órgãos, reflexos, sensações? um conjunto de órgãos, reflexos, etc., que se reconhece em uma imagem mais ou menos estável? um conjunto de órgãos + a sua imagem + os discursos que o designam e o valorizam? Ao que se acresce um ritmo, uma velocidade, acelerações e desacelerações; territórios geográficos e territórios imaginários; e também suas extensões mecânicas, estéticas, médicas: um corpo é um corpo e seu automóvel, um corpo e suas roupas, um corpo e seus remédios. E o Outro, e os outros que o rodeiam, vivos ou mortos. Um corpo é um corpo e os outros corpos que o sustentam, acariciam, recusam, barram, outros corpos contra os quais ele se bate ou com os quais, temporariamente, se confunde. Um corpo é o corpo e os corpos que lhe deram origem. Um corpo é o corpo e o vazio dos corpos falantes ao seu redor. Um corpo inclui o sentido e o sem sentido da vida e a dura noção de morte, que o acompanha desde a origem até o final certo. Por tudo isso, nossos corpos nos pertencem muito menos do que acreditamos. Não são propriedades nossas – eles nos ultrapassam. Eles são falados e incorporados pela ideologia, pelo mercado, pelas diversas modalidades da microfísica do poder (KEHL, 2001; In: SANT’ANNA, 2001b).

As proposições de Kehl (2001) e de Sant’Anna (2001) trazem inquietações de como os estudos dos corpos se tornou um campo cada vez mais vazado e amplo, e cujas margens investem para perigos e incertezas. Portanto, é necessário focarmos nesse analisador e considerarmos as extensões de suas problematizações advindas das passagens e velocidades que os corpos assumem e produzem. A provocação trazida pelos acoplamentos dos corpos aos objetos e as conjugalidades com outras categorias de análises propõem destituir os corpos da visão prejudicada das linhas positivistas e desenvolvimentalistas que propõem uma linearidade ao se discutir a temática “corpo/corporalidade”. Essas polifonias “corporais” propõem que a anatomia não seja o destino e também não somente a cultura seja um componente a ser posto em análise. Esses acoplamentos enriquecedores partem para análises híbridas, nômades, coletivas e, principalmente, políticas.

O arcabouço teórico apresentado nos instrumentaliza e nos encoraja a pensar os(as) humanos(as) além das fronteiras limitantes, pois existem elementos plurais que os compõem. Sobre isso, Guattari (2012b, p. 141) em seu escrito “Espaço e corporeidade” nos avisa:

[...] Todos esses componentes de subjetividade social, maquínica e estética nos assediam literalmente por toda parte, desmembrando nossos antigos espaços de referência. Com maior ou menor felicidade e com uma velocidade de desterritorialização cada vez maior, nossos órgãos sensoriais, nossas funções orgânicas, nossos fantasmas, nossos reflexos etológicos se encontram maquinicamente ligados em um mundo técnico-científico que está realmente engajado em um crescimento louco. O mundo não muda mais de dez em dez anos, mas de ano em ano [...].

No contexto histórico atual, poderíamos inferir que as mudanças são quase que cotidianas (muitas delas, momentâneas), aumentando as possibilidades e aberturas para as composições de existências que não precisam se manter enlaçadas pelas raízes fixas das identidades. A vida, em sua urgência, pede conexões persistentemente com o novo, com outras tecnologias científicas, sociais, sexuais, de gêneros, corporais, entre outras.

## 5 “A VIDA PÚBLICA DOS CORPOS E DOS PRAZERES PRIVADOS”: O CAMPO DA PESQUISA E A CARTOGRAFIA DOS DESEJOS E AFETOS NA ANÁLISE DAS CORPORALIDADES (TRANS)BORDADENTES



**Imagem 32:** Arquivo pessoal de registro de um dos encontros coletivos que ocorreu em um dos acampamentos destinados à prática de suspensão corporal.

Estava à toa na vida  
O meu amor me chamou  
Pra ver a banda passar  
Cantando coisas de amor [...]  
(A banda – Chico Buarque)

Eu bem que mostrei a ela  
O tempo passou na janela  
Só Carolina não viu [...]  
(Carolina – Chico Buarque)

Sou como Edith Piaf, *Je ne regrette rien* (não lamento nada).  
Fiz o que quis e fiz com paixão. Se a paixão estava errada, paciência.  
Não tenho frustrações, porque vivi como em um espetáculo.  
Não fiquei vendo a vida passar, sempre acompanhei o desfile.  
(Mário Lago)

A partir das conexões teóricas trazidas por Deleuze, Guattari e Rolnik, observamos que o pesquisador necessariamente precisa estar implicado no campo social e esta implicação requer saber da multiplicidade de composições desalinhadas dos desejos e afetos que se produzem em abundância. Haraway (1995b) ao discurtir a construção de uma ciência por base feminista socialista, propõe o olhar que valorize a abundância presente no campo social, subsequentemente, nas construções dos(as) humanos(as). Segundo a autora, devemos nos alertar para as armadilhas metodológicas que investem em análises sobre escassez, pois elas apontam para análises universalizantes, rígidas, empobrecidas e descompromissadas com as condições políticas que revestem as ciências. Assim,

Importa la abundancia. De hecho, la abundancia es esencial para el descubrimiento total y para la posibilidad histórica de la naturaleza humana. Importa si nos construimos a nosotras mismas en plenitud o con necesidades insatisfechas que abarquen la necesidad de conocimiento y de significados genuinos. Pero la historia natural -ysus apéndices, las ciencias biológicas - ha sido una disciplina basada en la escasez. La naturaleza, incluida la naturaleza humana, ha sido teorizada y construida sobre la base de la escasez y de la competición. Más aun, nuestra naturaleza ha sido teorizada y desarrollada a través de la construcción de las ciencias biológicas dentro del capitalismo y del patriarcado y en función de éstos, lo cual forma parte del mantenimiento de la escasez bajo el modelo específico de la apropiación de la abundancia para fines privados y no públicos (HARAWAY, 1995b, p. 112).

Nesta perspectiva, a análise cartográfica investiu nos acontecimentos que emergiram nas “paisagens psicossociais” que se construíam ao “olhar” do pesquisador durante a pesquisa. Para dar vazão aos “afetos que pedem passagem” (ROLNIK, 2007, p. 23), foi selecionado dois momentos complementares e convergentes para apresentar o processo cartográfico. A primeira delas, diz respeito a apresentação da trajetória das incursões ao campo cartográfico, ou seja, as participações em acampamentos e eventos; rodas de conversas em reuniões relacionados a temática *body modification*; visitas a *sites* e conversas em *chats* com possíveis colaboradores da pesquisas. Em segundo, apresentarei alguns afetos a serem analisados (dentre muitos outros), que apareceram evidenciados durante as incursões aos campos e, também em um diálogo-entrevista realizada, durante a pesquisa, com um adepto de modificações corporais.

## 5.1 SOBRE COVIS, ESTÚDIOS E LABORATÓRIOS VIRTUAIS: AS PAISAGENS DESALINHADAS PARA A ESCRITA DO PROCESSO CARTOGRÁFICO

Procurando bem  
 Todo mundo tem pereba  
 Marca de bexiga ou vacina  
 E tem piriri, tem lombriga, tem ameba  
 Só a bailarina que não tem  
 E não tem coceira  
 Verruga nem frieira  
 Nem falta de maneira  
 Ela não tem [...]  
 (Ciranda da Bailarina - Chico Buarque)

Teseu, filho de Egeu e de Etra, no intuito de livrar os atenienses do tributo cobrado por Minos, rei de Tebas, decide se lançar no labirinto habilidosamente construído por Dédalo, a fim de matar ou ser esvaçado pelo Minotauro<sup>65</sup>. Híbrido com corpo de homem e cabeça de touro, Minotauro vivia encerrado nos labirintos a espera de prendas oferecidas para que pudesse devorá-las (sete virgens e sete jovens, considerados os mais belos nascidos em toda a Atenas). Ariadne, filha de Minos, se encanta com Teseu e é correspondida. Com receio da morte do amado, entrega nas mãos de Teseu, uma espada e o famoso *mythos* - um novelo antigo utilizado para preparar a lã, o qual o guerreiro deveria desenrolar conforme adentrasse ao labirinto e conseguisse encontrar a saída do lugar onde ninguém jamais retornou. Assim, Teseu matou o Minotauro, foi aclamado mais uma vez como herói e desposou Ariadne.

Diferentemente de Teseu que recebeu de Ariadne o *mythos* para sair do labirinto do Minotauro, no campo cartográfico, o pesquisador conta apenas, como diria Luiz B. L. Orlandi (2010), com *pinguelas*<sup>66</sup> como apoio para se embrenhar nos fluxos metodológicos de pesquisas.

Para Orlandi (2010) em uma pesquisa responsável e implicada é comum a sensação de fadigas devido a complexidade que um campo a ser estudado pode demandar. As *pinguelas*

---

<sup>65</sup> A metáfora em torno da figura mitológica de Minotauro consiste em ele reunir as desvantagens do hibridismo humano e animal. Possuía cabeça de touro e corpo de homem, ou seja, a fraqueza física do humano e a irracionalidade do animal. O mito foi (re)contado a partir das versões encontradas nas referências: BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia**: (a idade da fábula): histórias de deuses e heróis. Trad. David Jardim Júnior. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999; e, SALIS, Viktor D. **Mitologia viva**: aprendendo com os deuses a arte de viver e amar. São Paulo: Nova Alexandria, 2003.

<sup>66</sup> As pinguelas seriam pequenas pontes rudimentares feita de um tronco de árvore seca ou tábua e, constantemente eram improvisadas em territórios rurais para conectar margens de riachos ou córregos ou ainda, abrir caminho entre barrancos. Lembro bem das pinguelas que via e utilizava na minha infância quando visitava sítios e das muitas vezes que acompanhei minha mãe nas escolinhas *seriadas* rurais as quais ela lecionava. Era comum ver os alunos sozinhos se aventurando nessas pinguelas, visando não se molhar ou encurtando trajetos a serem percorridos.

seriam, portanto, uma estratégia para fugir ou amenizar o esgotamento durante as incertezas de como iniciar e seguir itinerários metodológicos e de escrita. O autor sugere que aceitamos o caráter heterogêneo do campo social e assim, reverter a captação dessa multiplicidade em possibilidades de escritas sobre esse campo. As pinguelas permitem ~~+~~...] ativar a receptividade das angulações diferentes, das dobras, das viradas, vai nos iniciando nesse deixar-se tomar por uma atmosfera de estudos marcada pela coexistência de disjunções, pela simultaneidade das variações, pela heterocoexistência” (ORLANDI, 2010, p. 128).

Mas quais seriam os meus pontilhões ou as minhas singelas ~~+~~pinguelas”? E por onde começaria atravessá-las? Quais as possibilidades de caminhos a qual percorreria?

Silenciar, observar, ouvir, perguntar e experienciar: esses foram os imperativos verbais que me acompanharam nessa pesquisa. Também há de se dizer de um sentimento companheiro, negado ou não revelado por muitos pesquisadores quando enfrentam um campo totalmente desconhecido: o medo.

O medo em sua potência produtiva possui duas funções, ao meu ver: uma delas é a da paralisia e pânico; a outra confere ao enfrentamento, ao desbravamento estratégico do que ~~+~~está por vir”. Confesso que experienciei essas duas sensações em cada entrada em campo, justificada por fantasias e inseguranças em adentrar espaços tão estranhos para mim. Como seria ir a eventos, acampamentos, estúdios e me ~~+~~entrosar” com pessoas que, em um primeiro momento, pareciam tão diferentes do meu estilo de vida e das vivências com a minha corporalidade? Drogadicção, violência, homofobia e machismo eram os temas mais levantados por amigos (e conhecidos) quando dizia que ia me ~~+~~enturmar” com pessoas que realizam modificações corporais. Essas práticas discursivas também reforçavam minhas incertezas relacionadas ao meu ingresso ao campo de pesquisa. É fato que venci o medo!

Nesse ponto, surgiram também outras indagações em relação aos regimes de registros, escritas e suas autenticidades, entre elas: ~~+~~Precisaria passar pelos processos de modificações corporais ou das práticas de prazeres para poder escrever sobre eles?” Ou seja, ~~+~~como escrever sobre a temática *corpo* na perspectiva performática e sensorial sem, no entanto, ter que colocar meu corpo inteiramente à disposição dessas experimentações?”

E as dúvidas iam aumentando a cada passo que procurava falar sobre o projeto de doutoramento com as pessoas em geral. Será que estavam corretos alguns doutores universitários que emitiam respostas programadas sobre minha pesquisa?: ~~+~~Você vai ver que se trata de tendência de moda, uma maneira de aparecer igual esses bandos de *punks*, *hippies*”, diziam alguns. Também apareciam aqueles categóricos que defendiam a tese de que a população pesquisada era totalmente contra a absorção sistemática dos processos midiáticos

de massa, portanto, revolucionários. Essas categorias pré-conceituadas de respostas também apareceram em platéia de congressos sobre sexualidades, gêneros, corporalidades e prazeres, ocasião em que apresentava minha proposta de pesquisa.

Em uma dessas ocasiões, lembro-me de um rapaz opinar sobre meu trabalho: “Não sei por que você acha que eles são diferentes, eles não são *queer*, a gente vê todo mundo tatuado hoje, é moda já, está na mídia, está na rede Globo”. Naquele momento, respondi que talvez ele realmente não tivesse entendido a minha proposta de pesquisa, e que não eram esses processos de estetização “genereficados” e “popularizados” que me interessavam, pois assim como todo o campo de pesquisa, é impossível não se deparar com os processos de capturas capitalísticas sobre as corporalidades. Continuei dizendo que estudava as produções do movimento e da teoria *queer* (assim como outros autores pós-identitários) de modo a não “intitular” as experiências corporais das pessoas que eu encontrei na pesquisa com possuidores de uma “identidade *queer*”. O que importava em minha pesquisa (e a polifonia que ela produzia!) eram as problematizações políticas das corporalidades, uma vez que apoiei-me em posicionamentos críticos às categorias identitárias (e todos os seus embasamentos excludentes, autoritários, universalistas, essencialistas, binaristas e reducionistas em analisar acontecimentos).

Recordo-me também de uma moça me indagar em outro congresso: “Você fala com tanta paixão da sua pesquisa, será que você não está deixando de ver críticas a essas pessoas?”. Em réplica, disse que eu era apaixonado por tudo que eu fazia, mas que a paixão não se referia a “egueira platônica” típica dos apaixonados, mas resultava na implicação em se aprofundar na temática e me permitir ir além do dizível e visível. Já em outro congresso argentino me perguntaram: “Contra quem eles são, contra o governo, contra a mídia?”. Eu me perguntava: “Eles são declaradamente ou conscientemente contra alguém ou algo? Teriam eles uma construção coletiva de reivindicações em comum?”. “Como responder tamanhas generalizações?”, me indagava.

De fato, o tema era realmente polêmico, pouco explorado e controverso em seus “regimes de verdades”. Um modo de lidar com essas indagações que me congelavam na escrita, foi me lembrar dos apontamentos de Rolnik (2007, p. 23) que dizia que era necessário “[...] dar língua para os afetos que pedem passagem [...]”.

Era preciso perceber que os afetos estavam ali. Independente se as pessoas eram adeptos de modificação corporal ou não, elas funcionavam como sujeitos de enunciações que me trariam subsídios disparadores para o início e continuidade deste estudo. De um jeito ou outro, o campo social me dizia: “Quais fluxos de agenciamentos conduziam as pessoas a

produzirem e desejarem produzir corporalidades singulares se comparadas com as estéticas normativas/padrões? Quais afetos produziam saídas múltiplas para análises dessas corporalidades?”

Neste movimento, era preciso caminhar e acompanhar os fluxos desalinhados do campo a ser cartografado, para assim, posteriormente adentrar a etapa solitária da escrita. Mas como começar a escrever?

Em algum momento, me apoiei nos dizeres de Mary Shelley (2012) sobre a criação do seu personagem “Frankenstein”. Na introdução da sua obra-prima *Frankenstein: ou o Moderno Prometeu*, ela revelou como pensava o processo de escrita:

Deve-se admitir humildemente que inventar não consiste em criar a partir do nada, mas a partir do caos; os materiais devem ser dados antes: pode-se dar forma à escuridão, às substâncias informes, mas não se pode dar o ser à própria substância. Em todos os casos de descoberta e invenção, mesmo dos que pertencem à imaginação, devemos lembrar a história de Colombo e o ovo. A invenção consiste na capacidade de apreender as possibilidades de um assunto e no poder de moldar e formar as idéias sugeridas por ele (SHELLEY, 2012, p. 14).

Em uma pesquisa com base no método cartográfico, as rupturas e (des)continuidades insurgem e co-existem enquanto acontecimentos em um dado momento sócio-histórico-cultural e político. Essa co-existência reverbera polifonias e pontos múltiplos e estratégicos de produção de subjetividades. Foi nessas rupturas, que encontrei durante as incursões aos campos, condições que me possibilitaram pistas para construir as cartografias desta pesquisa realizada.

### 5.1.1 Paisagem 1: A “Insurgência” de Um Projeto que Já Era Vivente

A idéia do projeto aconteceu em um sonho. Na ocasião onírica, uma avalanche de situações inconclusivas aparecia sob o formato de *flashes*, cenas e diálogos que haviam ocorrido dias e meses anteriores. O interessante era que o analisador corpo estava presentes em todas as sequências.

Em um desses *flashes*, um colega me lembrava que, a cicatriz transversal em minha barriga (aproximadamente de dez centímetros) ocasionada por uma cirurgia, era “meio nojenta”. Completava seu discurso dizendo que eu teria problema para tirar a camisa em público (ir a praia, desfilas e seguir carreira de modelo) ou ainda, que as pessoas poderiam ter

repulsa até mesmo para transar comigo. Em outra ocasião onírica, eu fazia uma tatuagem e não a terminava porque o processo era muito doloroso, embora a desejasse.

Ao acordar instigado, visitei *sites* que trouxessem informações sobre como diminuir ou suavizar cicatrizes. Ao mesmo tempo, buscava no “Google” e no “Youtube”, palavras-chaves, tais como: tatuagem, tatto, pigmentação de pele. Ao passo que eu lia algumas notícias e artigos (simultaneamente), também carregava vídeos sobre tatuagens e modificações corporais em outras abas da *internet*. A cada vídeo acessado, a ferramenta informativa do “Youtube” me oferecia sugestões de dezenas de outros vídeos temáticos compartilhados por usuários. Grande parte dos vídeos era de qualidade ruim, filmados por mídia de celulares ou máquinas fotográficas (de baixa resolução de imagem) em estúdios pelos próprios profissionais ou por acompanhantes de pessoas tatuando ou que estavam aplicando uma jóia de *piercing*. Logo os vídeos sobre suspensão corporal brotavam na tela. Era tudo fascinante e assustador.

Nestas ocasiões, cada nome e cada referência aos estúdios eram pistas para procurar quem seriam as pessoas que se propunham a passar por aqueles processos *sui generis*. Nas redes sociais *Orkut* e *Facebook*, enviava mensagens solicitando que me adicionassem como “amigo virtual”, me apresentando como um apreciador e interessado em conhecer mais sobre tatuagens, *piercings* e suspensão corporal. Muitas pessoas, inicialmente rejeitavam minhas solicitações para adentrar nas suas redes sociais (páginas pessoais). Muitos contatos, quando aceitavam minhas solicitações, não respondiam minhas tentativas de interlocução.

Busquei outras estratégias de aproximação com as pessoas que poderiam me auxiliar a pensar o projeto de doutoramento. Perguntei-me: “Quem são os adeptos ou profissionais envolvidos com as práticas de *body modification* na cidade em que resido?” “Seria possível contactá-los?”

Iniciei as visitas em estúdios de tatuagem. Ao entrar, dizia que estava interessado em conhecer como era o procedimento para aplicar *piercing* e que gostaria de ser tatuado. Ao prolongar a conversa, dizia que estava interessado em conversar sobre as motivações e condições que levavam as pessoas a modificarem seus corpos. Tinha receio que ao me revelar como psicólogo e pesquisador, que alguns profissionais se acanhassem. No entanto, isso não costumava acontecer, muito possivelmente pelas conversas descontraídas que estabelecíamos: contando piadas, fazendo brincadeiras, apresentando-se espontâneo e informal. Muitos não acreditavam que realmente fosse psicólogo quando questionavam minha profissão, ou ainda, era comum não perguntarem o que fazia como profissional. A questão relevante para eles era: “Você é tatuador, *piercer*, adepto ou só interessado mesmo?”

Em alguns estúdios, as conversas não aconteciam. Analisando, a *posteriori*, percebia que meu entrosamento era dificultado por não compartilhar de signos de socialização comum às pessoas que se interessam pelas modificações corporais: roupas, modificações em meu corpo, utilização de gírias e linguagem próprias. Recorrendo a análise de Ortega (2006), muito possivelmente, eu não apresentava elementos identificatórios para a construção de uma biossocialização. Em um indicativo de análise possível (partindo de um recorte teórico), o autor diz:

Na cultura da biossociabilidade e da formação de identidades, as modificações corporais (*body modification*) constituem um caso especial e *sui generis* de tentativa de personalização do corpo – mediante a impressão de marcas corporais – e de formação de bioidentidades. Se, por um lado, no plano biopolítico/biossocial, as modificações corporais parecem seguir o padrão identitário e apolítico das biossociabilidades contemporâneas e da ideologia da *fitness*, por outro, no plano fenomenológico, elas constituem um esforço no sentido de fugir da cultura da aparência e de recuperar uma dimensão do vivido corporal (ORTEGA, 2006, p. 49).

Após perceber que eram preciso componentes específicos e códigos para me conectar e me socializar com as pessoas com as quais gostaria de conhecer com mais proximidade e propriedade, investi nessa “composição” de estilo, a partir de visitas freqüentes em estúdios que eu já conseguia desenvolver uma aproximação e aceitação do meu trânsito pelo estabelecimento. Comecei a prestar mais atenção no modo de falar, na rapidez das piadas, nas músicas que escutavam, nos *sites* especializados que acessavam. Mais que tudo, investi em minhas próprias potencialidades de aproximação: ser brincalhão, descontraído, interessado em conversar sobre qualquer coisa.

Nas visitas freqüentes eu também costumava observar e registrar as inscrições arranjadas nos interiores dos estúdios; desde a disposição dos móveis, a decoração e o clima do local. Geralmente os estúdios eram compostos de duas dependências e decorações distintas: a recepção e a sala de aplicação de *piercing* ou de realização das tatuagens.

As recepções dos estúdios eram, geralmente, decoradas com fotografias artísticas ou antigas de pessoas tatuadas; imagens e objetos que faziam referências às tribos urbanas e movimentos vanguardistas que se visibilizaram, mais fortemente na década de 1960; decorações locais com referência no *Kitsch*<sup>67</sup>, inspirados em filmes *cult* e *trash* e de filmes de

---

<sup>67</sup> A ideia de *kitsch* remete a um amplo sistema estético de comunicação de massa e pode ser contextualizado em um amplo universo sócio-cultural que marca um estilo próprio - não possuir um estilo recorrente e único. Aqui descreveremos as características do *kitsch* como uma estética exagerada e descontextualizada, marcada pelo abuso da quantidade de *souvenirs* empilhados de todo o tipo de estilo e repetidas (religiosos, barrocos, objetos

terror e de ficção científica, produções próprias de desenhos e quadros vintage de *pin up girls*, demônios, caveiras e cruzeiros, entre outros. Também haviam ambientes que utilizavam de uma cultura mística ou religiosa, com imagens de santos católicos (às vezes com sincretismo com o candomblé ou a umbanda; ou mesmo sem significado religioso, apenas artístico); imagens de rituais e deuses orientais. A música era sempre um atravessador comum em todos os espaços, sendo geralmente rock o som preferido para “furar e rabiscar peles”.

Neste cenário, eram encontrados profissionais que pareciam compor o espaço da recepção. Geralmente utilizavam topetes *rockabillys* ou cabelos raspados em contraste com as longas barbas desalinhadas, jaquetas *punks*, braceletes metálicos, roupas customizadas que compunham uma estética marcada por excessos de tatuagens, alargadores de lóbulos de orelhas, *piercings* e implantes em regiões visíveis dos corpos. Em alguns outros lugares, havia a perseverança de um estilo rapper – constituído por bonés, camisetas de time de basquete americano, bermudas largas, correntes e pulseiras. Sobre isso, Pires (2005) escreve:

Sendo a nossa uma sociedade extremamente visual, a busca dessa singularidade, dessa diferenciação, passa necessariamente pela imagem: roupas, acessórios, maquilagens, penteados. O rompimento da fronteira da pele, que nos permite a mudança das cores da epiderme e a feitura de incisões, queimaduras, perfurações, mutilações e implantes de diferentes tipos, com a finalidade de modificar os contornos e acrescentar elementos à silhueta, possibilita a criação de novas dimensões estéticas, e faz com que o corpo deixe de ser uma ‘referência estável’ e passe a representar o bem que se possui (PIRES, 2005, p. 18).

Em todos os casos, a presença de tatuagens era um atravessador muito perceptível inscrito em corpos geralmente de jovens adultos do gênero masculino, entre idades de 20 a 38 anos. A preocupação com a autenticidade parecia fazer com que os estúdios fossem territórios construídos por “referências”, “inspirações” “criações a partir de...” um conjunto de signos mesclados entre o passado e o futuro, o real e o inimaginável, o colorido e o preto-e-branco, entre aparências e sensações.

Já nas salas reservadas e destinadas à aplicação de *piercings* e tatuagens, geralmente a organização do lugar remetia à aparência de clínicas ou consultórios médicos/odontológicos: maca, bancada, pia com pedal de acesso à torneira, autoclave, prateleiras com materiais

---

comprados em brechós, réplicas de antiguidades (falsificações “baratas”), *gadgets* de personalidades reais e fictícias). Embora alguns objetos tenham uma concepção técnica-funcional, eles não deixam de ter uma representação dita cafona ou brega. **Ver:** MOLES, Abraham A. **O Kitsch:** a arte da felicidade. Trad. Sergio Miceli. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1986. (Coleção Debates).

descartáveis (luvas, papel, agulhas), jalecos, caixas de descartes de materiais utilizados, paredes brancas e limpas.

Guattari (2012b), ao analisar os espaços, propõe que os mesmos quando construídos extrapolam as estruturas visíveis e funcionais, uma vez que produz experiências, polifonias e proliferações de outros espaços, processos de subjetivação e concomitantemente, sensações, afetos, imagens e práticas discursivas. Desse modo, são:

[...] essencialmente máquinas, máquinas de sentido, de sensação, máquinas abstratas funcionando como o ‘companheiro’ anteriormente evocado, máquinas portadoras de universos incorporais que não são, todavia, Universais, mas que podem trabalhar tanto no sentido de um esmagamento uniformizador quanto no de uma ressingularização libertadora da subjetividade individual e coletiva (GUATTARI, 2012b, p. 140).

Ou seja, os espaços físicos fazem parte das produções maquínicas e podem possibilitar a ocorrência de desterritorializações que desmembram os espaços de referências anteriores, colocando os sujeitos para pensarem as temporalidades e territorialidades como universos múltiplos e transitórios. Os estúdios, assim como os encontros em chácaras ou os locais de *workshops* parecem reconfigurar outras paisagens psicossociais, nas paredes decoradas, na distribuição dos móveis, nas localidades urbanas, na circulação de pessoas, afetos, sensações, sentidos e experiências e, principalmente, nas possibilidades de novos encontros e conexões.

Em uma dessas visitas rotineiras em estúdios, encontrei casualmente um *body piercer* que visitava um conhecido tatuador da minha cidade e iria realizar um *workshop* de aplicação de *piercings*. Embora seja oriundo de outro país da América Latina, reside no Brasil, há alguns poucos anos. Ele foi um dos profissionais mais velhos que conheci (50 anos), se compararmos com grande parte dos adeptos de *body modification* que encontrei (estavam entre a faixa de 20 a 38 anos).

Durante a conversa e conhecendo o meu interesse em adentrar ao mundo do *body modification*, Mr. C se propôs a me “abrir portas”, em me auxiliar a ter acesso aos outros profissionais e adeptos que ele conhecia. Conversamos por um longo tempo, ocasião em que me explicou a sua trajetória profissional e a sua vinda para o Brasil. Em alguns momentos, me explicava procedimentos e citava nomes de pessoas, nomes os quais sugeriu que eu os anotasse e entrasse em contato com os mesmos, por *e-mail* ou *facebook*. Dizia ele: “Pode falar que é meu amigo, senão esses caras não irão te adicionar e nem te responder. Fale que você tem interesse em conhecer sobre o tema e que é indicação minha. Pode falar que é meu amigo. Sem problemas. Fui com sua cara. Acredito em você”.

A atividade da pesquisa cartográfica se formula, segundo Maria Elizabeth B. Barros e Fábio H. Silva (2013), na prática de operar em vazio de normas que, por sua vez, nos convoca a criar e a inventar condições para avançar sobre os desafios postos pelo campo empírico e vivido. No entanto, é preciso buscar direções e pistas que ajudam a construir vias de conexões com os acontecimentos que emergem na construção da pesquisa. No encontro ao acaso com Mr C, foi possível criar uma paisagem política e agenciamentos presentes no campo de pesquisa dentro da temática proposta para essa tese. A partir de então, analisei que o que Mr. C havia me oferecido foi além de seu companherismo, oferecendo cumplicidade e parceria, pois na relação amistosa que mantivemos, me mostrou que os afetos eram uma condição primordial para aproximar-se e participar em situações e espaços mais íntimos e protegidos do mundo da *body modification*. Para além disso, dizia de seu receio em ter que enfrentar discursos de intolerância ou de julgamentos moralistas, ainda mais se comparados com experiências anteriores com outros pesquisadores que tentaram contactá-lo para trabalhos acadêmicos. Essa questão era um ponto em comum entre as conversas com as pessoas as quais introduzia o assunto da pesquisa – o receio em contar passagens da própria vida para alguém que fosse usar o que se era dito contra eles mesmos. Como me disse um tatuador: –Putz, a gente abre o nosso estúdio, a porta da nossa casa, fala da nossa *muié*, o que a gente faz com o dinheiro da gente, como a gente vive a vidinha da gente, e os malucos vão lá e detonam com a gente... ‘cê é doido!!!’ (nota de campo).

Nesta mesma época, fui convidado pela Casa de Cultura da Universidade Estadual de Londrina a participar da abertura da exposição –A parede é a pele”. A exposição era composta por trabalhos de profissionais que ~~tatuavam~~ as paredes da galeria a partir de estilos e técnicas adotadas em seus trabalhos em estúdios. Na abertura do evento, conheci outras profissionais, adeptos e curiosos sobre modificação corporal, porém, percebi que eram poucos que tinham em seus corpos ou realizavam trabalhos de *body modification* não-convencionais, *nonmainstraim* ou extremos – pessoas que eu tinha interesse em conhecer. No entanto, muitos conheciam pessoas que utilizavam as modificações corporais, segundo alguns, de modo –exagerado, –bem loucão”, –pesado”, –hard”.

Avaliei que devido aparecer em público falando da proposta da pesquisa e também por não encontrar adeptos das modificações extremas na minha cidade, era necessário buscar colaboradores em outras localidades. Era preciso localizar como se formaria o campo da pesquisa fora da cidade em que residia e que extrapolassem apenas os contatos virtuais.

### 5.1.2 Paisagem 2: O Acesso ao “Desconhecido Que Se Quer Conhecer” Via Redes Sociais

As redes virtuais e *sites* especializados foram uma pista interessante para estabelecer conexões com as situações e contextos em que se as modificações corporais emergiam. Ao solicitar contato virtual com algumas pessoas, explicava que estava interessado em conhecer sobre *body modification* e que era indicação do Mr. C. Geralmente, após citar o nome de Mr. C, meu convite era aceito para adentrar ao perfil de usuário (da rede social), mesmo aquelas pessoas que não haviam me aceito em contatos anteriores. Percebi que Mr. C era uma pessoa muito respeitada entre profissionais e adeptos das técnicas de modificação corporal.

Nas conversas virtuais iniciadas, via *internet*, os assuntos giravam em torno de como eu deveria participar de encontros e conhecer *links*, materiais, eventos e outros profissionais. Grande parte das pessoas abordadas deduzia que eu gostaria de atuar como um profissional da área ou apenas de modificar o meu corpo. Era raro, inicialmente, questionarem sobre o meu interesse em estudar as modificações corporais; parecia que o nome Mr. C funcionava como uma “senha” para adentrar em *chats* e grupos de discussão e trocas de informações em *sites* e aplicativos de redes virtuais e essa condição dispensava algumas formalidades relacionadas a minha apresentação.

Os *chats* dos grupos funcionavam, grande parte das vezes, em horários próximos ao fim de tarde (horário de fim de expediente para alguns participantes que estudavam), mas também havia um grande contingente de pessoas que costumavam entrar de madrugada, a partir das duas horas da manhã, principalmente os adeptos de outros países. As conversas sempre eram iniciadas com algum deles acionando os outros para divulgar algum trabalho realizado, solicitar matérias ou referências de desenhos, tirar dúvidas de procedimentos ou de material para comprar ou vender. O clima das conversas era, geralmente, de muitas piadas e brincadeiras, ocasião em que perguntavam informações sobre as pessoas que não costumavam entrar na internet ou que estavam em viagem por outros países e cidades. Também era recorrente os convites para visitas e participação em encontros, eventos, workshops, viagens e shows a serem realizados.

Nessas conversas apareciam mensagens de pessoas que foram para alguns estúdios europeus ou latinoamericanos para tatuar. Eram verbalizadas mensagens de admirações para quem viajava e expressões de desejos para também se deslocar para outros países. Quando questionava como faria para viajar para outras cidades ou país, recebia diversas respostas simultâneas: alguns relatando a própria experiência com viagens, outros diziam sobre projetos futuros e como realizavam contatos com colegas; dicas e contatos eram trocados. A interação

com adeptos de *body modification* de outros países se mostrava bastante intensa principalmente dentro da América Latina. Existe uma rede solidária de hospedagem entre as pessoas que participavam dos grupos, principalmente entre os profissionais que mantinham relações profissionais e amistosas próximas.

O idioma e escrita parecia não ser um empecilho para as discussões em *chats*, uma vez que os participantes costumavam utilizar o “Google tradutor” para comunicarem-se uns com os outros. Grande parte dos procedimentos, técnicas, instrumentos e materiais são nominados em inglês, condição que facilitava para que todos entendessem sobre o que estava sendo discutido.

Além de trocas de informações, também se costumava realizar intercâmbios e importações de materiais criados fora do Brasil; quando esses materiais não eram entregues pelos “Correios”, eles eram trazidos e entregues em eventos (workshops, encontros) destinados para os adeptos da *body modification*.

Os *chats* pareciam mobilizadores e incentivadores para a realização de parcerias e encontros, principalmente para a realização de suspensão corporal. Durante as conversas, eram postadas nos grupos virtuais, imagens de suspensão corporal e de acessórios comprados, adaptados ou mesmo inventados. A suspensão corporal despontava em todas as conversas, como uma prática condicionada às pessoas que eram adeptas de *body modification* extrema, e também como uma prática importante dentro das sociabilidades, embora fossem controversas e múltiplas as motivações para praticá-las.

Outros temas emergentes que apareciam recorrentemente nos *chats* diziam respeito às temáticas, sexualidades, cinema, música, amizades e brigas, práticas ilegais ou mal-feitas de modificações corporais, exposição de imagens e posicionamentos polêmicos em *sites* e redes sociais sobre a prática de suspensão corporal e *body modification*.

A discussão sobre o tema sexualidade sempre se dava em tom de piada, de escárnio ou de provocação. As poucas mulheres que participavam dos *chats* eram bastante cortejadas pelos integrantes dos grupos e aceitavam as brincadeiras e as conduziam de forma que não fossem agressivas ou desrespeitosas. Os participantes do gênero feminino também utilizavam de discursos sobre sexo com amarrações, práticas sadomasoquistas para aumentar a discussão sobre a temática. A provocação sobre as preferências e orientações sexuais também eram assuntos que aconteciam, sempre na tentativa de causar o riso e descontração. Algumas vezes apareciam brincadeiras de cunho homofóbico, no entanto, sempre havia alguma pessoa que lembrava sobre questões das diferenças, comparando o preconceito contra gays similar aos preconceitos com adeptos de modificações corporais. As discussões desrespeitosas nunca

passavam impunes, pois alguém sempre problematizava a questão da importância do respeito à diversidade.

Havia dias que as discussões nos *chats* giravam em torno de produções cinematográficas do gênero de terror/horror, ficção científica, suspense e comédia. Parecia haver um fascínio em filmes em que o enredo exaltava cenas bizarras, macabras e surreais, os quais podemos citar: *A Centopéia Humana*, *Kill Bill*, *Holocausto Canibal*, *Silêncio Mórvido*, *Silêncio dos Inocentes*, entre outros; também era comum a predileção por filmes de faroeste, estilo John Wayne. Em relação às músicas, além do som metaleiro, aparecia o *country* americano (estilo Jonny Cash) e hip hop/rap brasileiro. Os links dos filmes e músicas eram compartilhados e comentados pelas pessoas que acessavam.

As discussões e controvérsias aconteciam quando alguma imagem era postada na rede social. Lembro-me de algumas vezes em que tive problemas em relação às censuras de amigos e dos próprios moderadores da rede social *Facebook* – que excluía imagens de suspensão corporal ou outras imagens de modificações corporais que, por algum critério moral, eram avaliadas como “~~im~~próprias”. Possivelmente minhas postagens eram consideradas abusivas e denunciadas por conhecidos que faziam parte da minha página pessoal do *Facebook* e que não suportavam ver corporalidades modificadas e “~~qu~~ase” desnudas.

Também existiam controvérsias entre os próprios adeptos da prática de modificações corporais e de suspensão corporal. Geralmente tratava-se de fotografias em que havia excesso de sangue ou procedimentos realizados sem o cumprimento de regras de biossegurança (uso de luvas, utilização de materiais não específicos). Quando eu questionava no *chat* sobre a razão pelas quais as pessoas solicitavam que as outras retirassem tais fotografias, era respondido que devido aos preconceitos já existentes e também devido às denúncias direcionadas para os moderadores das redes sociais. Também justificavam que as publicizações de trabalhos mal realizados poderiam causar generalizações nas análises de que todos os profissionais não respeitavam as condições legisladas pela vigilância sanitária e pelos avanços dos estudos dentro das biomedicinas para otimizar os cuidados com a realização das modificações corporais. Existiam outras pessoas contrárias aos posicionamentos que eles denominavam de conservadores e de censura. Nestes momentos, havia desentendimentos entre grupos que polarizavam as discussões a partir das suas afinidades. A cada momento que conversava com os adeptos de modificações corporais, eu analisava que existiam especificidades e atravessadores de produção de subjetividades que não os permitiam ter unicidades discursivas sobre temas recorrentes, pois estavam lá as diferenças e suas

interseções constituintes. Era necessário explorar essas construções... era preciso movimentar esse campo... era preciso me movimentar dentro deste campo...

### 5.1.3 Paisagem 3: A Entrada nos “Covis”: o Encontro Com o Encontro



**Imagem 33:** Cenas do filme “Entrevista com um vampiro”<sup>68</sup>.

A ideia de “covil” me pareceu oportuna quando comecei a pensar a minha entrada nos territórios em que aconteciam as modificações corporais não-convencionais e nos grupos e eventos de suspensão corporal. Existiam dois momentos em que havia diferenciações marcantes entre os trabalhos desenvolvidos: momentos para pessoas que gostariam de ornamentar seus corpos com *piercings* e tatuagens, e os momentos em que somente era permitida a participação de pessoas convidadas.

Esse segundo momento era quando as pessoas ficavam mais à vontade, podiam acender seus cigarros de maconhas, retirarem as camisetas, falar e rir alto e conversar mais abertamente sobre as práticas de suspensão e intervenções ditas extremas. Não existia uma objetividade e direcionamento nestes encontros; no entanto, era um bom momento para explorar questões pertinentes para me aprofundar na proposta cartográfica: ver, sentir, conhecer e manter-se dentro deste campo social restrito para pesquisadores. Nessas ocasiões,

<sup>68</sup> As cenas selecionadas descrevem um covil de vampiros, dividido em dois ambientes. O primeiro se situava na parte térrea, local onde era encenado o “teatro dos vampiros”, parte visível de ser mostrada por espetáculos *freaks*, freqüentado tanto por outros vampiros quanto por humanos. O segundo ambiente tratava-se de um covil (propriamente dito), localizado na área subterrânea do teatro, lugar existente apenas para os predadores sanguinários e seus convidados. O covil era o gueto, o reduto dos caixões utilizados para descanso, o lugar onde os vampiros poderiam se mostrar e praticar as suas performances sem serem descobertos ou correrem risco de uma possível “segunda morte”. Ver: JORDAN, Neil (direção). **Entrevista com um vampiro (Interview with the vampire)**. USA: Warner Bros. Colorido, língua inglesa (DVD), 1994 (123 min.).

era preciso estar atento para pensar as composições heterogêneas que aconteciam a cada momento e que me implicavam no minucioso acompanhamento do campo cartografado. Precisava me lembrar de estar sensível às paisagens psicossociais que me atravessavam. Inventar se tornava um verbo imperativo para poder montar e conectar os acontecimentos imprevisíveis de um campo que se apresentava, em um primeiro momento, tão distantes a mim. Sobre esta análise, encontramos em Kastrup (2012, p. 141) que:

A invenção não opera sob o signo da iluminação súbita, da instantaneidade. A invenção implica uma duração, um trabalho com restos, uma preparação que ocorre no avesso do plano das formas visíveis. Ela é uma prática de tato, de experimentação e de conexão entre fragmentos, sem que este trabalho vise recompor uma unidade original [...]. Ela não se faz contra a memória, mas com a memória, produzindo, a partir dela, bifurcações e diferenciações. O resultado é necessariamente imprevisível.

Nessas ocasiões, sensível aos discursos, percebi que as reuniões ocasionados pelas suspensões corporais funcionariam como “portas de entradas”, como um facilitador para continuar no campo a ser pesquisado. As suspensões corporais poderiam ser analisadas como dispositivos intercessores que (re)montavam encontros em movimentos criadores. Qualquer elemento encontrado no campo social possui potencial para configurar-se em um intercessor. De acordo com Deleuze (2010c, p. 160), os intercessores podem ser pessoas (filósofos, artistas, cientistas) como também pode ser plantas, animais, coisas, práticas; ou seja, “[...] Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores”. A importância dos intercessores se estabelece quando esses elementos mobilizam uma multiplicidade de pensamentos criativos e potentes, propondo problematizações de questões experienciais e fazendo insurgir sensações, afetos, sentimentos, desejos, prazeres que colocam a vida para se movimentar.

A primeira vez que entrei em contato com uma prática de suspensão corporal foi na cidade onde resido. Na ocasião, o Mr. C estaria novamente realizando um *workshop* de aplicação de *piercings* básicos e, devido a relação amistosa estabelecida, ele me ligou perguntando se eu teria interesse em assistir minha primeira sessão de suspensão corporal. Disse que me daria 15 minutos para que pudesse sair da minha casa e chegar ao local onde ele, com a ajuda de outro profissional, iriam suspender um tatuador local. Confirmei se era consensual a minha presença e que, caso fosse incômodo, eu me retiraria. A resposta foi que seria uma honra apresentar, pela primeira vez, uma suspensão corporal para um interessado e estudioso da temática.

Era a primeira suspensão de Mr O. O rapaz era magro, pequeno e havia decidido que naquele dia iria ser suspenso. Ele estava acompanhado de um amigo tatuador, que dizia que achava loucura e que nunca iria passar por tal experiência. Mr. O disse que havia me visto na abertura da exposição “A parede é a pele”, em que ele havia participado, relatando estar contente de que a minha primeira observação fosse a primeira suspensão dele.

Estava ansioso e me causava estranhamento a organização dos materiais para a perfuração de Mr. O, que eram dispostos em uma bancada de modo a facilitar o manuseio dos mesmos. Primeiro vieram as marcas geométricas simétricas com caneta nas costas de Mr. O, local onde ocorreria as perfurações com 4 ganchos. A posição da suspensão corporal escolhida foi a “suicide”, devido essa posição ser considerada a menos dolorida e por ser indicada para iniciantes nesta prática.

Ao puxar da pele e evidenciado o local marcado a ser perfurado, passavam-se os ganchos um a um, de modo a verificar a reação e sensações de Mr. O. Após a finalização de aplicação dos ganchos, explicou-se mais uma vez como seria colocado os ganchos entrelaçados em cordas fixas e resistentes em uma barra de ferro (frame), que permitiria a mobilidade de movimentos de Mr O. Aos poucos, o rapaz sentia a gravidade do seu peso tensionando as cordas que o deixaria suspenso. Após a certeza de estar sem encostar os pés no chão, Mr. O. solicitava que um dos tatuadores o empurrasse com força para que ele pudesse balançar seu corpo e ganhar movimento lineares, acompanhado pelo embalo de rock n’ roll especialmente selecionado por ele mesmo. A suspensão demorou aproximadamente uns 10 a 15 minutos, no entanto, devido a intensidade do acontecimento e excesso de estimulação visual (para quem assiste), a sensação da passagem do tempo parecia bem menor ao tempo cronológico ocorrido. Ao relatar as sensações, Mr. O utiliza termos como “Me senti voando, em liberdade, solto ao mesmo tempo em que a adrenalina e a música aceleram o coração e você não sente o corpo, não sente a dor. Só quando você cansa e vai parando que sente uma “fisgada” no local onde estavam os ganchos. Não tem como explicar. Tem que passar pela experiência para saber como é”.

Essa primeira observação me mostrou e me motivou a procurar outras pessoas que curtissem a suspensão corporal, uma vez que já era evidente que essa prática poderia me colocar dentro de outros “secrets” de vários adeptos de *body modification*. Foi, então, por meio de um dos grupos virtuais que soube da organização de um evento de suspensão corporal que ocorreria em uma chácara, em uma cidade satélite de Brasília.

O evento, assim como outros eventos relacionados à suspensão corporal coletiva ou sobre práticas de *body modification*, é dado como incerto até a data próxima do dia marcado

para acontecer. Os recursos para alugar lugares (chácaras, galpões) e comprar materiais e eventuais gastos são custeados pelos participantes do evento, sendo que os mesmos precisam pagar as passagens, alimentação, perder dias de trabalho e abandonar seus estúdios. De fato, nunca se sabe quem e a quantidade de pessoas que participará dos eventos. Geralmente, os eventos contam com poucos organizadores e os apoios são dados a distância, como por exemplo: alguém que se prontifica de levar os ganchos da suspensão corporal para os eventos, outros participantes que se encarregavam em levar materiais descartáveis que adquiriram por preços mais acessíveis, entre outras condições organizadoras. Essas condições fazem com que se alguém falta com as responsabilidades designadas, outras atitudes imediatas deverão ser tomadas, tais como, solicitar que se realize uma “eaixinha” para comprar alguns materiais indispensáveis. Em outras ocasiões, é diminuída a quantidade de atividades que poderiam ser realizadas.

Para esse primeiro evento coletivo, entrei em contato por *Facebook* com o organizador Mr. B que, de antemão, me questionou sobre meu interesse e como havia conseguido informações sobre o evento. Me apresentei como um admirador e interessado sobre a prática de suspensão corporal e também em ter contato com pessoas que eram adeptas e gostavam de utilizar técnicas e conversar sobre modificação corporal. De resposta imediata, Mr. B disse que poderia participar mesmo sendo um grupo seletivo e que era vetado a participação de pesquisadores e curiosos. Temeroso, me apresentei, novamente, como doutorando em psicologia e que tinha o interesse em conhecer com mais propriedade o contexto em que surgiam as práticas de *body modification*, e que minha proposta de pesquisa se afastava de um modelo tradicional de análise “psicopatologizante” das existências. Continuei dizendo que meu interesse era realmente conhecer e falar sobre essa diversidade de possibilidades de se lidar com os corpos, prazeres, estéticas, estilos de vidas, amizades, preconceitos, técnicas, motivações. Mediante tal explicação, disse que permitiria a minha participação juntamente com mais uma antropóloga que viria de Natal para o evento; no entanto, revelou que havia descartado outras pessoas curiosas e possíveis pesquisadores de participar do evento.

A crítica de Mr. B, assim como os discursos das pessoas que encontrei durante o campo cartográfico foi de que detestavam participar de trabalhos acadêmicos devido os resultados pejorativos que acompanhavam a descrição da realidade dos adeptos de modificação corporal, principalmente de áreas biomédicas (“patologizantes”) e da comunicação (“espetacularização”).

A partir de então, com o aval do Mr. B, comecei a me interar sobre os assuntos relacionados ao evento, de modo a me apropriar de informações necessárias para a

socialização. As notícias eram desconstruídas e a cada momento surgiam novidades. O Mr. B apenas me assegurou: “Você vem um dia antes do encontro, vai até ao meu trabalho e te darei as coordenadas de onde nos encontraremos para sairmos para a chácara. Nos encontraremos todos que vieram de outras cidades e partimos juntos”. Assim dito, um dia antes fui para Brasília e tive um rápido encontro com o Mr. B no estúdio que ele trabalhava e o mesmo me orientou a esperar ele e outros participantes às 20:30h na última estação de metrô de Brasília.

Uma vez no ponto de encontro, me deparei sozinho, pois as primeiras pessoas já haviam sido deslocadas de carro para a chácara. Essa situação específica me fez sentir que poderia estar em uma grande “furada”. Após uns 20 minutos começou a chegar pessoas com mochilas de acampamento, com sacos de dormir, sacola com alimentos. Percebi neste momento que eu parecia um “—manheiro de primeira viagem”, pois só havia levado cobertor e roupas. No entanto, como muita pessoas acabavam de chegar do aeroporto, muitos também não haviam comprado alimentos para na média de 4 a 5 dias; nos deslocamos para um supermercado para realizar compras de mantimentos.

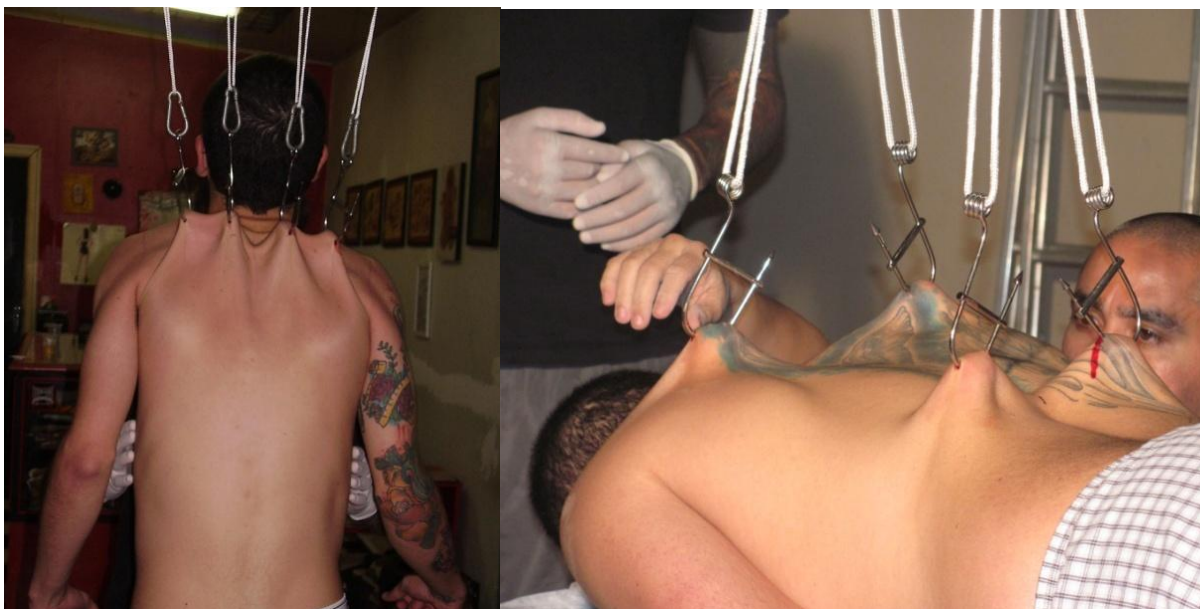
Estar com o grupo e adentrar ao supermercado funcionou como uma pista cartográfica interessante de como essas pessoas mudavam a paisagem psicossocial do supermercado e atraíam olhares desconfiados e direcionados para eles. De fato, era um grupo *sui generis* em seus estilos visuais, mas estava para além das aparências o que desejava conhecer.

A minha primeira sensação era de como eu, sem marcações corporais evidenciadas poderia estabelecer uma socialização, de maneira a não comprometer o campo social a ser cartografado. Era um misto de encantamento e receios: encantamento em relação às possibilidades em estabelecer outras conexões com pessoas, que até então, não habitavam meu território existencial; receios devido aos estranhamentos que aquelas pessoas barulhentas e com corporalidades distintas me causavam. Como iria me sociabilizar?

Compreendo que tiveram dois acontecimentos importantes para que ocorressem encontros felizes com o campo de pesquisa. O primeiro era que grande parte das pessoas não se conheciam pessoalmente ou nunca sequer haviam conversado em outros momentos. O segundo acontecimento estava relacionado ao incidente de um vendaval que enfrentamos durante a primeira madrugada e que fez com que fossemos solidários uns com os outros em relação a organização do ambiente do acampamento, com as barracas que se desprenderam, divisão de medicação para gripe e dor de cabeça, compartilhamento de blusas e alimentos. Eu que não tinha lugar para dormir, consegui emprestar uma barraca de uma pessoa que generosamente havia levado um conjunto extra para ser emprestado para alguém que precisasse.

Na mesma noite que chegamos, anterior ao vendaval, as pessoas interagiam timidamente, tentando encontrar locais adequados para montar as barracas ao passo que buscavam organizar os materiais para a realização das suspensões naquele mesmo período. Esta organização consistia em pontos estratégicos em que pudessem armazenar e manusear materiais descartáveis e esterilizados próximos a maca de perfurações e da caixa de descarte de materiais perfuro-cortantes. O Mr. M apareceu no salão onde ocorreriam algumas suspensões corporais e dizia: “Bora, bora sumir, se ficar enrolando, ninguém sobe”. O termo “subir” era recorrentemente utilizado para se referir ao ato de ser suspenso.

O Mr. M era um rapaz alto e pesado e iria “subir” na posição denominada “superman”, ocasião que mobilizou o grupo, mesmo com o frio e vento, a se concentrar no salão destinado para as suspensões.



**Imagens 34 e 35:** Imagens da 1ª e 2ª suspensões corporais assistidas

Como podemos observar nas imagens 34 e 35, as suspensões eram processos que envolviam muitos detalhes a serem descobertos, ao mesmo tempo que também era importante manter as relações de socialização com as pessoas que ali se encontravam.

A decisão em selecionar e colocar algumas dessas imagens<sup>69</sup> ocorreu devido às dificuldades em traduzir em palavras aspectos visuais extremamente singulares, como por

---

<sup>69</sup> Como perceptível, a fotografia foi um atravessador constante ao longo do corpo do texto da tese. Tivemos tanto imagens fotografadas por mim, quanto fotografias elaboradas por profissionais e auto-retratos realizados por participantes que me autorizaram a apresentar suas modificações corporais neste trabalho acadêmico. Durante o campo cartografado realizei o registro de inúmeras fotografias digitais que foram nomeadas e arquivadas com registro de datas, locais e indicado a ocasião em que ocorreram (nome dos eventos e encontros).

exemplo, as intervenções na pele por meio de pigmentação e perfurações, as práticas de prazeres não-convencionais, grupos de sociabilidades, entre outros. As imagens, nesta tese, não foram tratadas como meras ilustrações ou uma relação de menor expressão em relação à escrita. Ao tratarmos as fotografias como documentos de registro, estamos compreendendo essas expressões imagéticas como possibilidade de práticas discursivas em cenas que se confundiam entre realidade e ficção. A proposta imagética trouxe para a pesquisa a mobilidade entre a arte e a experiência vivida e relatada. A manifestação política das fotografias afeta por si só, devido a sua dimensão visual de uso subversivo das práticas corporais apresentadas. Particularmente para mim, como pesquisador, as fotografias funcionaram como um registro bastante pertinente para confrontar minhas anotações de campo, remetendo ao vê-las, minha *“autobiografia cartográfica”* e meus afetos recorrentes nos acontecimentos experienciados.

Ao capturar uma imagem, mesmo que pelas lentes de uma câmera fotográfica, estava presente uma sensibilidade e atenção seletiva para o que me chamava atenção aos elementos heterogêneos dispostos no campo social cartografado. A partir das leituras de Gilles Deleuze, Félix Guattari e Suely Rolnik analisamos que *“eu-campo”* era uma composição de efeitos políticos de produção de conexão do *“dentro”* e *“fora”*, ou seja, o *“eu-pesquisador”* se desmanchava em um processo contínuo de (des)territorialização e composição de outros corpos. Em uma cartografia as corporalidades se constituem e se conectam como intercessores possíveis que acontecem como experiências, afetos, sensações e práticas discursivas.

As fotografias me movimentavam a pensar. A presença nos eventos era atravessada por afetos e sensações imprevisíveis. As fotografias me afetavam premeditadamente, uma vez que recorria às fotografias para (re)ver minúcias e ser afetado por cenas que eu escolhia (re)visitar. Muitas vezes, me surpreendia quando participantes me enviavam fotografias que eu estava presente e tinha sido captado pelas lentes de outra pessoa. Raramente eu era captado pelas lentes, mas quando me enviam algum registro, era com estranheza que me via. Eu estava ali, agachado, fotografando, conversando, anotando, enfim, componentes não-verbais que somente eu poderia dizer das intencionalidades das minhas ações. O que importava eram as situações que aconteciam, e assim, buscava não agenciar imagens *“posadas”*.

O diário de campo, as fotografias e os atravessamentos de afetos que ocorreram em cada paisagem psicossocial (espaços, corpos, objetos, sensações) se tornaram fios instituintes que teciam e alinhavavam a pesquisa cartográfica.

---

No entanto, apresentei apenas algumas imagens que elenquei pertinente para esta pesquisa, uma vez que não se trata de um estudo específico sobre leitura e análise de imagens.

Em uma das ocasiões a qual recorri ao registro fotográfico como um componente de composição da cartografia foi no primeiro acampamento a qual participei. Logo que cheguei à chácara em que iríamos ficar reunidos por cinco dias, me percebi rodeado por umas 60 pessoas, entre profissionais, adeptos e apreciadores de modificações corporais e de suspensão corporal. Não conseguia reconhecer quase ninguém, mesmo àqueles que eu já tinha visto em fotografias nas redes sociais ou que mantinha contato pelas “eurtidas” em imagens dispostas em páginas específicas ou ainda, os quais eu mantinha contato pelos *chats* de conversas virtuais.

A demora para reconhecer as pessoas consistia em que elas continuavam a se modificar corporalmente e, também pela visualização da presença “ao vivo” me causar estranheza. Esse desconhecimento, *a priori*, era estabelecido também pelo fato de que os participantes dos encontros se apresentavam com novos cortes de cabelo, jóias de *piercings* recém adquiridas. As dificuldades eram similares ao nos depararmos com alguém que se utiliza de adornamentos e vestuário diferenciados quando vão a uma importante festa de comemoração. Porém é importante frisar, que a maneira como se apresentavam era uma *performance* apenas para aquela ocasião, pois eles se modificavam e ornamentavam para cada momento especial. Ou seja, quase todas as pessoas encontradas estabeleciam uma relação de cuidado de si cotidianamente e modificavam suas idumentárias, ornamentos (acessórios e jóias de *piercings*) para diversas ocasiões.

Lembro-me de uma ocasião no primeiro acampamento para adeptos de suspensão corporal em que participei, observar em uma das manhãs que havia um dos participantes que sempre acordava mais cedo para utilizar o banheiro. Quando indaguei Mr. F sobre sua disposição em acordar mais cedo que os horários estipulados para as atividades, ouvi a resposta: “As pessoas acham que a gente é porco, só porque alguns usam cabelos compridos com *dreads* ou porque usamos roupas pretas é que não tomamos banho e usamos sempre a mesma roupa. Eu tiro todos os meus *piercings* e alargadores para limpar eles. A gente não é tão ‘porra louca’ assim. A gente se cuida. Cuida da alimentação, tem uma alimentação vegana” (nota de diário de campo).

Ao continuar acompanhando as atividades de Mr. F, observei também que ele realizava atividades destinadas ao grupo de mulheres adeptas de suspensão corporal e também as esposas e namoradas de organizadores e participantes, o que me instigou a questioná-lo novamente sobre a sua organização e ouvindo novamente a resposta: “É, somos mais homens do que mulheres no grupo e a limpeza do local e tem que catar lixo de banheiro e da cozinha e... todos poderiam participar” (nota de diário de campo). Mr. F tinha um relacionamento

estável com uma companheira que também gostava de modificação corporal (embora não estivesse presente no encontro) e ambos se autodenominavam anarquistas, feministas, veganos, em favor da liberdade sexual, da luta indígena e de populações minoritárias que reivindicavam direitos equitativos por meio da participação de movimentos sociais e outros coletivos políticos.

O encontro feliz com Mr. F me ofereceu duas pistas interessantes sobre o campo cartográfico: uma dizia respeito a organização hierárquica e de poder-saber que se instalava naquele território e, a outra, que o adeptos de modificações corporais ampliavam o conceito de *body modification* como muitos outros dispositivos de resistências, criatividade e lutas contra formatações essencialistas. Nesta perspectiva, o *body modification* era um conceito vazio que estabelecia conexões plurais em interseccionalidade com as categorias de raças/etnias/cores de pele, sexualidades/orientações sexuais/gêneros/práticas sexuais/desejos, minorias sociais, entre outros.

A primeira pista foi analisada quando cheguei à chácara onde acampeei pela primeira vez em um encontro com diversas pessoas de todas as regiões brasileiras. Analisei que existiam regularidades e frequência entre práticas discursivas de relações de poder-saber que ocorriam naquele território compartilhado. Era como se me remetesse novamente<sup>70</sup> em um campo em que era evidente as relações hierárquicas e de poder recorrentes nos processos das sociabilidades. Tão logo, foi deliberada a regra:

As mulheres ajudam na cozinha e os homens no cuidado do espaço onde a gente vai suspender. Eu vou escolher as pessoas que poderão ficar até aqui, nesta área restrita para poder me ajudar, e os outros ficarão depois daquela linha limite para não atrapalhar os que sabem perfurar. Vamos distribuir e chamar aos que querem ver as perfurações. Quem quer fotografar, vai fotografar deste lado [indicando o local]. As atividades da cozinha são para as mulheres e as comidas entiquetadas são das crianças que vieram com as mães, portanto, não é para comer. Os que não participam desses grupos vão conversar pela chácara ou fiquem atrás da linha de isolamento onde serão feita as perfurações (fala de um profissional participante).

---

<sup>70</sup> Refiro-me aos agrupamentos e divisões delimitadas encontradas anteriormente no campo de pesquisa do meu mestrado, ocasião em que trabalhei com as hierarquizações e relações de poder entre homossexuais masculinos que freqüentavam lugares de socialização destinados ao público GLS. No texto dissertativo fiz uma comparação entre as ocorrências observadas nas incursões aos campos e a obra literária “A divina comédia” de Dante (1981). Na obra literária, de acordo com as infrações (pecados) cometidas contra a ordem cristã, os sujeitos eram classificados e ocupavam lugares específicos em um abismo cônico composto por nove círculos, na qual a camada mais superficial ficavam os *pusilânimes*” (aqueles que durante a vida, não se definiram nem pelo Bem e nem pelo Mal, repelindo assim Deus, no entanto, não aceitando o Demônio) e a camada mais profunda onde encontravam-se os traidores, seja quais forem suas traições (a seus parentes, amigos, benfeitores e à Pátria). Ver: DANTE, Alighieri. **A divina comédia**. Tradução, prefácio e notas prévias de Hernani Donato. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

Ainda, havia uma rixa e uma tentativa de destaque entre as mulheres que acompanhavam os maridos e namorados (e eram mães de algumas crianças) e as mulheres que iriam se suspender ou que eram profissionais de aplicação de piercing, inclusive acontecendo alguns “bate-bocas” entre elas durante o evento. Muitas dessas discussões eram veladas e iniciadas pelas mulheres casadas e namoradas que sentiam ciúmes de seus companheiros e por não poderem permanecer nos espaços destinados às suspensões corporais por estas serem responsáveis por cuidar das crianças.

Podemos analisar de acordo com Daniel Welzer-Lang (2001), que as relações de socialibilidades entre os homens são evidenciadas para o estabelecimento e a manutenção da construção social das masculinidades, ou seja, a valorização da virilidade, da força, da dominação entre homens e mulheres. Nestas socialibilidades são evidenciados os aspectos de competitividade que podem ser analisados a partir da metáfora da “casa-dos-homens” (WELZER-LANG, 2001, p. 462) para problematizarmos os encontros entre essas masculinidades. Welzer-Lang (2001) nos diz que nessas relações de sociabilidades ocorrem “correções” de desvios e modelações para o acesso à virilidade, por meio de ensinamentos da relação poder-saber (conhecedor e manipulador de técnicas de body modification, perfuração para a suspensão corporal, ter passado pela experiência da modificação ou ter se suspenso, superação da dor, entre outros). Podemos dizer que essas práticas são engendradas por processos de subjetivação e assujeitamentos pautados nos enunciados normativos - sejam eles heteronormativos, sexistas, machistas, do viriarcado, essencialistas, binaristas e universalistas.

No entanto, como nos instrumentaliza Guattari e Rolnik (2005b) é necessário produzir movimentos que desemboque em resistências que escapem aos modelos arcaicos, maniqueístas e capitalísticos. Para isso, os autores analisam que é preciso “[...] criar seus próprios modos de referência, suas próprias cartografias, devem inventar sua práxis de modo a fazer brechas no sistema de subjetividade dominante” (GUATTARI & ROLNIK, 2005b, p. 58). Em uma análise paralela com a pesquisa realizada no campo cartográfico, a relação de implicação e conexão com a paisagem psicossocial visitada não pode se fixar nas continuidades e nas linhas duras que reproduzem modos de empobrecimento da vida coletiva, pois o cartógrafo deve produzir sua existência criadora, inventiva e resistente em enfrentar os discursos instituídos encontrados nas incursões ao campo social. Isto é, deve lembrar que a cartografia envolve posicionamentos sempre em favor da vida potente. Se naquele contexto era perceptível os alinhamentos hierárquicos e de relação de poder, também era visível

práticas discursivas que resistiam ou escapavam a esses processos de estigmatização recorrentes.

Esses embates de forças discursivas me possibilitaram pensar a construção do conceito *body modification* como um “conceito” potente para se conectar e criar atravessamentos (afetar e ser afetado) com outros conceitos bastante pertinentes as discussões das estilísticas éticas e estéticas das existências (trans)contemporâneas. Porém, o que entendemos por este “conceito”? Poderíamos pensar sobre ele como um enunciado científico? Uma construção filosófica ou artística? Um quebra-cabeça ou uma palavra-chave para construir saberes? Por que e para que diríamos que o termo “*body modification*” seria um conceito?

Partindo de Deleuze e Guattari (2009), todas as áreas de saberes agenciam formas de pensar, porém, existem diversos paradigmas e modos de produzir conhecimento. Assim, a criação de conceitos seria, para os autores, uma competência da área da Filosofia que engendram formas para elaborar e problematizar resoluções de questões filosóficas específicas. Sobre o conceito de “conceito”, os autores dizem:

Não há conceito simples. Todo conceito tem componentes, e se define por eles. Tem portanto uma cifra. É uma multiplicidade, embora nem toda multiplicidade seja conceitual. Não há conceito de um só componente: mesmo o primeiro conceito, aquele pela qual uma filosofia “começa”, possui vários componentes, já que não é evidente que a filosofia deva ter um começo e que, se ela determina um, deve acrescentar-lhe um ponto de vista ou uma razão (DELEUZE & GUATTARI, 2009, p. 27).

Desse modo, analisamos que a implicação desta discussão nos traz a ideia que todo “[...] conceito remete a um problema, a problemas sem os quais não teria sentido, e que só podem ser isolados ou compreendidos na medida de sua solução” (DELEUZE & GUATTARI, 2009, p. 27-28). Ou seja, a problematização de um conceito não pode ser isolada de seu contexto, pois ele sempre está acompanhado e se relaciona com múltiplos outros problemas convergentes de saberes localizados em determinados períodos históricos.

Partindo do exposto, podemos dizer que todas e quaisquer problematizações das modificações corporais por meio das técnicas de *body modification* implicam nas co-existências e atravessamentos que surgem para as construções de novos problemas apresentados. Neste sentido, ao se estudar as questões das corporalidades modificadas precisamos conectá-las a outros conceitos interdependentes que os sustentam em sua criação e composição. Para os autores, “[...] cada conceito remete a outros conceitos, não somente em sua história, mas em seu devir ou suas conexões presentes. Cada conceito tem componentes

que podem ser, por sua vez, tomados como conceitos [...] (DELEUZE & GUATTARI, 2009, p. 31). Em suma, os conceitos possuem historicidades e são criados jamais do nada, servindo como uma espécie de ponte para a criação de outros conceitos. Por isso os conceitos possuem devires e plasticidade de componentes distintos e heterogêneos que os compõem inseparavelmente.

Portanto, se um conceito é uma invenção ou fabricação complexa para dizer de problematizações, para responder sobre os problemas de um campo social, ele precisa se articular, se conectar e sobrepor outros conceitos que, em um primeiro momento, não aparecem visibilizados. Um conceito só pode se potencializar se ele vibrar com outros componentes heterogêneos, pois um conceito não surge isolado e livremente. Todo conceito é agenciado a partir de uma gama de outros conceitos que já foram pensando; por isso "[...] todo conceito tem uma história" (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p.29) que por sua vez, se remete a seus antecessores. A história de um conceito nunca é linear; ele sempre está em meio aos outros problemas, a partir das composições de outros saberes e em outros contextos sócio-históricos, culturais e políticos. As corporalidades modificadas não são novidades ocorridas na (trans)contemporaneidade. Elas não são apenas acontecimentos emergentes; elas possuem proveniências em diversos outros períodos históricos.

Nas discussões trazidas para essa pesquisa de doutoramento, problematizamos as corporalidades como estratégias discursivas que desmantelam os corpos naturalizados, essencializados e universalizados. Esses embates políticos conectam essas corporalidades como experimentações tecnológicas que acompanham as visibilidades das modificações corporais que insurgem na cena cotidiana. As corporalidades intensificadas pelas técnicas de *body modification* se materializam em suas existências visibilidades e pouco convencionais.

Muitos adeptos das práticas de modificações corporais e de práticas de prazeres singulares se apresentam como personagens conceituais, existências para além dos personagens psicossociais referenciados e explorados pelas construções de saberes das áreas das humanidades, ciências sociais e da saúde coletiva. Sobre os personagens conceituais, Deleuze e Guattari (2009) nos dizem:

Os traços dos personagens conceituais têm, com a época e o meio históricos em que aparecem, relações que só os tipos psicossociais permitem avaliar. Mas, inversamente, os movimentos físicos e mentais dos tipos psicossociais, seus sintomas patológicos, suas atitudes relacionais, seus modos existenciais, seus estatutos jurídicos, se tornam suscetíveis de uma determinação puramente pensante e pensada que os arranca dos estados de coisas históricos de uma sociedade, como do vivido dos indivíduos, para fazer deles

traços de personagens conceituais, ou *acontecimentos do pensamento* sobre o plano que ele traça ou sob os conceitos que ele cria. Os personagens conceituais e os tipos psicossociais remetem um ao outro e se conjugam, sem jamais se confundir (DELEUZE & GUATTARI, 2009, p. 93).

De acordo com Deleuze e Guattari (2009), os personagens conceituais fazem mediação entre os conceitos e planos pré-conceituais elaborados para a exposição desses conceitos. Algumas vezes eles têm nome, como por exemplo, ~~S~~ócrates de Platão”, ~~D~~inísio de Nietzsche”, ~~M~~acunaíma” de Mário de Andrade, a travesti ~~G~~eni” de Chico Buarque, o ~~i~~diota”, a ~~p~~uta”, o ~~l~~ouco”, entre outros. Em outros momentos, estabelecem diálogos ou aparecem em formas menos personificadas, como por exemplo, as ~~M~~ulheres de Atenas” de Chico Buarque. O que importa seriam as produções de sentidos problematizadores, uma vez que esses personagens são sujeitos e devires filosóficos (DELEUZE & GUATTARI, 2009). Esses personagens não se binarizam em qualitativos ~~b~~ons” ou ~~m~~aus”, pois o que está em jogo seriam as forças que potencializam os conceitos, ou as forças que interditam e assujeitam potências, desejos e processos singulares de vidas.

As discussões em torno do conceito *body modification*” consistem em saber se ele se estabelece e é reconhecido como um articulador criativo que atravessa e extrapola as fronteiras que limitam a expansão de outro conceito importante – o ~~e~~orpo”.

Os ~~m~~odifiers” ou os ~~m~~oderns primitives” seriam personagens conceituais potencializadores ou identidades fixadas em corporalidades estetizadas? Stuart Hall (2001; 2003) ao analisar que as identidades são projetos multifacetados que caminham para descentramentos e fragmentações que rompem com as concepções fixas e essencializadas das existências interiorizadas, ou como diria o posicionamento deleuziano – produção de modos de existências. Os personagens conceituais, portanto, não seriam apenas pensados, mas seres pensantes em relação às mobilidades e multiplicidades de identidades ao se conectar com outros planos, outras realidades, outros conceitos.

Durante o campo cartografado desta pesquisa, puder ter a certeza que esses personagens não se reduziam a objetos de pesquisa, mas como sujeitos de efetiva perturbação aos conhecimentos deterministas. Eles traziam problematizações para além das modificações corporais; eles intensificavam os questionamentos sobre as potências e interdições do conceito ~~e~~orpo”. Nessas inquietações, ~~e~~u estava no meio”, me via neles e sabia que eu também era um personagem conceitual: o ~~e~~artógrafo” – pesquisador que dentre diversas identidades ocultas, estava o psicólogo que também tinha um corpo desejante. Bastava ouvir, ver se sentir essas pessoas e me interessar cada vez mais pelo campo que estava implicado.

O conceito *body modification*”, portanto, nunca esteve isolado, pois ele se conectada com outros movimentos de reivindicação de amor ao corpo, ao prazer e a vida como bem maior. Essa realidade se materializava quando ouvia os personagens *modifiers*” ou os *moderns primitives*” em suas vidas quase integralizadas. Neste campo cartográfico habitavam desordeiros, transgressores, corporalidades pensantes, vidas vibráteis e pulsantes que se conectavam em contrassensos de suas identidades.

Encontrei vários personagens conceituais em suas intensidades vazadas; havia a *Bruxa*”, personagem que reivindicava seu corpo profanado pelas suas modificações corporais e pela ideia contrária ao cristianismo – o satanismo. A *Vegana*”, dentre suas modificações corporais, as tatuagens faziam referências aos alimentos saudáveis e sem a presença de carne animal. O *Artista*” condicionava as modificações corporais como atravessador para suas performances de danças, teatrais, *happenings* e *body arts*. O *Eriador*” e o *Louco*” suas características intempestivas eram voltadas para experimentações mais radicais e extremadas, sempre coletivizando suas experiências e incentivando os outros a vivenciarem em suas intensidades e prazeres. A *Pin Up Girl*” e o *Suicide Boy*” que apresentam as investidas estéticas vinculadas à moda e à visibilização de suas modificações corporais publicizadas, principalmente em redes sociais. O *Viajante*” retrata o nomadismo e o desprendimento de pertencer a um território fixo; são personagens aventureiros, que vivem com mochilas nas costas e viajam para outras cidades e países por meio de caronas e hospedagens solidárias de outros *suspenders*, *modifiers* ou *modern primitives*, ou seja, com pouco dinheiro e organização vivenciam o tempo presente de forma intensa e extensiva. O *Profissional*” seria aquele sujeito que personifica as modificações corporais e as experiências extremas em si mesmo; reconhecido por ser um estudioso e questionador dos saberes instituídos, se destaca entre os outros por conhecer técnicas de biomedicina, física, engenharia de materiais (cordas, metais biocompatíveis), primeiros socorros, coletador de informações de outras experiências bem ou mal sucedidas. O *Anarquista*” e a *Feminista*” representando, evidentemente, as posições políticas da vida e aproximações de lutas aproximadas aos movimentos sociais reivindicatórios de usos e prazeres corporais sem uma relação inteligível do sistema *sexo-gênero*” e das premissas da heteronormatividade. Da mesma maneira que os dois últimos, o *Bicha*” e a *Bissexual*” problematizam a heterossexualidade compulsória e as identidades sexuais inteligíveis. A *Bicha*” traz desconfortos visíveis às construções das masculinidades, pois mesmo em um projeto rebaixado em *ser/estar*” homem, elas se destacam pela ousadia e enfrentamento de piadas e nas características em agüentar a dor física (tipificadas ao sexo

macho/gênero masculino). Já a *“Bissexual”*<sup>71</sup>, personagem quase exclusivamente feminina é um potente e perturbador problematizador entre os agrupamentos dos *modifiers*. Essa personagem conceitual pode ser considerada quase mística por sua ambiguidade; desperta interesse de homens e mulheres pela ambivalência de prazeres que escapam as identidades sexuais definitivas, problematizando os desejos e subversão das inteligibilidades. Vale ressaltar que esses personagens mencionados não devem ser rótulos identitários, pois eles não são fixados em imagens representacionais, mas pensados como devires, como possibilidades, como processos de criação e composição de suas próprias existências.

## 5.2 CONVERSAS (IN)PERTINENTES: SOBRE OS ACONTECIMENTOS DE UMA ENTREVISTA

Corpo estético, corpo obeso, corpo desejado, corpo mutilado, corpo performático, corpo *queer*, corpo modificado, corpo ambíguo, corpo sagrado, corpo profano, corpo sexualizado, corpo em movimento, corpo *freak*, corpo midiático, corpo capital, corpo censurado, corpo disciplinado, corpo controlado, corpo tecnológico, corpo ficcional, corpo manifesto, corpo nômade, corpo híbrido, corpo cibernético, corpo pós-humano, corpo (trans)bordante, corpo subjetivo, corpo objeto, corpo abjeto, corpo-poder, corpo resistência. Corporalidades! Corpo com sentido! Corpo consentido! Se eu te perguntar: —O que suporta o seu corpo, o que me responderia?”

Realizei algumas entrevistas para compor as análises cartográficas dos afetos e desejos. Durante as entrevistas, busquei problematizar questões pertinentes às modificações corporais conjugadas aos estilos de vida, processos desejantes, práticas sociais recorrentes, vivência de experiências e desdobramentos advindos desses afetos.

As entrevistas<sup>72</sup> foram realizadas individualmente e com questões abertas, sendo estas orientadas apenas por anotações pertinentes para que conseguisse abordar alguns temas

---

<sup>71</sup> Torna-se interessante salientar que essa personagem propõe à invisibilidade das identidades sexuais lesbianas e a tentativa de visibilização de desejos e práticas bissexuais. Encontrei mulheres que se autodenominavam heterossexuais e as que se denominavam bissexuais (ou que diziam ter experienciado relações com pessoas do mesmo sexo biológico – outras mulheres). No entanto, mesmo as que estavam direcionadas para relacionamentos lésbicos dificilmente apresentavam esse posicionamento político. Entre os homens essa temática era um tabu; embora em conversas privadas, algumas pessoas que encontrei me disseram sobre algumas práticas homoeróticas, muitos deles preferiam manter essas discussões na condição do indizível. Percebi que homossexuais visivelmente identificados como *gays* (muitas vezes tratados no feminino) eram bem mais aceitos se comparados com os homossexuais que instauravam a dúvida sobre suas orientações sexuais e experiências com outros homens. As experiências homoeróticas relatadas entre homens eram afirmadas como experiências com outros homens apenas passivos e afeminados. Em relação às bissexuais era evidenciado, pelos homens, o desejo de relacionar-se com mulheres que também se relacionavam com outras mulheres.

<sup>72</sup> De acordo com procedimentos éticos para pesquisas acadêmicas foi respeitado os incisos dispostos na Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde que constava a autorização do registro das informações (áudio-gravadas e transcritas) e divulgações de informações diante do

relevantes para problematizar o *body modification* em sua emergência. As entrevistas foram áudio-gravadas e transcritas na íntegra pelo próprio pesquisador. A decisão da *decoupage* do material áudio-gravado pelo entrevistador se fez importante para que se pudesse analisar o processo de conversação, ou seja, os momentos disparadores de produção de subjetividades ocorridas durante as interlocuções entre entrevistador e participante.

A escolha pelos colaboradores-entrevistados para a pesquisa se deu mediante contatos ocorridos durante as incursões aos campos. Os personagens selecionados para as entrevistas eram pessoas que me interessaram devido seus posicionamentos e imersões no mundo das modificações corporais, isto é, possuíam atributos relacionados às modificações corporais e eram adeptos de técnicas de *body modification*, além de apresentarem interesse em conceder a entrevista. As especificidades e características dos participantes, tais como, faixa etária, nível de escolaridade, classe social e econômica, religião, raça/etnia/cor de pele, estado conjugal (envolvimento afetivo), profissão entre outros, não eram determinantes para a seleção, sendo o principal componente de escolha, a vivência das transformações corporais e a aceitação das regras éticas esclarecidas anteriormente à entrevista.

A questão ética determinada pelo Comitê de Ética de pesquisa com humanos foi bastante problemática para negociar com os entrevistados. Todos os entrevistados questionaram a impossibilidade de utilizar os próprios nomes (ao invés de nomes fictícios) em suas práticas discursivas. Esses questionamentos eram parecidos com os trazidos pela população de moradores de rua e de travestis a qual pesquisei e realizei intervenções psicossociais em momentos anteriores. Um dos entrevistados me confrontou sobre a ética a qual mencionei em relação ao Comitê dizendo: –“Como assim, ética? Você quer que eu fale sobre minha vida, sobre minhas coisas, sobre minhas experiências e não quer que eu fale que foi eu quem disse? Você não pode creditar o que eu disse sobre mim? Que absurdo. Isso é ética? Qual ética você responde? A da pessoa que você está entrevistando ou uma ética de uma instituição que nem sabe quem eu sou e nem se importa com que eu falo.” (nota de campo). Em outra entrevista, sobre as mesmas prerrogativas éticas, –“F3 ou F5” indaga: –“Bom, acho estranho não colocar o nome. Pois pensa comigo... vai que daqui 20 anos alguém quer saber quem falou ou pensava isso e daí não vai ter o nome da pessoa que pensava daquele jeito. Eu achava importante deixar o nome. [...] É que a gente que fala e não tem nome (risos)” (trecho de entrevista de –“F3 ou F5”). Por fim, nas negociações finais, permaneceu o nome fictício escolhido pelos colaboradores-entrevistados.

O entrevistado foi “F3 ou F5”<sup>73</sup>, que escolheu esse nome para manter uma ambigüidade e remeter-se a numa nomenclatura que se remetesse às tecnologias. A primeira vez que soube da existência de “F3 ou F5” foi em uma fotografia na extinta rede social “Orkut”; sua fotografia se apresentou como uma imagem enigmática e surreal. Era uma fotografia de rosto, olhos fechados, cor de pele embraquecida e com manchas que remetiam a ideia de sangue. Eu não consegui identificar se aquela foto era produzida por algum recurso de *photoshop*, ou se realmente era como ele se apresentava fisicamente. Mantivemos contato por redes virtuais e marcamos para conversar várias vezes, no entanto, “F3 ou F5” declinava da ideia do encontro presencial. Justificava que não teria muito a dizer; em outros momentos dizia que havia decidido não dar mais entrevista, como se indicasse certa desconfiança sobre o processo. Por fim, após muito pensar, decidi conceder a entrevista.

Combinamos de nos encontrar na estação de metrô Barra Funda, em uma das ocasiões em que eu visitava a cidade de São Paulo. De longe avistei um sujeito alto, magro, sorridente, de regata e um short curto – que parecia alongar mais as suas pernas tatuadas.

Transitamos pelo metrô e andamos pelas ruas e estabelecimentos da região central de São Paulo. Durante a passagem pelos locais públicos era muito interessante perceber os olhares dos pedestres que cruzavam nossos caminhos. As expressões variavam entre espanto, nojo, entusiasmo, curiosidade. Podíamos observar que “F3 ou F5” não passava despercebido, mesmo na região da alta Augusta, sem ser notado. Também pude observar que o entrevistado não parecia se importar com os olhares desconfiados, uma vez que estava entretido com as minhas perguntas e em relatar situações abordadas por mim. De fato, “F3 ou F5” estava acostumado com as situações e já não se importa com tais olhares. Eu achava tudo muito interessante!

O entrevistado “F3 ou F5”, no período da entrevista tinha 30 anos, temporariamente se identificava como homossexual, residia com a família, e se considerava colorido (quando questionado sobre sua raça/etnia e cor de pele) e ateu, possui 3º grau completo, e no momento da entrevista namorava, trabalhava na área de *performances* artísticas e gerenciava o próprio *site* relacionado às estéticas e modificações corporais. Alto, magro, sorridente, visivelmente apresenta modificações corporais realizadas por meio de técnicas do *body modification*. Também utiliza roupas *unissex*, despojadas e com referências às culturas *undergrounds* da Contracultura para compor o visual casual. Oriundo de uma família evangélica (Congregação Cristã do Brasil), “F3 ou F5” teve que produzir, desde a infância,

---

<sup>73</sup> Embora tenha realizado cinco entrevistas, neste momento optei por apresentar apenas uma das entrevistas.

modos de resistência às normativas relativas ao seu estilo de vida, sua relação com as crenças, modos de vivenciar a sexualidade e experienciar o seu próprio corpo.

A partir da entrevista de “F3 ou F5”, problematizei algumas questões relacionadas às construções de projetos de corporalidades inacabadas. O que vivemos naquilo que vivemos? O que fazemos com aquilo que nos acontece? Como acontecemos em corpos? Em que e como nos tornamos? Seria possível criar corpos um pouco mais afastados das barreiras que cerceiam nossas ocupações no mundo? Essas perguntas inicialmente desfocadas de respostas certeiras nos colocam em movimento para pensar as corporalidades e as percepções que temos do que denominados de “~~n~~ossos” corpos em condições de *body modification*.

As construções dos corpos não principiam e muito menos findam; elas surgem meio a vida<sup>74</sup>. Em uma perspectiva deleuziana e guattariana, a vida surge como potência que busca criar a si mesma como modo de experimentação, assim sendo não pode ser dita como um componente natural, humano, divino ou absoluto. A vida apenas acontece e, em específico nas experiências do *body modification* fica evidente o quanto a vida pode ser ampliada e resignificada a cada acontecimento das variações corporais, o que implica em variações de sentidos, sensações, pensamentos, afetos, desejos e prazeres.

Então se não existe uma dada natureza originária, como pensar a natureza de nossas existências? A ideia de “~~n~~atureza” pode ser analisada, a grosso modo, como uma parte que constrói e inventam uma realidade, assim como o humano, os regimes de verdades, as crenças também a constroem. Nesta perspectiva, a vida insurge como potência que cria a si mesma em que ela acontece em relação ao mundo, em relação com outros seres vivos e não vivos, e consigo mesma. Assim sendo, não existiria um eu, um indivíduo, uma consciência ou um corpo, sendo esses constructos que serviram/servem desde a época medieval para que tornemos nossas existências inteligíveis.

Segundo “F3 ou F5”, durante toda a sua infância e adolescência teve seu corpo interditado, moralizado, disciplinado e controlado devido a aprendizagem familiar/religiosa e também pela participação em outros contextos sociais aos quais foi se inserindo ao longo da vida:

Eu não ficava nem sem camisa, sabe. Eu fazia natação e não tomava banho com os outros meninos porque eu tinha vergonha de ficar pelado. E também

---

<sup>74</sup> A ideia de “~~v~~ida” utilizada se refere à composição dos conceitos de “~~a~~tual” e “~~v~~irtual” discutidos por Deleuze e Parnet (1998), em que os modos de existir propõe uma abertura para os devires, para as desterritorializações e conexões com outras realidades, com outros corpos, com outros afetos.

tinha a coisa de ser *gay* também. Então como ia ser? Eu voltava molhado embora, eu era besta e tal. Daí, eu fui perder um pouco da vergonha em ter problemas com o corpo foi quando eu comecei a fazer a modificação corporal. As primeiras tatuagens foram me liberando o corpo aos poucos. Eu tatuava as pernas, e daí veio a bermuda que eu passei a usar. Eu tatuei os braços, e daí veio as regatas que também comecei a usar (trecho 1).

[...] eu venho de família cristã, né, e é cristã protestante e tal. Meu pai era bem fanático na infância, bem fanático mesmo, de não ter televisão em casa, não podia ler, é..., só podia ler a bíblia. Isso foi até os meus... bom, eu sofri menos porque eu era o caçula dos meus irmãos, então eu fui o que sofreu menos. Aos doze anos eu decidi que não iria mais na igreja e não fui mais. Já os meus irmãos mais velhos, por exemplo, a minha irmã foi até casar. Era uma coisa de ir obrigado, ir chorando, brigando, enfim, não era uma coisa saudável. E aí, acho que foi na minha adolescência que eu comecei a [...] (trecho 2).

Comecei a me modificar na verdade com piercings, mas eu não me sentia a vontade. Eu fui me sentir a vontade após começar a me tatuar. Mas antes disso eu tinha muito problema com o meu corpo, muito problema mesmo. É, foi indo por aí. Mas eu comecei a questionar isso do corpo e tal foi quando meu pai estava na UTI. Por que meu pai tinha que usar fralda porque ele não levantava da cama... ele ficou muito tempo em coma e ele tinha os momentos de consciência dele assim, ele tinha muita vergonha de estar nu. Daí aquilo começou a mexer profundamente comigo aquilo. Sabe, não tinha que ter vergonha de estar nu, sabe... era um momento que ele não deveria nem pensar sobre isso, em ter vergonha. Isso começou a me incomodar muito. E outra coisa que me incomodou muito era que meu pai era um homem muito bonito e de repente ele ter que ficar nu... é, a disposição que ele tinha que ter de ficar nu o tempo todo né e as pessoas o viam... e era um momento que ele estava feio, tava doente, tava machucado, e isso me incomodou muito. Depois disso foi que comecei o meu primeiro trabalho. Foi na sequência, meu pai estava no hospital ainda (trecho 3).

Podemos analisar a partir dos trechos discursivos retirados da entrevista realizada com “F3 ou F5” que, as privatizações e interdições das corporalidades passam por diversos procedimentos de disciplinas e controles biopolíticos, sejam eles referenciados pelas instituições “família” e “igreja”. No entanto, nos parece que a autonomia frente às realizações *no e pelo* corpo aconteceram impulsionadas por pontos de resistências em concomitância com as experiências prazerosas com o corpo.

A partir dos trechos de relatos de “F3 ou F5”, notamos uma sequência discursiva que demonstra componentes mobilizadores para a renúncia do empobrecimento da vida. O acompanhamento das interdições corporais e a visualização da finitude da potência da vida de seu pai propuseram pensar a própria relação com seu corpo e a buscar estratégias possíveis para compor modos de existências aproximados entre vida e desejo, entre vida e arte.

Mas eu sempre vivi arte e respirei arte. Então tudo que eu fazia... uma pintura, um desenho ou escrever mesmo já era muito solitário, né. Muito mesmo. Talvez quando fossem nas exposições assim, juntava-se, mas era só essa parte que era coletivo, de juntar. Nesse grupo da UNESP já me deu total experiência com o coletivo, pois isso é o tempo inteiro assim. Então tem uns trabalhos assim desde o começo, pois eu achei que ia ser gradativo assim, mas não foi. Desde o começo foi sempre muito intenso, de um corpo virar uma massa de corpos sem separar. Sei lá, de duas pessoas se abraçando daí virava trinta pessoas se abraçando. Inicialmente com roupas e depois nus. Então, era intenso (trecho 4).

Fazer a vida uma obra de arte, em um primeiro momento não parece uma tarefa fácil; ela implica abandonar medos, pré-conceitos e desconfiar das concepções inabaláveis. Ao passo que o temor diminui é preciso abrir-se para as novas experiências, estar aberto para as processualidades permanentes de (re)invenções de si, isto é, favorecendo posicionamentos nômades de (trans/de/in)formações da própria existência. Quais relações inventadas e múltiplas poderiam estar presentes na vida de –F3 ou F5”?

Foucault ao ser questionado em uma entrevista sobre os modos de criar vida desejante, responde a Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow:

- Então, que tipo de ética podemos construir hoje em dia, quando sabemos que entre a ética e outras estruturas há apenas coagulações históricas e não uma relação necessária?

M.F. – O que me surpreende é o fato de que, em nossa sociedade, a arte tenha se transformado em algo relacionado apenas a objetos e não a indivíduos ou à vida; que a arte seja algo especializado ou feita por especialistas que são artistas. Entretanto, não poderia a vida de todos se transformar numa obra de arte? Por que deveria uma lâmpada ou uma casa ser um objeto de arte, e não a nossa vida? (FOUCAULT, 1995, p. 261).

As produções das vidas como obras de artes podem acontecer pelas experimentações do mundo. Para isso se tornam urgentes os distanciamentos de referências representativas, interpretativas e instituídas, e assim buscar construir suas próprias composições de “vidas artísticas”. Para nos aproximar da proposta ética-estética-política das existências indicada por Guattari (2000), devemos problematizar os modos de ser, agir, sentir, pensar e desejar pautados por valores restritivos e binários que impedem as multiplicidades dos devires de se expandirem. No pensamento guattariano, devemos romper com a racionalidade e flertar com o sensível, adentrar ao mundo das sensações e da criação de espaços possíveis de experimentações e composições de si e do campo social. Nesses espaços de possibilidades as diferenças podem co-existir, pois novas estilísticas de existências são bem apreciadas.

“F3 ou F5” parece propor uma constituição de vida artística ao compor seu corpo como um projeto inacabado e em constantes transformações. Em relação às próprias modificações corporais, “F3 ou F5” nos diz:

Eu tenho os *piercings* nas orelhas. Tenho *piercing* no nariz. Tenho *piercing* no lábio. Tenho *piercing* no mamilo. E tenho alguns *piercings*, bom, na verdade, a maioria, estão ganhando tamanhos maiores, então são alargadores bem dizer. Tenho *piercing* no umbigo e tenho *piercing* genital (trecho 5).

Daí eu tenho as tatuagens, eu tenho as tatuagens nos braços, no peito, próximo das virilhas, nas pernas, nas costas eu não tenho. Daí tem as escarificações. Tenho escarificação com *branding* nas costas (trecho 6).

As queimaduras, primeiramente eu fiz para simbolizar como se eu tivesse tido asas e que elas teriam sido arrancadas e daí esse miolo que ficou da cicatriz, eu estou fazendo remoção de pele, de tecido, com escarificação que é feito com bisturi. Não terminei, mas ainda estou fazendo. Além das escarificações eu tenho implantes. Tenho três esferas, três meias esferas de *teflon*, mas esse ano pretendo mudar e colocar silicone. Porque na dança o de teflon está me atrapalhando e no treino da academia também. E eu acho que a modificação corporal não deve atrapalhar o corpo, então quando começa a atrapalhar é um problema, porque para mim já não está bom. E o que eu tenho mais? Ah, eu tenho a língua bifurcada (trecho 7).

Tem dois riscos, que é um trabalho de arte feito com bisturi. Eu cortei, na verdade, mais de uma vez porque a idéia era que ficasse uma marca bem superficial, mas quando eu fiz a primeira vez, ela sumiu. Daí eu fui e fiz de novo... isso faz parte do Projeto T. Angel que faz parte de uma discussão sobre a visão (trecho 8).

O projeto corporal de “F3 ou F5” não se traduz em apenas modificações de seu corpo; é muito mais do que somente isso. Ao se compor singularmente, “F3 ou F5” adentra aos percursos das experimentações e das sensações, que por sua vez, compõem os processos de produção de subjetividades singulares. O projeto denominado de “Projeto T. Angel” provoca a experiência do sensível ao buscar as desestabilizações de territórios sedimentados que interditavam as (re)configurações de suas formas, de seus posicionamentos, de seus afetos e de seus desejos.

Romper com as referências instituídas e padrões dominantes de como “comportar-se” só pode ser possível a partir das experiências. No texto intitulado “Experiência” Joan Scott (1999) problematiza que a experiência é utilizada como uma categoria de análise no contexto acadêmico para determinar uma antiga dualidade entre teoria e prática (mundo das idéias *versus* realidade, discursos instituídos *versus* vivências). Todavia, em um posicionamento

claro, a autora indica que não há experiências afastadas de contextos discursivos, uma vez que elas compõem uma historicidade. Isto é, mesmo que as experiências sejam estados vividos autênticos e imediatos (percepções, afetos e sensações), elas trazem histórias e “verdades” (não aquelas verdades gerais institucionalizadas, mas as “verdades” das posições dos sujeitos). A experiência, em sua potência transformadora e viva, possibilita aos sujeitos alcançar e compor “outras” condições de existências. No entanto, para Scott (1999, p. 42):

Tratar a emergência de uma nova identidade como um evento discursivo não significa introduzir uma nova forma de determinismo lingüístico, ou destituir sujeitos de sua capacidade de agenciamento. Significa recusar a separação entre ‘experiência’ e linguagem e insistir na qualidade produtiva do discurso. Sujeitos são constituídos discursivamente, mas existem conflitos entre sistemas discursivos, contradições dentro de cada um deles, múltiplos sentidos possíveis para os conceitos que usam. E sujeitos têm agenciamento. Eles não são indivíduos unificados, autônomos, que exercem o livre arbítrio, mas, ao contrário, são sujeitos cujo agenciamento é criado através de situações e posições que lhes são conferidas. Ser um sujeito significa estar ‘sujeitado a condições de existências definidas, condições de designação de agentes e condições de exercício’. Essas condições possibilitam escolhas, apesar de não serem ilimitadas. Sujeitos são constituídos discursivamente, a experiência é um evento lingüístico (não acontece fora de significados estabelecidos), mas não está confinada a uma ordem fixa de significados. Já que o discurso é, por definição, compartilhado, a experiência é coletiva assim como individual. Experiência é uma história do sujeito. A linguagem é o local onde a história é encenada. A explicação histórica não pode, portanto, separar as duas.

Scott (1999) trata as “experiências” como atributos lingüísticos que acontecem tanto nos planos coletivos quanto nos planos individuais, sendo dotadas de processos de significações mutáveis. Neste sentido, os sujeitos não podem ser encarados como elementos que possuem as experiências, mas de fato, que eles sejam constituídos pelas experiências. Ou seja, não existe um “ser” sujeito, mas um “fazer” sujeito dado por recorrentes práticas e estados vividos no campo social. Tampouco podemos pensar as experiências com propriedades que existem *a priori* nos corpos viventes. Elas acontecem nas relações, nos atravessamentos, nos encontros entre os sujeitos e o “mundo exterior” (complexo de inscrições sociais) que resultam em um conjunto de sensações e significações, subsequentemente, produzindo sujeitos.

Dentro de uma perspectiva dos estudos culturais e dos estudos de gênero, Scott (1999) pensa as experiências contextualizadas não somente em dados períodos e espaços sócio-históricos, mas também evidenciadas nos embates políticos trazidos pelos agenciamentos discursos e seus discursantes. Assim sendo, as experiências não podem ser entendidas como

conhecimentos lineares, contínuos, acumulativos e acabadas. Embora as experiências possuam uma historicidade elas têm a função de colocar os sujeitos para se movimentar no presente, pois elas não são apreendidas para ser reproduzidas (ou transmitidas). As experiências acontecem na proposta das criações, das migrações, das posições nômades, das potências e negociações para outras vivências e existências.

O participante também relata na entrevista<sup>75</sup> como já foi hostilizado por parentes, religiosos, pessoas da comunidade onde mora assim como por diversos grupos urbanos - que também já sofreram algumas formas de discriminações anteriormente, por apresentar estilísticas das existências que distoam dos ajustamentos constitutivos para as construções das masculinidades. “F3 ou F5” conta que durante toda a adolescência era comum ter que fugir de *punks*, *skinheads*, entre outros, devido sua mescla no uso de acessórios e idumentárias para compor, junto às modificações corporais, uma estética híbrida, sem identidade grupal definida e sem marcação de gênero rígida.

No que diz respeito ao modo como vê o mundo, a partir das modificações corporais e em relação específica a sua orientação sexual/identidade de gênero/ prazer corporal, “F3 ou F5” adentra as discussões sobre (res)significar o gênero e como se sente como uma transexual. Os processos desejantes, os discurso e imagens, assim como, as práticas realizadas pelo *body modification* se inserem dentro das perspectivas das experiências e experimentações conforme podemos ilustrar com a fala de nosso colaborador dessa pesquisa:

Bom, tudo começou quando comecei o projeto T. Angel. E aí já era uma ideia que estava circulando na minha cabeça que eu era transexual. Na época eu pensava que era transexual, e hoje menos... naquela época era muito forte, mas hoje menos. E eu quis colocar isso dentro desse trabalho que não está pronto ainda, mas que vai ainda acabar. E aí, eu tinha uma descrição no perfil, e colocava lá... é... num sei se transgênero ou transexual, algo do tipo... enfim, tava lá... e daí tem uma galera do BME que é super *hardcore* e daí eles começaram a me questionar muito se eu faria a mudança de sexo. Para mim, a coisa de ser transexual é transcender a questão, a ideia sexual. Às vezes, eu me vejo como uma mulher, mas eu acho que... eu nunca quis ter seios, vagina, nunca. Mas eu acho que um corpo masculino e uma identidade de gênero feminina... caralho, sabe assim? É tão do caralho quando um cara que tenha pinto e seios. Acho foda. Daí, as pessoas começaram a me questionar muito se eu ia fazer ou não ia. Eu falava que naquele momento não passava pela minha cabeça fazer uma mudança transgenital, mas a gente não descarta, né, no futuro. E daí o pessoal reclamava (risos). Mas é bem baixa a possibilidade, porque assim, eu li uma coisa que me interessou, não sei se foi nos estudos da psicologia, mas que falava que a transexual não precisava da genitália para construir seu gênero.

---

<sup>75</sup> A entrevista na íntegra está consta nos registros da seção —Axxo”.

Eu acho que não precisa, dá para constituir seu gênero feminino sem fazer a cirurgia (trecho 9).

Nunca tive ódio de pinto com vontade de querer arrancar não. Sei lá, eu não descarto nada nessa vida. Teve aquele cara africano maravilhoso que eu entrevistei que ele fala que ele também se considera transexual, só que com seios e com pinto, um puta pinto porque ele colocou silicone no pinto. Ele ainda fala da coisa de transcender a sexualidade anatômica, de se ir além. Bom, eu acho que eu estou nessa pegada, sabe. Não um terceiro sexo, uma outra coisa, porque na minha cabeça... por exemplo, hoje eu tenho uma relação homossexual, meu namorado é gay e eu sou teoricamente gay. Mas na minha cabeça eu sou transexual... para mim... hum... eu não tenho vontade de me vestir como mulher, eu não tenho vontade de ter vagina, mas eu sinto muito, eu converso com menina... eu sempre fui muito próximo de mulher e eu me identifico inteiramente com o mundo feminino, com as mulheres e a sensibilidade feminina. Nesse sentido, eu sou muito mulher, para caralho. E ontem a gente estava numa discussão sobre estupro e uma amiga me disse: —*Oha*, a gente precisa de mais homens como você”. E eu me sinto esse homem, sabe, essa coisa de um homem militar pela causa feminina, porque eu não me sinto tão distante de ser mulher, por mais que eu não tenha uma aparência feminina. Então, para facilitar o entendimento, é uma relação homossexual, mas não é, não é mesmo. Pode dar a impressão que eu esteja querendo colocar pêlo em ovo, mas não é não, cara. É bem esse sentimento mesmo. Eu acho que... eu já meditei sobre isso também, se era falta de... como posso dizer, se era falta de alguma coisa para eu me assumir como homossexual. Eu não preciso me vestir como uma mulher,entendeu? Foi essa conclusão que eu cheguei, eu fiquei pensando muito sobre isso. Será que tenho que me travesti, ter peito, ter vagina, usar calcinha para me sentir mulher? Conheço um monte de mulher foda que não faz isso, e não tem a ver com lésbica. Por isso na minha cabeça, a transexual é nesse sentido (trecho 10).

Eu acho que... quando eu falo do T. Angel, principalmente, eu quero ver como vou projetar essa neutralidade de pessoa, de um personagem que não marca um sexo... eu tenho tentado evitar os personagens nus para sempre preservar essa coisa da genitália porque a gente está muito ainda na carne isso do genital. Mas eu acho que eu poderia muito facilmente dizer que eu me enquadro nessa perspectiva trans assim (trecho 11).

Eu acho legal ter essa cabeça de mulher e olhar no espelho e ver um cara. Eu adoro. Até o dia que eu me vi como mulher, eu odiei. Foi um trabalho pesadíssimo que depois que acabou eu fiquei: —*Vai, volta!*”. Porque eu olhava para o espelho e não me identificava com aquela imagem de mulher. Toda aquela discussão, aquela confusão, saiu e acabou. Eu gosto dessa coisa, pensar como uma mulher, com essa sensibilidade feminina que eu sei que é muito forte e... mas ter um corpo masculino, forte, ter força, eu gosto de ter força, eu gosto de mulher bombada. Eu não sei se tem estudos, eu li pouco sobre isso (trecho12).

A potência das modificações corporais propõe a “F3 ou F5” a emergência de novas corporalidades, sexualidades, sensibilidades, sensações, afetos e modos de pensamentos, ou seja, novos processos desejantes e outras políticas existenciais.

Sobre a emergências de novos processos desejantes e outras políticas existenciais, Deleuze e Guattari (1996d) não compadecem, não são complacentes ou piedosos com os corpos ao buscar “desorganizá-los”, revirá-los, testá-los, experienciá-los. Partindo desses autores, analisamos que eles propõem desterritorializar as delimitações forçadas de corpos reduzidos a estados fixos. Autores como Artaud, Masoch e Sade ao propor a dor como um acontecimento possível de experiências de prazer, sugerem que os corpos sejam como processos descontínuos, corpos em devires que se movimentam contrariamente aos estados de corpos que “não podem”, “não devem”, “não conseguem”. Postular os corpos como estados fixos e organizados nos impede de pensar que os corpos aconteçam e ultrapassem as separações entre os possíveis e os impossíveis, experiências inteligíveis e experiências sensoriais inomináveis.

Ao buscar as produções de corpos sem órgãos, os autores sugerem fugas e esquivas das capturas biopolíticas regulatórias que domesticam e impõem modelos para os sentidos, as sensações, os afetos, os desejos e as experiências. Poderíamos, neste momento, nos indagar: “Em serviço de quem estão nossos órgãos?”.

Encontramos em Deleuze e Guattari (1996b), no clássico “Θ anti-édipo” (e também ao longo de suas obras), que é preciso desconfiar das crenças e idealizações que nos colocam em posições de indivíduos, de seres naturais. Essas ideias não permitem que nos percebamos como composições, como acontecimentos, como partes espalhadas do campo social, ou seja, que a vida acontece em nós independente de querermos ou não. Assim, nossa existência seria a potência infinita de criação, mas como também de empobrecimento e esvaziamento de si mesma, a partir das conexões que estabelecemos com a nossa extensão de “fora”.

Ao criar o termo “corpo sem órgãos” (CSO), Artaud parece denunciar toda a invenção problemática produzida sobre um modelo de corpo organizado em órgãos (pele, vísceras, membros, olhos, ouvidos, sangue...), (DELEUZE & GUATTARI, 1996d) que, de todo modo, sempre depõe contra o próprio corpo, contra os fluxos de desejos, contra nossas existências como composições do campo social. Mas por qual razão seria tão difícil propor uma construção de um corpo sem órgãos, mesmo que co-habitando com um corpo organizado?

O CSO pode ser discutido como uma potência, um ato que se atualiza e se modifica dinamicamente, produzindo outras conexões com experiências e sensações desconhecidas ou desprivilegiadas dentro de regime de verdades biopolíticas. Deleuze (2010b), nos lembra que

as sociedades ocidentais (podemos considerar atualmente as orientais também) operaram sobre os corpos, principalmente por meio de uma *scientia sexualis*, um modo que interfere no fazer e nas sensações das corporalidades. Isto ocorreria devido o rebaixamento e diminuição das intensidades, das possibilidades e uso das extensões corporais, ou seja, atuam na diminuição da potência produtiva dos fluxos de desejos. Aqueles que compõem estilísticas das existências diferenciadas das organizações empobrecedoras dos corpos e dos desejos, recaem dentro da visão patologizante, criminosa, pecaminosa, imoral, portanto, a serem interditados pelas instâncias das políticas sociais, jurídicas, médicas, entre outras. Essas mesmas instâncias regulatórias utilizam o prazer e a dor como veredictos ou status do que pode ou não um corpo. Para o prazer foi reservado a ideia de recompensa e para a dor o equivalente de castigo, demérito, sofrimento.

Partindo das discussões trazidas por Foucault (2010b), na sociedade de controle se tornam mais visíveis as sutilezas dos usos dos prazeres para os exercícios de poder sobre os corpos. O poder opera por meio de nossos corpos, solicitando a nossa cumplicidade para que preservamos nossas relações com os afetos, com a organização social verticalizada e com o corpo organizado em órgãos.

Os exercícios de poder impedem as passagens de intensidades das possíveis experiências, não permitindo a análise de que os corpos funcionam como instrumentos das próprias potências que os criam e os quais os alimentam; assim, para que as potências dos corpos continuem intensas, ativas e atualizadas, os corpos necessitam criar condições para novas conexões. Isto só pode ocorrer com a mudanças de corpos, de formas, de extratos, de figuras, de sensações, de territórios existenciais, de órgãos a todo o momento.

A partir da análise da narrativa de “F3 ou F5” podemos observar a proposta da *body modification* como um dispositivo estratégico de auto-governo e insurgência corporal, da fluidez dos desejos e prazeres e da construção singular de estética que possui sentido e significado para quem produz um corpo dissidente. “F3 ou F5” utiliza seu corpo como um projeto processual a ser elaborado, a curto e a longo prazo, para comunicar uma grande variedade de mensagens pessoais e culturais, entre elas, a utilização do corpo como um dispositivo político para a problematização das normativas, controles e disciplinas.

Analizamos que “F3 ou F5” problematiza as questões de gênero quando desassocia o uso da *body modification* (uso de técnicas, rituais de dor) como uma condição destinada às construções apenas das masculinidades. Ele embaralha códigos instituídos para o gênero feminino e ao gênero masculino para constituir sua estética como, por exemplo, usar brincos,

unhas pintadas, shorts extremamente curtos, camisetas curtas e com detalhes ditos como “femininos”, entre outros.

Também utiliza seu corpo como um dispositivo político e emancipatório quando utiliza a *body art* (por meio das suas performances artísticas) para quebrar as regras da inteligibilidade cultural em relação aos gêneros, denunciando a homofobia, o machismo, o racismo, o elitismo, e o “ódio ao corpo e ao prazer” (F3 ou F5). O entrevistado se torna abjeto e bizarro (aos olhos convencionais) quando não responde a regra de que para um sujeito seja legível e inteligível dentro da cultura ocidental, é obrigatório que se mantenha dentro do crivo das “relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo” (BUTLER, 2003, p. 38). O foco de suas *performances* (seja no dia-a-dia, seja em apresentações específicas como, por exemplo, *performance* na Virada Cultural de São Paulo em 2011 e 2012) geralmente recorre às inscrições artísticas da *body art* como problematizadores para pensar o controle social sobre os corpos, mas também apresenta a plasticidade e possibilidades e usos corporais inteligíveis.

O *sentir-se transexual* relatado por F3 ou F5” nos faz pensar no conjunto de resistências aos modelos coerentes e contínuos entre o sexo, gênero, prática sexual e desejo. Podemos analisar que o *sentir-se transexual* pode ser como “um estilo corporal, um ato”, por assim dizer, que tanto é intencional como *performativo*, onde “performativo” sugere uma construção dramática e contingente de sentido” (BUTLER, 2003, p. 199). Assim, as tecnologias de modificações corporais podem reificar binário sexual, no entanto, também pode ser um potente dispositivo de problematizações desse binário quando discute a dicotomia corpo natural *versus* um corpo social e a rigidez do sistema sexo-gênero. O entrevistado também se destaca em um posicionamento do movimento *queer* em suas performances artísticas (*body art*), ocasião em que mistura o componente dor e força (componentes referenciados ao masculino) e a delicadeza e sensibilidade de movimentos (dado ao feminino).

Ainda, observamos que o posicionamento *queer* de F3 ou F5” se anuncia quando milita a favor de diversos outros grupos ditos minoritários, que buscam a equidade de direitos sociais e lutam em defesa, por exemplo, dos veganos, dos animais, dos LGBT’s, dos indígenas, do meio ambiente, dos discursos contra a violência contra as mulheres, crianças e idosos e também contra as intolerâncias religiosas.

De maneira conclusiva, analisamos que, de fato, a sociedade ocidental engendrou dispositivos disciplinares e de controle que produziram modos de subjetivar e modos de fazer gênero e sexualidade e, subseqüentemente, modos de produzir prazer, estéticas corporais e

estilísticas de existências singulares. Enfrentar os binarismos não parece tarefa fácil, pois se trata de realizar enfrentamentos contra políticas históricas de assujeitamento. No entanto, também é fato que, ao longo da história, muitas mudanças no campo social ocorreram, sendo causadas por acontecimentos de resistências de ditas populações minoritárias. O modo como combater os pilares do machismo, da homofobia, da misoginia não caminham progressivamente de maneira unilateral, uma vez que os acontecimentos insurgem como uma multiplicidade de conexões que produzem continuidades e rupturas. O que podemos problematizar a partir da proposta foucaultiana de resistência que é necessário criar mecanismos e estratégias de combate às normatizações das estilísticas das existências, possibilitando as expansões dos fluxos de desejos e das éticas e estéticas dos gêneros/sexualidades e corporalidades.

A figuração de “F3 ou F5”, anjo caído, sem sexo e gênero definido, propõe resistência potente e criativa. Para “F3 ou F5”, estar no lugar da abjeção não se constitui um problema, pois o que “está em jogo” são as experiências e as composições de sua estilística de existência singular e prazerosa!

## 6 CONCLUSÃO: “THE POINT OF NO RETURN”: ANÁLISES E (IN)CONCLUSÕES SOBRE O CAMPO CARTOGRÁFICO EM INTERSECÇÃO COM AS PAISAGENS E AFETOS

Past the point of no return  
The final threshold  
The bridge is crossed  
So stand and watch it burn  
We've passed the point of no return [...]  
(The point of no return– Charles Hart/  
“Phantom of the Opera Musical”)

Dust in the wind  
All we are is dust in the wind [...]  
(Dust in the wind – Kansas/ Album “Point of know Return”)

–Eu estou no meio [...]”. O que é uma tese de doutoramento? O que é um autor? Quem pode falar? O que é e o que pode um corpo? O ponto sem retorno... (In)conclusões. Quantas perguntas? Tantas respostas? Evidencio que os objetivos pensados para essa pesquisa se (des)construíram e se (re)construíram durante diversos momentos, tornando o itinerário teórico-metodológico um tracejado inconstante que se transformou em escrita dissertativa. Durante todo o processo constituinte do campo cartografado e da elaboração da escrita houve, muitas vezes, houve tensões ocasionadas pelos inúmeros acontecimentos que se desdobravam em outras possibilidades. As indagações foram mais presentes e frequentes se comparadas à quantidade de respostas. Existiriam respostas para tantas indagações? Eis que contarei a minha versão dos acontecimentos!

Dentre as problematizações pensadas para essa tese elenquei o investimento ético-estético-político da desnaturalização do conceito –corpo”, ou seja, o posicionamento que rompe com a cristalização da filosofia tradicional cartesiana, com o determinismo, o essencialismo, universalismo, binarismo e a imparcialidade proposta pelo positivismo. Para além disso, de um modo afirmativo, propus análises que sustentassem a potência criativa dos fluxos de desejos que ampliam teórica e empiricamente as potências discursivas do conceito –corpo”, assim como também de suas composições, a partir de novos modos de subjetivação. A afirmatividade se manifesta nos anúncios do compromisso com os prazeres, com as parciaisidades, com as mestiçagens, com as heterogeneidades e hibridismos de corporalidades e experiências singulares, com a ironia do acaso, realizando conexões nada inocentes e a favor das responsabilidades em suas construções e visões (HARAWAY, 1995b; 2011). Para isso,

busquei observar estratégias, resistências e visibilidades, por meio do método cartográfico, me implicando em analisar as produções de subjetivação pelos quais as pessoas experimentam processos de modificações corporais variadas e lutam em favor da criação de outros estilos de vida que reconhecem, para eles, como mais prazerosos.

O tema primeiro dessa tese insurgiu a partir de agenciamentos relacionados às corporalidades e prazeres singulares que trazem olhares desconfiados e interditivos sobre as experiências corporais cada vez mais afastados do ideário de saberes previstos e controlados institucionalmente. É notável em nossa cultura (trans)contemporânea ocidental, ainda mais acentuadas naquelas sociedades ordenadas pelos agenciamentos de produções capitalísticas, que o corpo só parece legitimado a existir se ele for condicionado por um discurso explicativo, referencial e representacional, ou seja, um discurso em que sua inteligibilidade seja justificada por uma continuidade histórica. Nesta perspectiva estruturante, essencialista, universalista e reducionista, os corpos partem de uma matriz identificatória que os empobrecem, os despotencializam e tenta formatar corporalidades disciplinadas e controladas, marginalizando todas as produções que fogem a esse posicionamento cêntrico.

Assim, o desafio maior desse estudo foi desformatar pensamentos montados por normas, leis e paradigmas da ciência moderna que regulam, enquadram de forma homogênea e uniforme as existências políticas - éticas e estéticas - em produzir corporalidades e prazeres singulares. Essas regras arbitrárias não somente classificam, mas agem de modo intervencionista para disciplinar e controlar práticas sociais, por meio de modelos advindos de leis biomédicas e psicológicas quem normatizam, normalizam, interditam e subvertem os usos corporais em produções midiáticas e capitalísticas.

Essas premissas biomédicas, nas quais a(s) psicologia(as) - os pensamentos psicológicos baseados na ciência moderna - costumam se basear e conceber suas teorias deterministas, foram afastadas desta pesquisa por funcionarem de maneira restritivas e por insistirem em modelos desenvolvimentalistas que não permitem analisar os humanos - corpos em suas especificidades, em seus modos de subjetivação - que são produções múltiplas de saberes históricos, localizados e provisórios, ou seja, temporalidades diferenciadas que se esquivam de definições essencialistas e universais.

Entendemos que, ao longo dos estudos filosóficos foucaultianos, essas áreas de produção de poder-saber-prazer, instituídas pelas biomedicinas e teorias psicológicas, fabricam um estatuto de “verdade” epistemológica sobre um determinado corpo matriz. Assim, por meio de agenciamentos, elencamos, (re)produzimos e disseminamos discursos como “verdadeiros”, sendo estes governados por um conjunto de valores morais que nos

rodeiam e norteiam nossos olhares para as regulações dos poderes instituídos. Analisando a partir de Deleuze (1976), diríamos que as consequências produzidas por sistemas de pensamentos sedentários seriam o imaginário representacional que (re)produz leituras essencialistas e estruturais do campo social. Tais leituras pregam postulados teóricos cartesianos que reduzem os seres humanos a uma matriz de um único corpo, uma única sexualidade, uma única orientação sexual, uma única raça/etnia/cor de pele, um único gênero e um único aparelho mental.

Essas visões reducionistas se sustentam pelos engessamentos trazidos pelos atravessadores utilizados com base nas violências estruturais, que por sua vez, estigmatizam as diferenças interseccionais múltiplas das estéticas; raças/etnias/cor de pele; sexualidades/orientações sexuais/práticas sexuais/ gêneros; geracionalidades; territorialidades/colonialismos; relações poder-saber-prazer; estilos de vida; classes sociais e econômicas, entre outros.

A complexidade do campo pesquisado buscou analisar realidades, tanto aquelas que tentam explicar e controlar as produções de corporalidades e prazeres singulares, quanto as resistências e desdobramentos de contradições, rupturas e descontinuidades que podem (re)montar a condição desejante da vida, estabelecendo e mantendo conexões com novas composições afirmativas da criação e de cuidado de si.

A produção de um conjunto de saberes (dentre muitos outros possíveis) para a elaboração do texto dissertativo buscou extrair das vivências ocorridas no campo social (práticas discursivas sobre experiências; sentimentos; sensações; imagens), modos de pensar, modos de desejar, modos de agir que problematizam as construções das corporalidades e dos prazeres singulares. Nesses discursos não procurei “verdades” e muito menos “bons” ou “maus”; queria conhecer quais eram os impedimentos e potências em produzir estilos de vida resistentes aos ataques das biopolíticas e afirmatividades das práticas de cuidados de si que, de todo modo, culminam nas construções das singularidades de seus corpos e prazeres.

Partindo dessas problematizações, encontramos apoio em Peres (2014) para pensar que as demarcações teóricas utilizadas na construção desta pesquisa devem rejeitar o modelo de psicologia de referência universal e referencial que estabelece e mantém modos disciplinares e reguladores de corporalidades e prazeres singulares. De modo a propor uma revisão conceitual e metodológica, precisamos atualizar as posições e perspectivas teóricas que devem entrar em consonância com as amplas expressões das corporalidades e de todos os marcadores psicossociais que realizam interface nas composições dos(as) humanos(as). É preciso pensar em uma perspectiva de demarcações teóricas vibráteis, que (re)inventem

estratégias e produzam fluxos de linhas de fuga que potencializem as políticas das vidas emancipatórias. Neste posicionamento, Peres (2014, p. 343) sugere que temos que assumir “[...] posições políticas emancipatórias de respeito às diferenças e de positivação da criatividade humana e de estilísticas da existência, ampliando as ações da Psicologia em defesa da vida como valor maior” e, dessa forma, desfazer binarismos e códigos de inteligibilidades que reforçam estereótipos sexuais, de gêneros, de classes, raças, corporais, entre outros.

Ainda, de modo a desfazer as margens fixadas da constituição dos humanos em concomitância com a ampliação de uma psicologia que promova leituras e conexões emergentes do campo social, mais especificamente em relação a esta tese, sugiro também: a) revisar o posicionamento de patologização das estilísticas de composição das corporalidades e prazeres singulares; b) visibilizar as corporalidades e prazeres singulares não somente como resistências, mas como posições afirmativas das estilísticas éticas e estéticas das existências plurais; c) (re)significar, ampliar e pluralizar o conceito “-corpo” em intersecção com diversos marcadores sociais que compõe as estéticas e as práticas de prazeres singulares; d) produzir uma psicologia política e emancipatória que rompa com os espectros das normatizações de corpos cartesianos, marcados por biopolíticas regulatórias e restritivas; e) coadunar com outras áreas de produções de conhecimentos que avançam nos estudos políticos-culturais-econômicos e científicos-tecnológicos-artísticos.

Assim, por meio da montagem da cartografia dos processos de subjetivação de pessoas que produzem estilísticas éticas e estéticas das existências singulares foi possível analisar embates e posições de resistências e rupturas aos modelos normativos de construções de corporalidades que, de todo modo, se formularam como produções extensas de conexões que possibilitam os estabelecimentos e manutenções das composições afirmativas de estilísticas éticas e estéticas das existências e de espaços políticos potentes de vidas na (trans)contemporaneidade.

A perspectiva das análises cruzadas entre as notas do diário de campo das incursões ao campo, as entrevistas realizadas, as imagens fotografadas, as participações em conversas nas redes sociais e as leituras realizadas, trouxeram subsídios importantes para problematizar as estratégias de rupturas e continuidades presentes nas cenas e práticas discursivas de participantes-colaboradores para a pesquisa.

Os embates do poder trazidos pelo atravessador “-corpo” é uma constante nas vivências cotidianas e claramente podem impulsionar as pessoas que experienciam práticas corporais singulares visibilizadas para processos de estigmatização, marginalidades e exclusões, uma

vez que rompem com a inteligibilidade de corporalidades e de prazeres normatizados, interditivos e requeridos.

As práticas sociais normatizadas no movimento do *body modification* foram observadas durante o período de pesquisa, muitas dessas continuidades de pensamentos relacionadas às sexualidades e questões de gênero e às hierárquicas construídas pelas relações poder-saber de personagens que detêm conhecimentos técnicos sobre as modificações corporais e/ou passaram inúmeras vezes pelas experiências.

Ainda na perspectiva de (re)pensar os modos de subjetivação normatizadoras e nas linhas de fuga das vidas sedentárias, também encontrei discursos sobre embates políticos que, de um lado, evocam as instituições “~~f~~amília”, “~~i~~greja”, “~~e~~iência” e utilizam preceitos moralistas e patologizantes para referir-se àquelas práticas corporais extremas; de outro lado, potências discursivas combatentes e sempre em favor da vida diversificada e coletiva.

É plausível dizer que, na (trans)contemporaneidade, ainda se torna muito difícil vibrar as vidas em contextos em que a autonomia frente as constituições de conjugalidades, de empregabilidades, do retorno de culpabilização pelas condições precárias de vida, padrões estéticos – endossados pelos crescentes discursos religiosos, fundamentalistas moralistas (moralizantes) e conservadores; enfim, de todas as condições de sociabilidades que agenciam pessoas a serem constituídas, em grande parte, por processos de subjetivação assujeitadas, ou seja, requerendo pessoas que produzam baixa inventividade das estilísticas éticas e estéticas das existências singulares.

Entretanto, ao passo que se visibilizavam práticas sociais normatizadas, se sobressaíam muitos outros posicionamentos de resistências e existências afirmativas que faziam frente a esses pensamentos cristalizados. As inquietudes apresentadas nas cenas frente às interdições aos corpos, aos desejos, aos prazeres, às sensações, às singularidades não saíam impunes e sem que esses experienciem a inversão estratégica do encontro com o “~~e~~ontra-poder”, com o confronto, com as problematizações insurgentes dos acontecimentos vivenciados conjuntamente.

As relações hierárquicas e de poder são amplas e complexas e atuam embasadas por diversos pilares sustentadores das violências. Porém, como nos instrumentaliza Foucault, existem uma multiplicidade de possibilidades de pontos de resistências às captações do poder. Se os exercícios dos poder agem sobre essas corporalidades singulares, é também a partir desses corpos estratégicos que podemos (re)montar uma “~~i~~nsubmissão”, pois “[...] lá onde há poder, há resistências [...]” (FOUCAULT, 2005b, p. 91). A partir desses confrontos que podemos problematizar as relações hierárquicas e de poder, e criar estratégias de lutas, pontos

de contra-ataques. Os efeitos das resistências e afirmatividades puderam ser visualizadas em rupturas discursivas que (trans/de/in)formam as organizações inteligíveis dos acontecimentos. Recordo-me da fala de um dos participantes da pesquisa me dizer: ~~–~~Meu corpo é meu crivo contra babacas. Se a pessoa tem nojo, medo ou preconceito contra mim, ela já é uma pessoa que não me interessa no meu círculo de amigos e conhecidos. Uma vez uma mulher mudou de calçada e puxou a filhinha; parecia que eu era um monstro... ela me olhava com asco e medo. Fiquei chateado na hora, mas depois pensei: ~~–~~Para que me serve essa mulher com sua filha na minha vida? Se ela tem nojo de mim, eu devolvo o nojo para ela'. Eu decidi a partir daquele dia não sofrer mais com isso" (nota de campo de fala de Mr. C).

Os pontos de resistências e afirmatividades também eram comum nas relações de biossociabilidades intra-grupal. Lembro de estar de uma roda de conversa em que um participante que se denominava como ~~–~~ex-drogado e agora convertido" criticar as posturas de outros membros dos grupos com discursos morais pautados nos ditos ~~–~~princípios cristãos" e outro participante rebater: ~~–~~Pô mano, você não dá conta das suas drogas e agora vem cagar regras para a gente? Não basta os outros falarem que a gente vai pro inferno, que somos filhos do capioto, que somos loucos, doentes, agora entre nós mesmo vamos nos atacar? Pô mano, olha só o que você está falando... estou de cara com você!" (nota de campo). A problematização transformou-se em uma resistência coletiva, pois vários outros integrantes do grupo se posicionaram a favor da pluralidade, das singularidades existenciais, para que ninguém trouxesse regras, modelos e decidisse o que ~~–~~era melhor para o outro".

Durante a cartografia foi possível observar que os posicionamentos resistentes não podiam ser considerados como meras oposições discursivas aos exercícios de poder. Eles deviam ser analisados a partir de uma rede conectiva e ampla de rupturas e descontinuidades contra a tentativa de enriquecimento das estilísticas éticas e estéticas de produções singulares de vidas. Como diria Foucault (2005a, p. 92): ~~–~~[...] a rede das relações de poder acaba formando um tecido espesso que atravessa os aparelhos e as instituições, sem se localizar exatamente neles, também a pulverização dos pontos de resistência atravessa as estratificações sociais e as unidades individuais".

As pulverizações dos pontos de resistência são possíveis devido o *body modification* (movimento e práticas/técnicas) funcionar como um amplo e potente *conceito* problematizador que mantém uma íntima conexão com diversos coletivos e movimentos sociais tais como: movimento feminista; movimento LGBT; movimento a favor da descriminalização das drogas e do aborto; coletivo veganista; coletivos anarquistas e de esquerda; coletivos artísticos; coletivos de BDSM; movimento antimanicomial; coletivos em

defesa dos povos indígenas e da pluralidade cultural e religiosa, contra regimes ditatoriais e autoritários, entre outros.

As polifonias discursivas do movimento de práticas do *body modification* nunca acontecem desacompanhadas de outros movimentos e coletivos, pois estando as corporalidades sujeitas às gestões sociais, elas também articulam e transitam em diferentes modos de produção de subjetividades singulares a partir de conexões e composições com o campo social. Todos esses movimentos e coletivos possuem o atravessador corpo em comum.

Por fim, é a partir desses “-entes” que as corporalidades são ampliadas e podem ser consideradas uma entre vários elementos heterogêneos que compõem os modos de existências singulares e afirmativas. Essas estilísticas de existências singulares se aproximam das vidas como obras das artes, como construções artísticas, formas de existir potentes que favorecem as diferenciações, as criações, os devires, ou seja, processos (des)contínuos e inventivos de transformar o mundo e a si mesmos em lutas constantes.

Essa dimensão intensiva da vida está aberta para o acaso; ela desconfia e desaprova as convicções que empobrecem as experiências, as sensações, os prazeres, os processos de criações. Se existem “-verdades” a serem consideradas, uma delas seria que para viver a intensidade das corporalidades e prazeres singulares, é preciso minimizar, abandonar e destruir o posicionamento sedentário e as referências instituídas, ao mesmo tempo em que é necessário aceitar as defesas das vidas como maiores valores, como as mais extensas obras de artes que possam ser construídas e compostas por si mesmas.

As modificações corporais mediadas pelas técnicas de *body modification* e as práticas singulares de prazeres não podem ser analisadas apenas como estéticas excêntricas e *sui generis*; elas pulsam e vibram em cada projeto intempestivo a ser realizado.

Meu amor  
 O que você faria se só te restasse esse dia?  
 Se o mundo fosse acabar  
 Me diz o que você faria  
**(O Último Dia – Paulinho Moska)**

Você, o que faria  
 Se o mundo fosse acabar  
 E só lhe restasse este dia pra viver? [...]  
**(Se o mundo fosse acabar, me diz o que  
 você faria se só te restasse um dia? –  
 samba-enredo da Mocidade Independente  
 de Padre Miguel -2015)**

[...] Como será o amanhã  
 Responda quem puder  
 O que irá me acontecer  
 O meu destino será como Deus quiser  
**(O Amanhã – “Didi” Baeta Neves/  
 samba-enredo da União da Ilha - 1979)**

## REFERÊNCIAS

- ANGEL, Elayne. **The piercing bible**: the definitive guide to safe body piercing. New York: Crossing Press, 2009.
- ARRUDA, Roldão. **Dias de ira**. São Paulo: Globo, 2001.
- AZERÊDO, Sandra Maria da Mata. “Θ político, o público e a alteridade como desafios para a Psicologia”. In: **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 22, n.4, p. 14-23. 2002.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.
- BARRENECHEA, Miguel Angel de. “Nietzsche e o corpo: para além do materialismo e do idealismo”. In: LINS, Daniel; GADELHA, Sylvio. **Nietzsche e Deleuze**: que pode o corpo. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto, 2002, p. 177-188.
- BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. “Cartografar é acompanhar processos”. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, p.52-75, 2009.
- BARROS, Maria Elizabeth Barros de & SILVA, Fabio Hebert da. “Θ trabalho do cartógrafo do ponto de vista da atividade”. In: **Fractal, Rev. Psicol.**, v. 25 – n. 2, p. 339-356, Maio/Ago. 2013.
- BARTHES, R. **O Rumor da Língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 58.
- BAXANDALL, Michael. **O Olhar Renascente: pintura e experiência social na Itália da Renascença**. São Paulo: Paz e Terra, 1991, p. 11.
- BRAIDOTTI, Rosi. **Sujeitos nômades**. Buenos Aires: Paidós, 2000.
- \_\_\_\_\_. “Diferença, diversidade e subjetividade nômade”. In: **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 1-2, p. 1-16. 2002.
- \_\_\_\_\_. **Transposiciones** – sobre la ética nómada. Barcelona: Gedisa Editorial, 2009.
- \_\_\_\_\_. **The Posthuman**. Cambridge: Polity, 2013. 230 p. ISBN 978-0-7456-4157-4.
- BRAZ, Camilo Albuquerque de (2006). **Além da pele**: um olhar antropológico sobre a *body modification* em São Paulo. Dissertação de Mestrado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas: Unicamp.
- BUTLER, Judith. “Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do \_sexo\_”. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, p. 153-172, 1999.

\_\_\_\_\_. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. **Deshacer el genero.** Barcelona: Paidós, 2004.

\_\_\_\_\_. **Cuerpos que importan:** sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”. 2. ed. Buenos Aires: Paidós, 2008.

CARVALHO, Paulo Roberto. **O tédio nosso de cada dia: uma análise parcial dos processos desubjetivação da contemporaneidade.** Tese de doutorado não publicada. Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1998.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade.** Trad. Klauss Brandini Gerhardt. 3. ed., São Paulo: Paz e Terra, 1999, v. 2.

COHEN, Jeffrey Jerome. “A cultura dos monstros: sete teses”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) **Pedagogia dos monstros** – os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 23-60.

CONNELLY, F. Michel. “Stories of experience and narrative inquiry”. In: **Educational researcher**, 19(5) June-July, p. 2, 1990.

CÓRDOBA, David. “Teoría queer: reflexiones sobre sexo, sexualidad e identidad. Hacia una politización de la sexualidad”. In: CÓRDOBA, David; SÁEZ, Javier; VIDARTE, Paco (Org.). **Teoría Queer:** políticas bolleras, maricas, trans, mestizas. Barcelona/Madrid: Egales, 2005, p. 21-66.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar.** 3. ed., Rio de Janeiro: Graal, 1989.

COSTA, Zeila. **Do Porão ao Estúdio:** trajetórias e práticas de tatuadores e transformações no universo da tatuagem, Dissertação de Mestrado, Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

DE LAURETIS, Teresa. “A tecnologia de gênero”. In: Holanda, Heloisa Buarque de (Org.). **Tendências e impasses:** o feminismo como crítica cultural. Rio de Janeiro: Rocco, p. 206-242, 1994.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia.** Rio de Janeiro: Rio, 1976.

\_\_\_\_\_. “As dobras ou o lado de dentro do pensamento (subjetivação)”. In: \_\_\_\_\_. **Foucault.** Trad. Cláudia Sant’Anna Martins e Renato Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 101-130.

\_\_\_\_\_. “Qu’est-ce qu’un dispositif?”. In: **Michel Foucault philosophe.** Rencontre internationale. (Paris, 9, 10, 11 janvier 1988). Trad. de Ruy de Souza Dias e Hélio Rebello (revisão técnica). Paris: Seuil, 2001.

\_\_\_\_\_. **A imagem-tempo (Cinema 2).** Trad. Eloisa de Araujo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2007.

\_\_\_\_\_. “Controle e devir”. In: \_\_\_\_\_. **Conversações**. Trad. Peter Pál Pelbart. 2. ed. São Paulo: 34, 2010a, p. 213-222.

\_\_\_\_\_. “*Post-scriptum* sobre as sociedades de controle”. In: \_\_\_\_\_. **Conversações**. Trad. Peter Pál Pelbart. 2ª ed. São Paulo: 34, 2010b, p. 223-230.

\_\_\_\_\_. “Os intercessores”. In: \_\_\_\_\_. **Conversações**. Trad. Peter Pál Pelbart. 2ª ed. São Paulo: 34, 2010c, p. 155-172.

DELEUZE, Gilles; FOUCAULT, Michel. “Os intelectuais e o poder”. In: DELEUZE, Gilles. **A ilha deserta: e outros textos: textos e entrevistas (1953-1974)**. Trad. Roberto Machado. São Paulo: Iluminuras, 2006. p. 265-273. Original publicado em 1972.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. “Postulados da linguística”. In: \_\_\_\_\_. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 2. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: 34, 1995a, p. 11-59.

\_\_\_\_\_. “Introdução: Rizoma”. In: \_\_\_\_\_. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, v.1. Trad. Aurélio Guerra Neto. Rio de Janeiro: 34, 1995b, p. 11-37.

\_\_\_\_\_. “Micropolítica e segmentaridade”. In: \_\_\_\_\_. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, v.3. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: 34, 1996a, p. 83-115.

\_\_\_\_\_. **O Anti-Édipo**. Trad. Campos, A. Lisboa: Assírio e Calvim, 1996b.

\_\_\_\_\_. “Ano zero - rostdade”. In: \_\_\_\_\_. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v.3. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: 34, 1996c, p. 31-61.

\_\_\_\_\_. “Como criar um corpo para si sem órgãos”. In: \_\_\_\_\_. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v.3. Trad. Aurélio Guerra Neto. Rio de Janeiro: 34, 1996d, p. 09-29.

\_\_\_\_\_. “Três novelas ou \_O que se passou?\_”. In: \_\_\_\_\_. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v.3. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: 34, 1996e, p. 63-81.

\_\_\_\_\_. “Devir-Intenso, Devir-Animal, Devir-Imperceptível”. In: \_\_\_\_\_. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v.4. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: 34, 1997, p. 11-113.

\_\_\_\_\_. “-A Filosofia”. In: \_\_\_\_\_. **O que é a filosofia?** Trad. Bento Pardo Jr; Alberto Alonso Muñoz. 2. ed. Rio de Janeiro: 34, 2009, p.23-109. (Coleção TRANS). ISBN 85-85490-02-0.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DESCARTES, René. **O discurso do método**. Trad. Maria Ermantina Galvão e revisão de trad. Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Meditações sobre filosofia primeira**. Trad. Fausto Castilho. Campinas: Unicamp, 2004.

FEATHERSTONE, Mike. –Body Modification: an introduction”. In: **Body & Society**, vol. 5 (2-3), London: Sage Publications, 1999, p. 01-13.

FERNANDES, Maria Helena. **Corpo** (Coleção –Clínica Psicanalítica”). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

FRAGA, Alex Branco. –Anatomias de consumo: investimentos na musculatura masculina”. In: **Educação & Realidade**, vol. 25 (2), p.135-150, jul./dez. 2000.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade 3: o cuidado de si**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramallete. 19. ed., Petrópolis: Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_. –O sujeito e o poder”. In: RABINOW, Paul & DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault — uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Trad. de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-278. (Apêndice da 2. edição – –Michel Foucault entrevistado por Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow). ISBN: 85-218-0158-0.

\_\_\_\_\_. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Trad. Salma Tannus Muchail. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. –O que é um autor?”. In: **Ditos e escritos III: Estética – literatura e pintura, música e cinema**. Organização e seleção de textos de Manuel Barros da Motta. Trad. Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p. 264-298.

\_\_\_\_\_. **Os anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. –A vida dos homens infames”. In: **Ditos e escritos IV: estratégia, poder-saber**. Organização e seleção de textos de Manuel Barros da Motta. Trad. Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003a, p. 203-222.

\_\_\_\_\_. –Nietzsche, a genealogia e a história”. In: \_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Organização e trad. de Roberto Machado. 18. ed., Rio de Janeiro: Graal, 2003b, cap. II, p. 15-37.

\_\_\_\_\_. –Prisões e revoltas nas prisões”. In: **Ditos e escritos IV: estratégia, poder-saber**. Organização e seleção de textos de Manuel Barros da Motta. Trad. Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003c, p. 61-68.

\_\_\_\_\_. –O nascimento da medicina social”. In: \_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Organização e trad. Roberto Machado. 18. ed., Rio de Janeiro: Graal, 2003d, cap. V, p. 79-98.

\_\_\_\_\_. –A sociedade disciplinar em crise”. In: **Ditos e escritos IV**: estratégia, poder-saber. Organização e seleção de textos de Manuel Barros da Motta. Trad. Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003e, p. 267-269.

\_\_\_\_\_. –Poder-Corpo”. In: \_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Organização e trad. Roberto Machado. 18. ed., Rio de Janeiro: Graal, 2003f, cap. IX, p. 145-152.

\_\_\_\_\_. –Sobre a história da sexualidade”. In: \_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Organização e trad. Roberto Machado. 18.ed. Rio de Janeiro: Graal, cap.XVI, p.243-276, 2003g.

\_\_\_\_\_. –Diálogo sobre o poder”. In: **Ditos e escritos IV**: estratégia, poder-saber. Organização e seleção de textos de Manuel Barros da Motta. Trad. Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003h, p. 253-266.

\_\_\_\_\_. –O dispositivo de sexualidade”. In: \_\_\_\_\_. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 16. ed., Rio de Janeiro: Graal, 2005a, p. 73-123.

\_\_\_\_\_. –Direito de morte e poder sobre a vida”. In: \_\_\_\_\_. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 16. ed., Rio de Janeiro: Graal, 2005b, p. 125-149.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. 14. ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2006.

\_\_\_\_\_. **A coragem da verdade**: o governo de si e dos outros II: curso no Collège de France (1983-1984). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

GALINDO, Dolores Cristina Gomes. **Ilustrar, modificar, manipular**: arte como questão de segurança da vida. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos pós-graduados em Psicologia Social. São Paulo, 2006.

GARCIA, Wilton. **Corpo, mídia e representação**: estudos contemporâneos. São Paulo: Thomson, 2005.

GARY, Jason; JACOBSON, Greg (direção). **Modify**. USA: Comunited Films. Documentário colorido (DVD), 2005 (85 min.).

GIL, José. –Metafenomenologia da monstruosidade: devir-monstro”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) **Pedagogia dos monstros** – os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 165-195.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed., Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GOFFMAN, Ken; JOY, Dan. **Contracultura através dos tempos**: do mito de Prometeu à cultura digital. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

GROSZ, Elizabeth. –Corpos reconfigurados”. In: **Cadernos Pagu**. Campinas, n. 14, p. 45-86, 2000.

GUATTARI, Félix. –Somos todos grupelhos”. In: \_\_\_\_\_. **Revolução molecular**: pulsações políticas do desejo. Trad. Suely Belinha Rolnik. 2. ed., São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 12-19.

\_\_\_\_\_. –Da produção da subjetividade”. In: PARENTE, André (org.). **Imagem-máquina**: a era das tecnologias do virtual. Trad. Suely Rolnik. Rio de Janeiro: 34, 1993. p.177-191.

\_\_\_\_\_. –Heterogênese”. In: \_\_\_\_\_. **Caosmose**: um novo paradigma estético. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. 2. ed., São Paulo: 34, 2012a, p. 11-90.

\_\_\_\_\_. –Espaço e corporeidade”. In: \_\_\_\_\_. **Caosmose**: um novo paradigma estético. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. 2. ed., São Paulo: 34, 2012b, p. 135-147.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. –Cultura: um conceito reacionário?”. In: \_\_\_\_\_. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 7. ed. revisada. Petrópolis: Vozes, cap.I, p.21-31, 2005a.

\_\_\_\_\_. –Subjetividade e história”. In: \_\_\_\_\_. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 7. ed. revisada. Petrópolis: Vozes, cap.II, p.33-148, 2005b.

GUILLET, Pr. Gérard. **L'âme à fleur de peau**: rites, croyances et signes. Paris: Albin Michel, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

\_\_\_\_\_. –Quem precisa da identidade?”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 103-133.

HARAWAY, Donna. –Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial”. Trad. Mariza Corrêa. **Cadernos Pagu**. V.5. Campinas: Unicamp, 1995a, p. 7-41.

\_\_\_\_\_. **Ciencia, cyborgs y mujeres**: la reinención de la naturaleza. Cátedra. Universitat de València - Instituto de la mujer. Madrid. 1995b.

\_\_\_\_\_. –Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX”. In: TOMAZ, Tadeu (org). **Antropologia do ciborgue** – as vertigens do pós-humano. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 37-129.

\_\_\_\_\_. **Testigo\_Modesto@Segundo\_Milenio.HombreHembra©\_Conoce\_ Oncoratón®**: feminismo y tecnociencia. Barcelona: UOC. 2004.

\_\_\_\_\_. –A partilha do sofrimento: relações instrumentais entre animais de laboratório e sua gente”. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 17, n. 35, p. 27-64, jan./jun. 2011.

JEUDY, Henri-Pierre. **O corpo como objeto da arte**. Trad. Tereza Lourenço. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

KASTRUP, Virgínia. –“O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo”. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Lílana da (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, p.32-51, 2009.

\_\_\_\_\_. –“Inventar”. In: FONSECA, Tania Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Lívia do; MARASCHIN, Cleci (Orgs.). **Pesquisar na diferença: um abecedário**. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 141-143.

KASTRUP, Virgínia; BARROS, Regina Benevides. –“Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia”. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Lílana da (orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 76-91.

KEMP, Kênia. **Corpo modificado: corpo livre?** São Paulo: Paulus, 2005.

KHEL, Maria Rita. –“Orelha do livro Corpos de passagem”. In: SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. **Corpos de passagem – ensaios sobre a subjetividade contemporânea**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

KLESSE, Christian., –“Modern Primitivism: non-mainstream body modification and racialized representation”. In: **Body & Society**, vol. 5 (2-3), London: Sage Publications, 1999, p. 15-38.

KUHN, Thomas Samuel. **A estrutura das revoluções científicas**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 2003.

LEITÃO, Débora Krischke. –“Mudança de significado da tatuagem contemporânea”. In: **Cadernos IHU Idéias**, São Leopoldo: Unisinos, ano 2. n.16, 2004.

LEITE, Jäder F.; DIMENSTEIN, Magda. –“Mal-estar na psicologia: a insurreição da subjetividade”. In: **Revista Mal-Estar e subjetividade**. v.2, n.2, p.9-26. Fortaleza: 2002.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: 34, 1996.

LERCH, A. –“Bodybuilding”. In: HABOURY, Frédéric. (Org.). **Dictionnaire des cultures gays et lesbiennes**. Paris: Larousse, 2003, p. 74-76.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LÍRIO, Daniel Rodrigues. **Suspensão corporal e algumas implicações intersubjetivas**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 7. ed. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. –Teoria Queer: Uma Política Pós-Identitária para a Educação”. In: **Revista Estudos Feministas**. V.9 n.2 Florianópolis, 2001.

\_\_\_\_\_. –Currículo, gênero e sexualidade: o \_normal‘, o \_diferente‘ e o \_excêntrico’”. In: LOURO et al (orgs). **Corpo, gênero e sexualidade**. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 41-52.

MACHADO, Roberto. –Por uma genealogia do poder”. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e trad. Roberto Machado. 18. ed., Rio de Janeiro: Graal, 2003, Introdução, p. VII-XXIII.

MAUSS, Marcel. –Noção de técnica corporal”. In: \_\_\_\_\_. **Sociologia e antropologia**. Trad. Mauro W. B. de Almeida. São Paulo: EPU/EDUSP, Vol. II, pp. 209-233), 1974.

MISKOLCI, Richard. **A Teoria Queer e a questão das diferenças**: por uma analítica da normalização. In: 16º Congresso de Leitura do Brasil (COLE) – No mundo há muitas armadilhas e é preciso quebrá-las. Campinas: ALB Associação de Leitura do Brasil, 2007, v. 1, p. 1-19.

\_\_\_\_\_. –A teoria *queer* e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização”. In: **Sociologias**. Porto Alegre: PPGS-UFRGS, n. 21 p.150-182, 2009.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no século XX**: o espírito do tempo – I; neurose. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1990.

NASCIMENTO, Márcio Alessandro Neman do. **Homossexualidades e homossociabilidades**: Hierarquização e relações de poder entre homossexuais masculinos que freqüentam dispositivos de socialização de sexualidades GLBT (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista –Júlio de Mesquita Filho”, Assis, Brasil, 2007).

\_\_\_\_\_. –Corporalidades fora dos eixos: a insurgência dos prazeres e modificações corporais na transcontemporaneidade”. In: TEIXEIRA-FILHO, Fernando Silva et al. **Queering**: problematizações e insurgências na Psicologia Contemporânea. Cuiabá: EdUFMT, p. 129-141, 2013.

NICHOLSON, Linda. –Interpretando o gênero”. In: **Revista Estudos Feministas**. v.8, 2000, p. 09-41.

OLIVEIRA, Luiz Alberto. –Sobre o caos e novos paradigmas”. In: NOVAES, Adauto. **Mutações**: ensaios sobre as novas configurações do mundo. Rio de Janeiro: Agir; São Paulo: SESC SP, p.65-92, 2008.

ORLANDI, Luiz B. L. –O filósofo e seus ovos”. In: **Artefilosofia**, Ouro Preto, n.9, p. 126-140, out. 2010.

ORTEGA, Francisco. –Das utopias sociais às utopias corporais: identidades somáticas e marcas corporais”. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes, EUGENIO, Fernanda (orgs.). **Culturas jovens**: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 42-58. ISBN: 85-7110-944-3.

PASSAMANI, Guilherme Rodrigues. **O arco-íris (des)coberto**. Santa Maria: UFSM, 2009.

PENEDO, Susana López. **El labirinto queer**: la identidad en tiempos de neoliberalismo. Barcelona/Madrid: Egales, 2008.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **O que é contracultura**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988. (Coleção Primeiros Passos, 100).

PERES, Wiliam Siqueira. **Subjetividade das travestis brasileiras**: da vulnerabilidade da estigmatização à construção da cidadania. Rio de Janeiro: UERJ/Instituto de Medicina Social, 2005. (Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ).

\_\_\_\_\_. –Tecnologias e programação de sexo e gênero: apontamentos para uma Psicologia política QUEER”. In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Psicologia e Diversidade Sexual**: desafios para uma sociedade de direitos. Brasília: CFP, 2011, p. 89-105.

\_\_\_\_\_. –Contra a psicologia do sacerdócio: a vida que sangra, pulsa, vibra”. In: MINELLA, Luzinete Simões; ASSIS, Gláucia de Oliveira; FUNCK, Susana Bornéo. **Políticas e fronteiras**: desafios feministas. v. 2, Tubarão: Copiart, 2014. p. 331-344. (Desafios feministas). ISBN 978.85.8388.027.1.

PEREZ FONSECA, Andréa Lissett. **Tatuar e ser tatuado**: etnografia da prática contemporânea da tatuagem (Estúdio: Experience Art Tattoo – Florianópolis – Sc – Brasil). Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de pós-graduação em Antropologia Social. Florianópolis, 2003.

PETERS, Michael. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 96 p. (Coleção Estudos Culturais, 6). ISBN 85-86583-85-5.

PIGNATARI, Décio. **Comunicação poética**. 3. ed., São Paulo: Moraes, 1983.

PIRES, Beatriz F. **O corpo como suporte da arte**. São Paulo: Senac, 2005.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contra-sexual**. Barcelona: Anagrama, 2011.

RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault** — uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Trad. de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. ISBN: 85-218-0158-0.

RICH, Adrienne. –Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence”. In: **Signs**. v. 5, n. 4, Women: Sex and Sexuality, 1980, p. 631-660.

RODRIGUES, José Carlos. **O corpo na história**. 2.ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.

ROLNIK, Suely. –Apresentação”. In: FIGUEIREDO, Luís Cláudio Mendonça. **A invenção do psicológico**: quatro séculos de subjetivação (1500-1900). São Paulo: Educ: Escuta, p.13-17. (Coleção Linhas de Fuga), 1992.

\_\_\_\_\_. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; UFRGS, 2007.

RUBIN, Gayle. –El tráfico de mujeres: notas sobre la ‘economía política’ del sexo”. Trad. Stella Mastrangelo. In: LAMAS, Martha (Comp.). **El gênero: la construcción cultural de la diferencia sexual**. 3. ed. México: Miguel Ángel Porrúa: Programa Universitario de Estudios de Género - UNAM, 2003. p. 35-96.

SABINO, César e LUZ, Madel. –Fatuagem, Gênero e Lógica da Diferença”. In: **Physis: Revista Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro: 16 (2):251-272, 2006.

SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. –Apresentação”. In: \_\_\_\_\_. (org.). **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p. 11-18.

\_\_\_\_\_. –Descobrir o corpo: uma história sem fim”. In: **Educação & Realidade**, Porto Alegre, vol. 25 (2), p.49-58, jul./dez. 2000a.

\_\_\_\_\_. –Corpo e história”. In: CABEDA, Sonia T. Lisboa; CARNEIRO, Nadia Virgínia B, LARANJEIRA, Denise Helena P. (orgs.) **O corpo ainda é pouco: seminário sobre a contemporaneidade**. Feira de Santana: NUC/UEFS, 2000b.

\_\_\_\_\_. –É possível realizar uma história do corpo?”. In: SOARES, Carmen Lúcia. (Org.). **Corpo e história**. Campinas: Autores Associados, p. 3-23, 2001a.

\_\_\_\_\_. **Corpos de passagem – ensaios sobre a subjetividade contemporânea**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001b.

SANTOS, Fernando Sérgio Dumas dos. –Histórias de vida e história da cultura”. In: **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 5 n. 1, p. 85-98 mar/jun, 1998.

SCOTT, Joan W. –Experiência”. In: SILVA, Alcione Leite da; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira (orgs.). **Falas de gênero: teorias, análises, leituras**. Florianópolis: Mulheres, 1999, p. 21-55.

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologia digitais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. (Coleção conexões, v.17). ISBN 85-7316-292-9.

SILVA, Tomaz Tadeu da. –Nós, ciborgues: o corpo elétrico e a dissolução do humano”. In: \_\_\_\_\_. (org.). **Antropologia do ciborgue – as vertigens do pós-humano**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 09-36. ISBN: 85-86583-82-0.

SHELLEY, Mary. –Frankenstein: ou o Prometeu Moderno”. Trad. Roberto Leal Ferreira. In: SHELLEY, Mary. **Frankenstein: ou o Prometeu Moderno**. STEVENSON, Robert Louis. **O médico e o monstro**. STOKER, Bram. **Drácula – o vampiro da noite**. 2. ed., São Paulo: Martin Claret, 2012, p. 07-166.

SOARES, Thiago Ricardo. **A modificação corporal no Brasil – 1980-1990**. Trabalho de conclusão de curso em História do Centro Universitário UNIFIEO, 2011.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?**. Trad. Sandra R. G. Almeida; Marcos P. Feitosa; André P. Feitosa. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

STEVENSON, Robert Louis. –“O médico e o monstro”. Trad. Cabral do Nascimento. In: SHELLEY, Mary. **Frankenstein**: ou o Prometeu Moderno. STEVENSON, Robert Louis. **O médico e o monstro**. STOKER, Bram. **Drácula** – o vampiro da noite. 2. ed., São Paulo: Martin Claret, 2012, p. 167-221.

STOKER, Bram. –“Drácula – o vampiro da noite”. Trad. Maria L. Lago Bittencourt. In: SHELLEY, Mary. **Frankenstein**: ou o Prometeu Moderno. STEVENSON, Robert Louis. **O médico e o monstro**. STOKER, Bram. **Drácula** – o vampiro da noite. 2. ed., São Paulo: Martin Claret, 2012, p. 223-534.

TEIXEIRA-FILHO, Fernando Silva. **Do estigma à exclusão**: histórias de corpos (des)acreditados. SP: Casa do Psicólogo/FAPESP, 2005.

TERTO JR., Veriano. **Reinventando a vida**: histórias sobre homossexualidade e Aids no Brasil. Rio de Janeiro: IMS/UERJ, 1997. (Tese de doutorado).

THORNE, Russ. **Body piercing**: the body art manual (the essential reference for body art). New York: Chartwell Books, 2010

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 5. ed., Rio de Janeiro: Record, 2002.

VALE, Vivian; JUNO, Andrea. **Modern primitives**: an investigation of contemporary adornment & ritual. San Francisco, CA: Re/Search Publications (20th anniversary edition), 2010.

VELHO, Gilberto. –“Duas categorias de acusação na cultura brasileira contemporânea”. In: **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. p. 55-64

VILLAÇA, Nízia. **A edição do corpo**: tecnociência, artes e moda. SP: Estação das Letras, 2007.

WARD, Jim. **Running the Gauntlet**: an intimate history of Modern Body Piercing Movement. USA: Gauntlet Enterprises, 2011.

WELLS, Herbert George. **A ilha do dr. Moreau**. Trad. Braulio Tavar. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2012.

WELZER-LANG, Daniel. –“A Construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia”. In: **Revista Estudos Femininos**, Florianópolis, vol. 9, nº. 2., 2001, p. 460-482.

WILLIAMS, James. **Pós-estruturalismo**. Trad. Caio Liudvig. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. (Série Pensamento Moderno). ISBN 978-85-326-4409-1.

# ANEXOS

## **TERMO DE ESCLARECIMENTO**

### ***Corpos (Con)Sentidos: cartografando processos de subjetivação de produto(re)s de corpos singulares***

#### **O que é esse estudo?**

A presente pesquisa refere-se a um estudo sobre como se dão os processos subjetivos de pessoas que modificam seus corpos por meio de tatuagens, implantes e perfurações. Para tanto, busca por meio de narrativa de histórias de vida compreender as condições que levam essas pessoas a se modificarem e como lidam com o cotidiano após as transformações corporais.

#### **Como serão coletadas as informações e os participantes da pesquisa?**

A coleta das informações se dará por meio de entrevistas com pessoas que passam pelo processo de modificações corporais por meio de técnicas específicas. A entrevista utilizará um roteiro previamente estruturado pelo pesquisador visando conhecer as histórias de vida dos participantes, especificamente, aquelas que dizem respeito às experiências com o próprio corpo e como lidam com os espaços sociais a quais estão inseridos. O local para realização das entrevistas pode variar em 3 contextos: 1º ocorrer nas dependências da clínica psicológica da UNESP/Assis. 2º ocorrer nas dependências da clínica psicológica da UEL/Londrina (local onde o pesquisador é docente) 3º nos casos de entrevistados que residam em outros Estados ou municípios afastados, as entrevistas serão realizadas na cidade do participante, em uma sala de hotel reservada, adequada e destinada para esse trabalho. A duração das entrevistas pode variar entre 1 hora e meia à 2 horas e meia.

#### **Sobre possíveis riscos e desconfortos e sobre os benefícios em participar da entrevista?**

**Riscos e desconfortos** – Acredita-se que os riscos serão minimizados, uma vez que se buscarão procedimentos pautados nas normativas éticas para pesquisa com humanos. Serão entrevistadas pessoas em plena capacidade legal, cognitiva e emocional. Será tomado cuidado para manter os entrevistados no anonimato, no entanto, corre-se o risco (mesmo que mínimo) de alguns entrevistados serem identificados, pois alguns deles podem ter publicizado suas vidas por meio de entrevistas e relatos em cursos e congressos. **Benefícios** – Contribuir para minimizar os estigmas referentes as pessoas que apresentam corporalidades distintas das difundidas pela mídia e pela moda. Visa promover conhecimentos que propiciam o desenvolvimento teórico do campo e contribuem para uma prática profissional mais ética e eficiente as demandas da sociedade.

#### **Qual é o objetivo dessa pesquisa?**

O objetivo dessa pesquisa investe na reflexão sobre as corporalidades que rompem com a estética dominante e convencional, a partir da análise do discurso de pessoas que transformam seus corpos por meio de técnicas específicas.

#### **Por que fazer esse estudo?**

Pretendemos, com esse estudo, compreender como a emergência de corporalidades dissidentes, no cenário social, produzem enfrentamentos e rupturas com as normativas sociais

que determinam estéticas corporais midiáticas e modos restritos de como experienciar o corpo.

### **E se eu quiser participar, mas não quiser me identificar?**

Nenhum participante será identificado nesta pesquisa. Os dados serão coletados de maneira a não identificar seu nome, endereço, local de trabalho ou estudo. Nós nos comprometemos a garantir o sigilo da identidade das informações prestadas. Garantimos também o sigilo de qualquer conteúdo que pedirem para manter em segredo e que tenha sido dito durante a entrevista. Caso haja necessidade de colocar nomes para a compreensão da sua fala, utilizaremos nomes fictícios. Ainda, como parte da metodologia, após a entrevista será entregue uma cópia digitada da entrevista transcrita e será solicitado que o participante suprima as informações que ele achar inconveniente para a publicação da tese. Será realizada uma devolutiva com o entrevistado para ouvir como foi participar da pesquisa. No final será entregue uma cópia da tese. O participante será informado sobre sua autonomia, liberdade e privacidade em relação à participação na pesquisa

### **E se eu desistir de participar?**

Todos os participantes dessa pesquisa têm a liberdade de, a qualquer momento sem que isso implique em dar explicações aos pesquisadores, retirar a sua participação desse estudo. A retirada da participação será completamente aceita sem questionamentos.

Por se tratar de uma pesquisa, os dados obtidos através da entrevista, poderão ser utilizados em publicações científicas, **sem que os sujeitos sejam identificados**.

Londrina, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2012.

Desde já, agradecemos o seu interesse em participar desse estudo,

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |                                                                                                                                                                                                                                                       |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <hr/> <p><b>Márcio Alessandro Neman do Nascimento</b><br/>         Aluno do Curso de Pós-Graduação de Psicologia<br/>         UNESP – Campus de Assis<br/>         Autor do projeto<br/> <a href="mailto:marcioneman@gmail.com">marcioneman@gmail.com</a><br/>         Tel: (43) 9935-8321<br/>         (43) 3344-2844</p> | <hr/> <p><b>Dr. Wiliam Siqueira Peres</b><br/>         Prof. Assistente Doutor<br/>         UNESP – Campus de Assis<br/>         Orientador<br/> <a href="mailto:pereswiliam@gmail.com">pereswiliam@gmail.com</a><br/>         Tel: (18)3302-5884</p> |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu \_\_\_\_\_ RG: \_\_\_\_\_, abaixo assinado(a), tendo sido devidamente esclarecido(a) sobre todas as condições que constam no documento “Termo de Esclarecimento”, de que trata o projeto de pesquisa de Mestrado intitulado **“Corpos (Con)Sentidos: cartografando processos de subjetivação de produto(re)s de corpos singulares”**, que tem como pesquisadores responsáveis o **Dr. Wiliam Siqueira Peres** e o pesquisador **Márcio Alessandro Neman do Nascimento**, especialmente no que diz respeito aos objetivos da pesquisa, declaro que tenho pleno conhecimento dos direitos e das condições que me foram assegurados, a seguir relacionados:

- ✓ O conhecimento de que a minha colaboração refere-se a uma entrevista áudio-gravada que será transcrita sem alterações e as fitas posteriormente apagadas;
- ✓ A garantia de receber a resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento de qualquer dúvida a respeito dos procedimentos, riscos, benefícios e de outras situações relacionadas com a pesquisa;
- ✓ A liberdade de retirar o meu consentimento e deixar de participar do estudo a qualquer momento, sem que isso me traga prejuízo;
- ✓ A segurança de que não serei identificado e que será mantido o caráter confidencial da informação relacionada à minha privacidade;
- ✓ Compromisso de que me será prestada informação atualizada durante o estudo, ainda que esta possa afetar a minha vontade de continuar dele participando;
- ✓ Concordo que os dados obtidos através da entrevista, possam ser utilizados em publicações científicas.

Declaro ainda que recebi o termo de esclarecimento da pesquisa por escrito e concordo inteiramente com as condições que me foram apresentadas e que, livremente, manifesto a minha vontade em participar do referido projeto.

Londrina, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2012.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

\_\_\_\_\_  
Márcio Alessandro Neman do Nascimento<sup>76</sup>  
Aluno do Curso de Pós-Graduação de Psicologia da Unesp de Assis  
Pesquisador

<sup>76</sup> Telefone para contato em caso de necessidade – email: [marcioneman@gmail.com](mailto:marcioneman@gmail.com), fones: (43) 3344-2844 ou (43) 9935-8321 (pesquisador), ou consultar o Comitê de Ética em Pesquisa da UNESP/Assis, pelo endereço eletrônico [cep@assis.unesp.br](mailto:cep@assis.unesp.br) ou pelo telefone (18) 3302-5607.



FACULDADE DE CIÊNCIAS E  
LETRAS - UNESP/ CAMPUS DE  
ASSIS



## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Corpos (Con)Sentidos: cartografando processos de subjetivação de produto(re)s de corpos singulares

**Pesquisador:** MARCIO ALESSANDRO NEMAN DO NASCIMENTO

**Área Temática:**

**Versão:** 3

**CAAE:** 01606012.1.0000.5401

**Instituição Proponente:** Faculdade de Ciências e Letras - UNESP/ Campus de Assis

### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 175.066

**Data da Relatoria:** 04/12/2012

#### Apresentação do Projeto:

As rupturas e as descontinuidades trazidas pelo acaso e as co-existências de acontecimentos na contemporaneidade apontam as insurgências que emergem nas corporalidades e nos modos de viver, sendo esses, pontos múltiplos e estratégicos nos processos de subjetivação. Sensações e sensibilidades aos prazeres, assim como as (trans)formações nos e pelos corpos têm configurado amplos contextos de colisões no

campo das experiências estéticas. Esses embates também urgem entre projetos de corpos midiáticos disciplinados e outros estilos singulares apresentados sob a forma de estéticas excêntricas - que buscam romper com o instituído, o referenciado e o ordinário. Nas produções de saberes contemporâneos, os corpos extrapolam e borram seus limites definidores e identitários produzindo desarranjos na lógica do saber-poder da Ciência, principalmente às epistemologias e métodos surgidos nos séculos XIX e XX. Assim sendo, o presente projeto problematiza a insurgência de dissidências corporais e de produções e modos de subjetivação resistentes às estéticas matrizes dominantes. Para tanto, buscou-se em narrativas performáticas - em uma perspectiva do método cartográfico - a expressão e sentido dados por sujeitos abjetos que (des)constroem seus corpos e(re)montam estéticas manejadas e criativas e, revoltadas para olhares incipientes, disciplinados e disciplinadores.

#### Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

**Endereço:** Av. Dom Antônio, 2100

**Bairro:** Vila Tênis Clube

**CEP:** 19.806-900

**UF:** SP

**Município:** ASSIS

**Telefone:** (18)3302-5740

**Fax:** (18)3302-5804

**E-mail:** cep@assis.unesp.br



## FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS - UNESP/ CAMPUS DE ASSIS



Cartografar, por meio de análise de narrativas de histórias de vida, os processos de subjetivação de sujeitos que produzem a (des)construção de seus corpos ao modelo normativo vigente na contemporaneidade.

Objetivo Secundário:

a) Compreender os sentidos e significados criados, a partir dos discursos da população-alvo, de como e quando se constituiu a relação transformadora do e com o próprio corpo. b) Identificar as estratégias de ruptura e/ou continuidade no discurso de sujeitos selecionados participantes entrevistados.

### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

O pesquisador avaliou riscos e se responsabiliza por estes, também deixa claro que os sujeitos/participantes poderão ser atendidos no CPPA da UNESP/ASSIS, em caso de necessidade.

### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

O público-alvo da presente pesquisa os adeptos de body modification. Desse modo, salienta-se o uso do termo específico body modification como um categorizador que substantiva e qualifica um indivíduo ou grupo de pessoas (e não sendo utilizado, de modo geral, como qualquer prática que modifica corpos). De acordo com Braz (2007), os adeptos de body modification podem ser compreendidos como um grupo urbano que estabelece interações sociais por meio do interesse em comum por aqueles que se implicam

em conhecer e aplicar técnicas de modificação corporal como, por exemplo, piercing, tatuagem, escarificações, inserções de implantes, entre outros. Essas técnicas produzem corpos diferenciados, possibilitando assim, outros olhares para a análise das corporalidades, estilos de vida, estética e produção de subjetividades.

Metodologia: O procedimento, marcador metodológico fundamental para a construção das narrativas de história de vida refere-se à realização de entrevistas.

Serão entrevistados 6 participantes. A escolha pelos 6 sujeitos-participantes da pesquisa se dará mediante contatos ocorridos nas incursões ao campo (visitas em estúdios de tatuagens e piercings, em eventos e congressos direcionados para tatuadores e body pierciers), direcionando a busca por pessoas que apresentam interesse em conceder a entrevista e que possuam atributos relacionados à modificação corporal constante na

bibliografia, ou seja, os adeptos de body modification. As especificidades e características dos participantes, tais como, faixa etária, nível de escolaridade, situação econômica, religiões, raça/etnia, estado conjugal (envolvimento afetivo), profissão entre outros, não são determinantes para a seleção, sendo o principal componente de escolha, a vivência das transformações corporais e a aceitação das regras éticas esclarecidas anteriormente à entrevista. Para garantir o mínimo de

**Endereço:** Av. Dom Antônio, 2100

**Bairro:** Vila Tênis Clube

**CEP:** 19.806-900

**UF:** SP

**Município:** ASSIS

**Telefone:** (18)3302-5740

**Fax:** (18)3302-5804

**E-mail:** cep@assis.unesp.br



## FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS - UNESP/ CAMPUS DE ASSIS



desconforto, após a entrevista será entregue uma cópia digitada da entrevista transcrita e será solicitado que o participante suprima as informações que ele achar inconveniente para a publicação da tese. Será realizada uma devolutiva com o entrevistado para ouvir como foi participar da pesquisa. No final será entregue uma cópia da tese. O participante será informado sobre sua autonomia, liberdade e privacidade em relação à participação na pesquisa. O local para realização das entrevistas pode variar em 3 contextos: 1º ocorrer nas dependências da clínica psicológica da UNESP/Assis; 2º no caso de o entrevistado que residir em outros Estados ou municípios afastados, as entrevistas serão realizadas em local por eles definidos, preservados às condições adequadas ao sigilo e possibilidades de gravação. A duração das entrevistas pode variar entre 1 hora e meia à 2 horas e meia. As análises serão realizadas a partir dos pressupostos teóricos constantes nas referências bibliográficas.

### **Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

O pesquisador apresenta um Termo de Esclarecimento e um TCLE que são complementares. Ambos contem as informações necessárias preconizados pelo CEP quanto ao sigilo, devolutiva, riscos e benefícios, entre outros.

### **Recomendações:**

Não há.

### **Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

PENDÊNCIAS ATENDIDAS

### **Situação do Parecer:**

Aprovado

### **Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

### **Considerações Finais a critério do CEP:**

O Regimento Interno do CEP prevê que o pesquisador apresente relatórios, de acordo com as datas estabelecidas pelo CEP. O não encaminhamento dos relatórios implicará no impedimento temporário da apresentação de novos protocolos, até que este regularize a situação pendente. Os RELATÓRIOS deverão ser apresentados em JUNHO/2013 e MAIO/2014. No Relatório Final deverá se informado como foi realizada a devolutiva do resultado da pesquisa aos sujeitos. ATENÇÃO: QUALQUER ALTERAÇÃO NO PROJETO DEVE SER INFORMADA AO CEP

**Endereço:** Av. Dom Antônio, 2100

**Bairro:** Vila Tênis Clube

**CEP:** 19.806-900

**UF:** SP

**Município:** ASSIS

**Telefone:** (18)3302-5740

**Fax:** (18)3302-5804

**E-mail:** cep@assis.unesp.br



FACULDADE DE CIÊNCIAS E  
LETRAS - UNESP/ CAMPUS DE  
ASSIS



ASSIS, 17 de Dezembro de 2012

---

Assinador por:

Miriam Mendonça Morato de Andrade  
(Coordenador)

**Endereço:** Av. Dom Antônio, 2100

**Bairro:** Vila Tênis Clube

**CEP:** 19.806-900

**UF:** SP

**Município:** ASSIS

**Telefone:** (18)3302-5740

**Fax:** (18)3302-5804

**E-mail:** cep@assis.unesp.br

## TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE “T3 OU F5”

**Márcio** – Bom, como eu te expliquei, tem toda essa questão da ética. Já te falei como funciona a pesquisa e sobre a solicitação do anonimato. Qual seria seu nome fictício que você gostaria de adotar para essa entrevista?

**“T3 ou F5”** – Como assim. É preciso.

**Márcio** – Para preservar sua identidade e que para não te expor, o Comitê de ética sugere isso. Entendeu?

**“T3 ou F5”** – Ai que foda... isso é difícil para caralho. Como as pessoas estão fazendo?

**Márcio** – Como assim? Não entendi a sua pergunta.

**“T3 ou F5”** – Precisa ser nome fictício?

**Márcio** – Bom, vou dar um exemplo, vai que eu entreviste alguém da associação dos *piercers* ou dos tatuadores, e ele coloca o nome... fica muito identificável... as falas dele vão ficar registradas...

**“T3 ou F5”** – Então você não quer que eu coloque o meu nome? É isso? Não posso dizer que sou eu mesmo?

**Márcio** – Sim, prefiro que não coloque pois o Comitê de ética de pesquisas com seres humanos solicita que seja assim.

**“T3 ou F5”** – E como as pessoas que você conversou entenderam isso?

**Márcio** – Confesso que muitos queriam colocar o próprio nome, queriam ser identificadas pelas suas falas.

**“T3 ou F5”** – Bom, acho estranho não colocar o nome. Pois pensa comigo... vai que daqui 20 anos alguém quer saber quem falou ou pensava isso e daí não vai ter o nome da pessoa que pensava daquele jeito. Eu achava importante deixar o nome.

**Márcio** – Bom, as pessoas que até agora entrevistei também questionaram isso. Que queriam o nome no trabalho.

**“T3 ou F5”** – É que a gente que fala e não tem nome (risos).

**Márcio** – Bom, só para lembrar, eu trouxe uns papéis, com algumas perguntas que eu anotei, meio que um roteiro que pensei antes de nos encontrarmos e que você já tinha comentado quando conversamos em outros momentos pela internet. Algumas coisas que eu gostaria de perguntar... mas não se preocupe com essa folha, com as anotações que eu também faço... são só para organizar o que vou perguntar. Por exemplo, eu penso algo, mas não quero interromper aquilo que está dizendo... então eu anoto e pergunto em seguida. Mas no todo, é uma conversa sem compromisso de responder perguntas. É um bate papo sobre as coisas que você pensa sobre modificação corporal e como você experiencia isso. Bom, eu preciso de alguns dados só para registrar aqui. Como seria o nome fictício? (risos)

**“T3 ou F5”** – Ééééé... (risos). Ah, coloca Lady Gaga.

**Márcio** – (risos) Lady Gaga?

**“T3 ou F5”** – Sei lá, pode ser meu nome artístico, T. Angel.

**Márcio** – Ok. T. Angel. Quantos anos você tem?

**“T3 ou F5”** – 30 anos.

**Márcio** – Só 30? Mais novo do que eu... já fiz 33 esse mês (risos).

T- Então somo capricornianos (risos).

**Márcio** – Qual a sua cor de pele? Raça ou etnia?

**“T3 ou F5”** – Sei lá. Azul, preta (risos). Ah, raça? Coloca branca, ué. Ah, você já está gravando?

**Márcio** – Sim.

**“T3 ou F5”** – Ok (risos).

**Márcio** – Religião?

**“T3 ou F5”** – Ateu.

**Márcio** – Escolaridade?

**“T3 ou F5”** – Superior completo. Sou formado em História.

**Márcio** – Exerce que atividade profissional agora?

**“T3 ou F5”** – Bom, agora estou me direcionado para a Arrrrrrrrrte ou Arrrrrrrrrdeeee (risos).

**Márcio** – (risos) Para a área das Artes? Isso?

“T3 ou F5” – Sim.

Márcio – Estado civil?

“T3 ou F5” – (risos) namorando... socorro, mas agora eu só penso em casar. Eu quero casar agora (risos).

Márcio – Onde você mora?

“T3 ou F5” – Osasco.

Márcio – Com quem?

“T3 ou F5” – Com meus pais... com minha mãe, com minha avó.

Márcio – T. me conta do seu dia-a-dia para mim? Sobre as coisas que costuma fazer no seu dia-a-dia. O que você tem feito? Me conta do seu jeito, como quiser me contar.

“T3 ou F5” – Nos últimos anos?

Márcio – Também. Pode ser.

“T3 ou F5” – Bom, basicamente eu faço academia todos os dias. Trabalho no site todos os dias... bom, na verdade é assim, eu procuro trabalhar na parte da manhã no site...

Márcio – Qual site?

“T3 ou F5” – Ah sim. O meu site, o *freakguys*. Eu procuro trabalhar durante a manhã, mas normalmente isso não acontece assim. Eu começo a fazer coisas e vou para outras e tal e daí acaba ficando complicado. Depois de mexer no site eu procuro ler alguma coisa e eu não paro de pensar em trabalhos de arte e de performance e música. Além disso, ultimamente eu tenho feito aula de dança, daí eu intercalo com estudos de performance. Essa é minha história, né. Agora voltando a pensar na pós também e isso tem me ocupado tempo. Ando devagando e namorando (risos), ah, e eu passo muito tempo na internet. Bom, na verdade eu perco meu tempo e ganho meu tempo na internet, mas é muito tempo mesmo... eu fico muito tempo da minha vida conectado.

Márcio – Fazendo o quê na internet?

“T3 ou F5” – Pesquisando, perdendo tempo, vegetando, ouvindo música. Eu ouço música o dia inteiro cara, você não tem noção. Sem brincadeira, chega a ser assustador até (risos), porque eu acordo e tenho que ligar o computador para por música e eu durmo ouvindo música. Eu ouço música em tudo que eu faço. Eu leio e eu como ouvindo música, enfim, eu trabalho ouvindo música, e assim eu fico nessa história assim, por enquanto. Esse ano eu volto a fazer aulas relacionadas com as performances... que vai ser uma aventura. Mas a vida é feita de aventuras, não é verdade?

Márcio – Você está fazendo um curso de teatro e dança?

“T3 ou F5” – Faço curso de performance na UNESP no sábado, mas agora vai mudar para a quinta, eu acho. É um grupo, na verdade, de artistas e não-artistas... um grupo de pessoas de várias áreas e se juntam para fazer um estudo de performance. Não é um estudo para teorizar o que é performance. É um estudo de vivência, de situações performáticas assim... Tem curso de dança também e pouca coisa de cênicas, é um loucura, eu não uso drogas, né, mas essa experiência me tira um bocado da realidade assim. Te coloca em outra situação, em outro plano, outro universo, em outro estado de espírito assim. É muito intenso assim. É você perde um pouco aquela coisa de unidade, pois é coletivo o tempo inteiro e eu precisava muito disso. Precisava muito disso porque meu trabalho com performance desde o começo foi sempre muito solitário.

Márcio – E isso começou quando?

“T3 ou F5” – Bom, eu comecei a fazer performances em 2005. Mas eu sempre vivi arte e respirei arte. Então tudo que eu fazia... uma pintura, um desenho ou escrever mesmo já era muito solitário, né. Muito mesmo. Talvez quando fossem nas exposições assim, juntava-se, mas era só essa parte que era coletivo, de juntar. Nesse grupo da UNESP já me deu total experiência com o coletivo, pois isso é o tempo inteiro assim. Então tem uns trabalhos assim desde o começo, pois eu achei que ia ser gradativo assim, mas não foi. Desde o começo foi sempre muito intenso, de um corpo virar uma massa de corpos sem separar. Sei lá, de duas pessoas se abraçando daí virava trinta pessoas se abraçando. Inicialmente com roupas e depois nus. Então, era intenso.

Márcio – Você não tem problemas de ficar nu?

“T3 ou F5” – Não, muito menos... bom, na verdade eu tive muito antes, pois eu venho de família cristã, né, e é cristã protestante e tal. Meu pai era bem fanático na infância, bem fanático mesmo, de não ter televisão em casa, não podia ler, é..., só podia ler a bíblia. Isso foi até os meus... bom, eu sofri menos porque eu era o caçula dos meus irmãos, então eu fui o que sofreu menos. Aos doze anos eu decidi que não iria mais na igreja e não fui mais. Já os meus irmãos mais velhos, por exemplo, a minha irmã foi até casar. Era uma coisa de ir obrigado, ir chorando, brigando, enfim, não era uma coisa saudável. E aí, acho que foi na minha adolescência que eu comecei a...

(fomos interrompidos por um amigo virtual do entrevistado que mora em outro município e que estava em São Paulo e o reconheceu das fotografias da internet. O entrevistado não tinha reconhecido o amigo virtual por este ser diferente das fotos. Eles se cumprimentaram e T. conversou rapidamente com o amigo. Antes de iniciarmos a gravação da entrevista, o entrevistado já havia sido abordado por duas amigas que não o viam a muito tempo. O

local da entrevista era um restaurante/lanchonete que servem comidas veganas. T. me apresentou o amigo virtual e disse que ele era de outra cidade e estudava artes também. Discutiram sobre um evento de performances que seria realizado no mês seguinte em Campinas).

**Márcio** – Você é popular. Hein?

**“T3 ou F5”** – (risos) Ele é um menino fofo e lindo.

**Márcio** – Você não o reconheceu?

**“T3 ou F5”** – Não, eu não o vi muitas vezes, somente em um evento, e antes ele não era tão tatuado. Olha como eu sou lesado, eu o conheci em 2009. Já faz três anos, e depois disso só o vi virtualmente. E na internet as pessoas manipulam tanto a imagem das fotografias que você não reconhece as pessoas (risos). Esse menino é muito, mais muito inteligente mesmo. Ele faz mestrado em fotografia ou artes visuais na Unicamp. Enfim, eu perdi o foco. Vamos lá... eu tava falando do curso da Unesp, né?

**Márcio** – Paramos de falar sobre sua família ser cristã e sobre a sua adolescência.

**“T3 ou F5”** – Ah, sim. Bom, quando eu comecei a adentrar no mundo da Contracultura, que foi relativamente cedo, né... de quatorze para quinze anos. Nesse período, meu pai estava rompendo com a coisa do fanatismo religioso e ele tava passando por um processo muito foda de transformação interior a ponto dele virar a pessoa mais aberta do mundo. Sabe, foi bem legal isso. Bom, meu pai era meu melhor amigo, né. Mesmo quando ele era fanático, porque mesmo fanático, na cabeça dele ele achava que estava fazendo o bem, e que depois ele descobriu que era tudo uma grande bobagem. Mas então, essa coisa do corpo, eu nasci com isso de ter que esconder o meu corpo, de vestir muita roupa. De ir para a praia, por exemplo, quando tinha uns treze anos, eu era super complexado com o meu corpo. Eu não ficava nem sem camisa, sabe. Eu fazia natação e não tomava banho com os outros meninos porque eu tinha vergonha de ficar pelado. E também tinha a coisa de ser gay também. Então como ia ser? Eu voltava molhado embora, eu era besta e tal. Daí, eu fui perder um pouco da vergonha em ter problemas com o corpo foi quando eu comecei a fazer a modificação corporal. As primeiras tatuagens foram me liberando o corpo aos poucos. Eu tatuava as pernas, e daí veio a bermuda que eu passei a usar. Eu tatuei os braços, e daí veio as regatas que também comecei a usar. E aí, foi indo embora essa vergonha a partir daí.

**Márcio** – Você quer dizer que quando começou a se tatuar você foi descobrindo o corpo? Descobrimo de panos e descobrimo seu próprio corpo?

**“T3 ou F5”** – Comecei a me modificar na verdade com piercings, mas eu não me sentia a vontade. Eu fui me sentir a vontade após começar a me tatuar. Mas antes disso eu tinha muito problema com o meu corpo, muito problema mesmo. É, foi indo por aí. Mas eu comecei a questionar isso do corpo e tal foi quando meu pai estava na UTI. Por que meu pai tinha que usar fralda porque ele não levantava da cama... ele ficou muito tempo em coma e ele tinha os momentos de consciência dele assim, ele tinha muita vergonha de estar nu. Daí aquilo começou a mexer profundamente comigo aquilo. Sabe, não tinha que ter vergonha de estar nu, sabe... era um momento que ele não deveria nem pensar sobre isso, em ter vergonha. Isso começou a me incomodar muito. E outra coisa que me incomodou muito era que meu pai era um homem muito bonito e de repente ele ter que ficar nu... é, a disposição que ele tinha que ter de ficar nu o tempo todo né e as pessoas o viam... e era um momento que ele estava feio, tava doente, tava machucado, e isso me incomodou muito. Depois disso foi que comecei o meu primeiro trabalho. Foi na sequência, meu pai estava no hospital ainda.

**Márcio** – O que aconteceu com seu pai? Se importa em falar?

**“T3 ou F5”** – Meu pai teve um problema cardíaco. Daí ele foi para o hospital e aí ele se internou e começou a piorar muito rápido assim. Entrou em coma. Bom, ele ficou três vezes internado antes de falecer. Foram três meses, mas para mim, parece que foi uma vida. Daí, inclusive no curso da Unesp, que a gente teve que trabalhar muito com o nu, o professor faz uma pesquisa justamente com isso, com o corpo livre, como eles chamam, né. Daí ele pedia para todos nós escrevermos um texto da experiência do corpo livre. Daí eu contei justamente essa história aí... que a libertação do meu corpo vem com a internação do meu pai. Daí de novo, o primeiro trabalho foi ainda bem tímido... foi com fotografia... e eu ainda tinha vergonha... tinha vergonha do pinto, bom, é aquela coisa, né? Mas esse momento foi importante para que eu começasse a liberar mesmo. E daí já estava pelado e já não tinha mais problemas... pelado agachado, de quatro, sentado, deitado, vestido ou nu, eu num tinha mais problemas. Daí ficou livre mesmo, e isso foi muito bacana. Daí quando cheguei no curso da Unesp, eu já tinha uma experiência, já tinha feito algumas coisas antes de nu.

**Márcio** – Isso foi em que ano?

**“T3 ou F5”** – De que?

**Márcio** – Quando você começou as suas primeiras performances?

**“T3 ou F5”** – Ah, já era 2008. De ficar totalmente nu. Antes tinha uma coisa com cueca, uma coisa ainda muito... cueca (risos). Cara, para mim, hoje o nu para mim é uma coisa que não é só o ficar nu, tem todo um sentido. Gostaria muito que um dia você fosse ver uma... bom, não sei se ainda vai ter algo com toda essa experiência do corpo livre, mas que você fosse ver uma aula que eu faço lá na Unesp. Era muita gente tirando as roupas e deixando no lugar que tava... e se abraçam, rolam no chão e tudo... e sorriem. Parece que a gente vai tirando a casca da gente, sabe. A gente vai ganhando... a gente via virando borboleta, né? E essa experiência é sempre muito intensa. Por isso eu digo que esse curso mexeu demais comigo e espero que ele nunca acabe. E se acabar o curso, que vire um coletivo de arte, de produção artística para sempre. É muito potente. Um amigo meu que é

piercer e que me suspende em algumas apresentações minhas foi e ele ficou... ele disse que queria entrar na onda. Também porque esse meu amigo é super oriental retraído e tímido.

**Márcio** – Ah sim, eu o conheci em um workshop que ele também estava dando. Percebi que ele era um pouco tímido sim.

**“T3 ou F5”** – Ele é super tímido. Ele é super comedido. Mas daí como ele ia me ajudar na suspensão ele acabou ficando e assistindo a aula. Daí quando ele começou a ver aquela coisa dionisíaca, sabe, (risos), ele disse: —Meu, vocês entram em transe?”. Ele disse que isso vai puxando, a sensação que ele tinha era que ele tava sendo puxado para aquilo também. Aquilo foi uma coisa que ele não esperava. Daí o professor falou: —Agente vai ter uma passagem pelo corpo livre”. Quando ele viu, tava todo mundo já pelado.

**Márcio** – Quantas pessoas eram mais ou menos?

**“T3 ou F5”** – No começo, nas primeiras aulas eram umas trinta ou quarenta pessoas, ou quase umas cinquenta pessoas.

**Márcio** – E foi diminuindo?

**“T3 ou F5”** – Bom, acabou, eu acho que éramos uns vinte, pouquinho gente. Tinha diminuído bastante. Eu acho, inclusive, que foi por essas coisas de muita potência logo de cara assim. Mexeu com todo mundo. Era legal, porque com todo mundo que eu conversava, inclusive os professores, falavam dessa coisa de ir para outro mundo, que é um mundo não real assim. É diferente ter que fazer carinho, não de uma forma sexual, mas um carinho afetivo assim com o corpo, com o outro, com uma pessoa que você acabou de conhecer assim, e ainda por cima, nu. Nu, coisa que se faz, geralmente, dentro de quatro paredes com pessoas que você vive a vinte anos. Às vezes, você chega com vinte anos com alguém e não tem aquela intimidade com o corpo do outro ou com o seu. A aula, por isso, era muito potente mesmo.

**Márcio** – Em relação ao toque. Tem pessoas que são tocadas e ficam excitadas, algumas vezes porque nunca foi tocada naquela forma e o corpo responde desse jeito mesmo sem a pessoa querer. Pode ocorrer isso?

**“T3 ou F5”** – Bom, a gente conversou sobre isso nas aulas, não aconteceu, mas era algo que poderia acontecer, e por isso a gente conversou que não era para ninguém ficar com: —Ahhhhhhhhhhh, tarado que ficou com o pinto duro”. Porque não era para ser sexual, mas isso a gente não controla, né? E ali tá tão, assim, aquela coisa que... poderia mesmo acontecer. Um monte de gente linda, desimpedida e sorridente... tesão, jovens, ahhhhhh, cara, às vezes pode ser que você não controle, cara (risos). Lá tem um povo muito bonito mesmo, mas não tivemos pintos duros (risos). Quem sabe deveria ter tido alguns (risos).

**Márcio** – Me diz como a modificação corporal entrou na sua vida?

**“T3 ou F5”** – Como assim?

**Márcio** – Quando começou a perceber o interesse pela modificação corporal? Qual a sua lembrança mais remota referente à modificação corporal?

**“T3 ou F5”** – Entendi.

**Márcio** – Quando veio a ideia da modificação corporal?

**“T3 ou F5”** – Bom, desde criança eu sempre gostei de um corpo que fugisse do padrão. Eu sempre gostei de ficção científica, eu sempre gostei de anime, eu sempre gostei de história em quadrinhos, eu sempre gostei de fantasia. Todos esses itens que eu falei remetem à corpos que fogem do padrão. Eu lembro que eu via algumas coisas nos desenhos animados e eu me perguntava: —Será possível transpassar um metal no corpo dessa forma?”. Eu lembro que tinha —**A** Tartarugas Ninjas” e tinha dois vilões que tinham duas argolas no nariz e tal e daí eu pensava: —Como assim, duas argolas no nariz?”. Nesse período eu já estava pensando sobre essas coisas. Ai, eu me lembro que eu tinha umas coisas de me cortar, de me fazer marquinha com a lapiseira. Eu sempre tive essa coisa com o corpo muito forte, mas quando eu tive consciência que eram modificações corporais, foi na adolescência.

**Márcio** – Como você fazia? Marcava ou cortava o corpo com a lapiseira?

**“T3 ou F5”** – Bom, eu queria fazer desenhos, queria fazer marquinhas, estrelas... eu sempre gostei muito de palavras. Então eu escrevia com a lapiseira, mas queimava e ficava aquela casquinha na pele. Eu gostava. Bom, é louco, porque brinco eu nunca quis ter. Daí eu pequei a fase do brinco masculino, né, que era coisa de viado. Tinha uma coisa, que de um lado da orelha era viado e do outro lado era travesti (risos), brincadeira. Não lembro qual lado era de viado, mas era isso. Daí eu lembro que eu tinha um primo que furou a orelha; olha só que abssuuuurd (risos). Ficou, na época, muitos boatos, na época que ele tinha virado, entre aspas, viado, homossexual. Daí era todo aquele discurso burro e conservador para caralho, e eu ouvia isso sim. Bom, mas eu nunca tive vontade, não por esse discurso, mas nunca tive tesão mesmo de colocar brinco, nunca me interessou. Mas aí, eu vi o mundo, né. Daí meu irmão me levou em uma feira, no Mercado Mundo Mix. Nessa época eu tinha de catorze para quinze anos, acho que lá pelo ano de 97. Eu patinava na época, jogava bola, eu era todo malandrão. Bom, malandrão é foda, mas eu era (rs). Aí, meu irmão, que também sempre foi atleta também, assim, de correr de bicicleta. Enfim, ele trabalhava e conheceu um menino que conhecia muita coisa alternativa, que conhecia bailinhos de música eletrônica, e surgiu o Mercado Mix nesta época. Meu irmão foi, gostou e teve um dia que ele foi me levar e eu fui. Chegando lá, foi assim, transformador mesmo. Mesmo. Eu cheguei, andei meia hora lá e fiquei encantado. Porque lá tinha travesti, que era algo que não tinha no meu mundo, no meu dia a dia. Tinha travesti com o peitão de fora, muitos gays, drag queens, tinha punk, clubbers, na época, o cyberpunk,

e outros grupos, tudo ali, circulando. Tudo isso tinha piercings e tatuagens. Cara, eu vendo aquilo, foi paixão imediata. Tanto que eu comprei roupa lá na hora e me troquei lá mesmo e me vesti como querendo dizer: —“Sou parte de tudo isso agora”. Daí, depois disso, eu nunca mais parei de me interessar por isso. Daí, comprei piercings de mentira, porque imagina eu chegar com um piercing na minha casa, né. Comecei usar piercing de mentira, tatuagem de henna, e todas aquelas coisas de adolescente quer ter. Até que chegou o dia de eu fazer meu primeiro piercing, e daí foi um problema, porque meu irmão tinha furado a língua e eu o lóbulo.

**Márcio** – Seu irmão se interessava por isso também?

**“T3 ou F5”** – Sim, ele furou a língua. Ele pirou também, entrou super na onda. Ele já estava mais inserido nessa onda do que eu. Ele já conhecia umas bichas lá... meu irmão não é gay, mas transita bem com o diferente. Inclusive para mim foi uma surpresa, porque meu irmão era a pessoa mais introspectiva do mundo, ele não falava, ele via televisão vinte horas por dia. Ele trabalhava a semana inteira e sábado ele via o dia inteiro televisão e domingo acordava cedo para ir pedalar e voltava a tarde para ir assistir televisão. A gente falava que ele saía verde do quarto de tanto que ele via televisão (risos). Então, daí nesses lugares, ele tava todo lá, comunicativo, no meio de vários gays. Isso era muito legal. Aí, então, ele fez o piercing dele, e eu fiz o meu. Foi um problema na minha casa... nunca vi minha mãe tão brava em toda a minha vida... depois que a gente fez isso. Tanto foi, que eu fiquei com medo e tirei o meu...

**Márcio** – Quantos anos você tinha nessa época?

**“T3 ou F5”** – Quinze.

**Márcio** – Não era preciso a assinatura de um responsável para você fazer isso?

**“T3 ou F5”** – Não, naquela época não tinha isso. Só depois de uns dois anos disso que teve a lei. A lei é de 1999. Bem isso mesmo. Bom, aí eu tirei o piercing, voltei a falar com a minha mãe (risos).

**Márcio** – O que ela fez?

**“T3 ou F5”** – Nossa, eu trabalhava, né. Eu trabalhava em uma multinacional, ela foi e me ligou no serviço e me xingou, xingou, xingou, xingou e disse: —“Agente vai ter uma reunião quando você chegar em casa, hein?”. Cara, minha mãe é baixinha, mas ela é brava, muito brava. E assim, eu também ficou com medo de magoá-la também. Meu pai nem se pronunciou (risos). Mas o que aconteceu? Eu tirei o piercing, e eu comecei a me auto-perfurar em casa com agulhas de costuras, porque minha mãe costura e tem sempre muitas agulhas na minha casa. Então, direto ela me pegava e eu estava na frente do espelho me furando, na boca. Daí ela começou a ficar com medo disso. Daí ela viu que era sério e me disse: —“Vai lá e faz a porra do seu piercing” (risos). Daí eu fui e fiz, e daí eu não parei mais também. Daí começou sem parar. Foi na adolescência que teve o marco de começar mesmo tudo, mas é algo que vem desde que eu nasci, não tem como falar que a coisa aconteceu quando virei adolescente... as coisas já vinham vindo... eu acho que já nasci com esse gosto pelo diferente e pelas coisas que me causam sensações diferentes. Daí, quando eu pude, eu coloquei em prática.

**Márcio** – Você acha que sua mãe deixou pelo medo de você se machucar?

**“T3 ou F5”** – Eu acho que foi por isso também, pelo medo de eu me machucar e também ela percebeu que era algo que eu queria muito. E a minha mãe sempre foi muito de fazer os nossos gostos, não para mimar, mas se fosse algo que não fosse negativa ela ia deixar a gente fazer. Daí ela percebeu que não era uma coisa ruim, que era uma coisa que eu queria muito fazer e que tinha outras coisas envolvidas, daí ela deixou. Bom, na época eu não tinha piercing na cara. Se hoje a gente fala menos do que acha que se deveria falar, não tinha assim... Eu andava pela rua e o povo se benzia... Eu corria de punk, eu corria de skinhead, ouvia muito xingo, nossa eu já fui muito xingado na minha vida. Acho que deve ser por isso que eu não percebo se as pessoas me olham ou não, porque hoje em dia eu não percebo. A minha mãe odeia andar comigo na rua porque ela fala que todo mundo fica me olhando e eu digo: —“Mas eu não vejo” e ela diz: —“Como não vê que todo mundo está te olhando agora?”. Mas eu não vejo. Eu tinha uma amiga que não acreditava que eu não vejo e daí ela percebeu quando começou a andar comigo agora que eu não percebo mesmo. Eu acho que eu desliguei essa parte de... bom, você percebe quando a pessoa grita ou te toca, daí não tem como. Mas, assim, de entrar no ônibus e reparar que estão me olhando, eu não vejo mesmo. Mas eu acho que porque eu ouvi muito xingo que hoje nem vejo mais.

**Márcio** – O que falavam?

**“T3 ou F5”** – Ah, me chamavam de tudo. De monstro a... os básicos, viado, filho do capeta, drag queen... eu ouvia de tudo que você possa imaginar.

**Márcio** – Tudo isso por conta da estética? Da modificação corporal? Ou tem a ver por conta da sexualidade?

**“T3 ou F5”** – Pela estética. Meu, pelas minhas roupas. Até porque nessa época eu passava por heterossexual.

**Márcio** – E você acredita que você era xingado de viado por conta de condicionarem a estética diferente com ser gay?

**“T3 ou F5”** – Também. Mas muitos discursos que eu ouvia eram discursos homofóbicos. Total, total. Porque era colorido, cabelo colorido, os metais, os brincos. Os brincos, tinha acabado a fase de falar que usar brinco era coisa de gay e daí o piercing entrou no lugar, né. Piercing virou coisa de viado daí. Cara, e eu moro na periferia. Tipo, tinha tudo isso... mas assim, é meio surreal, porque eu moro na periferia, em frente da minha casa era uma área invadida, mas agora faz pouco tempo que liberou e estão fazendo um parque lá, estão urbanizando, mas naquela época era uma área invadida. Causava um puta estranhamento para eles e, meu, é sério, eu não sei como

eu não morri, eu era um adolescente... eu era um adolescente, né, não precisa dizer muita coisa. Eu não estava nem aí, eu andava com sapato plataforma, com calça cor-de-rosa, meu, eu andava de moicano o tempo inteiro e hoje em dia tem até o Neymar, mas naquela época o Neymar era um feto (risos). Na periferia tinha coisas mais verbal, mas eram xingamentos até bobos se for ver, pequenos, bostinhas.

**Márcio** – Tipo?

**“T3 ou F5”** – Ah, essas coisas, viadinho, monstrinho... Já nos grandes centros, a coisa já era mais violenta. Era assim: —Ahmata!”, —Vamos bater!”, e daí eu tinha que correr, né. Já corri muito. Eu corria de punk... porque é assim, porque eu não era punk, bom, na verdade eu era muito mais punk do que os próprios punks, enfim, sei lá, mas eu não era punk porque eu ouvia música eletrônica e eu tinha que correr dos punks. Eu usava coturno, daí eu tinha que correr dos skinheads porque eu parecia punk. E daí tinha os skatistas que não gostavam e eu não entendia o porquê, ah sim, porque eles eram homofóbicos, eles não gostavam e eu tinha que correr deles também. Eu passava o tempo inteiro correndo, ninguém gostava de mim, desses grupos, né. O meu irmão enfrentava isso, porque ele era forte e tal.

**Márcio** – Seu irmão também fazia essas modificações no visual?

**“T3 ou F5”** – Meu irmão era muito pior, ele tinha... bom, visualmente falando ele era bem forte e usava saia, ele num tava nem aí. Era bem maluco (risos). Só que ele parou muito cedo. A gente fala que meu irmão teve uma adolescência tardia. Eu vivia isso com meus quatorze e quinze anos e ele com dezoito e dezenove. Ele parou depois total, só voltou depois a parte esportiva. Mas piercing é uma coisa que ele gosta hoje, inclusive a gente tava conversando sobre isso nesse final de semana. Ele tirou tudo que tinha quando ele começou a namorar e tirou antes do casamento, enfim. Mas ele quer refazer agora, ele já tem um braço fechado de tatto, ele gosta disso. Mas o visual dele, agora, não tem nada a ver com isso.

**Márcio** – Quando ele começou esse lance de se modificar?

**“T3 ou F5”** – Ele? Com dezoito ou dezenove.

**Márcio** – Era tatuagem e piercing?

**“T3 ou F5”** – Só piercing. Não, tatto também. Ele tinha feito uma tatto debaixo do braço. Ele foi o primeiro a se tatuar da gente, assim. E daí eu comecei a me tatuar. E agora recentemente ele fechou o braço. Isso há uns dois anos atrás. Mas eu acho que ele não pára por aí, não. Ele gosta bastante. Então, foi esse o problema em casa, né. Ter os dois filhos, juntos, começando a fazer essas coisas (risos). Daí eu me afastei da minha família também, tipo, ah cara, eu queria viver minha vida em paz, eu sempre quero viver minha vida em paz. Eu trabalhava, fazia essas coisas com o meu dinheiro, eu estudava e gostava de me vestir daquele jeito. Para mim era meio incomodo ir para a casa dos meus tios e minhas tias e ter que ficar ouvindo abobrinha, sabe. Tipo: —Ahque calça de viado”. Eu nem ia... bom eu era viado, mas eu era... eu não lidava bem com isso ainda. Por isso para mim era mais incomodo ainda. Hoje em dia eu iria rir da cara deles, eu diria: —É isso mesmo”. Mas não, —seu viado” era um ponto de interrogação, né? Daí eu parei de ir, parei de ir na casa das minhas tias e ficava só na minha casa. Daí eu parei de ir lá. Dentro da minha casa, a minha irmã, que é mais velha, enfim, ela era foda. Era uma pessoa que eu nunca briguei na minha vida assim. Nem dizer que eu tive algumas discussões pequenas... nunca. Eu nunca briguei com ela com nada, com nada mesmo, nunca. Ela sempre foi de boa, ela já era casada quando eu comecei a me modificar.

**Márcio** – Ela nunca disse nada? Nada relacionado a sua estética?

**“T3 ou F5”** – Bom, teve um único dia que eu briguei com meu pai e daí ela chorou muito, ficou muito nervosa e daí ela falou: —Você também, né. Aí, todo tatuado, com as unhas pintadas... o pai não gosta, né”. Daí eu senti que ela também tinha —um não gostar” relacionado a isso, mas considero que seja muito, muito pequeno. O meu pai eu já sabia que ele não estava gostando da coisa, porque... né... machistão, tinha acabado de passar por essa coisa de fanatismo religioso, para ele isso era problemático, no começo. Tinha uma coisa dele falar: —Filo meu que quer usar ferro na cara vai usar fora de casa, na minha casa não”. Ele falava isso antes de a gente fazer, depois que a gente fez, o que ele ia fazer. Num tinha como colocar a gente para fora, né. O que mudou? Não mudava nada. Depois começou a ficar uma coisa de humor com o meu pai. Eu lembro que... isso eu nunca vou esquecer. Eu estava sentado em casa, eu estava no computador. Eu estava com muito piercing no rosto nessa época, muito, muito mesmo, várias bolinhas no rosto, muito. Daí ele começou a rir do nada sozinho. Daí ele falou... todo mundo olhou para ele e ele falou: —Sempre contestei para a gente não ter uma árvore de natal em casa e agora eu olho para meu filho em casa e ele é uma árvore de natal (risos). Daí começou a virar essa coisa sempre de humor assim, meio alopado. Depois ele entrava em estúdio para pear cartãozinho, sabe assim, para me agradar? —Aí, eu achei um estúdio tão bonito, quando der, vai lá ver”, ele dizia. Me levava para me tatuar. Eu tenho o nome dos meus pais tatuados, né. Daí eu resolvi fazer uma tatto, no aniversário da minha mãe e uma no aniversário do meu pai. Minha mãe é em abril e meu pai em agosto, logo eu ia fazer minha mãe primeiro. E ele me levou. Quando eu entrei no carro, que tinha acabado de me tatuar, ele me perguntou o que eu tinha feito e daí eu mostrei o nome da mãe. Daí ele olhou assim e disse: —É o meu?”. Na hora ele perguntou. Daí eu... ahhhhhhhh, ahhhhhh, eu disse: —Era surpresa, o seu ia ser em agosto”, daí ele disse: —Sério que você vai fazer?”. Daí todo mundo que ia em casa eu tinha que mostrar... Quando eu comecei a suspensão, a minha mãe odiava. Bom, ela odeia até hoje, né. Mas a gente tinha muita, muita, muita briga... eu e minha mãe. Já meu pai andava com foto minha, para mostrar para os amigos deles as minhas suspensões. Então, meu pai começou a ter essa coisa de orgulho, sabe assim, das coisas que a gente fazia. Da mesma forma que ele andava com a foto do meu irmão correndo, fazendo triátlon, ele tinha uma foto minha suspensa, no carro. Foi isso, eu acho que esse processo de

transformação foi muito conjunto assim, acho que na minha adolescência eu.... Nossa, eu falo para caralho, né? Mas eu acho que essa passagem da minha vida importante.

**Márcio** – Bom, eu estou adorando te ouvir, achando tudo fantástico. Estou acompanhando tudo.

**“T3 ou F5”** – Bom, pelo menos assim a gente se conhece, né? (risos)

**Márcio** – Claro. A diferença da nossa conversa é que eu liguei o gravador, porque você está me contando a sua história. Para mim, é uma conversa, sem obrigatoriedade e com vontade de ouvir e conhecer você.

**“T3 ou F5”** – Na minha adolescência daí, com essa coisa da Contracultura, os gays também começaram a aparecer em casa, né? Então, eu comecei a ter amigos gays que freqüentavam a minha casa. Eu super tinha receio, no começo... bem assim, antes deles... tinha medo que eles tivessem algum tipo de hostilidade. Não que seria agressão verbal, porque meus pais são uns amores, mas... que tivessem um tratamento diferente que meus amigos hêteros teriam... eu fiquei com medo disso. Cara, tomei no cu, né. Bom, eu perdi meus amigos para os meus pais, né, porque eles ficavam conversando com meus pais e me deixavam sozinho (risos). Eu tive dois amigos que eram gays, já na adolescência, um inclusive mais velho... eu na fase dos quinze e ele já tinha vinte e nove na época. Então, ele era a maricona, da gente... (risos). E meu pai adorava ele... adoraava... minha mãe adoraava. Inclusive na noite do meu aniversário agora, esses dias, ele apareceu lá em casa e eu fiquei muito feliz. Minha mãe ama esse meu amigo. Tipo, esses meus amigos eram assumidíssimos. Daí, eu acho que para o meu pai isso também foi uma forma de romper com o machismo. Isso ajudou muito a não terem desprezo pelos gays e tal. A minha mãe principalmente... a minha mãe sempre foi... ah, mãe, não precisa explicar muito coisa, né. A minha mãe, igual meu pai, também já começou ter uns textinhos de defesa dos homossexuais. Eu escrevi um texto, agora no meu aniversário que eu dizia que se eu não fosse tão diferente como eu sou, talvez meus pais seriam piores do que eles foram na vida. Minha mãe, por exemplo, depois que meu pai faleceu, ela rejuvenesceu uns vinte anos. Acho que isso também vem da nossa relação, dessas transformações que a gente levou para minha casa, o meu irmão menos porque ele ficou menos tempo em casa, né, e ele ficou uma pessoa isolada. Agora eu já fui uma pessoa de brigar, de discursar, de levantar bandeira... sou uma bicha muito metida, né (risos). Enfim, eu acho que tudo isso ajudou. Eu lembro que eu era pivete e meu pai, ele sempre teve um tom de voz muito forte, aliás, lá em casa todo mundo fala muito alto... inclusive eu... e quando meu pai ficava bravo ele gritava muito e isso me incomodava muito... então, ele conversava com você e vinha aquele grito... sabe. Eu era criança e um dia nos dias dos pais eu disse para ele que isso me deixava muito irritado e que ele tinha que conversar com a gente conversando e não gritando. A partir daí, ele nunca mais gritou. Eu sinto que... e acho que eu herdei isso dele também que as críticas que a gente ouve a gente coloca em prática, a gente usa os feedbacks para a gente melhorar, e ele fez isso sem a gente pedir, de ele aceitar, de ele entender a gente. Entendimento do outro era algo que a religião não propiciou a ele e isso afastou ele da religião. No fim da vida dele, assim, ele não estava indo mais na igreja. Ele gostava de ir ainda, mas a relação era outra.

**Márcio** – Aconteceu alguma coisa para ele ir mudando assim?

**“T3 ou F5”** – Num sei, foi algo que ele foi deixando de lado assim... aos poucos, ele nunca deixou de ir, mas ele foi vendo que não era só aquilo e que não era só daquela única forma que eles falam lá na frente e parou... foi até os últimos dias dele na igreja e minha mãe vai até hoje, embora ela vá menos também. A minha mãe foi rebelde, a gente brigava e tal, mas minha mãe sempre foi muito anarquista. Ela um dia, com essa coisa de fanatismo, a gente num tinha televisão em casa. O que a gente fazia? A gente fugia e ia ver televisão na casa do vizinho. Naquela época a televisão era muito cara, e a gente, eu e meu irmão fugíamos e íamos assistir televisão na casa do vizinho. Daí, os vizinhos muito legais foram e contaram para meus pais e meu pai vinha e brigava com a gente. A minha mãe cansada disso, um belo dia saiu de casa e não falou nada. Eis que chega minha mãe em um taxi com uma televisão e disse: —Daqui essa televisão não vai sair porque meus filhos não são obrigados a passar por isso. Isso não é pecado e pecado é o que a gente está fazendo com eles, de submeter eles a esse tipo de situação”. Meu pai torceu o nariz, fez cara feia, mas até meu pai passou a assistir televisão.

**Márcio** – De qual igreja eles eram?

**“T3 ou F5”** – Congregação Cristã do Brasil. Ela foi, a partir disso, rompendo com isso. Começou a trabalhar e romper com a idéia que homem trabalha e mulher fica cuidando da casa. Ela passou a trabalhar, fez curso de costura. Ela é exemplo para mim até hoje. Ela foi tirar carteira de motorista agora com sessenta anos. Acho que ela é uma base boa que eu tenho em casa.

**Márcio** – E seu pai fazia o quê?

**“T3 ou F5”** – Meu pai era mecânico industrial... só que ele ficou cardíaco muito novo e teve que aposentar. Muito novo mesmo, uns trinta e poucos anos. Daí ele se aposentou muito cedo e era aposentado em mecânico industrial. Isso tudo em 2008. Foi isso, essa é a historinha (risos).

**Márcio** – E sua mãe faz o que hoje?

**“T3 ou F5”** – Ela tem uma oficina de costura. Ela trabalha em casa, ela fez vários cursos de costura, com moldes e tal e já no começo ela começou a pirar de fazer em grande escala, bem coisa de oficina mesmo. Daí ela começou a trabalhar fora, perto de casa mesmo e ela comprou uma máquina bem bonitinha com o dinheiro dela, tá ligado, comprou uma máquina, levou para casa e começou a costurar em casa, pegava roupas das empresas e costurava em casa. Daí comprou outra máquina, e mais outra e contratou funcionárias. Hoje ela está com a oficina dela lá, com três costureiras e está feliz da vida.

**Márcio** – Uma mulher batalhadora.

**“T3 ou F5”** – Minha mãe é uma mulher muito fina (risos) e eu dou maior valor para isso assim. E eu falo para ela parar um pouco, porque minha mãe cansa, né, mas foi isso que a deixou nova, com ânimo para as coisas. Eu acho que ela deveria diminuir o ritmo porque ela tem as meninas que trabalham para ela lá. Ela reclama que está cansada, tira um dia para descansar e fica parada e diz: ~~“Vou trabalhar”~~. No domingo que ela estava sem fazer nada ela disse: ~~“Ahjá que estou sem fazer nada, deixa eu ir dar uma costuradinha”~~. Acho que é bom para ela. A gente perdeu muita gente... na verdade eu nunca perdi muitas pessoas muito próxima de mim na minha vida inteira, e quando comecei a perder, foi tudo de uma vez assim. Um irmão faleceu, depois foi meu pai, no período que meu pai tava no hospital morreu uma tia e depois uma outra tia logo depois do meu pai, ela faleceu também. Acho que se minha mãe não trabalhasse ela tinha pirado. Minha mãe nem chegou a ficar de cama, foi fuga total o trabalho para ela, mas foi uma fuga sadia.

**Márcio** – E sua vó, que você disse que mora com você?

**“T3 ou F5”** – Minha vó é uma italianinha... cara, eu amo minha avó, mas ela é uma pessoa muito difícil... meu avô faleceu eu tinha um ano de idade e logo depois disso a minha avó foi morar lá na minha casa. E ela empacou muito a vida dos meus pais... e hoje minha mãe assume isso também. Ela é mãe da minha mãe. Ela é super conservadora e difícil de lidar. Se você ver, não... você vai achar a pessoa mais doce do mundo, e até hoje ela e minha mãe tem uma relação tipo de novela, parece... umas discussões engraçadas e tal. Esses dias mesmo, teve uma cena muito engraçada, ela disse para minha mãe: ~~“Você é uma pessoa muito mal-criada para mim”~~. Isso que ela está com mias de oitenta anos (risos). Isso ela falou com o dedinho apontando para minha mãe, como se minha mãe fosse uma menina. Mas a vó, em relação ao meu corpo, ela nunca, nunca falou nada. Nunca nem olhou torto, para nada. Isso foi muito positivo, e outra coisa positiva dela foi da aceitação dos meus amigos. Pois, caralho, na minha casa já foi muita gente estranha. Muita gente estranha.

**Márcio** – O E.T. de Varginha foi lá?

**“T3 ou F5”** – (risos) Olha, só faltou esse e o Chupa-cabra. Do resto, todas. E ela sempre tratou todos da mesma forma, sorrindo, conversava. Como minha casa é grande, sempre foram muitos amigos lá e dormiam. Detalhe, na verdade a gente ficava bebendo e fervendo lá em casa, no meu quarto, mas para todos os efeitos, a gente dormia. Cinco horas da manhã ela fazia cafezinho... vó, né, costumada a acordar cedinho... acordava a gente lá no quarto e chamava todo mundo para tomar o cafezinho dela. Ela sempre foi boa com o pessoal, ela sabia quem era gay e quem não era, tratava todo mundo igual. Até quando o meu tio morreu, que era filho dela, todos meus amigos foram no velório, em respeito a ela e o carinho que eles têm por ela também. A única coisa engraçada da vó foi quando eu fiz o meu implante do peito. Porque eu fiz e escondia lá em casa (risos). Um dia minha mãe e meu pai saiu, todo mundo tinha saído e eu decidi ficar sem camisa em casa. Daí eu tava lá na cozinha e minha vó olhando assim... e eu... putz, nem lembrava que ela estava em casa... e daí ela perguntou: ~~“O que são esses caroços no seu peito?”~~. O que que eu ia falar (risos)? Eu fiquei um minuto em silêncio e disse: ~~“Avó... são uns piercings que eu fiz, mas que ficam para dentro”~~. Daí ela disse: ~~“Você é maluco mesmo...”~~. Mas eu sei que ela não gosta de língua bifurcada, não gosta... inclusive ela não sabe que eu tenho... ou sabe e faz-de-conta que não sabe. Eu sei que ela não gosta porque ouvi uma vez ela falando para minha mãe assim: ~~“Nossa, uma pessoa que faz isso não deve ser uma pessoa boa da cabeça não...”~~

**Márcio** – Mas onde ela viu ou teve contato com isso?

**“T3 ou F5”** – Bom, eu tinha muito material, folders que eu colava no quarto e tinha um do André Meyer com uma scar na mão e a língua bifurcada. Primeiro ela me perguntou: ~~“Ele tem a língua cortada?”~~ Depois eu peguei ela falando com minha mãe (risos), mas foi tranqüilo.

**Márcio** – Como você descreveria seu corpo?

**“T3 ou F5”** – Uau! Cara, meu corpo é minha mídia hoje. Acho que não tem outra forma de descrever não. É... engraçado... eu já detonei muito meu corpo, assim... com álcool, por falta de exercícios, com alimentação cagada, com drogas, claro que pouco, né, comparado com o que eu vejo por aí. Pouco. Eu era caretinha.

**Márcio** – Quando você fala em drogas, você está falando sobre o quê?

**“T3 ou F5”** – Já usei maconha, cocaína, ecstasy... eu já experimentei tudo, na verdade eu nunca me dei bem com droga nenhuma. Já falei que eu já tentei suicídio? Eu usei de tudo, mas tudo eu passo mal, não tenho o prazer e me dava muita depressão depois. Eu ficava mal, mal, muito triste. Eu me cobro muito, sabe. E na hora, ficava bêbado, ia lá usava e depois ficava mal, péssimo. Eu nunca me dei bem não com droga nenhuma, mas experimentei bastante coisa. Eu detonei muito meu corpo e hoje em dia eu tenho consciência disso e tento fazer o máximo possível, depois de velho, né, preservar. Porque, cara, é tudo que eu tenho na minha vida é meu corpo. É ele que me permite fazer as coisas práticas do dia-a-dia e também as coisas que eu quero contestar, né. Nesse sentido, ele é minha mídia. Por isso, eu tento tratar com tanto carinho assim... com tanto carinho... e acho muito legal e ficar velho e me libertar de umas amarras idiotas que eu tinha na minha vida... Cara, eu te falei, eu não usava roupa curta porque eu tinha vergonha do meu corpo, porque eu era branco demais, depois porque eu era magro demais, depois porque eu achava que meu corpo era feminino, depois eu achei que minha bunda era pequena... umas coisas idiotas assim, sabe... inclusive que me empacava sexualmente também. Eu fui perder a virgindade, eu tinha dezenove anos. Eu acho que a vergonha do meu corpo pesou muito nisso aí. E com meninos, eu fui perder a virgindade com vinte e três anos, vinte e três anos. Cara, e meu primeiro namorado sofreu demais... porque eu não queria ficar pelado, eu não deixava ele pegar no meu pinto... não deixava pegar na minha bunda... vivia fugindo, não queria gozar porque não gostava do cheiro de porra... Agora é diferente... ~~“Goza na minha caaaaara, deixa eu gozar na sua caaara”~~ (risos). Mas é bom envelhecer por isso... felizes são aqueles que conseguem viver sem as encanações que eu tive... Mas, enfim, esse é meu corpo, ele é um

processo... Quem fala isso? Denise Sant'Anna... ela diz que o corpo é um processo, e ele é mesmo... meu corpo é um processo, ele por si só, ele sozinho...

**Márcio** – E como você descreveria seu corpo fisicamente?

**“T3 ou F5”** – Cara, descrever meu corpo... bom, vou falar... eu acho que é um corpo incompleto... no sentido que eu posso agregar muito mais valor a ele... meu corpo é obsoleto...

**Márcio** – Como? O seu corpo é obsoleto?

**“T3 ou F5”** – Sim, o meu corpo é. Ele por si só, ele não estaria vivo. Então, ele é incipiente... eu preciso de várias extensões artificiais para poder continuar viver. Eu não enxergo muito bem, eu não respiro muito bem. Sério, eu já tive várias crises de asma que já tive quase parada respiratória, por isso eu tenho sempre aqui comigo uma bombinha. Eu preciso né, e por isso meu corpo é incipiente e obsoleto. Mas ao mesmo tempo, hoje em dia, é um corpo que eu gosto. Eu gosto de ficar mudando, eu gosto da potência dele, eu gosto da textura e do cheiro do corpo. Eu gosto de cheiro de corpo. São coisas que a gente vai aprendendo com a idade, e uma coisa que eu achava, que eu recusava e que eu brigava e que eu ficava de mau humor era quando falavam que eu era bonito ou sexy ou coisas do tipo... eu achava péssimo ouvir isso, porque eu não acreditava e...

**Márcio** – Mas você é um cara bonito.

**“T3 ou F5”** – Se você falasse uma coisa desta há algum tempo atrás, eu ficaria bravo (risos). Mas hoje em dia com a dia, com a idade... eu vejo foto e digo: –Caralho, tá legal, tá bonito, tá ficando bonito”. Está bonito como está, mas acho que vai ficar mais assim... com as coisas que eu ainda pretendo fazer, né. Convivo bem com ele, ah, eu trato com tanto carinho, né, não tem como falar que eu não gosto agora... eu gosto, pô. Então, eu acho que é isso, foi um corpo que ficou bonito. Hoje eu consigo ver alguma beleza, e eu acho ele sozinho não daria conta do recado.

**Márcio** – Você usa quantos graus de óculos?

**“T3 ou F5”** – Bom, de um lado eu não uso nada, porque eu não enxergo quase nada... tenho muita pouca visão. Por isso vou operar. E no outro que eu já fiz transplante de córnea, eu tenho uns 2 ou 3 graus, não me lembro. Um eu enxergo bem pouco e outro eu preciso de graus para enxergar.

**Márcio** – Digamos que você tem as córneas modificadas?

**“T3 ou F5”** – Sim, eu tenho as córneas modificadas (risos).

**Márcio** – Você já está na fila para o transplante da outra córnea?

**“T3 ou F5”** – Bom, eu ainda não estou na fila de espera... Bom, eu tive uma longa crise de depressão. Bom, não basta ser viado, tem que ter depressão (risos). Bom, eu gosto dessa coisa de confronto, de confronto comigo mesmo, sabe e também gosto da auto-suficiência. Eu sei que não existe muito, mas eu gosto de tentar o máximo me manter por mim mesmo. Eu acho que minha luta contra a depressão foi uma luta solitária e que eu precisava vencer sozinho. Que na verdade, quem me tirou mesmo da depressão, que eu falo que me ajudou mesmo foi meu pai, que eu estava com uns textos meio que suicida e ele... um dia eu estava no meu quarto, ouvindo música por sinal e ele... eu comecei a ouvir um choro na cozinha, que é perto do meu quarto, e eu fui na cozinha e vi meu pai chorando... e o texto dele era de desespero por não saber o que fazer para me deixar feliz, porque ele não queria que eu me matasse e não queria me ver triste e pensando que eu tinha a possibilidade de tirar minha própria vida. É uma coisa muito ruim. A partir daí, nunca mais eu tive vontade de acabar com minha vida.

**Márcio** – Você tentou alguma vez alguma coisa? Se importa em responder?

**“T3 ou F5”** – Sim, eu tentei, eu tive uma crise muito forte e eu me cortei para caralho e eu fiquei muito tempo de cama, fiquei uns dias de cama... parei de comer, não levantava mais da cama... e um dia eu fui viajar, bom... eu voltei de viagem, eu deitei e nunca mais levantei... e parei de comer... eu já tinha ido viajar sem comer... primeira coisa que eu fazia quando ficava mal, ou quando eu fico triste ou fico nervoso... eu paro de comer... e hoje é um crime parar de comer, eu como sem parar hoje... e aí, eu tive um monte de corte, eu me cortei um monte nos braços com bisturi... um monte de corte nos braços e eu sangro muito. Um cortinho e eu sangro muito... Para você ver, esses dias eu estava com uma espinha e fiz a barba e cortou, saiu a casquinha, daí eu fui lavar o rosto, enxaguar e a hora que eu passei a toalha e a casquinha saiu... nossa. A toalha lavou de sangue... A minha mãe passou pelo banheiro e levou o maior susto com a quantidade de sangue. Daí eu limpei e ela disse que não acreditava que era uma espinha só. Meu sangue é muito fino.

**Márcio** – E quando você perfura para suspender ou em performance?

**“T3 ou F5”** – Eu sempre sangro muito, é raro quando eu não sangro muito. Então, e aí, eu me cortei e minha mãe veio me acordar de manhã para eu ir comer e ela puxou o cobertor e ela viu sangue. Daí ela me arrastou direto para o hospital e daí eu fui tomar soro, e daí eles não conseguiam pegar minha veia porque num tinha como achar quase a minha veia. Mas daí tive que tomar soro. Acho que depois dessa crise... bom depois dessa crise meu pai surtou e eu melhorei. Daí nunca mais eu tive crise nenhuma. A gente fica triste de vez em quando, mas... não mais ao ponto de querer acabar com a vida.

**Márcio** – Você vê diferença entre esses tipos de cortes e as perfurações?

**“T3 ou F5”** – Total.

**Márcio** – Qual a diferença?

**“T3 ou F5”** – Raiva. Tudo que eu faço com modificação corporal é com amor, com carinho, com o belo. Já os cortes eram feito com outro sentimento, com raiva, é outra história, é uma vontade de por fim mesmo, sabe. Bom, se eu quisesse mesmo, eu teria me matado de fato, mas não tinha coragem, tava infeliz mas não tinha força suficiente para chegar as vias de fato. Ah, sei lá, eu acho que... depois do meu pai, tudo isso passou... e eu melhorei. Daí eu comecei a me cuidar mais, cuidar de mim, mas eu abandonei o tratamento para operar o outro olho, para fazer o transplante desse olho que enxergo bem pouco, e hoje, tá o que tá, né. Mas parei mesmo, enfim, são fases. Essa crise que eu tive em 2006, tem muito a ver com meu corpo, eu falei isso com a Cláudia Machado, está no trabalho dela inclusive. Você a conhece, né?

**Márcio** – Sim, sim.

**“T3 ou F5”** – Em um trabalho que ela fez, que ela apresentou em um congresso, eu falo que essa crise que eu tive tem a ver com o meu corpo também. A depressão veio em um momento que eu trabalhava em uma empresa que eu era supervisor, e lá era cargo de liderança, ganhava bem, era super respeitado e querido e até hoje a galera não me esquece, vivem me escrevendo. Aí, a empresa foi terceirizada e eu sai, e lá eu era líder do jeito que eu sou hoje... tatuado, com meus piercings e na época eu tinha muito mais piercings que eu tenho hoje no rosto. Na época eu usava meu esmalte preto, da forma que eu sou, não tive que mudar nada, até porque eu entrei como telemarketing e fui me destacando e subindo na empresa, crescendo lá dentro, e por eles saberem do meu potencial como profissional. Quando eu sai de lá por conta da terceirização, eu comecei a procurar emprego de novo. E quem disse que eu conseguia emprego? Nem fodendo. No começo, até quando eu sai, estava legal, porque eu trabalhei durante quatro anos e eu ganhava bem e ganhei muito dinheiro quando sai, tanto que eu queria ir embora para Londres na época, estava até matriculado em um curso lá, mas daí eu comecei a namorar e comecei a fazer faculdade aqui, então eu acabei ficando e guardei esse dinheiro para poder usar na minha faculdade.

**Márcio** – Nessa época você já namorava meninos?

**“T3 ou F5”** – Sim, sim. Eu namorei um menino em 2006. Eu já tinha namorado antes, eu já estava melhor (risos). Eu já estava mais livre, digamos assim. Enfim... nessa época eu já tinha vinte quatro anos, e aí, quando o dinheiro acabou, velho, eu surtei, né. Eu não conseguia nem fudendo me recolocar no mercado.

**Márcio** – O que você acha que estava acontecendo?

**“T3 ou F5”** – Preconceito. Preconceito com o meu corpo. Total. Eu fui fazer várias dinâmicas e várias entrevistas e percebi que gente que não sabia falar passava e eu não. Gente que falava ~~problema~~, ~~“óis é”~~, ~~“óis vai”~~. Essas pessoas iam ficando para as etapas seguintes e eu não. Aí eu consegui uma vaga de emprego em Mogi das Cruzes. Para você ter noção da loucura que eu estava já... Cara, eu trabalho desde os meus quinze anos e ficar sem trabalhar ficou muito horrível. Muito horrível mesmo. Não é a coisa de passar fome e nem nada, mas a coisa de estar sem fazer nada, eu sempre tive... mesmo quando eu descobri a minha doença do olho, que eu tive que parar de trabalhar porque eu não enxergava e não conseguia fazer as coisas e tinha que operar, eu montei uma empresa de tele-mensagem na minha casa, eu trabalhava em casa. Eu nunca parei de trabalhar na minha vida. Meu pai saía fazer as cobranças, mas eu fazia o atendimento telefônico e fazia tudo. Daí eu não consegui, e na loucura de trabalhar, eu consegui ser aprovado em uma empresa em Mogi das Cruzes, umas quatro ou cinco horas de viagem da minha casa, só que aí, em uma das últimas entrevistas para ser contratado, a gerente me falou assim, e era cargo para supervisão. Ela falou: —~~Agente~~ está muito contente e quer que você trabalhe com a gente, mas como é um cargo de liderança, então você terá que tirar seus piercings e tirar seu alargador. Daí eu fiquei bem desesperado e disse que iria tirar, até falei isso para ela. Tanto que ir para o emprego, eu já tava sem nada. Só com o alargador, mas piercing eu não estava usando nenhum. Tinha tirado o esmalte. Cara, é horrível, é uma amputação, é uma negação daquilo que você é, porque é isso que eu sou, né. E aí isso era um pesadelo, e eu tive que tirar e daí eu tive que ir para lá mais algumas vezes... Cara, não dava para pegar ônibus por quatro horas para ir para lá todo dia... ida e volta. Isso quando eu conseguia pegar tudo encaixadinho, né. Quatro horas para ir e quatro para voltar, e para trabalhar lá... eu disse... velho... daí eu conversei com meu pai e minha mãe e expliquei que era para ganhar menos que eu ganhava, só que é um trabalho, só que é esse esquema. Eu não sei se vou dar conta de pegar quatro horas de viagem de ida e quatro horas de viagem de volta, ou eu vou para lá e a cada quinze dias eu volto. Daí meu pai disse: —~~Você~~ não vai e ponto” e eu não fui. Daí eu recusei, daí ligaram mais algumas vezes e eu pensei que eu queria muito trabalhar, mas não nessas condições. Daí me deu uma tristeza melancólica de não conseguir trabalho que um belo dia, já era final de 2006, tipo outubro, e uma amiga minha da moda, que eu amo, me ligou e disse que estava trabalhando em uma loja de roupa de marca. Me disse que estavam precisando de vendedor. Então, ela disse para eu mentir que eu já tinha trabalhado como vendedor e mandasse o currículo. Bom, telemarketing é venda, né, então eu não precisaria mentir, a diferença que era venda por telefone. Ela disse que pelo menos eu tramparia e ganharia meu dinheiro. Daí eu fiquei todo fragilizado, pensando se ia rolar ou não. Eu já tinha feito tanta entrevista que... nem sempre era na região central, alguns trabalhos eram nas quebradas. Todo dia eu vinha para São Paulo entregar currículo, participar de seleção, e quando não dava certo eu ia para a Paulista e ficava lá no MASP vendo o pôr-do-sol de lá. Eu cheguei a achar que meu lugar preferido no mundo era o MASP porque eu ia lá ver o pôr-do-sol. Aquilo era o único momento de felicidade que eu tinha no meu dia, sabe.

**Márcio** – Nessa loja você poderia se manter com toda essas modificações corporais, sem precisar tirar nada?

**“T3 ou F5”** – É, eu não sabia, né. Mas a minha amiga disse que era para ir pra lá, que eu era bonito, falava bem, era tranquilo. Fiz meu currículo e levei lá. Cheguei lá e já vi que tinha uma vendedora negra linda, que

atualmente é minha amiga. Quando ela me viu ela abriu o sorriso mais lindo que você possa imaginar. Aquilo animou meu dia, porque eu já tinha tomado muito na cabeça, fui para lá sem expectativa alguma. A gerente chegou, toda piriguete, falando rápido e começou a me explicar primeiro, daí eu expliquei da minha experiência profissional e daí ela me disse: —Não acredito que você está aqui, eu procurava tanto alguém como você? Por que não vem gente igual a você procurar emprego aqui?”. Isso me deu um gás. Ela me contratou na hora. E com tudo, com os piercings, com os alargadores. Eu comecei na semana seguinte e era para ficar só novembro e dezembro e eu fiquei um montão, até meu pai internar. O dia que meu pai internou foi o dia que eu saí. Meu deu um gás voltar a trabalhar... ganhava bem menos que ganhava antes, não era chefe, era funcionário. Mas hoje não trabalharia de novo em loja, por questões de valores mesmo. O estilo de trabalho fere os meus valores e princípios, e no final também eu já estava me cansando. Era muita futilidade e burrice. Eu queria voltar a estudar porque eu tinha que trabalhar mais. A idéia é sempre você trabalhar mais... se falava lá: —Você ganha pouco porque trabalha pouco!”. Você trabalha doze horas por dia, se você quer ler algo, eles falam: —Vai arrumar a arara lá!”. É um trabalho emburrecedor... tem que ser bonitinho e burro... é sério... era bem isso. Uma vez minha chefe perguntou o que era nazismo porque ela não sabia. Outra pergunta foi o que era os países baixos (risos). Um dia, em uma reunião eu disse que queria parar de trabalhar lá porque não gostava dessas burrices. Mas até hoje a chefe de lá é minha amiga. Daí eu montei o site naquela época também. Montei o site em 2007.

**Márcio** – O site veio em 2007?

**“T3 ou F5”** – Sim, criei o site um pouco antes do meu pai morrer. Nessa época eu pensava em ganhar muito dinheiro com o site, que eu ia ficar famoso e ia sair na imprensa. Eu me vislumbrei um pouco com isso também. Eu tava trabalhando bastante também no site. Eu tinha um dinheiro que eu ganhava de comissão e decidi sair da loja e daí procurar outro emprego. Depois meu pai morreu e eu não sabia o que fazer, só ficou eu e minha mãe. Meu irmão tava casado já, não, não... meu irmão não estava casado ainda, mas não dava muito para contar com ele. Daí eu comecei a estudar, porque eu queria muito e quando eu tava na loja não dava. A minha mãe queria muito que eu voltasse a estudar e eu tinha prometido para meu pai no hospital que eu iria voltar a estudar, era algo que ele me cobrava muito porque ele sabia que era algo que eu gostava de fazer. Daí eu desencanei de fazer Moda porque eu não tinha grana para pagar e fui fazer História. Eu achava que num ia dar nada fazer esse curso, fui sem expectativa... e daí, o curso chacoalhou minha cabeça e abriu a mente para algumas coisas... foi lindo. Foi um tapa na minha cara. Bom, embora o site não seja um trabalho remunerado que eu faço, ele me dá muito trabalho. Muito trabalho mesmo, de semanas, meses. Eu, as vezes fazia uns trabalhinhos aqui e ali... e graças a Deus meu pai deixou a gente com uma situação financeira boa, confortável, por causa do trabalho... e a gente tava bem. Eu estudava e tive a oportunidade na vida de só estudar, porque eu sempre trabalhei e estudei. Primeira vez na minha vida eu parei para só estudar e isso foi bom. E agora é voltar para a vida... trabalhar de novo... porque eu não vejo a hora.

**Márcio** – Você tem uns projetos muito bons... que eu pesquisei... coisas interessantes que você também pode ganhar dinheiro. Você tem um site muito legal, projetos de performance muito bons, talvez você não tenha conseguido ser empreendedor. Você tem um exemplo bom, a sua mãe começou praticamente do nada. O que pensa sobre isso?

**“T3 ou F5”** – Sim, demais cara. Isso ainda vindo de uma mulher que não tinha segundo grau e que foi feita para ser submissa por ser da igreja.

**Márcio** – eu já perguntei anteriormente, e você respondeu divinamente. Mas eu queria que você me descrevesse agora o seu corpo matéria.

**“T3 ou F5”** – Ah, tá. Eu viajei.

**Márcio** – Não viajou não, você trouxe reflexões extremamente interessantes. Mas como é uma entrevista, não tem como saber sua estética, a parte física. Por isso te pergunto agora. Diz respeito ao projeto de modificação do seu corpo.

**“T3 ou F5”** – (risos). Uau, eu fui longe.

**Márcio** – Que bom, né. Você foi ao mais difícil para discutir com as pessoas.

**“T3 ou F5”** – É verdade. Ok, você quer que eu descreva minhas modificações corporais. Ok. Eu tenho os piercings, mas eu não sei quantos eu tenho... porque eu coloco e tiro... tem tempos que estou com mais ou com menos. Tenho alguns piercings.

**Márcio** – Vamos por parte do corpo para podermos saber o que você tem agora (risos).

**“T3 ou F5”** – Eu tenho os piercings nas orelhas. Tenho piercing no nariz. Tenho piercing no lábio. Tenho piercing no mamilo. E tenho alguns piercings, bom, na verdade, a maioria, estão ganhando tamanhos maiores, então são alargadores bem dizer. Tenho piercing no umbigo e tenho piercing genital.

**Márcio** – Qual é o piercing genital?

**“T3 ou F5”** – O genital é o Prince Albert. Ele tá alargadinho, mas vou alargar mais ainda. Não vejo a hora. Eu uso uma jóia de 4mm. E tenho dois piercings escrotal. Mas esses não estão alargados, são de 1.6mm. Quando eu tinha feito um só eu alarguei 3mm, daí eu tirei e coloquei esses dois de 1.6mm. Além disso eu tenho a língua bifurcada.

**Márcio** – Dentro da sua orelha é piercing também?

**“T3 ou F5”** – É um alargador, mas a técnica que eu usei aqui foi o dermal punch. As técnicas que eu utilizo também são diferentes, tem intradermal, tem pino para alargar, tem o dermal punch que arranca um teco da cartilagem. Bisturi eu nunca usei para alargar nada, por enquanto eu nunca tive interesse nisso. Não sei o porquê até, mas eu nunca usei. Daí eu tenho as tatuagens, eu tenho as tatuagens nos braços, no peito, próximo das virilhas, nas pernas, nas costas eu não tenho. Daí tem as escarificações. Tenho escarificação com branding nas costas.

**Márcio** – O que seria o branding?

**“T3 ou F5”** – Branding é com queimadura. Com ferro quente. Chapinha de ferro quente, de aço. E daí eu fiz as queimaduras nas costas. As queimaduras, primeiramente eu fiz para simbolizar como se eu tivesse tido asas e que elas teriam sido arrancadas e daí esse miolo que ficou da cicatriz, eu estou fazendo remoção de pele, de tecido, com escarificação que é feito com bisturi. Não terminei, mas ainda estou fazendo. Além das escarificações eu tenho implantes. Tenho três esferas, três meia esfera de teflon, mas esse ano pretendo mudar e colocar silicone. Porque na dança o de teflon está me atrapalhando e no treino da academia também. E eu acho que a modificação corporal não deve atrapalhar o corpo, então quando começa a atrapalhar é um problema, porque para mim já não está bom. E o que eu tenho mais? Ah, eu tenho a língua bifurcada. O que mais? Acho que só.

**Márcio** – E isso no seu rosto?

**“T3 ou F5”** – (risos) Ah sim. Eu tenho uma escarificação no rosto. Tem dois riscos, que é um trabalho de arte feito com bisturi. Eu cortei, na verdade, mais de uma vez porque a idéia era que ficasse uma marca bem superficial, mas quando eu fiz a primeira vez, ela sumiu. Daí eu fui e fiz de novo... isso faz parte do Projeto T. Angel que faz parte de uma discussão sobre a visão.

**Márcio** – Sobre a visão?

**“T3 ou F5”** – Sim, na verdade, eu discuto os cinco sentidos, né, e aí, eu usei para discutir a visão, uma scar. Nas tribos africanas, eles tinham essa coisa de fazer nos cortes próximo do olho para ampliar a visão e eu quis representar dessa forma. Eu acho que é só de modificação corporal. Falo que outras coisas que eu já tive?

**Márcio** – Pode falar sim.

**“T3 ou F5”** – Eu já tive, e que eu sinto muita falta, são meus implantes transdermais. Que eu tinha na testa. Mas não ficou, porque é um procedimento difícil.

**Márcio** – O que aconteceu?

**“T3 ou F5”** – O corpo mandou embora.

**Márcio** – Como foi isso?

**“T3 ou F5”** – Começou a rasgar. Primeiro ele começou a inchar e a sair mesmo, querer sair, pedindo para ser tirado, mas eu relutei, achando que ia melhorar, mas não melhorou, e eu tive que passar bisturi para retirar. Tive piercing dental, mais perto da boca e entre os olhos. O piercing dental era um diamante, mas eu engoli, e agora eu estou rico, né (risos). Eu já engoli muita coisa. Já engoli uma estrela de outro, olha que rico, né, meu sorriso era caro. Eu ganhava essas jóias como garoto propaganda. Já ganhei diamante, pedra de lápis lazúli... mas engoli tudo, tinha tudo na boca.

**Márcio** – E isso não saiu, não tinha como resgatar (risos).

**“T3 ou F5”** – Não tinha, a pedra de lápis lazúli ainda fica marcada... o azul, é uma pedra semi-preciosa linda. Mas o diamante não ia achar no meio do cocô nunca (risos). Acho que de modificação corporal só, mas eu já tive, muitos e muitos piercings que eu já tirei. Já tive em volta da boca inteira. E nesse processo de ir procurar emprego e ter que tirar foi me cansando e de muitos eu fui me desfazendo. Outros eu fui tirando porque não preenchia nada para mim.

**Márcio** – Os piercings da bochecha, as covinhas...

**“T3 ou F5”** – Sim, adoro demais eles, não quero me desfazer nunca deles.

**Márcio** – Tem a aba e o septo furado?

**“T3 ou F5”** – Tenho a aba e o septo furado. E agora quero furar minha língua. Bom, vamos lá... tem coisas que eu pretendo fazer que eu não tenho, earpoint... eu até tirei os piercings da orelha que eu tive para poder fazer, porque quebra a cartilagem... como você pode ver, minha cartilagem é quebrada. Eu quero muito fazer o earpoint, que as pessoas chamam de orelha de elfo. Só que no Brasil não tem nenhum profissional capacitado que possa fazer, que pelo menos eu confie. Para mim é horrível é saber que muitos profissionais brasileiros não se movem para aprender. Eu quero muito também tatuar meu olho. Quero tatuar os meus olhos de preto.

**Márcio** – E você me disse que tinha um problema de visão. E o que pensa sobre isso?

**“T3 ou F5”** – Bom, aí que tá, eu não sei se vou conseguir, porque eu tenho que fazer meu transplante primeiro do olho que está ruim agora e tem que dar aquele tempo... porque os pontos demoram para caralho para cair... e quando eles caem parece um parto, é um sofrimento... horrível, dói muito. É desesperador, tem que correr para o hospital para tirar. E aí foi... mas eu quero fazer... mas no Brasil não tem esse processo, senão eu tava me cortando inteiro (risos) de vontade de querer fazer. Mas vou ter que ver se consigo ou não fazer. Eu conversei

com o cara que inventou a técnica que é o Howie, o Luna Cobra. Eu perguntei para ele, eu me coloquei e disse que eu tinha uma deficiência visual e que se teria uma complicação. Ele disse que a priori não, que dá para fazer. Bom, eu acho que dá para fazer porque a tatuagem é por fora, é muito superficial, mas ao mesmo tempo, eu penso sobre a rejeição da córnea. O olho que já operei faz tempo não teria problemas, mas o outro... mas eu sou jovem, só tenho trinta anos, tenho tempo para pensar, mas é algo que eu quero fazer sim.

**Márcio** – Qual a diferença entre branding e escarificação?

**“T3 ou F5”** – O branding é quando você queima a pele. Daí você pode queimar de várias formas, né, com cauterizador, com pecinha de maçarico... a que eu fiz foi com maçarico. Com o bisturi é a escarificação mesmo. Com o branding dá pra fazer tudo que você quiser, só que como é queimadura não dá para brever como vai ficar. Tem gente que faz uma estrela e vira um dado, né (risos). Mesmo com a escarificação é meio difícil, porque varia de corpo.

**Márcio** – A escarificação é só com bisturi?

**“T3 ou F5”** – Sim, só com bisturi, só com corte.

**Márcio** – Corta a pele e vai retirando?

**“T3 ou F5”** – Ou não... na minha só teve corte e não teve remoção, essa do rosto. Mas nas costas eu fiz remoção de tecido... vai cortando e tirando a pele. É igual descascar laranja mesmo.

**Márcio** – Sem anestesia?

**“T3 ou F5”** – Sem anestesia.

**Márcio** – Você tem uma tolerância a dor alta?

**“T3 ou F5”** – Não. Então, eu sou mocinha, né... eu sofro... para tatuagens eu xingo, eu reclamo, o André Cruz que me tatua ele morre de rir porque eu xingo ele. Ele fala: —“Oh, Thi, você é foda!” (risos). Eu xingo mesmo, xingo de filha da puta, mando tomar no cu. Falo: —“Cãlho mano, você não é meu amigo?” (risos). Mas é brincadeira, é com carinho que falo isso (risos). Agora para agulha, eu já tenho uma certa resistência já. Por exemplo, quando vou fazer suspensão, vou furar as costas eu não sinto... eu não sinto, é um absurdo. Dá medo, mas eu não sinto.

**Márcio** – Sempre dá um medo, um medinho?

**“T3 ou F5”** – Sim, sempre, mas dor eu não sinto mais. A escarificação... bom, eu acho que eu criei uma potência, eu tenho uma potência para dor, mas no meu conceito eu acho que eu sou fraco. Mas eu tenho uma resistência... quando eu vejo as pessoas fazendo alguma coisa e sofrendo eu penso: —“Só isso e sofre tanto!”. E eu ali, firme e forte. Mas ainda, eu queria ser mais resistente. Queria mesmo. Tem coisas que eu fico admirado, por exemplo, a Naa mesmo, a que você conheceu, eu fico admirado com a força dela, muito forte. O Dark Freak também é muito forte, embora ele ache que ele não seja.

**Márcio** – O Du é bem forte também, não?

**“T3 ou F5”** – Ele é e também diz que não. O Du não tem resistência física, ele cansa pela resistência física e não pela dor. Se ele fosse condicionado ele aguentaria muito mais. Uma questão de musculatura e não por causa da dor. Quem mais? Ah, tem uma galerinha aí que eu acho que é bem forte. Eu não sei, tem gente que fala que eu sou muito forte, mas na minha cabeça eu acho que eu deveria ser mais. Bom, falam que quando você vai ficando mais velho você vai ficando mais sensível, né. Mas eu acho que eu estou bem para a dor, com a idade que eu estou.

**Márcio** – E o que mais você faria de modificação?

**“T3 ou F5”** – Quando eu comecei com o texto que eu sou transexual... é... era a época que eu usava bastante o BME, na época que dava para usar ainda e agora já não dá mais.

**Márcio** – Por que?

**“T3 ou F5”** – A qualidade diminuiu, a qualidade da administração do site, depois que o Shannon saiu... o Shannon que fundou, né. Cara, o Shannon era o iluminado para mim. De correr atrás, de produzir material, um material... por exemplo, quando eu comecei a pesquisar sobre modificação corporal, eu ia ver quem tinha feito e era o Shannon. O material dele era muito interessante e o resto que ficou é sempre mais do mesmo, entende? Para mim o site perdeu a graça.

**Márcio** – Tem uma história sobre a mulher dele ter ficado com o site... uma lenda sobre isso...

**“T3 ou F5”** – Sim, ele preferiu ficar com a filha. Ele perdeu o site para poder ficar com a filha. A esposa fez essa troca, ela ficava com o site e ele com a filha.

**Márcio** – Mas ele não pode abrir mais nada?

**“T3 ou F5”** – Ele tem um blog dele. É o que eu consulto hoje.

**Márcio** – E as pessoas também podem migrar para o site ou blog dele, né?

**“T3 ou F5”** – A maioria fez isso. Cara, foi muito bonito isso do BME. Foi uma coisa que eu não fiz porque eu tenho um apego muito grande de me desfazer, uma dificuldade muito grande... inclusive virtual. Quando o

Shannon foi expulso do BME, ele foi expulso... todos os membros mais próximos do Shannon começaram a deletar a conta. Pá, pá, pá... Lá é assim, tem os rostos das pessoas que eram integrantes, tipo o facebook, e quando deletava a conta, apagava, ficava um cinza, só via o cinza. Um monte de pessoa saiu... eu achei genial. Foi uma puta atitude de amizade mesmo. O Lukas Zpira, um francês, foi um que brigou um monte. Ele fez uma puta entrevista com o Shannon e colocou no blog do Lukas. É uma matéria super legal, que eu gostaria até que você lesse.

**Márcio** – Me passa depois o site certinho que vou ver sim.

**“T3 ou F5”** – Na entrevista o Shannon fala tudo numa boa, inclusive da separação e saída do BME. E a esposa, a Raquel, quando viu tudo isso, fez questão de fechar o Lukas, eu acho que... não sei hoje como que está, mas eu acho que ainda hoje a conta dele foi cancelada. Isso é muito corporativismo... essas brigas pessoais não devem interferir. Enfim, o Shannon tem o blog, com livros e textos que ele traduziu de graça, na época do BME, para consulta, está tudo em pdf. Ele sempre traz alguma coisa legal. Ele fala mais dos trabalhos dele de arte hoje em dia, da vida, enfim, uma pessoa muito bacana que eu queria conhecer pessoalmente.

**Márcio** – O que mais... continue...

**“T3 ou F5”** – Ah, desculpe, a gente tava falando sobre ser transexual. Aí eu fiz um perfil no BME... Bom, tudo começou quando comecei o projeto T. Angel. E aí já era uma idéia que estava circulando na minha cabeça que eu era transexual. Na época eu pensava que era transexual, e hoje menos... naquela época era muito forte, mas hoje menos. E eu quis colocar isso dentro desse trabalho que não está pronto ainda, mas que vai ainda acabar. E aí, eu tinha uma descrição no perfil, e colocava lá... é... num sei se transgênero ou transexual, algo do tipo... enfim, tava lá... e daí tem uma galera do BME que é super hardcore e daí eles começaram a me questionar muito se eu faria a mudança de sexo. Para mim, a coisa de ser transexual é transcender a questão, a idéia sexual. Às vezes, eu me vejo como uma mulher, mas eu acho que... eu nunca quis ter seios, vagina, nunca. Mas eu acho que um corpo masculino e uma identidade de gênero feminina... caralho, sabe assim? É tão do caralho quando um cara que tenha pinto e seios. Acho foda. Daí, as pessoas começaram a me questionar muito se eu ia fazer ou não ia. Eu falava que naquele momento não passava pela minha cabeça fazer uma mudança transgenital, mas a gente não descarta, né, no futuro. E daí o pessoal reclamava (risos). Mas é bem baixa a possibilidade, porque assim, eu li uma coisa que me interessou, não sei se foi nos estudos da psicologia, mas que falava que a transexual não precisava da genitália para construir seu gênero. Eu acho que não precisa, dá para constituir seu gênero feminino sem fazer a cirurgia.

**Márcio** – Uma das questões que se discute sobre a transexualidade e a cirurgia é que a transexual não gosta nem de ver o próprio pênis, que ela não goza pelo pênis dela, ela tem uma rejeição, entende aquilo como algo que incomoda. Algumas relatam ter mesmo nojo do pênis.

**“T3 ou F5”** – Não, isso não acontece comigo. Bom, eu tive um problema na infância com o pênis pelo fato dele ser pequeno, de achar que era muito pequeno e branco. Daí uma vez um cara me disse que meu pinto era cor-de-rosa e que era lindo (risos). Ah, que bom... alguém gosta do meu pinto.

**Márcio** – (risos).

**“T3 ou F5”** – Nunca tive ódio de pinto com vontade de querer arrancar não. Sei lá, eu não descarto nada nessa vida. Teve aquele cara africano maravilhoso que eu entrevistei que ele fala que ele também se considera transexual, só que com seios e com pinto, um puta pinto porque ele colocou silicone no pinto. Ele ainda fala da coisa de transcender a sexualidade anatômica, de se ir além. Bom, eu acho que eu estou nessa pegada, sabe. Não um terceiro sexo, uma outra coisa, porque na minha cabeça... por exemplo, hoje eu tenho uma relação homossexual, meu namorado é gay e eu sou teoricamente gay. Mas na minha cabeça eu sou transexual... para mim... hum... eu não tenho vontade de me vestir como mulher, eu não tenho vontade de ter vagina, mas eu sinto muito, eu converso com menina... eu sempre fui muito próximo de mulher e eu me identifico inteiramente com o mundo feminino, com as mulheres e a sensibilidade feminina. Nesse sentido, eu sou muito mulher, para caralho. E ontem a gente estava numa discussão sobre estupro e uma amiga me disse: –Olha, a gente precisa de mais homens como você”. E eu me sinto esse homem, sabe, essa coisa de um homem militar pela causa feminina, porque eu não me sinto tão distante de ser mulher, por mais que eu não tenha uma aparência feminina. Então, para facilitar o entendimento, é uma relação homossexual, mas não é, não é mesmo. Pode dar a impressão que eu esteja querendo colocar pêlo em ovo, mas não é não, cara. É bem esse sentimento mesmo. Eu acho que... eu já meditei sobre isso também, se era falta de... como posso dizer, se era falta de alguma coisa para eu me assumir como homossexual. Eu não preciso me vestir como uma mulher, entendeu? Foi essa conclusão que eu cheguei, eu fiquei pensando muito sobre isso. Será que tenho que me travesti, ter peito, ter vagina, usar calcinha para me sentir mulher? Conheço um monte de mulher foda que não faz isso, e não tem a ver com lésbica. Por isso na minha cabeça, a transexual é nesse sentido.

**Márcio** – Talvez o que você está querendo dizer, não sei se eu entendi, me diz, é que você não quer pertencer a esse binário de ser homem e de ser mulher, que você habita o mundo da sensibilidade que foi dado ao feminino e negado na construção do gênero masculino. Pode ser isso?

**“T3 ou F5”** – Bom, nesse sentido, eu me acho muito mais mulher. Eu acho que... quando eu falo do T. Angel, principalmente, eu quero ver como vou projetar essa neutralidade de pessoa, de um personagem que não marca um sexo... eu tenho tentado evitar os personagens nus para sempre preservar essa coisa da genitália porque a gente está muito ainda na carne isso do genital. Mas eu acho que eu poderia muito facilmente dizer que eu me enquadrado nessa perspectiva trans assim.

**Márcio** – Você se incomoda com sua barba?

**“T3 ou F5”** – Não. Não mesmo. Eu acho legal ter essa cabeça de mulher e olhar no espelho e ver um cara. Eu adoro. Até o dia que eu me vi como mulher, eu odiei. Foi um trabalho pesadíssimo que depois que acabou eu fiquei: –Vai, volta!”. Porque eu olhava para o espelho e não me identificava com aquela imagem de mulher. Toda aquela discussão, aquela confusão, saiu e acabou. Eu gosto dessa coisa, pensar como uma mulher, com essa sensibilidade feminina que eu sei que é muito forte e... mas ter um corpo masculino, forte, ter força, eu gosto de ter força, eu gosto de mulher bombada. Eu não sei se tem estudos, eu li pouco sobre isso.

**Márcio** – Já leu sobre teoria queer?

**“T3 ou F5”** – Não, não li ainda.

**Márcio** – É uma perspectiva de estudos que problematiza como trazer uma existência diferente a esse modelo binarizado de ser homem ou ser mulher. Podemos pensar você criando sua existência extraindo o que você deseja do que foi dito do masculino e do feminino. Você cria a sua existência. Por exemplo, você mistura signos de masculino com a barba e busca no feminino, por lá que foi colocado, a sensibilidade, o modo de ver o mundo, o jeito. Você se compôs dos dois mundos.

**“T3 ou F5”** – Nossa, é bem isso, eu me compus dos dois mundos. É bem nessa pegada... de eu usufruir do que eu quero desses dois mundos. É isso mesmo.

**Márcio** – E o que você vê quando você se vê no espelho?

**“T3 ou F5”** – Ai. De frente com Gabi? Ai, assim é difícil, hein? (risos).

**Márcio** – (risos).

**“T3 ou F5”** – Né, Gabi. Caralho. Velho, eu não sei o que eu vejo. Não sei, cara. Não sei mesmo, cara.

**Márcio** – E o que você acha que as pessoas vêem em você quando elas te olham?

**“T3 ou F5”** – É, então. Pelo o que eu ouço, não é nem achismo. É pelo o que eu ouço. Tem gente, tem gente não, a maioria das pessoas, com base no que eu ouço, o que chega até mim. É que a maioria quebra a cara, é que a maioria quebra a cara, porque elas esperam uma coisa e elas têm outra. A maioria espera o que? Que eu seja rude, que eu tenha uma postura mais agressiva e defensiva. Dizem que conversam comigo uns dez minutos e se apaixonam, no sentido de doçura e sensibilidade, porque eles não entendem porque eles acham que... isso no curso da USP a maioria das pessoas falou assim, no final que as pessoas estão conversando e tal, no íntimo. É impressionante porque é um contraste do que se vê e o que se é. Daí fora do meio da arte, que já está acostumado com as diferenças, e também no meu trabalho, porque eu sempre trabalhei com roupa normal assim, então, eles quebram a cara também. Esperam e me olham e fazem uma coisa estereotipada e aí quebra a cara porque foge de tudo que eles esperam que seja. Também tem o contrário, que achava que eu era doce e, de repente, deve me achar péssimo. Mas isso ainda não chegou isso para mim, e também se isso é bom ou ruim, mas acho que seria bom isso chegar, ou não chegar.

**Márcio** – Tem opinião que a gente prefere nem saber, né?

**“T3 ou F5”** – É, mas não sei. É meio que consenso, até no meio do body mod., que a galera chega e achava que eu fosse mais metido, mais sei que lá, porque eu já fiz isso ou aquilo e me vê sentado no chão, com o pé descalço e sujo. Isso era algo que me deixava um pouco assustado... não sei se foge um pouco da pergunta, mas talvez seja importante. Porque a imagem é uma merda, porque às vezes, se cria uma figura que não existe. E a internet também. A galera vê aquilo e acha que é só aquilo. Então, as pessoas acham que porque eu faço algumas coisas de apresentação, que você é foda. Você ganha fama de fodão. Velho, na minha cabeça, sério, eu nunca fui fodão em nada.

**Márcio** – A internet engana... eu achava que você era bem mais alto.

**“T3 ou F5”** – (risos). Já meu namorado acha que eu sou muito alto, mas isso porque ele é bem baixo.

**Márcio** – Já que você falou em namorado. O que seu namorado vê em você quando ele te vê?

**“T3 ou F5”** – Então, vou voltar, para poder chegar nisso. Me lembra disso depois, do namorado.

**Márcio** – Ok. Vou anotar aqui (risos).

**“T3 ou F5”** – Então, a televisão, a internet, essas porras todas criam uma imagem que não existe, né. Tem pessoas que se aproximam de mim pela internet já com esse estigma de fodão...

Dois horas de entrevista. Devido o excesso de barulho na lanchonete vegana e pela ocasião da chuva ter parado, fomos procurar outro local para conversar. Escolhemos a praça de alimentação do Shopping Frei Caneca por ser perto do ambiente onde estávamos.

**Márcio** – Bom, voltando... estávamos falando como as pessoas te vêem.

**“T3 ou F5”** – Então, volta! Então, as pessoas começaram a perceber que eu não era o fodão e começaram a ficar decepcionadas. Eu não sei, os meus amigos próximos da época achavam que eu deveria virar o fodão mesmo. E eles estavam se afastando de mim, porque achava que eu ia me afastar deles se eu ficasse o fodão. Eles achavam que como eu comecei a circular por aí, eu ia frequentar as melhores festas e andar com pessoas que eu sempre

quis. Mas na verdade não era nada disso, eu queria ficar na minha casa com meus amigos. Enfim, isso me deixou um pouco preocupado, mas passou. Então, você perguntou como meu namorado me vê. É uma das coisas que fez eu me apaixonar por ele, porque diferentemente de todas as pessoas que se aproximavam de mim por causa do meu trabalho, pelo site, pelas minhas performances, ele não veio por nada disso... talvez até tenha vindo, porque ele me adicionou no facebook do nada, mas ele nunca falava disso, inclusive a gente nem falava de modificação corporal. Eu achei isso fantástico, cara. Eu estava ressentido, eu falava que não... mas eu estava ressentido por conta do mundo da modificação corporal e foi muito bom eu encontrar alguém que não falava sobre isso comigo, falava sobre muitas outras coisas... que ele não era de São Paulo, que não era do meio do body mod. Foi uma libertação.

**Márcio** – É, tanto que você não queria mais falar sobre body mod, que nem queria mais falar comigo. Se esquivou várias vezes e eu até estava desistindo (risos).

**“T3 ou F5”** – É, na verdade eu não queria falar com ninguém, tinha me afastado. Eu até tinha apagado meu facebook, faz pouco tempo que eu voltei. Estava desanimado e resolvi sair do facebook, ficar na minha, me isolar um pouco... me recolher. Daí eu voltei, e poucos dias depois meu namorado me adicionou. Acho que ele deve ter visto em mim um gatinho na balada. Um menino que ele viu, gostou, adicionou e começou a conversar, gostou e quis namorar. Quis namorar já... ele tem dezoito anos, mas não é nada despirocado assim. É, então... ele viu o que ele quis em mim... não tinha o T. Angel, não tinha performances, não tinha modificação corporal.

**Márcio** – Ele tem modificações no corpo também?

**“T3 ou F5”** – Tem uma tatuagem no braço, fechado meio braço e quase fechando o braço inteiro. Tem tatto na perna, tem orelhas alargadas, tem o septo alargado. Só não tem piercing genital ainda. Ainda... (risos). Ai cara, imagina se ele coloca um p.a. (Prince Albert). Eu não daria conta (risos). Mas eu queria que ele fizesse. Quem sabe ele não faz ainda. Ele tem poucas coisas, mas diz que tem muita vontade de fazer mais coisas... suspensão ele quer passar... mas é tudo novo ainda, ele é novo também. Ele é lindo, ele é fofo.

**Márcio** – Me diz, qual é o projeto do seu corpo? Você tem um projeto para o seu corpo?

**“T3 ou F5”** – Sim. Cara, tem esse projeto T. Angel que eu não acabei, né. Dentro dele tem bastante coisa que ainda vai acontecer. É... vou cortar mais a língua, vou alargar mais lugares. Tem muita coisa ainda que quero fazer. Basicamente esse é meu projeto agora, e fora ele não tem outro, por enquanto. Por ter que surja, pode ser que não. É que eu passei a usar muito a modificação do corpo como... dentro do trabalho de arte. Então, eu não consigo visualizar um projeto direto, como por exemplo, —Eu vou tatuar minha mão porque eu gosto desse desenho de florzinha—. Eu quero tatuar a minha mão com tão símbolo e com tal intensidade que eu não sei qual é.

**Márcio** – Como, por exemplo, as suas costas, as duas asas de anjos arrancadas?

**“T3 ou F5”** – É... igual a scar no rosto, que tem a ver com a coisa da visão. Igual a tatuagem na barriga que é o símbolo gay, né. O triângulo invertido... Então, está tudo nessa pegada... e acho que não vou parar nunca com isso, de dar esse sentido. Mas um projeto único de dizer: —Quero fazer isso até o final—, eu não tenho. Não existe... por enquanto.

**Márcio** – Você acha que até o momento, o seu corpo está a favor da arte.

**“T3 ou F5”** – Inteiro. Inteiro. Só esse projeto tem um monte de coisa que vai acontecer. Quando ele acabar... antes que ele acabe, já estará acontecendo outras coisas. Claro que assim... eu sou curioso e gosto de modificação corporal. Então tem coisas aí que vão surgindo e eu fico curioso para testar em mim. O microdermal foi um deles. Eu achei o microdermal interessante... demorei para fazer, mas fiz. Eu fiz na testa, mas já tirei. Mas que queria saber como ficaria em mim, se doía... como doía, como era feito, qual era a sensação.

**Márcio** – Você disse uma frase agora a pouco, disse que você já estragou muito o seu corpo e que agora você o trata com muito carinho. Perfurar é tratar o corpo com carinho?

**“T3 ou F5”** – É, é mesmo. Muito carinho, porque tratar com amor, sem amor ou com raiva é bem o sentimento mesmo. A intensidade que você vai colocar nisso. Por exemplo, quando eu me cortava depressivo lá atrás, era um corte com raiva. Era um corte feio. Quando eu me perfuro, seja colocar um piercing ou fazer uma suspensão, é a idéia do belo, de discutir alguma coisa, de ir além, se for dentro de uma performance, que os outros reflitam sobre alguma coisa comigo, ou sozinhos ou na forma que eles quiserem pensar. Tudo é com muito amor e tudo é muito pensando, hoje em dia, muito mais pensando ainda. Antes eu queria fazer um piercing, ia lá e tá feito. Hoje em dia é muito pensado... então, é amor, cara, só pode ter amor e carinho para fazer isso. Aparentemente não, mas é com muito carinho. Na verdade assim, machuca o corpo, se pensar assim, você transpassa o corpo, você perfura o corpo, só que é, para mim, um exercício físico muito intenso tão extremo quanto participar de uma maratona, fazer sexo a noite inteira (risos), subir uma montanha são formas que seu corpo também são —violentados—, entre aspas. As vezes, uma perfuração é menos que tudo isso, né? Mas são relações que podem ser colocadas amor e carinho sim, com cautela. O contrário disso, seria eu ir para a praça da República e me perfurar com um hippie qualquer sem pensar em nada.

**Márcio** – Você faria algum tipo de body mutilation?

**“T3 ou F5”** – O que você entende por mutilation?

**Márcio** – O que você entende por body mutilation?

**“T3 ou F5”** – Eu entendo como arrancar aleatoriamente partes do meu corpo, sem fins, sem reflexões, que de certa forma me prejudicaria para fazer alguma atividade da minha vida.

**Márcio** – Tiraria a função?

**“T3 ou F5”** – Ou atrapalharia outras funções. Por exemplo, arrancar um dedo ou arrancar uma mão ou arrancar um pé, um dedo do pé. Acho que me prejudicaria nas minhas atividades e isso seria mutilação. Eu, sei lá, eu não faria, eu nunca pensei em fazer e tenho grande curiosidade por quem faz, sei que a maioria está ligado a distúrbio de como se vê o corpo e tal, a grande maioria mesmo. Mas eu me interessei muito em entender o porquê mesmo, o que leva uma pessoa a querer a arrancar o nariz, por exemplo.

**Márcio** – Você nunca faria isso?

**“T3 ou F5”** – Não, não cabe. Até o genital, né. Por eu me considerar transexual, de repente, eu poderia encanar um dia que eu não queria mais ter pinto, mas não. E não é nem uma vaidade, eu ter pinto para deixar o pinto... para mim o meu pinto tem uma atividade, eu gosto dele como ele é, com piercing. Gosto de usá-lo, cada vez mais. Agradeço aos deuses pelo meu pinto (risos). Ave pinto. Então não, o body mutilation não cabe para mim e eu não entendo o que leva uma pessoa a fazer. Não sei dizer que eu respeito assim... bom, respeitar eu respeito, né, fazer o quê? Eu não posso fazer muita coisa, mas é algo que foge um pouco da minha compreensão, sendo sincero. Como eu te falei, o implante do peito que eu fiz, hoje em dia me atrapalha no meu treino de exercícios físicos e na dança... por isso para mim... é... eu já quero trocar. Bom, uma pessoa que vai arrancar a perna cara, e tem nego arrancando perna, tem nego arrancando braço, tem nego arrancando nariz, então, né... a gente tem que pensar nos limites sobre isso aí. E o que me preocupa é que a maioria dessas pessoas está ligada a esse distúrbio. Você sabe o nome da doença que é?

**Márcio** – Bom, talvez você esteja falando do transtorno dismórfico corporal, visão dismórfica corporal.

**“T3 ou F5”** – É isso mesmo.

**Márcio** – Bom, depende do modo como se vê, né. Não tem como saber ao certo. Pode ser que alguém faça uma mutilação em um momento de surto, como por exemplo, como disse sobre Van Gough ou tem pessoas que pode pensar a body mutilation como uma forma de body modification ao extremo. Não sei como pensar isso agora. Por isso tenho que estudar e ouvir mais as pessoas que entendem sobre (risos).

**“T3 ou F5”** – É verdade, tem gente que acha que o que eu faço são mutilações.

**Márcio** – Mas nem todo mundo entende assim, né?

**“T3 ou F5”** – Não, para minha compreensão, body mutilation são as coisas maiores, mais extremas e que eu não compreendo o que leva uma pessoa a fazer. Uma transexual eu já compreendo. Por exemplo, eu compreendo perfeitamente o que faz uma pessoa surtar e querer arrancar o pau. Eu entendo porque tem uma lógica para mim. Para mim é um grito. Agora uma pessoa quer arrancar um pé, para mim já não tem lógica.

**Márcio** – E body modification, o que é para você?

**“T3 ou F5”** – Tudo aquilo que você faz e que altera o seu corpo de alguma forma. Por exemplo, cortar a unha, cortar o cabelo, alimentação, exercícios físico, remédio, drogas, sexo, tatuagem, piercings, cirurgias corretivas ou plásticas, tudo são formas de modificação corporal.

**Márcio** – E o que é a técnica da modificação corporal? Por exemplo, dilatação, colocar implante... técnicas específicas utilizadas. O que são essas técnicas de modificação corporal?

**“T3 ou F5”** – Bom, eu acho que são formas de práticas e pesquisadas que as pessoas aprimoraram para poder utilizar em cada coisa e cada modificação corporal vai ter a sua técnica. São infinitas as formas de ornamentar o corpo. Por exemplo, para você cortar a língua você pode utilizar diversas técnicas, como bisturi, cauterizador, com lâmina, com linha, com tesoura. A gosto do freguês (risos). Enfim, como são muitas as possibilidades de modificação do corpo, são muitas as técnicas para se modificar o corpo também. Algumas nem são tão técnicas assim, não alinhadas e tal... tem umas coisas bem feias acontecendo.

**Márcio** – Você conhece ou já conheceu pessoas que fazem body mutilation? Ou já conheceu pessoas antes e depois de fazer algum tipo de intervenção?

**“T3 ou F5”** – A mutilação não, eu só li. Só li relatos no BME quando era legal o material. Eu li porque eu realmente queria entender os motivos que faziam as pessoas a arrancarem partes do corpo. Conheço pessoas que fizeram coisas mais moderadas, por exemplo, arrancar mamilos, que é uma forma de mutilação também. Só que já no meu entendimento não perde função, não atrapalha em absolutamente nada. Não atrapalha em locomoção, não te causa dor depois que é retirado, então para mim é mais plástico, é como arrancar uma pinta para mim... pelo menos é assim que eu entendo, eu encaro dessa forma. Eu assisti uma remoção de mamilo e eu era muito novo e eu fiquei impressionado, achei super agressivo, mas vendo e lendo começou a ficar mais... um lugar comum para mim.

**Márcio** – Conhece muita gente que já fez remoção de mamilos?

**“T3 ou F5”** – Não, conheço pouca gente... não são muitas pessoas que querem se submeter a isso não. Muita gente fala que quer fazer, mas não faz. Agora arrancar braço ou perna eu não conheço ninguém que tenha feito isso declaradamente. Tem um menino lá nos EUA, que ele perdeu um braço e... ah, eu entrevistei ele até... bom, a história dele é outra porque ele não queria perder o braço, foi causado. E tem uma menina brasileira que

conversei com ela depois disso porque nós tínhamos perdido contato quando ela fez isso, mas no caso dela era que ela tinha um problema na perna, era um problema muito sério de saúde, muita dor na perna e ela optou em cortar para parar de sentir dor. Ela usava muleta, sempre estava de muleta nos lugares e sempre fazendo muitas cirurgias. Quando eu vi fotos dela sem perna eu fiquei muito impressionado, preocupado com como ela estaria, pois ela era muito nova e bonita, fazia fotos sensuais e daí fiquei preocupado se ela tinha perdido essa coisa da sensualidade, perdido a alegria, mas não, aparentemente está tudo bem sim. Daí fiquei sabendo que era por causa da dor que ele resolveu cortar a perna e que estava bem. No caso dela não era estética, que é algo muito particular de quem faz modificação corporal.

**Márcio** – Qual o seu limite?

**“T3 ou F5”** – Em relação ao corpo?

**Márcio** – Mas antes me diz qual a razão por qual você faz a modificação corporal?

**“T3 ou F5”** – É...

**Márcio** – Você pode achar a pergunta boba... mas eu tenho que fazer (risos).

**“T3 ou F5”** – Sim, essas perguntas não tem como não se fazer... tem que fazer mesmo. Bom, por que eu me modifico? Bom, antes de eu ter consciência que eu me modifico eu já era modifico. Então, eu cá nessa... eu já fazia um monte de cortinhos com bisturi, eu já deixei de comer, já cortei os cabelos e as unhas, então, eu me modifico porque a minha cultura ocidental branca, cristã e heterossexual me obrigou a um monte de coisas, um monte de códigos de conduta que eu deveria modificar em meu corpo. Aí fora essas modificações maciças, em massa, eu escolhi algumas modificações que fogem um pouco do convencional, do gosto popular, e essas eu fiz pelo meu gosto pelos corpos estranhos, né. Comecei por isso mesmo, por estética cyborgue, amo a idéia cyborgue e aí eu queria ter isso em mim também... se é algo que considero belo é uma forma de eu me sentir bonito também. O começo de tudo foi isso, mas depois vem a politicagem toda, né, de eu saber, tomar consciência que as modificações do meu corpo poderiam questionar muita coisa. Poderia contestar o racismo, a homofobia, poderia contestar o mundo através das modificações que eu faço em meu corpo. E aí, a coisa ganhou uma outra potência e daí saiu mais tesão. O que me mantém... bom, o meu irmão parou de se modificar, a potência dele foi outra e foi acabando com o tempo... e a minha só aumentou... foi potencializada assim... e eu acho que foi porque eu cheguei nisso, a minha característica anárquica foi somada as potencialidades corporais, a idéia política do corpo e aí fudeu, cara. E é muito louco porque eu fazia isso consciente do que eu estava fazendo e depois que vieram as performances e descobri que era aquilo mesmo que eu queria para a minha vida. E depois o Lukas Zpira escreveu um manifesto em 2003 ou 2004 que fala do body hacktivism e é justamente é um... na verdade não é um grupo de pessoas, são pessoas... As pessoas do body hacktivism são os hackers do corpo que aliado ao sistema informatizado e às modificações corporais criticam o sistema que a gente vive. Eu achei foda isso.

**Márcio** – Tem a ver com os termos tecnocorpos ou corpos cyborgues?

**“T3 ou F5”** – Não sei exatamente. Bom, o body hacktivism não é um grupo de pessoas, são pessoas que aliadas a tecnologia e a informática usam o sistema para criticar o sistema, através das modificações que fazem no corpo, o Lukas Zpira frisa bem isso. Daí eu pensei... eu sou um body hacking, né. Então, o meu trabalho do... enfim... antes de ler os trabalhos do Lukas eu comecei a ler manifestos de terrorismo poético. E quando eu li eu vi que as coisas do Lukas era terrorismo poético puro. O corpo questionador é poesia pura, não é outra coisa. E quando eu fiz meu projeto T. Angel, eu coloquei que uma das influências era a idéia do body hacktivism. Eu fiz isso em 2007 para 2008. Comecei a desenvolver em 2007 e em 2008 eu fiz o site e comecei a fazer as paradinhas assim. Já era para ter acabado, mas não acabei. Curiosamente, eu não te contei isso ainda, curiosamente, semana passada, uma menina que está fazendo doutorado na França, ela está pesquisando sobre o body hacktivism e aí pesquisando ela me descobriu e descobriu meu projeto. Ela é brasileira, mas estuda na França e ela é orientanda do Le Breton. Olha que absurdo! Ela se apresentou como orientanda do Le Breton e eu já molhado (risos). Ela viu o projeto e pirou, ela ficou feliz porque ela disse que é um mundo pequeno... tem o Lukas que é o pai da coisa, mas um brasileiro, dentro desse universo tão pequeno de pensar os corpos assim, ela disse que pirou (risos). Ela disse que quer saber mais sobre meu projeto e tal e isso me deixou muito feliz porque eu sei que vai render coisas boníssimas. Ela me disse que vai me passar um monte de textos que ela está pegando com o Lukas... porque ela está lá na França mesmo. Não lembro o nome dela agora, mas depois te passo o contato, acho legal vocês manterem contato. Ela é bem legal e não é vislumbrada, muito educada... eu morro de medo de gente vislumbrada, morro de medo de doutores, já te disse isso, né (risos)?

**Márcio** – Como?

**“T3 ou F5”** – Que eu tinha paura?

**Márcio** – Ah sim. Eu ainda tenho isso com alguns (risos). Só que ao contrário de você que tem medo, eu xingo (risos).

**“T3 ou F5”** – Você xinga? Eu corro (risos) dessas coisas da academia. Você me ajudou bastante, o seu jeito de abordar e fazer as coisas. Você me deixa a vontade desde quando você entrou em contato comigo. Nem parece que vai ser doutor, né. Mas assim, rolou... e eu te chamo até carinhosamente de “Doutô” (risos). Mas voltando a pergunta inicial... por que eu modifico meu corpo? É isso, é o modo como eu vivo, como eu sei para viver e no momento não sei viver de outra forma, se não for modificando meu corpo, pois isso tem a ver comigo, como me construo.

**Márcio** – O que você tem de sensações, bem-estar e prazer em relação ao corpo quando você se modifica? Conseguiria descrever?

**“T3 ou F5”** – Claro. Total. Tem o bem-estar e o prazer de encontrar aquilo que eu acho belo e só nisso já há puta prazer. E por mais que torçam o nariz e falem mal, você sai –agando e andando” porque aquela opinião não interessa e o que importa para mim é o que eu acho bonito e me faz bem. Fora isso tem o prazer sexual também. Por exemplo, o p.a. (Prince Albert), o piercing no mamilo, ah, a tatuagem me dá tesão... tatuagens colocadas em algumas partes do corpo assim, me dão tesão. Eu curto minhas tatttos. As tatuagens não me dá tesão no sentido da sensibilidade, mas no visual que me excita. Então tem tudo isso. Pensa que massa, você preencher através da modificação corporal as suas necessidades políticas, filosóficas, morais, éticas e estéticas, né. Então, o que eu digo... isso vira tesão puro.

**Márcio** – No mamilo há o aumento da sensibilidade, quando se coloca piercing?

**“T3 ou F5”** – Eu não tinha sensibilidade... bom, na verdade eu não tinha mamilo para começar. Cara, eu tinha uma pinta. Era muito baixinho... daí, eu perfurei muitas vezes o meu mamilo porque eu ficava colocando e tirando e daí inchou... inchou nada... ficaram cicatrizes só, né. Daí, depois disso eu alarguei meu mamilo e ele ficou realmente grande. Então, hoje em dia eu tenho um mamilão. Depois de perfurar, eu tenho sensibilidade total no mamilo, nossa... igual teta de mulher, eu tenho um puta tesão agora no mamilo. Você encosta no meu mamilo e eu já... total... total... Já o p.a. (Prince Albert) é na cabeça do pau, não preciso dizer mais nada... mas assim, num sei se cabe na pergunta... mas tem sempre algo de tesão para mim que é muito visual, eu sou muito visual... embora eu enxergue muito pouco por conta dos meus olhos. Acho que tem muito da imaginação, da contemplação... só de saber que tem, só de ver que tem, me dá uma coisa diferente (risos). Eu já te falei do p.a. (Prince Albert), né... quando eu era mais novo eu achava que ia gostar de chupar pau a vida inteira, mas não é bem assim, né... é meio cansativo chupar pinto... mas depois do p.a. (Prince Albert), nooooooooooooooooooooo... (risos), eu quero chupar pinto para o resto da minha vida... antes eu só conseguia fazer sexo oral com piercing, agora que estou namorando, fica mais o tesão... mesmo sem... mas imagina quando ele fizer... ai, ai, ai... não vou dar conta (risos). Eu acho que todo mundo deveria ter um piercing genital... fica mais sensível e sexy... é dolorido furar e na primeira semana e tal, mas vale a pena... acho que para o parceiro ou parceira também é legal e estimulante. É um brinquedinho muito bom... as pessoas deveriam se permitir mais a ter prazer, a se estimular com brinquedos sexuais... e isso não quer dizer ser depravado, ou eu sou depravado mesmo (risos). Cara, implante genital é genial também.

**Márcio** – Você tem implante genital?

**“T3 ou F5”** – Não tenho e acho que eu nunca vou ter, porque para fazer sexo anal atrapalha, né, na hora de colocar, ele descola e vai para trás... embora tem gente que não reclame. Mas acho que ia machucar e ia machucar meu parceiro, então se não for pra ser legal não colocô. Mas eu acho um tesão, acho lindo ver, pegar...

**Márcio** – Você faria meatotomia uretral?

**“T3 ou F5”** – Não faria e também não bifurcaria meu pau. Mas sempre quis fazer um piercing genital, mesmo antes do p.a. (Prince Albert), mas que tinha medo de fazer, que era o apadravya, que fica na horizontal na cabeça do pau, aquele que atravessa... porque eu acho lindo as bolinhas de aço do lado da cabeça do pau... eu acho lindo, lindo... sempre foi o meu favorito, mas sempre tive medo de fazer pelo medo da dor, dizem que dói mais que o p.a. (Prince Albert). Na minha opinião, o apadravya é o piercing genital mais bonito que existe. E outra coisa que eu já pensei em fazer também, na área genital, é o transcrotal.

**Márcio** – Aquele que faz um anel no meio do saco?

**“T3 ou F5”** – Isso, só que no Brasil não tem que faça. Eu passaria o pau entre as bolas, passaria o pau no meio do saco. Ia ser genial... Bom, tem algumas pessoas que fazem aqui no Brasil, mas que não confio a ponto de dar o meu saco para a pessoa cortar.

**Márcio** – Conhece alguém que fez?

**“T3 ou F5”** – Só por fotos... conheço o P... que fez, mas não nele... fez em outra pessoa. Ah, também tem o R... que faz no Brasil, pelo menos que eu sei. Embora já tivesse muita vontade de fazer, eu não tinha segurança. Uma vez falei com o D... que faz body mod se ele faria em alguém... em mim... daí ele respondeu: —Ahé só cortar aqui e ali...”. Daí eu pensei: —É só cortar aqui e ali? Não, não é só cortar aqui e ali... é muito mais que isso... tem que saber bem direitinho”. Daí, resolvi não fazer.

**Márcio** – E no períneo?

**“T3 ou F5”** – Já pensei em colocar... é guiche que chama, né? É entre o saco e o ânus. Bom, eu já pensei também, mas não sei te dizer por que eu nunca fiz... fiz no pinto e parei no pinto as perfurações (risos), mas quem sabe um dia eu faço, pois é bem simples para fazer e falam que dá um tesão da porra isso, pois é uma área muito sensível.

**Márcio** – Qual seria o seu limite?

**“T3 ou F5”** – Ah... eu não sei... eu acho que não faria mutilações no meu corpo, dessas que a gente falou que perde a função da parte do corpo. Acho que é a única coisa que eu não faria.

**Márcio** – E você tatuaria o seu rosto?

**“T3 ou F5”** – Eu quero muito tatuar o meu rosto, só que quero tatuar meu rosto com tinta branca, o que vai fazer ficar parecendo marcas alienígenas... você poderá ver de perto, mas de longe não dá para perceber. Apesar de eu ter umas coisas grandes no corpo assim, eu sou discreto. Queria uma tatuagem discreta, tudo branco, cabeça e rosto... tudo branco. Acho que esse ano eu começo a fazer até...

**Márcio** – Você tem tatuagem genital?

**“T3 ou F5”** – Não ainda, mas tenho muita vontade e já até sei o que eu quero fazer. Eu tenho um triângulo que é perto do pinto assim e eu queria fazer três linhas que sai do triângulo e vai até o pau. O triângulo é na barriga, mas quase perto do pinto, e daí quero descer mais uma linha e juntar com mais outras três linhas... quero muito fazer isso. Quero tatuar o pinto e a bunda... a bunda vou tatuar logo... mesmo. Vou tatuar a perna já e daí aproveito e subo para a bunda.

**Márcio** – Quando você faz essas modificações, você paga todas? Como é? Se importa em dizer?

**“T3 ou F5”** – Já paguei muito, hoje em dia não. Olha que legal isso... eu nem me lembro qual foi a última vez que paguei. Depois do freakguys, do site, eu não paguei mais nada não... deixa eu pensar. Minto, antes do freakguys, começou a juntar um pessoal do bmezine, pelo IAM, que fazia alguns encontros para modificação mesmo e daí rolava algumas coisas de graça e depois do freakguys as pessoas começaram a se interessar a fazer algumas coisas em mim, pois de certa forma dava um portfólio para eles. Achei bacana, ótimo, porque daí não tinha custos, mas assim, tatuagem eu paguei muitas, as primeiras suspensões eu que paguei, mas hoje em dia não pago mais.

**Márcio** – Você me disse que está trabalhando com arte, você utiliza o nome body art?

**“T3 ou F5”** – Depende.

**Márcio** – O que significa, para você, Body Art?

**“T3 ou F5”** – Trabalhos que envolvam o corpo como objeto da arte... bom, eu considero. Mas hoje em dia eu tenho feito muita coisa com dança, aulas de dança e isso é dança e daí não seria uma body art, tem mais a ver com um solo de dança. Até as suspensões corporais tem coisas que eu envolvo a dança já. O solo que eu fiz na Virada Cultural aqui em São Paulo o ano passado, o Histeria, foi um solo de dança, cara. Uma hora de dança, que em dez minutos eu faço uma performance de suspensão. Tem body art, mas não somente body art, tem mais coisas envolvidas. A maioria da minhas apresentações são nessa área, é o que eu gosto, o que me dá tesão, me dá inspiração de vida... essa parte artística...mas também é foda... porque não é uma área fácil. O que me deixa incomodado é muita gente falando que faz body art e para mim não é, pois tem uma diferença muito grande entre o que é body modification e body art. Para mim, são campos totalmente distintos, por mais que a antropologia vá dizer ao contrário. Para mim, body modification é uma coisa e body art é outra e ponto, assim como vaca é uma coisa e burro é outra. Isso me dá uma encanação. Eu fiquei bem no meio disso tudo e outra pessoa que também ficou foi a Priscilla Davanzo. Por exemplo, a Pri, dependendo do livro que você pegue, vão citar ela como body modification, por exemplo, o pessoal que escreve sobre isso lá na Unicamp. O pessoal da Unicamp insiste em falar que a Priscilla é body modification.

**Márcio** – O que ela diz o que sobre isso?

**“T3 ou F5”** – A Priscilla é body art puuuuura. Ela usou técnicas da modificação corporal, mas ela é body art pura. É complicado porque comparam ela com o homem lagarto, homem réptil, o homem gato... que são pessoas que fazem modificação corporal só... declaradamente. Eles não falam que estão fazendo body art, eles falam que estão fazendo body modification. Na minha cabeça e na da Priscilla são coisas diferentes, né.

**Márcio** – Ela está na Argentina, né?

**“T3 ou F5”** – Está... estou morrendo de saudade dela. Ela veio em novembro para cá. Ela foi para lá viver um pouco, ela diz que a energia é outra, que aqui ela parou de produzir e querer produzir e que lá isso voltou. A gente vai fazer alguns trabalhos juntos quando ela voltar. Ela é uma menina muito brava, mas ela é demais (risos).

**Márcio** – Digamos que seu corpo é algo que fosse a normativa de um corpo solicitado socialmente... por exemplo, um corpo dito por algumas religiões como um corpo profanado. Como você disse, o seu corpo tem um discurso político contra a homofobia, ao machismo, ao racismo e também contra o pensamento ortodoxo de algumas religiões. Como é a sua relação com outros espaços sociais, como por exemplo, a escola ou quando você fazia faculdade ou com a religião? Existe alguma relação de preconceito nesses contextos?

**“T3 ou F5”** – Caralho, né. Cara, assim... teve um tempo atrás que falavam para a galera que queria se modificar que era para ter muita reflexão e maturidade, sempre falavam assim. Cara, não é fácil. Quando você faz as modificações corporais, e eu fiz sem saber disso, você vai se excluir desses equipamentos da sociedade e você se excluir e eles vão te excluir também, vão te excluir de uma forma violenta. Se você não tem uma estrutura... é muita coisa... exclusão familiar, exclusão profissional, exclusão religiosa... se você não tiver estrutura para agüentar isso, se você fez uma escolha sem pensar, você não dá conta do recado não, você tira tudo. Muita gente que começou a modificação corporal que eu vi, que começou comigo, por exemplo, tiraram tudo, não agüentaram, na primeira resistência que tem, das muitas, arrega as pernas... mas mesmo que eu não fosse uma pessoa com modificações corporais aparentes, ainda assim eu iria contestar as instituições religiosas. Não sei como faria isso, mas eu faria essa contestação, porque para mim a Igreja é uma instituição criminosa e eles não

me aceitam, não gostam do que eu faço, eles contestam porque eu profano o corpo e eu abro espaço para que outras pessoas façam o mesmo, se livrem dessas amarras tão mediócras. Ainda tem a questão de eu ser gay, né.

**Márcio** – Existem situações em que você foi atacado já?

**“T3 ou F5”** – Sim, agora em 2009 foi para Belo Horizonte e fui passear com meu amigo lá, conhecer a cidade... e eu adoro arte religiosa, música... eu adoro música Gospel, já devo ter te falado...

**Márcio** – Já sim, mas me parece que era uma música Gospel meio gay que você gosta (risos).

**“T3 ou F5”** – Sim, sim, música americanas com aquelas negonas gritando (risos). Mas também gosto daqueles hinos, aqueles da igreja que meus pais freqüentavam, bom eu gosto muito de música. Enfim, gosto muito de arte sacra, da arquitetura sacra e eu estava lá em BH andando e tinham umas igrejas antigas e eu quis entrar, pois sou um cidadão livre e posso entrar e entrei. Aí, em uma das igrejas que eu entrei, tinha umas senhoras beatas e elas começaram a me enxotar da igreja, dizendo que aquilo era pecado de eu estar lá. Daí, meu amigo que é mais velho e mais bravo que eu, começou a bater boca com elas. Eu saio de perto, tirei minha foto, dei minha olhada, toquei no que eu queria tocar e saí. É triste, uma pessoa que está ali já idosa, que vive sob a palavra de Deus e vive com hostilidade... para mim é um contra-senso contra tudo e prova que passa o tempo e as pessoas continuam mediócras. Enfim, nunca tive problemas de violência física, mas sempre essas violências pequenas e cotidianas que são horríveis e não tem que existir.

**Márcio** – Você me disse que já correu muito para não apanhar, né? Já pegaram você?

**“T3 ou F5”** – Já corri muito, mas nunca apanhei. Já tive medo, corri, já chorei, já tive que me esconder, mas eu não sei viver de outra forma... é assim que eu vivo... esse é o corpo que me reconheço. As pessoas falam para mudar, a minha mãe fala para viver de outra forma, mas eu não consigo. Quando eu estava deprimido em 2006, que não conseguia trabalhar, minha mãe falava para eu tirar, arrancar tudo que eu tinha, mas eu me sentia violado e não conseguia. Não sei, não sei ser diferente disso. Para mim seria a mesma coisa de alguém falar: “Deixa de ser negro, vai ser branco para não sofrer racismo”. Seria a mesma coisa de falar para deixar de ser travesti ou transexual... não tem como... não é assim... mas as pessoas não entendem. Não é uma frescura ou um mimo... não é como optar se vai usar Gucci ou uma roupa barata... caralho... é a minha existência que estamos falando. Imagina: “Não vivo sem minha Prada, sem meu Gucci”. Não é futilidade. Muitos retiraram tatuagem, alargador, piercing por medo, mas eu não tenho que fazer isso.

**Márcio** – Geralmente, as pessoas trabalham na área de modificação corporal, mas você não trabalha, né? Muitas pessoas que conversei trabalha na área de modificação corporal, alegando que é onde conseguem empregabilidade. No seu caso, você me disse que não trabalha, mas você faz perfuração em você mesmo?

**“T3 ou F5”** – Faço. Bom, é aquela história, eu tinha tirado o piercing que minha mãe mandou e depois comecei a me perfurar em casa, e isso aconteceu na minha vida, mas nunca tive coragem de perfurar os outros... a possibilidade e a idéia de machucar alguém, mesmo com consentimento, me deixava aflito demais... tanto que quando meu pai estava vivo, ele tomava diariamente uma injeção e ele falava: “Poxa, por que você não aprende e aplica em mim?”. Eu falava para meu pai ir na farmácia porque eu não conseguia aplicar. E aí a performance veio e eu comecei a me perfurar mais, até que um belo dia eu tive que perfurar alguém e foi... foi natural... Foi uma vez que o Heitor ia performar e pediu para que eu furasse ele, e daí me deu uma caixa de agulha e eu furei, furei um monte dele. Depois disso eu tive mais algumas experiências e a coisa passou a ser natural, mas sempre quis cortar as pessoas com bisturi para fazer a escarificação... daí um dia fui fazer em uma amiga, ela como cobaia e era para fazer um xis nas costas dela. Na hora que eu fiz o primeiro corte eu já comecei a ficar preocupado, perguntando se ela estava bem e comecei a chorar... era um corte, um beijo e um choro. Eu falo que quando eu era criança eu queria fazer veterinária como a maioria das crianças, mas fui crescendo e vendo que não tinha condição alguma de ser veterinário porque cada bichinho que morresse eu morreria junto, minha mãe dizia (risos).

**Márcio** – Você disse que se perfura, mas se tiver que se cortar em uma performance, você faz?

**“T3 ou F5”** – Sim, tranquilamente. Eu me perfuro, me corto, me costuro, me queimo...

**Márcio** – O que é a dor para você?

**“T3 ou F5”** – Durante a performance, cara, ela some, e isso é um problema, um problema muito sério, porque a primeira performance que eu fiz, performance consciente que era uma performance artística foi na faculdade de moda. Daí eu fiz uma performance que eu discutia pele animal dentro do mercado da moda e aí eu me cortava... bom, a idéia era eu fazer alguns cortinhos no corpo, pois eu sangro bastante e já era suficiente para sangrar e escrever nos tecidos com meu sangue... a idéia era simples. Ah, tá... eu costurava minha boca antes. Comecei de boa e fui me cortar, cara... eu abri bucetas em mim... bucetas... porque eu não sentia dor. O limite da dor era zero... olha essa cicatriz aqui... era para ser um arranhãozinho, olha o tamanho que ficou. Eu ficava totalmente fora desse mundo, sem sensibilidade para a dor, então, só o primeiro corte que eu fiz pequeno, do modo que era para ser, o resto foi tudo grande... a performance foi linda, mas isso é um problema. Depois te mostro um vídeo bem ruinzinho que fizeram e algumas fotos. Mas eu sangrei muito, demais. Depois disso, eu fiquei preocupado, pois numa dessa, né, muitos artistas podem morrer.

**Márcio** – Acredito que você estuda isso, de cortar lugares estratégicos que não sejam perto de artérias, veias ou perto de lugares importantes da anatomia.

**“T3 ou F5”** – Sim, sim, isso sim. Mas foram cortes profundos que até eu me assustei. Como normalmente eu já sangro muito... mas foi bom, porque serviu como um alerta para eu me atentar a isso... e o bom que já foi no começo para eu poder pensar sobre. Muitos artistas já morreram sangrando.

**Márcio** – Você toma algo para o sangue?

**“T3 ou F5”** – Não. Só alimentação mesmo. Eu me alimento muito bem.

**Márcio** – Você é vegano?

**“T3 ou F5”** – Sou, sou vegano, mas... eu tenho uma alimentação muito, muito boa e equilibrada (risos). Eu como muito e como muito legumes. Por exemplo, quando faço uma performance que eu sangro muito, na semana seguinte eu como muita beterraba, muita couve, então recomponho ferro. Eu vou começar a tomar mais complexo B, porque agora eu vou precisar por conta das performances e porque por eu ser vegano eu não como alguns alimentos.

**Márcio** – Antes de você me dizer sobre a sua opção de ser vegano, deixa eu perguntar uma coisa que eu já iria perguntar lá atrás, mas acabei esquecendo. Você acredita que exista alguma relação do sadomasoquismo com a dor da perfuração, do prazer em suspender? Você acha que o body modification se aproxima em algum momento do sadomasoquismo?

**“T3 ou F5”** – Bom, eu acho que historicamente eles estão ali muito próximos, lado a lado. Acho que tem a ver com a libertação sexual que as modificações possibilitam para a gente. O body modification traz libertações e possibilidades novas que fica muito próximo do SM e fora isso, para quem gosta da questão da dor, ou de sentir ou proporcionar, o SM é um prato cheio. Eu não gosto de sentir dor.

**Márcio** – Não?

**“T3 ou F5”** – Não. Não mesmo. Tudo que eu posso fazer para cortar a dor, eu faço. Sério, eu não gosto mesmo. Tão pouco é causar a dor ou dar sofrimento ao outro ou humilhar alguém.

**Márcio** – Mesmo consentido?

**“T3 ou F5”** – Mesmo que me peçam, não vai rolar. Isso não quer dizer que eu não aceite ou critique, mas comigo não vai rolar. Bom, veja que ridículo para o mundo SM... eu trabalhei uma vez na festa Luxúria e... numa dessas vezes eu disse que queria apanhar, levar umas chicotadas... fui apanhar e já na primeira pensei: “Não nasci para isso”. Então decidi: “Vou bater”. Daí minha amiga virou a bundona para mim e na primeira chicotada eu perguntei: “Machucou? Tudo bem?”. Nossa, eu sou uma vergonha para o SM (risos). Eu fui abraçar a menina e pedir desculpa e ela lá toda se divertindo. Ela lá pirando e pedindo que eu batesse mais (risos). Mas tem coisinhas menores, mais sutis do SM que eu sempre gostei, mesmo antes de saber que era do SM, como por exemplo, velas. Bom, não é tão sutil não, se for pensar. De amarração, de vendar, eu sempre gostei dessas coisinhas mais sutis. Esse é o meu limite no SM, porque vejo nego bater de arrancar sangue. Acho que isso não é minha pegada, sou muito hippie para chegar nisso. Ainda mais, no SM gay e tem mais coisa ainda, como *fist fucking*, e isso para mim não dá.

**Márcio** – E como você lida com a dor. Por exemplo... bom eu sei que é uma pergunta chata, que geralmente quem pratica Body Mod não gosta de responder, mas preciso fazer: “Dói?”. Obviamente, penso que deve doer, mas eu gostaria de saber, como é para você, como você lida com isso? Por que ou para quê passar por isso?

**“T3 ou F5”** – Então é... tem um degrau, para chegar em alguns lugares eu preciso passar esse degrau, eu vejo dessa forma. Embora eu não gostar da dor e tentar burlar o máximo que eu puder essa etapa, é... eu estou consciente dela, eu estou vivo. Então vamos lá, vamos enfrentar, eu não sou tão covarde a ponto de deixar a dor me abater. Então, eu enfrento. Não gosto mesmo da dor, sendo bem honesto. No começo das minhas suspensões, das perfurações ou... por exemplo, ainda hoje quando vou perfurar a parte da frente do corpo, eu ainda acho um saco, um parto... é horrível. Perfuraçõzinha menor, dependendo de qual parte do corpo, eu acho um horror também, mas daí cara, é aquela coisa de escada mesmo, né. Quando sinto a dor eu fico pensando onde eu quero chegar e isso ajuda muito, pensar como um degrau ajuda mesmo. Bom, se é isso que eu quero, tenho que enfrentar.

**Márcio** – E furar um p.a., dói?

**“T3 ou F5”** – Dói... fica... não adianta eu dizer que não, porque dói sim. Cara, é uma agulha no seu pinto, como não vai doer? Mas é tão compensador que você esquece que doeu.

**Márcio** – Podemos mudar de local? Eu preciso jantar e tenho muita coisa para te perguntar. Você é meu convidado, podemos ir em um lugar que serve comida? É que daqui já vou para a rodoviária e penso que possamos achar um lugar com menos barulho. Você se importa?

**“T3 ou F5”** – Imagina. Ótimo. Podemos ir sim, com certeza.

Durante a passagem pelo centro de São Paulo, saímos de uma lanchonete vegana nas proximidades da Avenida Paulista e nos encaminhamos para o Shopping Frei Caneca. Durante a trajetória era muito interessante perceber os olhares dos pedestres que cruzavam nosso caminho. As expressões variavam entre espanto, nojo, entusiasmo. Pode-se observar que o entrevistado não passou pelos espaços públicos sem ser notado. No entanto, também se pode observar que o entrevistado parece não se importar com os olhares, uma vez que estava entretido com as minhas perguntas e em relatar situações abordadas por mim, que serão consideradas como notas de campo.

**Márcio** – Bom, voltamos como nossa programação normal (risos).

**“T3 ou F5”** – (risos).

**Márcio** – Me diz o que é suspensão para você?

**“T3 ou F5”** – Para mim, suspensão seria uma forma de auto-conhecimento, de onde o meu corpo agüentava ir... sem dúvida foi isso. Eu estava em um momento de experiências múltiplas, eu estava passando por um monte de coisa e aí veio a suspensão... foi assim na primeira vez, foi assim na segunda vez... Depois disso, ela passou a entrar no meu trabalho de arte... então, hoje em dia, já faz um tempo que ela passou a ser uma ferramenta para minhas performances, sem dúvida alguma... tanto que eu não consigo mais conceber em ir em um encontro, por exemplo, como os meninos fazem nos finais-de-semana para suspender. Eu num consigo fazer isso mais, sabe. Para mim já deu, eu já tive essa vontade de fazer essa forma como eles fazem, mas para mim hoje é diferente, já estou satisfeito... mas dentro da arte não, eu ainda acho que ela cabe dentro da arte para mim, mas também não sei por quanto tempo ela ainda vai caber. Talvez por pouco tempo, talvez por poucos anos e talvez acabe e não entre mais. Mas é uma prática que ainda me interessa muito, historicamente falando, seja nas práticas primitivas ou nas contemporâneas, elas me interessam muito. Essa coisa de evolução, essa coisa de ritual que virou arte e agora ela é esporte, e o que mais ela pode ser, né? Eu vejo a suspensão... eu estava pensando até nisso esses dias, aqueles russos lá, os the sinner team, que eu adoro, que fazem um trabalho mágico... É um trabalho fabuloso, e eu comecei a ver que é muito...eu fiz uma comparação como a suspensão como movimentos de arte e de como o corpo humano pode utilizá-lo para expressar sua arte.

**Márcio** – Não entendi, por que você diz que quer parar com as suspensões? Eu entendi direito?

**“T3 ou F5”** – Sim, porque a suspensão já me preencheu, né, já passei do período de testar meu limite físico com a suspensão. Testei. Depois ela entra como ferramenta como performance e me pergunto: —“Quando ela me servirá como ferramenta para performance? Até quando meu corpo vai agüentar a passar por esse processo?”. É super intenso esse processo, você tem que ficar depois uma semaninha ali para se refazer e tal. Então, eu não sei até quando aquilo ali vai. Ou pode ser que eu esteja bem velhinho e: —“owwwwwwww”. Tudo é possibilidade, eu não sei, mas eu penso que em alguns anos eu paro.

**Márcio** – O que você suspende quando você se suspende?

**“T3 ou F5”** – Putz. No começo era muita coisa. Bom depende do dia... é depende de muita coisa. Depende assim... cada vez que você faz, é como se fosse a primeira vez e vai te trazer alguma coisa de diferente. Então, algumas vão te trazer mais dor, já outras vão te trazer dor nenhuma, algumas vão te trazer paz, outras desconforto e por aí vai. Mas o que é unânime assim, depois da suspensão, é a sensação de paz que dá assim... que é absurdo, que é terapêutico, cara. Confesso que ali é tanta emoção envolvida... o medo, o tédio, o prazer, a dor, mesmo ali que você esteja focado em um trabalho de arte, sei lá... tudo é muito intenso. Uma semana depois, e a sensação ainda vem... é foda. Todas. Você pode estar dolorido, mas tem a sensação de bem-estar. Eu não consegui essa sensação com outras coisas que eu fiz na minha vida. Desde a primeira vez, claro que na primeira vez é mais intenso por ser uma coisa nova, mas nunca deixa de sumir a sensação boa nas outras... talvez por isso que ela ainda me serve de alguma coisa, ela me permitiu discutir as milhares de coisas as coisas que eu quero discutir e depois também tem o bem-estar posterior.

**Márcio** – Muda a sensação dependendo do contexto? Por exemplo, em uma situação mais particular ou em um show meio freak.

**“T3 ou F5”** – Sim, total. Total mesmo. Por exemplo, na Virada Cultural de 2011, eu fiz duas suspensões. Uma durante a noite e uma durante o dia. A noite eu queria discutir o comportamento ocidental contemporânea e blá blá blá e era uma performance super agitada, muita agitada, música agitada, movimento corporal agitado com dança, já tinha uma coisa mais agressiva e eu gritava, eu respirava mais fundo e então era uma euforia. Durante o outro dia, tinha uma performance sobre a homofobia, que era o avesso disso, era uma coisa quase sem movimento, era uma coisa estática e que no final disso tudo tinha suspensão. É um tema que mexe comigo, né. E não poderia deixar de ser, e a carga emotiva para mim era...

**Márcio** – Ah, você é gay?

**“T3 ou F5”** – (gargalhada). Fala baixo (risos). Ainda mais aqui no Frei Caneca, vai que alguém ouve (risos). Então, a carga emotiva para mim que estou fazendo e outra para quem está me assistindo. Ver a cara das pessoas chorando. É bem essa nuance de um dos temas que vai pegando e como o desenvolver da performance acontece, assim. Eu acho que é isso, e eu gosto dos dois, gosto mesmo do trabalho mais agressivo e que vai levar as pessoas a terem uma sensação que eu vou partir no meio e também gosto da performance que a pessoa esquece que eu estou suspenso e se envolve com o tema. Me interesse pelos dois modos.

**Márcio** – Você me contou uma vez que você estava em uma performance e que o gancho se soltou e você não percebeu e o cara veio te empurrar e você pedia para ele empurrar mais forte e ele te apontou para você perceber que o gancho tinha soltado.

**“T3 ou F5”** – É então, essa performance também foi muito intensa e o gancho tem a trava e essa trava eu estourei, e daí não percebi e pedi para um menino me balançar porque já não estava indo mais e ele só olhou para mim e eu me toquei que tinha algo errado e quando eu vi foi: —“uuuuu, como assim?”. Eu não tinha consciência do meu corpo, porque eu sempre fui uma criança muito frágil... viado, né, não basta ser viado, tem que ser frágil, né (risos). Eu sempre fui frágil, asmático, todo cagado, filhinho da mamãe... então eu não tinha essa noção da potência do meu corpo, da resistência do meu corpo. Eu achava que eu era frágil, que qualquer coisa eu racharia ao meio, e daí quando eu vi, um gancho de aço que agüenta uma tonelada, eu saquei que essa porra é resistente,

né. Foi legal, foi uma sensação boa... bem louco... nunca mais se repetiu (risos), mas me deu uma confiança para outros trabalhos assim. Porque o medo de rasgar está ali, sempre presente o medo de rachar no meio. Então depois dessa experiência, eu descobri que rasgar não vai acontecer. Pode estourar um gancho ou dois, mas rasgar, não vai acontecer.

**Márcio** – Nunca teve outra situação, fora essa que me contou agora, que você tenha ficado com medo?

**“T3 ou F5”** – De cair? De passar mal? Não, não.

**Márcio** – Nunca nem baixou a pressão?

**“T3 ou F5”** – Nunca tive, essa da Virada Cultural, como eu tinha feito muita coisa, eu estava cansado e não conseguia sair assim... eu ia e voltava...

**Márcio** – Como assim?

**“T3 ou F5”** – Não conseguia sair do chão, eu estava muito cansado, e na suspensão eu subia e já descia, aquela coisa de ficar entregue e suspenso, não rolou... Normalmente eu consigo ficar suspenso quarenta minuto a uma hora... mas nessa não rolou, muito menos suspender pelo peito. Quando eu faço uma que eu fico minutos, por causa das dificuldades, me dá uma certa preocupação. Não chego a passar mal, mas me dá um certo receio, cria uma inquietação, principalmente se for uma suspensão difícil para mim, se for pelo peito ou pela barriga.

**Márcio** – Já fez o super man?

**“T3 ou F5”** – O super man não.

**Márcio** – Qual você já fez?

**“T3 ou F5”** – Já fiz pelas costas, o suicide, essa eu já fiz muitas. Fiz pelo joelho, fiz coma, fiz vertical pelo peito e a ressurreição pela barriga.

**Márcio** – Sobe pela barriga?

**“T3 ou F5”** – Sim.

**Márcio** – E você faria uma suspensão transando?

**“T3 ou F5”** – Eu já pensei muito, mas não sei se conseguiria... nunca rolou um tesão suspenso assim. A gente se preocupa com tanta coisa, cara, que ficar de pinto duro ali seria algo bem radical (risos). Não sei como seria, mas já passou pela minha cabeça sim, acho que seria bem legal.

**Márcio** – Falando de corpo, de estética, me diga... que tipo de estética te atrai? Você acredita que uma estética modificada te atrai mais?

**“T3 ou F5”** – Ai velho, eu gosto, eu curto pra caralho, me chama mais atenção... total... se passar dois meninos... um todo bonitinho e tal e outro todo tatuado.... eu noooooosssssaaaaa... gosto muuuuito.

**Márcio** – (risos). Bom, me veio uma pergunta agora na cabeça sobre suspensão. Você me disse que depois que você faz suspensão, te vem um sono forte, e você tem que descansar bastante e que geralmente você descansa bastante antes também? Numa perspectiva de reduzir danos, o que isso te ajuda? Ou tem outras coisas que ajudam a reduzir danos ou mal-estar?

**“T3 ou F5”** – Olha, o que sempre me ajudou muito nas minhas suspensões foi ter consciência disso... de sempre cuidar muito do meu corpo. Quando eu vou suspender, muito mais, cara. Então eu durmo bem, eu como bem, eu já não sou mais de usar droga e tal, álcool eu corto, então por esses meus cuidados eu nunca tive problemas e isso ajuda para que eu não apague. Alguns relatos que eu ouvi de pessoas que apagam, geralmente foram pessoas que bebem ou usaram drogas naquela semana, que não dormiu bem, que está cansado, enfim, nunca foi meu caso. E para minha recuperação eu realmente preciso dormir, dormir mesmo... chego em casa, tomo aquela ducha quentinha e cama. E depois eu tenho que me alimentar muito bem, pois como eu perco muito sangue, eu como muita beterraba, muita couve, muito brócolis, muito verde e tudo isso me ajuda mesmo a ponto de eu não ficar doente. Somente na virada cultural que eu fiquei doente, mas eu fiquei 24 horas lá e eu não me alimentei nada nessas vinte e quatro horas. Só tomava água. Não é à toa que fiquei doente... você sangrar, parar de sangrar e sangrar de novo e parar de sangrar. Isso é alo que aprendi com meu irmão, com o cuidado dele com o triatlon... a coisa da alimentação, de descansar antes da prova... é uma cultura que aprendi com ele... e yoga, né... yoga é o seu limite o tempo todo... e é isso que eu aprendi.. até onde posso agüentar e nunca ir além disso... ir lá, descansar e depois tentar de novo. Por isso nunca tive nenhum dano grande.

**Márcio** – Esse tipo de medo desses danos levou você a ser vegano? Podemos pensar nisso?

**“T3 ou F5”** – Não. Eu sempre tive problemas com carne desde criança. Eu tinha nojo de comer carne... dava trabalho pra caralho pra minha mãe. Não comia, tinha nojo, mas gostava das tranqueiras, de hambúrguer, frituras, coxinhas... essas coisas de mar mesmo, eu comi peixe uma únicas vez na minha vida e ainda me engasguei com o espinho do peixe. Nunca mais comi na minha vida. Só comia filé de frango grelhado. Meu pai comia até coelho e minha mãe fazia aquelas comidas mais cabulosas e eu não comia. Mas daí era uma coisa de paladar, né. Daí, quando fui crescendo foi entrando a questão ética e aí fudeu. Porque eu gostava muito de hambúrguer, queijo, leite, iogurte, mas aí eu cortei, não foi fácil, foi um processo.

**Márcio** – Quando você teve contato com essa idéia vegana?

**“T3 ou F5”** – Então, eu comecei sem saber que existia e daí quando eu descobri que existia um grupo que vivia assim e vivia bem aí eu comecei a buscar a cultura... a internet me ajudou a buscar um bocado, mas eu nunca tive um grupo de amigos veganos, meus amigos são todos carnívoros, minha família são todos carnívoros, mas eu nunca me dei bem com carne. O contato com os veganos é posterior eu ser vegano. O veganismo mesmo para mim foi desde 2007, mas antes eu já era vegetariano... então, comia ainda leite e ovo e seus derivados. Eu gostava de leite para caralho, de leite, mas em 2007 eu tirei tudo.

**Márcio** – Existe outro movimento político, outro movimento social que você seja simpatizante ou milite?

**“T3 ou F5”** – Bom, vários. Veganismo e com isso o movimento que luta pelos direitos dos animais, pelas gays também porque eu estou ali, né, tentando ajudar no máximo que eu posso... também tem dos deficientes físicos, dos HIV positivos e esse ano eu quero trabalhar em uma ONG... em uma biblioteca para ler para soropositivos, aqui na Santa Cruz e também fazer essa parte de marcar livro e tal. Também milito pela cultura de favela, para levar educação para esses espaços. Na verdade eu gosto de encrenca, gosto disso e ainda vou apanhar por mexer com isso (risos).

**Márcio** – Me fala um pouco do seu site, o site de meninos e de body mod.

**“T3 ou F5”** – Ah sim, o site dos meninos legais, bonitos e tatuados e pouca roupas, o freakguys. (risos).

**Márcio** – Pouca roupa e não pocahontas, né? (risos)

**“T3 ou F5”** – (risos). Isso. Nasceu em 2006 em plena depressão. Eu estava em minha casa em depressão e queria me matar e daí eu fui na internet para ver algo bonito pra me animar, queria ver os meninos bonitos, tatuados e com pouca roupa e comecei a procurar essa porra e não achei nada. Não achava site nenhum no mundo que tratasse disso. Eu tinha a sensação que tudo já existia na internet mais isso não tinha. Tinha no flicker algumas fotinhas de meninos, tipo um suicide boys, mas só tinha as caseiras. Daí eu comecei com fotolog e comecei a convidar os amigos e os caras bonitos e o que era uma necessidade era uma necessidade de muita gente ver meninos bonitos assim (risos). Daí começou a tombar tudo... o pessoal do Chile que era muito fã de fotolog pirou e começou a mandar material e a acessar e foi muito mais fácil pegar essa galera de fora do Brasil, que é um pouco mais aberta e tal. Ai foi, né, e depois do fotolog virou site. Daí o site já tinha umas imagens com fotos mais profissionais, com cuidado na imagem, no layout, com produção de vídeo. Cara, não era uma necessidade só minha, era de todo mundo que curti, as gays adoraram para caralho, e começou a sair em outros sites, outros blogs em outros espaços virtuais. Daí virou, né, porque ali também supria a ausência de material sobre modificação corporal, né, que não tinha e não tem... não tem nada que fale sobre modificação corporal no Brasil, nenhum site. Tinha matérias avulsas, mas sites que reuniam tudo, não tinha. Foi aí que comecei a produzir tudo, a cobrir evento e a coisa foi ampliando e hoje estou rico e milionário com isso (risos), mentira... o site não me dá grana não (risos), mas fiquei feliz porque abriu um espaço novo para um monte de moleque mostrar o trabalho de modelo e eu fiquei muito feliz porque eles conseguiram se divulgar também. O site é posto de graça as fotos para postar, todo mundo ganha só nas informações, nas divulgações. Nisso, todo mundo ganhou e tá aí até hoje, as vezes eu surto e quero acabar com tudo, mas não acabo, tanto que ainda está aí. Mas quero fazer reformulações, ensaios novos dos meninos.

**Márcio** – Onde você busca informações, onde acessa sites, como consegue ter acesso a tudo isso para estudar mais sobre body modification?

**“T3 ou F5”** – Tem muita coisa que não tem, mas antes eu usava o bmezine, mas depois foi ficando com pouca qualidade e comecei a procurar o que era produzido no Brasil, porque estamos aqui e produzimos também. Mas agora que está acontecendo isso. Os primeiros eventinhos me rendeu muito material, não material acadêmico, mas de coisas que forma sendo feitas. As primeiras suspensões, as primeiras convenções surgiram a partir do site aqui no Brasil em 2008. Então é recente, cara. O site abriu essas possibilidades e deu visibilidade lá fora também, do que era feito aqui. Uma galera profissional daqui começou a estudar e a dar informações pelo site. Então não era apenas um site de putaria, de meninos pelados, sabe, tem essa coisa da cultura da modificação do corpo que é muito forte. Hoje em dia, eu procuro pegar tudo que é de informação, de Big Brother, cenas de Hollywood, livro, revistas, sites, pois tudo é informação. Agora mesmo escrevi de um clip, que não é nem um clip, é uma campanha de cueca que saiu lá na gringa, do Andrew Christian, eles nem são tão modificados assim, mas todos são... estão lavando um carro só com cueca, tipo um carwash. Todos têm uma tatuagem, no mínimo uma pequena, eu acho isso importante, porque tudo é um reflexo da mudança dos olhares.

**Márcio** – Muitas marcas estão utilizando isso hoje em dia, ficou algo meio fashion, né?

**“T3 ou F5”** – É um fenômeno natural que não dá pra falar que isso é muito gay e também não tem a ver se o cara é ou não tatuado suficiente. Tudo isso eu estou transformando em matéria. Vejo muito site gay, A capa, o Mix Brasil, o Mundo Mais, e muito mais do que sites de modificação corporal, porque às vezes é mais amplo. Coisas de esportes, por exemplo, os atletas estão cada vez mais se modificando, se tatuando, e isso é uma cena nova, pois eles precisam ficar bem fisicamente para poder treinar e eles ficam dispostos a ficar uma semana sem treinar por conta da modificação. Acho bacana isso.

**Márcio** – Os caras entram em contato com você para postar as fotos? Como funciona?

**“T3 ou F5”** – No começo só eu entrava em contato com eles, eu via um menino bonito e pensava: *“Vem cá!”*. Depois eles começaram a mandar muitas fotos que eu não dava mais conta. Eu fui eliminar meu arquivo de fotos o ano passado porque eu tinha muitas fotos. Têm esses dois canais, um que eu convido eles e outro que eles me enviam as fotos. É legal que eles se sentem bonitos depois que a foto é postada, até parece que eles não eram

bonitos até então. Eles se sentem especiais e é legal possibilitar isso. Noventa por cento são linnndos. Eu antes fazia as fotografias e escolhia a dedo, falava de por mais roupa, tirar roupa, arrumar a barriga, estufar o peito, uma coisa bem bicha da minha parte, depois alguns fotógrafos começaram a fotografar, teve uma fotografia do Chile que fez alguns ensaios e me mandou e teve uma fotografia da Itália que me mandou também. Agora o ano passado a gente deu uma parada e agora eu quero voltar a produzir isso, um tesão no sentido literal, em todos os sentidos, por isso quero voltar a produzir esse ano. Também já conversei com alguns fotógrafos que querem produzir também. Vamos tirar a roupa do povo, a idéia é essa (risos).

**Márcio** – Existe muita coisa ainda quero te perguntar, mas vou te encher ainda por muito mais tempo em outros momentos, mas só para fechar, me diz, como você se imagina daqui a dez anos?

**“T3 ou F5”** – Nossa, eu estaria com quarenta anos.

**Márcio** – Sim, o que pode um corpo de quarenta anos?

**“T3 ou F5”** – O que pode um corpo de quarenta, exatamente. Velho, o André Meyer, que já está com essa idade e já fez muitas modificações corporais é um exemplão para mim, ele está quarentão e está melhor que muito de vinte anos por aí. Não só a questão estética, mas em relação às práticas corporais também. Esporte, dança, expressões para viver. Eu me procuro na verdade mais com meu interior, porque o que estiver por fora será mais reflexo de como estou por dentro. Espero estar saudável suficiente e permanecer a dieta e pretendo continuar em atividade, estudando, será que estarei fazendo meu doutorado? Não, não, quarenta, daqui dez anos estarei terminando ele (risos). Eu voltei tesão em voltar estudar para o mestrado.

**Márcio** – Quando precisar, já sabe, conta comigo.

**“T3 ou F5”** – Eu sei. Eu tinha brochado com a idéia do mestrado, porque não queria ser um acadêmico chato, ter esse jeito autoritário e ruim de lidar com a academia.

**Márcio** – Mas não precisa ter esse teor chato, rancoroso, asqueroso para ser acadêmico, eu penso a academia de um modo diferente, minha escrita é diferente e meus temas de pesquisa também são. A gente pode mudar isso, deixar mais leve a aprendizagem e o estar em coletivo em sala de aula.

**“T3 ou F5”** – É isso mesmo, você deve ser um professor engraçado, que fala besteira em sala de aula (risos).

**Márcio** – (risos). Eu penso que seja mais leve e humorizado em minhas aulas... não gosto também desse peso amargo das faculdades, até nas escolhas... meu orientador é bem divertido. Enfim... Continua a sua resposta, sua reflexão. Como pensa estar daqui a dez anos?

**“T3 ou F5”** – Quero estar bem, já em relação ao meu corpo não sei... quero ter muito mais coisa, mais tatuado...

**Márcio** – O que você tem de tatuagem, me conta.

**“T3 ou F5”** – Agora estou indo para o negócio da arte, mas antes era a idéia de vestir o corpo com tatuagens, com desenhos... eu queria as tattos em partes... tipo virilha, canelas, como se fossem peças de roupas mas no corpo. Mas daqui uns anos vou ter mais implantes, implantes de microchip, não sei como vai ter a tecnologia até lá, né. Esepro implantar um monte de chips em mim, uns pen drives, para parecer um ciborgue (risos).

**Márcio** – E o que você pretende alargar mais?

**“T3 ou F5”** – Genital, quero chegar em uns 12mm no meu PA, 12 mm é bastante, eu sei que para a prática sexual. Vou ter que dilatar a uretra para ceder. Eu tenho muita vontade. Agora sobre as tatuagens quero terminar e não pretendo mais alargar nariz, orelhas... só genital mesmo. Eu tenho muitas tattos e muitos implantes, tenho muito silicone nesse corpo (risos) e quero ter mais tattos e mais bolinhas (implantes) em todos os lugares (risos).

**Márcio** – Você se inspira em alguém ou em alguma coisa?

**“T3 ou F5”** – Bom, esses implantes do braço eu faço o trabalho do projeto T. Angel, a idéia do tato de 3D e os outros são todos por estéticas, eu gosto muito de chifres, distorções ósseas, esses chips, são idéias estéticas meio que surreais ainda que eu chego lá. Fora algumas modificações relacionados ao sexo, genital.

**Márcio** – Quer falar algo para terminarmos? Quer mandar beijo pra alguém?

**“T3 ou F5”** – (risos) Queria mandar beijo para minha mãe (risos). Bom eu só queria mesmo ver o seu trabalho pronto e lê-lo porque tenho certeza que vai ficar ótimo. Acho que vai ser um material que depois que terminar, daqui a 10 anos eu quero usar isso para uma pesquisa e ele ser atual para usar em alguma universidade aí. Mas vou usar sim, porque não tem muito material sobre isso e acredito que na psicologia ainda muito menos.

**Márcio** – Sim, na psicologia é quase nada desses estudos.

**“T3 ou F5”** – Você leu o livro daquele psicólogo que fez suspensão recentemente?

**Márcio** – Não, não conheço. Mas vou pesquisar (risos). A minha idéia é sair do patamar de doutorando e permitir aprender com as pessoas, ouvi-las, produzir conhecimento em conjunto. Eu nunca me suspendi, não posso falar por alguém que passou pela suspensão, mas posso falar sobre as pessoas que suspendem.

**“T3 ou F5”** – Mas depois que você assistiu algumas suspensões, porque eu já sei que você assistiu várias, você não teve vontade?

**Márcio** – Sabe o que me deu vontade? De brincar de pulling (risos) porque vi o pessoal brincando e pareciam se divertir muito e era bem coletivo. Se eu fosse me suspender, seria com poucas pessoas, pois penso que seja daqueles que gostaria de algo mais de ritual, de sensações com pessoas que me ligasse afetivamente. Às vezes que assisti, estava no espaço de pesquisador, observando as pessoas, o espaço, os acontecimentos. O pulling foi legal, foi lá em Brasília, porque as pessoas escolhiam onde queriam furar, e não se centrava em uma pessoa, todas faziam parte daquele jogo. Não era com rock alto, era com uma luz baixa quase escuro, o silêncio da chácara, com as janelas abertas, eles andaram pela chácara sem falar nada, só sentindo as puxadas direcionadas por alguns deles... e eu ouvia as risadas... foi bem legal. Eu acho que não gostaria de muitas pessoas em cima.

**“T3 ou F5”** – Eu acho isso legal, na minha primeira tinha eu, minha prima, meu primo e a pessoa que me suspendeu. Só. Foi o Felipe, mas que agora virou fotógrafo. Aliás, ele foi o primeiro que fez um evento sobre suspensão no Brasil. Mas agora ele sumiu. Inclusive ele namorava uma amiga minha. Já conheceu ele, um loirinho de olhos azuis? Foi uma pegada de silêncio, pois eu não sabia o que ia acontecer comigo. Podia ser que eu curtisse ou não curtisse e por isso que fosse poucas pessoas e foi do meu jeito, meio um ritual mesmo.

**Márcio** – Mas agora todos querem me tatuar e me suspender, já até me ameaçam, (risos), que quando for suspender tem que ser com eles... mas sempre falo que não sei se isso for acontecer e se eu for suspender e não tiver nenhum deles ali, será outra pessoa, (risos). Quem decidirá minha suspensão será o meu momento.

**“T3 ou F5”** – Tenho um amigo que voltou do Japão que suspendia lá e nunca se suspendeu no Brasil, ele está aqui agora. Teve que ir pro Japão para se suspender (risos).

**Márcio** – Quais as sensações que você tem em se suspender?

**“T3 ou F5”** – Cara, eu nunca tive essa ligação espiritual de sair do corpo e tal, mas é muito intenso. Mas eu sinto o nirvana, nunca sei se vou morrer ou se vou gozar... a sensação de quando está doendo, mas está acabando é muito boa. É muito forte... vou gozar, vou morrer, vou gozar, vou morrer. Mas nunca vi Shiva e nem nada... mas as sensações são indiscreíveis.

**Márcio** – Como foi para você ser entrevistado?

**“T3 ou F5”** – Para mim foi ótimo. Teve uma sintonia, eu só conversei com você por internet e agora conheço você pessoalmente e você me conhece pessoalmente. Agora quero te entrevistar para o meu site.

**Márcio** – Fica a vontade, quando quiser (risos).